

Isabela Karina Santos

**A ESTRUTURA DA PERVERSÃO E A PEÇA *OS SETE*
GATINHOS DE NELSON RODRIGUES**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Scotti
Coorientadora: Profa. Dra. Andréa
Vieira Zanella

Florianópolis
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S237e Santos, Isabela Karina

A estrutura da perversão e a peça Os sete gatinhos de Nelson Rodrigues [dissertação] / Isabela Karina Santos ; orientador, Sérgio Scotti. - Florianópolis, SC, 2012.
275 p.: grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Perversão sexual. 3. Psicanálise. 4. Arte. I. Scotti, Sérgio. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

Isabela Karina Santos

**A ESTRUTURA DA PERVERSÃO E A PEÇA *OS SETE*
GATINHOS DE NELSON RODRIGUES**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de fevereiro de 2012.

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crepaldi
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Orientadora
Universidade xxxx

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Orientadora
Universidade xxxx

Prof. xxxx, Dr.
Universidade xxxxxx

À minha família e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Scotti, pelo apoio e sugestões feitas a esta pesquisa, e também em especial:

– Aos professores Carlos Augusto Remor, Jorge Sesarino e Adriano Henrique Nuernberg, pela disponibilidade em participar da banca examinadora;

– Ao Marcus de Melo Braga, por despertar meu desejo de fazer o mestrado e por todo apoio e incentivo;

– À professora Jacqueline Virmond Vieira, pelo apoio e amizade;

– Aos queridos amigos Jairo Cardoso, Joelma Kremer, Luciano Serra de Queiroz e Michele Olinger Brofman, por todo apoio concedido durante, e, principalmente, na finalização da pesquisa;

– À minha grande amiga Alessandra Porto, pelo incentivo e apoio constante;

– À querida amiga Izandra Mendes, que me acompanhou em grande parte do percurso;

– E também à Juliana Albertina Pacheco Noel, querida amiga, que apesar da distância, sinto sempre por perto.

“A arte começa onde o que não pode ser dito
pode ser mostrado [...] e, inclusive, exibido”.

Jacques-Alain Miller

RESUMO

SANTOS, I. K. **A Estrutura da Perversão e a Peça *Os Sete Gatinhos* de Nelson Rodrigues**, 2012. 275 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2012.

A presente dissertação divide-se em duas partes: um estudo teórico-conceitual sobre a estrutura da perversão, e uma interação entre o mecanismo que envolve essa estrutura, seus traços característicos e suas formas, com a peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues. Para que este objetivo fosse alcançado, primeiramente realizou-se uma investigação sobre a perversão e os aspectos a ela relacionados, na obra freudiana e lacaniana, e em seguida buscou-se confirmar e ilustrar esses pressupostos teóricos – através da interação, em forma de comentário, com as falas, atitudes e características dos personagens da peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues. Na parte teórica da pesquisa, foram seguidos, principalmente, os caminhos indicados por Patrick Valas em seu livro *Freud e a perversão* e por Philippe Julien em *Psicose, perversão e neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Já no processo de interação com a peça, foram tomados como referência Catherine Millot, em *Gide, Genet e Mishima: inteligência da perversão*, e Serge André, em *A impostura perversa*. O trabalho se caracteriza como uma investigação de cunho psicanalítico e na forma de interação entre a psicanálise e a arte. Ao término da pesquisa, identificaram-se algumas interações entre o mecanismo da estrutura da perversão, suas formas e traços característicos, com as falas, as características e atitudes dos personagens da peça, entre elas: os apelidos, o figurino e as falas do personagem Bibelot, que trazem em si o desmentido da castração, que anula a diferença entre os sexos (além de Bibelot, ele era chamado de ‘o homem vestido de virgem’, pois só vestia branco, que indica pureza e remete ao feminino, apesar de em suas falas e em suas atitudes estarem presentes estereótipos masculinos); e o personagem ‘Seu’ Noronha, que assim como acontece na perversão, buscou em Dr. Bordalo, o médico da família, um cúmplice em sua transgressão (o desejo incestuoso pelas filhas).

Palavras-chave: perversão; psicanálise; arte.

ABSTRACT

SANTOS, I. K. **The Structure of Perversion and the Play *The Seven Kittens* by Nelson Rodrigues**, 2012. 275 f. Dissertation (Master in Psychology) – Post-Graduate Program in Psychology, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brazil, 2012.

This dissertation is divided into two parts: a theoretical-conceptual study on the structure of perversion, and an interaction between the mechanism involving this structure, its characteristic features and its forms, with the play “*The Seven Kittens*”, by Nelson Rodrigues. For this objective to be accomplished, first, an investigation into perversion and the aspects related to it was carried out, in Freud and Lacan, and then these theoretical assumptions were illustrated – through interaction in the form of comments – with the speeches, attitudes and characteristics of the characters in the play “*The Seven Kittens*”, by Nelson Rodrigues. The theoretical part of the research mostly followed the paths indicated by Patrick Valas, in his book “*Freud et la perversion*”, and Philippe Julien, in “*Psychose, Perversion, Névrose: la lecture de Jacques Lacan*”. In the process of interaction with the play, Catherine Millot, in “*Gide, Genet et Mishima: intelligence de la perversion*”, and Serge André, in “*L’imposture perverse*”, were taken as references. The work is characterized as an investigation with a psychoanalytic approach, in the form of interaction between psychoanalysis and art. At the end of the study, we identified some interactions between the mechanism of the structure of perversion, its forms and features, with the lines, characteristics and attitudes of the characters in the play, including: the nicknames, costume and the speech of Bibelot that in itself denies castration, which cancels out the difference between the sexes (Bibelot was also called 'the man clothed in virgin' because he only wore white, which indicates purity and refers to the female, although some male stereotypes are present in his speech and attitudes); and the character 'Mr. Noronha' who, just as happens in perversion, sought in Dr. Bordallo, the family doctor, an accomplice in his transgression (the incestuous desire for his daughters).

Keywords: Perversion, psychoanalysis, art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema do véu (diante do véu)	140
Figura 2 – Esquema do véu (atrás do véu)	145

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	A PERVERSÃO EM FREUD	29
2.1	OS PRIMEIROS ENUNCIADOS (1885-1905).....	29
2.2	OS TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905).....	31
2.2.1	Primeiro ensaio: as aberrações sexuais	31
2.2.2	Segundo ensaio: a sexualidade infantil	39
2.2.3	Terceiro ensaio: as transformações da puberdade.....	45
2.2.4	As perversões: síntese dos três ensaios	54
2.3	DOS TRÊS ENSAIOS À METAPSIKOLOGIA (1905-1915)	60
2.4	GÊNESE DAS PERVERSÕES (1915-1920).....	73
2.4.1	A metapsicologia.....	73
2.4.2	Generalidades sobre as perversões	79
2.4.3	Uma criança é espancada.....	86
2.4.4	A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher	93
2.5	A SEGUNDA TÓPICA (1920-1938).....	100
2.5.1	Novas considerações sobre o masoquismo	100
2.5.2	<i>Verleugnung</i>	108
2.5.3	O fetichismo	117
2.5.4	A divisão do ego	122
3	A ESTRUTURA DA PERVERSÃO EM LACAN.....	127
3.1	A PERVERSÃO, A METÁFORA PATERNA E OS TRÊS TEMPOS DO ÉDIPO	129
3.2	DIANTE OU ATRÁS DO VÉU	138
3.3	GIDE, UM CASO DE INVERSÃO	146
3.4	UM DESMENTIDO DO REAL	167
4	A ESTRUTURA DA PERVERSÃO E A PEÇA <i>OS SETE GATINHOS</i> DE NELSON RODRIGUES	173
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	189
	REFERÊNCIAS	199
	ANEXO A – A Peça <i>Os Sete Gatinhos</i>	205

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta dissertação de mestrado ocorreu, em parte, quando da escrita do trabalho de conclusão do curso de graduação em psicologia, no ano de 2006, momento em que se aventou a possibilidade de fazer o mestrado e, nele, trabalhar uma das obras de Nelson Rodrigues, aliando-a a psicanálise, área de interesse da autora. No entanto, ainda não se tinha ideia de qual trabalho do autor escolher e qual aspecto teórico psicanalítico pesquisar.

Em 2009, quando do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC¹, houve um novo momento de reflexão sobre os possíveis temas a serem trabalhados, oportunidade em que a autora foi participar do curso de extensão de uma instituição psicanalítica, cujo tema abrangia *O Corpo nas Estruturas Clínicas*². Ao falar sobre a perversão, a psicanalista Maria Anita Carneiro Ribeiro citou alguns autores da literatura estrangeira (Gide, Genet e Mishima) e algumas de suas obras, nas quais apareciam o mecanismo psíquico e traços característicos dessa estrutura, e pontuou que no Brasil, na peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, também era possível avistá-la.

Estudar a estrutura da perversão pareceu uma ideia interessante, visto que durante a graduação, nas disciplinas de psicanálise e em outros cursos desta área que a autora vinha frequentando, os temas, em sua grande maioria, abarcavam a neurose. No trabalho de conclusão do curso de Psicologia, devido à escolha de realizar o estágio final em um CAPS³, foi estudada outra estrutura clínica, a psicose. Ademais, a interação da psicanálise com a arte seria outro campo e vertente de trabalho ainda não explorado pela autora e que também lhe despertava interesse.

A partir daí, buscou-se conhecer a peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, e fazer algumas leituras sobre a estrutura da perversão, a fim de estabelecer, inicialmente, possíveis interações entre elas.

A discussão sobre o tema das perversões sexuais é antiga. Segundo Julien⁴, há muitos séculos, tanto a igreja como a sociedade política (através do poder judiciário), intervêm com suas leis, enunciam

¹ Universidade Federal de Santa Catarina.

² Tema do curso de extensão do Campo Lacaniano, ministrado na cidade de Joinville, em 25/04/2009, pela psicanalista Maria Anita Carneiro Ribeiro.

³ Centro de Atenção Psico-Social.

⁴ Julien, 2002.

as fronteiras, punem os transgressores e cumprem o papel de proteger a sociedade evitando a recidiva do ato. O cumprimento dessas duas últimas funções levou o judiciário, ao longo do século XIX, a questionar a ciência médica sobre a responsabilidade do sujeito: afinal, trata-se de perversidade moral, ou de ‘perversão’ patológica?

Em resposta, foram criadas classificações descritivas da perversão, tais como as monomanias instintivas (Esquirol), de busca de excitação (Janet), de parestesias (Krafft-Ebing), entre outras. Tais descrições, no entanto, não contribuíram para o entendimento das causas da perversão, num primeiro momento. Os avanços da psiquiatria ocorriam de forma lenta e, de acordo com Julien, isso se dava principalmente ao fato de que o perverso não se considera um doente. Diz ele:

Na maior parte do tempo, são homens ou mulheres respeitáveis e respeitados em sua vida social, profissional e familiar, mas eles ou elas têm, por outro lado, secretamente, discretamente, outra vida que não cai sob o olhar dos guardiões da ordem médico-legal. Por isso é que essa ausência de demanda cria uma ausência de pesquisa psiquiátrica⁵.

Julien⁶ aponta que somente no final do século XIX, alguns pesquisadores, entre eles Magnan em 1885, Krafft-Ebing em 1887, A. Moll em 1893 avançaram nesse sentido da causa, ao relacioná-la à sexualidade: ela seria a verdadeira razão da perversão, entendendo-se que o prazer sexual pode levar à anormalidade. Esses autores apontaram, ainda, que a sexualidade só seria considerada normal, caso estivesse de acordo com o objeto e os objetivos apontados pela natureza, ou seja, a união genital heterossexual entre dois adultos, a satisfação sexual de ambos e a reprodução. Com isso, uma nova classificação é proposta, dividindo as perversões em dois grupos: aquelas em que o objetivo da ação é perverso (sadismo, masoquismo, fetichismo e exibicionismo), e aquelas em que o objeto e a ação, quase sempre em consequência, são perversos (homossexualidade, pedofilia, gerontofilia, zoofilia e autoerotismo).

Quando Freud retorna da França, no final do século XIX, após um período de estudos com J.-M. Charcot, ele estava interessado em

⁵ *Ibid.*, p.102-103.

⁶ *Ibid.*

pesquisar sobre a origem do adoecimento neurótico. A partir de suas observações clínicas, ele verificou a importância dos fatores sexuais na causação do mesmo e então escreveu o texto *A sexualidade na etiologia das neuroses (1898)*. Nesse artigo, também afirmou que os acontecimentos e influências que estão na raiz das neuroses pertencem à época da primeira infância. A partir dessas constatações, ele se viu impelido a investigar a sexualidade humana, tomando como ponto de partida os estudos realizados nesse campo, até então, pela psiquiatria, que incluíam a questão das perversões sexuais.

Nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*, Freud destaca as perversões das noções confusas de aberrações instintuais ligadas a causas degenerativas pelas quais eram definidas e lhes dá o estatuto de posição subjetiva. Segundo ele, a posição do sujeito perverso seria sustentada por uma fantasia consciente, a qual ele poderia colocar em ato, à diferença da neurose, que seria o negativo da perversão, e onde as fantasias perversas estariam inconscientes. Ademais, assinala que, enquanto posição subjetiva, a perversão se constitui no complexo de Édipo e tem uma relação com a castração.

A partir dos *Três ensaios (1905)*, Freud começa a fazer novas elaborações sobre os processos perversos, que passam a ser abordados em função da renegação da castração, da renegação da realidade e da clivagem do eu. Foi em seu artigo *Fetichismo (1927)* que ele identificou o mecanismo específico da perversão, a *Verleugnung* (renegação ou recusa da castração), e demonstrou que o fetichista perpetua uma atitude infantil fazendo coexistir duas posições contraditórias: o reconhecimento da castração feminina e a renegação (ou recusa) da mesma. De acordo com Freud, essas duas atitudes vão coexistir para o perverso pelo recalque e o retorno de uma formação de compromisso: em sua mente a mulher teve um pênis, mas esse pênis não é mais o mesmo, outra coisa tomou seu lugar, o fetiche. Este, portanto, protege o sujeito contra o horror de sua própria castração; é por isso que é tão importante para ele manter a mãe fálica em sua fantasia.

Através dessas primeiras observações freudianas sobre a perversão, bem como de uma primeira leitura da peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, foi possível perceber nas falas, nas atitudes e características de seus personagens contradições semelhantes àquelas presentes no mecanismo da perversão, que anulam a falta, a diferença sexual. Por exemplo: o personagem Bibelot, um dos centrais na trama, que carrega o estereótipo do cafajeste, do conquistador oportunista, traços frequentes na posição masculina, só se veste de branco, cor que remete ao feminino, à pureza, à virgindade; e ‘Seu’ Noronha,

funcionário público, que a princípio se demonstra conservador, sonha em ver a filha caçula (Silene) casando na igreja virgem, de véu e grinalda, reclama do fato de as filhas mais velhas não terem se casado, diante da gravidez de Silene, propõe um ‘bordel de filhas’.

Assim, partindo dessas premissas, esta dissertação propõe investigar as concepções teóricas de Freud e Lacan sobre a estrutura da perversão e identificar algumas interações entre o mecanismo que envolve essa estrutura, suas formas e traços característicos com as falas, atitudes e características dos personagens da peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, no sentido de enriquecer e aprofundar, deste modo, a compreensão daquela estrutura clínica.

O estudo da perversão passou por um longo período sendo pouco explorado pela comunidade dos psicanalistas. Tal como afirma Queiroz, “durante os cem anos de psicanálise, muito se produziu sobre neurose e psicose. A perversão ficou numa espécie de limbo”⁷. Talvez o emblema recebido por esta estrutura, entre os anos de 1930 e 1960, pelos herdeiros de Freud, que apontavam os perversos (essencialmente os homossexuais) como incuráveis, ou os submetiam na análise a uma pretensa normalização de sua sexualidade, e ainda os impediam de praticar análise em qualquer das sociedades integrantes da IPA⁸, possa num primeiro momento explicar esta postura⁹.

Entretanto, Queiroz¹⁰ aponta que nas últimas décadas esse cenário tem se modificado. O tema tem sido explorado em reuniões e congressos de psicanálise. E esse interesse atual vem denunciar mudanças no social e o surgimento de novas formas de sintomas relacionadas a esse quadro clínico, revelando, ao mesmo tempo, um esforço na organização de um saber sobre a especificidade da perversão e de sua clínica.

Nas universidades, pelo contrário, a partir de uma pesquisa na *internet*, no Banco de Teses e Dissertações disponibilizado pela CAPES¹¹, verificou-se que no período compreendido entre 1989 e 2010, o tema da perversão em psicanálise foi abordado apenas em sete pesquisas¹².

⁷ Queiroz, 2004, p.15.

⁸ *International Psychoanalytical Association*.

⁹ Roudinesco e Plon, 1998, p.585.

¹⁰ Queiroz, 2004.

¹¹ www.capes.gov.br (Acesso em 10 setembro de 2011).

¹² A dimensão do prazer na perversão. (SILVA, 2010); Travestis: um problema de gênero? (LEITÃO, 2009); Perversão: entre o crime, o castigo e... Uma clínica possível? (FREITAS, 2009); A recusa da realidade na concepção freudiana sobre as perversões (ANDRADE, 2009); Perversão social e

Essa defasagem, na academia, de teses e dissertações que contemplem o tema da pesquisa em questão, apesar de não favorecer no aspecto de referencial bibliográfico, garante-lhe relevância, visto que em psicanálise o estudo das estruturas clínicas, nas quais se inclui a perversão, é necessário na efetuação do diagnóstico diferencial que visa definir a condução do trabalho clínico e também atende à necessidade de se estar sempre pensando em novas formas de seu tratamento.

A parte teórica desta dissertação foi elaborada através de alguns textos de Freud e Lacan. A escolha dos artigos freudianos, presentes em suas *Obras psicológicas completas*, seguiu a ordem cronológica da doutrina e ocorreu com base no caminho percorrido por Patrick Valas em seu livro *Freud e a perversão*. Já em Lacan, foi seguido o percurso de Philippe Julien em seu livro *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan* e também foram trabalhados os textos: *A função do véu e O primado do falo e a jovem homossexual*, do seminário *A relação de objeto*, livro quatro; e *A metáfora paterna e Os três tempos do Édipo*, ambos do seminário *As formações do inconsciente*, livro cinco. Outros autores, que seguem as concepções teóricas de Freud e Lacan, também foram pesquisados, entre eles os já citados Patrick Valas e Philippe Julien, além de Joël Dor, Flávio Carvalho Ferraz e Edilene Freire Queiroz (na parte teórica); e Catherine Millot e Serge André (na última parte da pesquisa, a interação entre a teoria e a peça).

Um dos recursos utilizados para realizar a pesquisa bibliográfica na teoria freudiana foi a versão eletrônica das obras completas. Através de seu instrumento de busca, foram pesquisados textos que envolviam o tema em questão. Outro recurso de grande relevância no processo de pesquisa foi a *internet* e seus sítios de buscas como o Google, a base de dados da CAPES e as de pesquisa disponíveis pelo site da UFSC. Por meio deles se teve acesso aos seguintes trabalhos: *Estrutura e perversão*, de Luís F.G. de Andrade; e *André Gide: sua infância, sua perversão*, de Maria Helena Martinho, entre outros.

A dissertação é composta em cinco partes, que estão estruturadas como capítulos. A primeira parte ou capítulo trata desta introdução, que compõe o problema da pesquisa, sua justificativa, um resumo das fontes

adoecimento: uma escuta psicanalítica do sofrimento no trabalho (MARTINS, 2008); No reino das espertezas uma luz clareia o estranho revelador das fragmentações: um estudo centrado na violência e abuso sexual na infância (PEREIRA de SÁ, 2006); O conceito de masoquismo em Freud (TAVELLA, 2006).

pesquisadas, os recursos utilizados, a apresentação dos capítulos e a metodologia da pesquisa.

O segundo capítulo aborda: A perversão em Freud, os primeiros enunciados em suas cartas à Fliess; a perversão nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde ele a retira do domínio puro da patologia, a define como posição subjetiva, aponta sua constituição no complexo de Édipo e uma relação com a castração; o período dos *Três ensaios* à metapsicologia, no qual encontramos em Freud, pela primeira vez, a recusa da percepção da castração pela criança, e onde é apresentado um de seus casos clínicos em que ele integra praticamente todas as descobertas feitas até àquele momento sobre a perversão; a gênese das perversões, onde estão os *Artigos sobre metapsicologia* que interessam ao estudo da perversão, em que Freud exemplifica os processos das vicissitudes das pulsões, através dos pares de opostos sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo; as generalidades sobre as perversões, entre as quais Freud esclarece a diferença entre a perversão e a sexualidade infantil; o estudo do texto *Uma criança é espancada*, no qual Freud analisa uma fantasia perversa relatada com frequência por seus pacientes neuróticos; e suas observações sobre *A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher*, onde ele dá continuidade ao que havia estabelecido de novo sobre a perversão, sua referência ao Édipo; a segunda tópica, que inclui as novas considerações sobre o masochismo, onde Freud toma como certa a existência de um masochismo primário; a parte em que ele introduz o conceito de renegação ou recusa, a *Verleugnung*; o artigo *Fetichismo*, que é como uma forma de acabamento de todos os trabalhos que Freud dedicou à questão da perversão e onde ele a define como um modo de solução específico do desejo; e o artigo *A divisão do ego no processo de defesa*, no qual Freud questiona seu pensamento anterior em que tomava por certa a natureza sintética da função do ego e procura detalhar como ocorre o processo de clivagem do mesmo.

O terceiro capítulo trata sobre: A estrutura da perversão em Lacan, em que a perversão é definida através da metáfora paterna e dos três tempos do Édipo; onde ele apresenta a partir do fetiche, assim como Freud, a estrutura de toda perversão, ao tratar da dupla função do véu ou da cortina, Diante ou atrás do véu; neste capítulo também é apresentado Gide: um caso de inversão, um resumo da vida e da obra do escritor francês, a partir da visão de Catherine Millot, que trouxe além de aspectos fundamentais sobre a teoria da perversão, subsídios importantes para a realização do último capítulo; e um desmentido do

real, onde são trabalhadas as últimas concepções de Lacan sobre a estrutura da perversão.

O quarto capítulo traz a interação entre a teoria pesquisada sobre a estrutura da perversão e a peça *Os sete gatinhos, de Nelson Rodrigues*. E no quinto e último capítulo da dissertação são apresentadas as considerações finais.

Em relação à metodologia, o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de cunho psicanalítico. E o método de pesquisa em psicanálise, de acordo com Mezan¹³, compreende três vertentes distintas, a saber: a pesquisa a partir da experiência clínica, a psicanálise aplicada, e a pesquisa histórica ou conceitual.

A ideia que parte desta dissertação considera, além da investigação de um conceito em psicanálise, o de perversão, que caracterizaria uma pesquisa conceitual; também a realização de uma interação entre a psicanálise e uma peça teatral, que num primeiro momento enquadrar-se-ia na vertente da psicanálise aplicada.

Mijolla-Mellor pontua o que frequentemente se entende por psicanálise aplicada: “o que se refere a outros domínios alheios ao processo de cura, principalmente a análise de textos literários, assim como de obras de arte ou de diversos fenômenos da civilização”¹⁴.

Contudo, tanto essa autora, como Roudinesco e Plon¹⁵, afirmam que muitas críticas vêm sendo feitas a essa noção de ‘aplicação’ da psicanálise, desde sua origem, até os dias atuais.

Em seus tempos mais remotos, a psicanálise aplicada recebia críticas que se referiam, principalmente, ao excesso ou falta de prudência na interpretação de obras literárias, à realização de ‘patografias’ (análises de escritores com base em experiências patológicas) e psicobiografias. Essas críticas se dirigiam tanto a Freud como a outros psicanalistas do início do século XX. No entanto, não se pode deixar de considerar, em Freud, a importância que alguns de seus trabalhos, nessa vertente aplicada, tiveram no sentido teórico¹⁶.

O estudo sobre Leonardo da Vinci, por exemplo, segundo Roudinesco e Plon, “afasta-se das psicobiografias habituais, marcando um passo adiante na teoria da sexualidade [...]”¹⁷, assim como *Totem e*

¹³ Mezan, 1993.

¹⁴ Mijolla-Mellor, 2005, p.1447.

¹⁵ Roudinesco e Plon, 1998.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*, p. 608.

tabu ultrapassa os limites de suas referências etnológicas, já obsoletas quando de sua publicação.

Atualmente, de acordo com esses autores¹⁸, a psicanálise aplicada é objeto de julgamentos particularmente contrastantes. Eles citam como exemplo, que autores como Ernest Jones e Peter Gay classificam uma boa parte das obras de Freud com o rótulo de psicanálise aplicada, sem que isso provoque qualquer debate. Em contrapartida, na comunidade psicanalítica francesa, a mesma expressão sofre uma rejeição particularmente violenta.

Roudinesco e Plon¹⁹ propõem duas explicações para reação francesa. A primeira delas está ligada à preocupação de alguns psicanalistas de restituir à psicanálise uma respeitabilidade que a leviandade de um número considerável de trabalhos de psicanálise aplicada a fizera perder. A outra razão diz respeito à afirmação que Lacan fez sobre essa questão, em sua resenha crítica do livro de Jean Delay intitulado *La Juinesse d'André Gide: a psicanálise só se aplica, em sentido próprio, como tratamento e, portanto, a um sujeito que fala e que ouve*. A questão para ele é de uma psicanálise implicada na arte; não se trata de analisar a criação pela fantasia do artista.

Partindo dessas críticas e discussões sobre o termo ‘psicanálise aplicada’, Mijolla-Mellor²⁰ o considera pouco apropriado, visto que Freud e outros psicanalistas como Karl Abraham, Otto Rank, Theodor Reik, Wilhem Stekel, Max Graf e Fritz Wittels tinham interesse não em demonstrar a extensão do método psicanalítico fora do tratamento, mas de desenvolver as próprias hipóteses desse método num campo de pesquisa que não era a cura.

Assim, a autora sugere um novo termo: ‘interações da psicanálise’, que advém do interesse da psicanálise, sublinhado por Freud (1913), não só para a psicologia, mas para as outras ciências. “Interesse quer dizer implicação, ser em (inter-esse), da psicanálise para as outras ciências, que podem encontrar nela o meio de se aprofundar e de se analisar, de fato”²¹.

Considera-se, entretanto, que o interesse da psicanálise pelas outras ciências é uma via de mão dupla:

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ Mijolla-Mellor, 2005.

²¹ *Ibid.*, p.1448.

Da mesma forma que a ‘aplicação’ da psicanálise fora da cura leva a descobertas que interessarão à cura através do aprofundamento da teoria e do método de tratamento, também é do interesse da psicanálise deixar-se interrogar pelas ciências com as quais se confronta. Daí a ideia das ‘interações da psicanálise’, ideia que tem por objetivo sublinhar que não existe a possibilidade de ‘interessar’ a psicanálise por um domínio, seja ele qual for, sem submeter em troca o seu método a uma interrogação sobre os limites de sua validade²².

Dessa forma, opta-se, nesta dissertação, por utilizar esse termo ‘interações da psicanálise’ como uma das vertentes do trabalho, ao invés de se valer do já conhecido ‘psicanálise aplicada’.

O caminho a ser percorrido nessa pesquisa aponta para duas direções: a primeira, a realização de uma pesquisa teórica – em textos psicanalíticos de Freud, Lacan e outros autores que seguem suas concepções teóricas – sobre a estrutura da perversão, seu mecanismo, suas formas e outros aspectos importantes a ela relacionados; e a segunda, a interação entre a teoria pesquisada e a peça *Os sete gatinhos* de Nelson Rodrigues.

²² *Ibid.*

2 A PERVERSÃO EM FREUD

2.1 OS PRIMEIROS ENUNCIADOS (1885-1905)

Em meados do ano de 1885, Freud foi premiado com uma bolsa de estudos e escolhe o *Hospice de La Salpêtrière*, em Paris – no qual, havia dezessete anos, o renomado J.-M. Charcot trabalhava e lecionava – para ali dar continuidade a seus estudos de neuropatologia²³.

Apesar de sua intenção inicial no estudo de problemas anatômicos (das atrofias e degenerações secundárias que se seguem às afecções do cérebro nas crianças), ao se deparar com a inadequação do laboratório do *Salpêtrière*, Freud acaba abrindo mão de tal plano, optando por se unir a Charcot e seus discípulos, que realizavam um contrastante trabalho em sua clínica, ocupando-se das doenças nervosas crônicas²⁴.

No texto *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956[1886])*, Freud comenta que:

Charcot costumava dizer que, de modo geral, o trabalho da anatomia estava encerrado e que a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa: o que precisava ser abordado a seguir eram as neuroses²⁵.

Ao retornar a Viena, Freud dá continuidade aos estudos iniciados com Charcot, e, em suas correspondências a Fliess²⁶, aparece seu empenho em encontrar respostas para o problema da etiologia diferencial das neuroses – a ‘escolha da neurose’ – como ele denominava. E é realizando esta pesquisa, sempre tomando como referencial sua clínica, seus pacientes e sua auto-análise, que ele também começa a investigar o tema da perversão.

²³ Freud, (1956[1886]), 1996.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*, p.44.

²⁶ Fliess era médico especialista em nariz e garganta e residia em Berlim. Com ele Freud manteve correspondência entre 1887 a 1902. Freud lhe comunicava seus pensamentos com a máxima liberdade e o fazia não apenas em suas cartas, como também numa série de documentos (rascunhos). Estes escritos representavam relatos organizados de suas ideias em evolução e que, em alguns casos, são os primeiros esboços de obras posteriormente publicadas. Nota do editor em: Freud, (1950 [1892-1899]), 1996, p.219.

Em fins de 1896, na *Carta 52*²⁷, encontram-se as primeiras referências à problemática da perversão. Freud afirma que, além da neurose, outra consequência das experiências sexuais prematuras é a perversão, “cuja causa parece consistir em que a defesa (recalcamento) ou não ocorreu antes de estar completo o aparelho psíquico, ou não ocorreu nunca”²⁸.

Nessa mesma carta, Freud comenta suas suspeitas de que o ponto essencial da histeria é ser esta resultante de perversão por parte do sedutor – o pai. Ele acredita também que pode haver:

Uma metamorfose dentro de um mesmo indivíduo: pervertido durante a idade do vigor e, depois, passado um período de angústia, histérico. Por conseguinte, histeria não é sexualidade repudiada, mas, antes, perversão repudiada²⁹.

Na *Carta 57*³⁰, datada de 24 de janeiro de 1897, Freud pensa a perversão numa relação dialética e num processo de antítese com a neurose: ela seria o negativo da perversão³¹. Mais adiante, no seu primeiro ensaio sobre a teoria da sexualidade (1905), ele retoma e apresenta essa ideia de forma mais precisa.

Em posteriores correspondências a Fliess, Freud continua avançando no tema da histeria, rascunhando sua arquitetura, pensando sobre o recalcamento, analisando a origem e o processo de construção das fantasias. Até que em 21 de setembro de 1897, na *Carta 69*, ele comunica ao amigo: “não acredito mais em minha *neurótica* [teoria das neuroses]”³². Freud se dá conta de que em todos os casos que vinha estudando, inclusive o dele mesmo, o pai tinha que ser apontado como pervertido. Uma dimensão tão categórica da perversão em relação às crianças era pouco provável.

No artigo *A sexualidade na etiologia das neuroses (1898)* Freud resume o que obteve como resultado em suas exaustivas pesquisas sobre

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Ibid.*, p.286.

²⁹ *Ibid.*, p.287.

³⁰ *Ibid.*, p. 292.

³¹ Essa ideia já estava implícita na Carta 52 (6 de dezembro de 1896), citada no parágrafo anterior deste trabalho, quando Freud aponta a histeria como perversão repudiada. Aparece também nos Três Ensaios (1905). Nota de rodapé: *Ibid.*, p.292.

³² *Ibid.*, p.309.

as causas das neuroses até então: uma relação direta dessas com a vida sexual do doente. E vai além, ao afirmar que:

[...] os acontecimentos e influências que estão na raiz de toda psicose, pertencem, não ao momento atual, mas a uma época da vida há muito passada, que é, por assim dizer, pré-histórica – à época da primeira infância [...] ³³.

A partir dessas constatações, Freud se viu impelido a investigar os mecanismos inerentes à sexualidade humana, visto que, apesar de já ter compreendido sua relação com as causas das neuroses, seu objetivo de desvendá-lhes a etiologia ainda estava por ser alcançado. E assim ele parte para seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

2.2 OS TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905)

2.2.1 Primeiro ensaio: as aberrações sexuais

No primeiro ensaio, Freud ³⁴ toma como referencial os estudos que a psiquiatria vinha fazendo em torno do tema da sexualidade humana, principalmente as publicações de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, Schrenck-Notzing, Löwenfeld, Eulenburg, I. Bloch e M. Hirschfeld. Esses autores pesquisavam, entre outros aspectos, questões referentes às aberrações sexuais ou perversões, que eram entendidas como desvios da sexualidade considerada normal.

Contudo, à medida que vai avançando em sua pesquisa ³⁵, sempre tomando como suporte sua clínica, Freud começa a refutar algumas posições desses autores e a dar forma a sua teoria, introduzindo a originalidade de seu ponto de vista.

Freud inicia tratando sobre a ‘pulsão sexual’, que expressa à existência de necessidades sexuais no homem. Ele fala também da natureza e das características dessa pulsão que eram conhecidas pela opinião popular da seguinte maneira:

³³ Freud (1898), 1996, p.255.

³⁴ Freud (1905), 1996.

³⁵ Freud vai acrescentando notas importantes a este trabalho, ao longo de vinte anos, desde sua primeira edição. Nota do editor: *Ibid.*, p.120.

Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção³⁶.

Afirma, então, que suas observações clínicas apontavam uma série de equívocos, imprecisões e conclusões apressadas nesses dados. E para facilitar o entendimento de suas pontuações, introduz dois termos: *objeto sexual*, ou a pessoa de quem provém a atração sexual; e *alvo sexual*, que representa a ação para a qual a pulsão impele³⁷.

O primeiro ponto demarcado por Freud³⁸ faz referência aos *desvios com respeito ao objeto sexual*, que seriam a *inversão* (ou homossexualidade, que se caracteriza pela escolha do objeto sexual do mesmo sexo) e os casos em que se escolhem *animais e pessoas sexualmente imaturas como objetos sexuais*.

Freud³⁹ apresenta a diversidade do comportamento dos invertidos, denominando: invertidos *absolutos* (aqueles cujo objeto sexual só pode ser do mesmo sexo), invertidos *anfígenos* ou hermafroditas sexuais (aqueles cujo objeto sexual tanto pode pertencer ao mesmo sexo quanto ao outro) e invertidos *ocasionais* (aqueles que a partir de certas condições externas, como a inacessibilidade do objeto do sexo oposto, podem tomar como objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo e encontrar satisfação no ato sexual com ela).

Com relação à concepção da inversão, Freud logo elimina a tese degenerativa, que imputava à degeneração todos os tipos de patologias que não seriam de origem diretamente traumática ou infecciosa. Além disso, entendendo que o caráter inato ou adquirido não esgota o assunto, ressalta duas ideias que se podem destacar após discussões elaboradas:

[...] De algum modo, há uma disposição bissexual implicada na inversão, embora não saibamos em que consiste essa disposição além da formação anatômica; e lida-se também com perturbações

³⁶ *Ibid.*, p.128.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Ibid.*

³⁹ *Ibid.*

que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento⁴⁰.

Quanto ao objeto sexual dos invertidos, Freud questiona a teoria do hermafroditismo psíquico, que pressupõe uma característica universal da inversão: “o homem invertido sucumbiria, como a mulher, ao encanto proveniente dos atributos masculinos do corpo e da alma; sentir-se-ia como uma mulher e buscaria o homem”⁴¹. Ele aponta que em muitos casos,

O objeto sexual não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália): é, por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual⁴².

Pontua ainda, que a meta ou alvo sexual dos invertidos são múltiplos, desmistificando a ideia de que, entre os homens, por exemplo, a relação sexual *per anum* coincida em absoluto com a inversão⁴³.

Freud afirma que mesmo não tendo conseguido esclarecer satisfatoriamente, até o dado momento, a origem da inversão, chegou-se ao conhecimento de algo muito importante: a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual não é tão próxima como se pensava. “É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste”⁴⁴.

Partindo dessa ideia, Freud⁴⁵ extrai as perversões sexuais do domínio reservado à pura patologia. Ele observa, por exemplo, que em determinadas circunstâncias, as aberrações sexuais nas quais a escolha de objeto incide sobre crianças (pedofilia) ou animais (zoofilia), o gênero e o valor do objeto sexual desempenham um papel secundário. Assim, conclui que o essencial e constante na pulsão sexual não é o objeto, mas alguma outra coisa.

⁴⁰ *Ibid.*, p.136.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² *Ibid.*, p.137.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ *Ibid.*, p.140.

⁴⁵ *Ibid.*

O segundo ponto tratado por Freud⁴⁶, neste primeiro ensaio, são *os desvios com respeito ao alvo sexual*. Pondera que mesmo se definindo como o alvo sexual normal, a união dos genitais, existe uma série de desvios deste fim, que vão do normal à perversão. No tocante a esta última, apresenta duas ordens de fenômenos: *as transgressões anatômicas e as fixações de alvos sexuais provisórios*.

Freud começa explicando *as transgressões anatômicas* a partir da supervalorização do objeto sexual. Relata que quando um objeto sexual é alvo da pulsão, a valorização psíquica atribuída a ele, raramente se restringe aos genitais; ela se propaga por todo o corpo, irradia-se pelo campo psíquico, manifestando-se como uma cegueira lógica ou enfraquecimento do juízo em relação ao objeto. Assim, admite ser “essa supervalorização sexual que não suporta bem a restrição do alvo sexual à união dos órgãos genitais propriamente ditos [...]”⁴⁷.

Além disso, Freud⁴⁸ salienta que nessas transgressões – que incluem o uso sexual das mucosas bucal e anal – as forças inibidoras (repulsa devido ao olfato e a visão, pudor e vergonha ligados à educação e à moral), que normalmente orientam a pulsão sexual para o seu alvo normal, são ultrapassadas.

Freud também considera o fetichismo, isto é, a substituição do objeto sexual normal por uma parte do corpo (pés, cabelos) ou por um objeto inanimado que tenha alguma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela (um artigo de vestuário, uma peça íntima), como uma transgressão anatômica. E adverte que “nenhuma outra variação da pulsão sexual nas raias do patológico merece tanto o nosso interesse quanto essa, dada a singularidade dos fenômenos a que dá lugar”⁴⁹.

Pontua, contudo, que certo grau de fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sendo que o caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa e se coloca no lugar do alvo sexual normal. Pode acontecer, ainda, de o objeto fetiche se desprender de determinada pessoa, e se tornar o único objeto sexual⁵⁰.

Na escolha do fetiche, aparece a influência persistente de uma impressão sexual experimentada, mais frequentemente, na primeira infância. “Em outros casos, o que leva à substituição do objeto pelo

⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁷ *Ibid.*, p.142.

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*, p.145.

⁵⁰ *Ibid.*

fetichismo é uma conexão simbólica de pensamentos que, na maioria das vezes, não é consciente para a pessoa”⁵¹.

O segundo fenômeno ligado às perversões, citado por Freud, seriam as *fixações de alvos sexuais provisórios*, que ocorreriam devido a algumas condições externas e internas que dificultam ou adiam a consecução do alvo sexual normal (impotência, valorização do objeto sexual, perigos atribuídos ao ato sexual normal). Essas condições reforçariam, “como é compreensível, a tendência a demorar-se nos atos preliminares e a formar a partir deles novos alvos sexuais, que podem tomar o lugar dos normais”⁵².

Tocar e olhar o objeto sexual, de acordo com Freud⁵³, faz parte do ato sexual normal. A perversão seria considerada, aqui, se o prazer de ver [escopofilia] fosse exclusivo à genitália, ou se estivesse associado à superação do asco (como no caso dos *voyeurs* ou de pessoas que olham para funções de excreção), ou ainda, se, ao invés de ser preparatório para o alvo sexual normal, ele o suplanta.

Freud⁵⁴ verifica, nos exibicionistas, um traço que ele considera curiosíssimo: neles, o alvo sexual apresenta-se numa configuração dupla, nas formas ativa e passiva, ou seja, eles exibem os seus genitais para conseguir ver, em contrapartida, a genitália do outro (voyeurismo). A vergonha seria a força que se opõe a essas perversões.

O sadismo e o masoquismo são considerados, por Freud⁵⁵, perversões cardeais. Ele afirma que o sadismo, como componente agressivo da pulsão sexual, só seria considerado uma perversão quando há satisfação a partir da sujeição e maus-tratos infligidos ao objeto sexual. De maneira similar, o masoquismo, que abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, estaria do lado da perversão, quando condicionado à satisfação diante do sofrimento pela dor física ou anímica advinda do objeto sexual.

Elas também se apresentam como pares de opostos, suas formas ativa (sadismo) e passiva (masoquismo) costumam encontrar-se juntas numa mesma pessoa. Assim, “quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais”⁵⁶.

⁵¹ *Ibid.*, p.146.

⁵² *Ibid.*, p.147.

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.*

⁵⁶ *Ibid.*, p.151.

Chega o ponto em que, partindo de suas experiências, Freud faz algumas considerações gerais sobre as perversões. Ele relata que muitas delas, consideradas inicialmente pela psiquiatria um sinal de degeneração ou doença, fazem parte da vida sexual das pessoas sadias e são julgadas por elas como qualquer outra intimidade. Verifica também, nessas pessoas, que o alvo sexual normal é comumente substituído ou acrescido por alvos ditos perversos. Dessa forma, ressalta que “[...] essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão”⁵⁷.

Freud⁵⁸ pontua que as perversões somente tenderiam para patologia quando são marcadas por características de *exclusividade* e *fixação* em relação aos alvos e objetos substitutos. Segundo ele, algumas delas se afastam tanto do normal (lamber excrementos, abusar de cadáveres), que não se pode deixar de considerá-las ‘patológicas’. Mas, mesmo nesses casos, não se pode ter certeza de que seus autores revelem regularmente outras anormalidades graves ou doença mental. Tem-se ainda que, muitas vezes, pessoas cuja conduta é normal em outros aspectos da vida colocam-se como doentes apenas no campo sexual.

Mesmo caminhando para elevar a perversão à dignidade de uma posição subjetiva, outro aspecto destacado nela, por Freud, é o fator psíquico: “talvez justamente nas perversões mais abjetas é que devemos reconhecer a mais abundante participação psíquica na transformação da pulsão sexual”⁵⁹. Ele aponta ainda que por mais horrível que seja o resultado desses desvios, a parte da atividade psíquica que aí se encontra corresponde a uma idealização da pulsão sexual e não do objeto.

Em suas conclusões a respeito de seus estudos sobre as perversões, Freud pontua que através deles foi possível entender que existem forças anímicas que funcionam como resistências (a vergonha, o asco) contra as quais a pulsão sexual tem de lutar. E são essas forças que contribuem para manter a pulsão dentro dos limites considerados normais. Ele observa, também, que só é possível compreender algumas das perversões investigadas a partir da convergência de vários motivos. “Se elas admitem uma análise – uma decomposição – então devem ser de natureza composta”⁶⁰. Aqui, fica claro que a origem das perversões

⁵⁷ *Ibid.*, p.152.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ *Ibid.* p.153.

⁶⁰ *Ibid.*, p.154.

ainda não está totalmente resolvida para Freud, no entanto, em 1920, ele acrescenta uma nota importante:

[...] A investigação analítica pôde mostrar, até agora em casos isolados, que também a perversão é um resíduo do desenvolvimento em direção ao complexo de Édipo, após cujo recalçamento reaparecem os componentes da pulsão sexual que eram mais fortes na disposição do indivíduo⁶¹.

Ao explicitar as relações entre a pulsão sexual e os sintomas neuróticos, Freud⁶² esclarece o contraponto que faz entre a neurose e a perversão. Para a psicanálise esses sintomas não surgem apenas em função do conflito gerado entre o desenvolvimento desmedido da pulsão sexual normal e o antagonismo da renúncia ao sexual, mas também representam a expressão convertida de pulsões perversas que são desviadas da consciência. Desse modo, ele define a *neurose como o negativo da perversão*, ou seja, as mesmas fantasias que estão conscientes na perversão (e que podem ser colocadas em ato) aparecem inconscientes por trás dos sintomas neuróticos.

Freud⁶³ verificou, então, que estariam relacionados com a formação do sintoma na neurose: a fixação da libido em pessoas do mesmo sexo (essas moções de inversão estariam presentes na vida anímica de todos os neuróticos, sem exceção), todas as tendências à transgressão anatômica (principalmente aquelas que reivindicam para as mucosas da boca e do ânus o papel dos genitais) e as pulsões parciais indicando novos alvos sexuais (a pulsão do prazer de ver, do exibicionismo e a pulsão de crueldade em suas formas ativa e passiva).

Abordar a sexualidade pela via das perversões, nesse primeiro ensaio, leva Freud a pensar, a partir de 1905, uma teoria ou doutrina das pulsões⁶⁴. Define a pulsão como:

[...] O representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui

⁶¹ Nota de rodapé n.1. *Ibid.*

⁶² *Ibid.*

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ [Nota acrescentada em 1924]: “A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica. Em meus trabalhos posteriores (*Além do princípio do prazer* 1920) e *O Ego e o ID* (1923) desenvolvi outras contribuições para ela.” Nota de rodapé n.3. *Ibid.*, p.159.

continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’ que é produzido por excitações isoladas vindas de fora⁶⁵.

Tem-se, dessa forma, a pulsão como um conceito limítrofe entre os domínios do anímico e do físico.

A partir daí, estabelece que o que vai distinguir as pulsões entre si, suas propriedades específicas, serão suas relações com suas fontes somáticas e seus alvos. Com efeito, é através de um processo de excitação sexual num órgão (zona erógena) que a pulsão se origina, sendo que seu alvo imediato consiste em suprimir esse estímulo. Esse órgão de onde provém a pulsão parcial, ao se comportar como um aparelho sexual secundário, pode tomar as funções do próprio aparelho genital⁶⁶.

Nesse primeiro ensaio, Freud⁶⁷ conclui que há algo inato na base das perversões, e embora essa disposição possa variar de intensidade e ser acentuado por fatores externos (restrição da liberdade, inacessibilidade do objeto sexual normal, riscos do ato sexual normal, etc.), esse algo é inato, em todos os seres humanos.

Trata-se, pois, das raízes inatas da pulsão sexual dadas pela constituição, as quais, numa série de casos (as perversões), convertem-se nas verdadeiras portadoras da atividade sexual (perversa), outras vezes passam por uma supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual, e que permitem, nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada vida sexual normal⁶⁸.

Acrescenta, ainda, que entendendo que essa suposta constituição, a qual exhibe a origem de todas as perversões, só é demonstrável na criança, isso implicaria dizer que, na neurose, o estado infantil da

⁶⁵ *Ibid.*, p.159.

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ *Ibid.*, p.162.

sexualidade é preservado ou há um retorno a ele⁶⁹. E, assim, Freud parte para o segundo ensaio, pretendendo realizar um estudo da rede de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil, buscando entender como através dele se chegaria à perversão, à neurose ou à vida sexual normal.

2.2.2 Segundo ensaio: a sexualidade infantil

Na introdução do segundo ensaio, Freud⁷⁰ comenta, num primeiro momento, o descaso total dos autores por ele pesquisados para com a sexualidade infantil. E apesar de tomar conhecimento de alguns trabalhos como os de Pérez (1886) e Bell (1902), que o fazem reavaliar essa pontuação inicial, mais adiante insiste no pouco valor dado ao período infantil do desenvolvimento sexual. Para ele, esse fato estaria ligado, por um lado, às considerações convencionais que os pesquisadores respeitam em consequência de sua própria criação, e, por outro, ao fenômeno da amnésia infantil.

Freud⁷¹ inicia tratando sobre esse fenômeno psíquico – a amnésia infantil –, o qual, na maioria das pessoas, encobriria os primeiros anos da infância (até os seis ou oito anos de idade). Afirma que, mediante investigação psicológica, é possível verificar que as impressões esquecidas deixam, ainda assim, rastros profundos na vida anímica da pessoa e se tornam determinantes em todo seu desenvolvimento posterior. Considera, também, que este fenômeno não se trata de um declínio real das impressões infantis, mas sim de uma amnésia semelhante à observada nos neuróticos, cuja essência consiste num simples impedimento da consciência (recalcamento). Neste ponto, então, levanta a questão sobre quais seriam as forças que efetuam esse recalcamento das impressões infantis.

Em seguida, partindo das constatações repetidas de moções sexuais na infância, bem como da revelação das lembranças infantis do neurótico, até então inconscientes, Freud⁷² propõe um panorama das condutas sexuais infantis: o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais, que começam a se expressar de forma acessível à observação por volta dos três ou quatro anos de idade, e sofrem mais

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.*

tarde uma supressão progressiva (período de latência), sendo que esta, por sua vez, pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou por peculiaridades individuais.

No período de latência erguem-se forças anímicas que, mais tarde, surgem como obstáculo no caminho da pulsão sexual, estreitando seu curso em forma de ‘diques’ (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Ao se questionar sobre quais meios se erigem essas construções (os diques) tão importantes para cultura e normalidade posteriores da pessoa, Freud⁷³ indica que seriam à custa das próprias moções sexuais infantis, que apesar de não cessarem nem mesmo durante o período de latência, têm a totalidade ou a maior parte de sua energia desviada do uso sexual e voltada para outros fins (processo de sublimação).

Freud⁷⁴ acrescenta que a sublimação tem início no período de latência sexual da infância e arrisca uma conjectura sobre seu mecanismo: as moções sexuais desse período seriam, por um lado, inutilizáveis, visto que as funções reprodutoras estão adiadas, e, por outro, seriam perversas em si, isto é, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas. Em consequência, elas despertam forças anímicas contrárias (moções reativas), que erigem os diques psíquicos (asco, vergonha e moral), visando à supressão desse desprazer.

Sobre as rupturas do período de latência Freud⁷⁵ pontua que, em determinados momentos, pode irromper um fragmento de manifestação sexual que se furtou à sublimação, ou alguma atividade sexual pode ser preservada ao longo desse período, até a irrupção acentuada da pulsão sexual na puberdade.

Em seguida, Freud mostra como as pulsões parciais se constituem na criança pela erotização das funções de satisfação da necessidade. Assim, tomando como modelo das manifestações da sexualidade infantil o chuchar (sugar com leite), comenta:

[...] O ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. [...] A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno

⁷³ *Ibid.*

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ *Ibid.*

(ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer⁷⁶.

Freud⁷⁷ salienta que o traço que recebe maior destaque dessa prática sexual – o chuchar – é que a pulsão não está dirigida para outra pessoa: satisfaz-se no próprio corpo da criança (é autoerótica). O lábio, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao seu alcance são tomados como objeto sobre o qual exerce a sucção. Esse objeto se mantém como a zona erógena preferida até o tropeço casual numa das partes predestinadas (a genitália, os mamilos), as quais decerto retêm a preferência.

Outras duas manifestações sexuais infantis citadas por Freud⁷⁸ são, em primeiro lugar, a atividade da zona anal, pela qual algumas crianças tiram proveito da estimulação erógena dessa parte do corpo, retendo as fezes até que sua acumulação provoque, além de violentas contrações musculares, sensações de prazer e dor na passagem pelo ânus. Em segundo lugar, as atividades da glândula e do clitóris, ligadas à micção e à masturbação, que – pela posição anatômica, pelas secreções em que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais – são capazes de produzir uma sensação prazerosa notada pela criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la.

Freud indica que a primeira fase da masturbação infantil, aquela própria do período da amamentação, tende a desaparecer após um curto prazo, mas prosseguindo ininterruptamente até a puberdade, pode representar o primeiro grande desvio do desenvolvimento que se almeja para os seres humanos inseridos na cultura. Num momento posterior a esse período, comumente antes do quarto ano de vida, a pulsão sexual da zona genital costuma redespertar e novamente durar algum tempo, até ser detida por uma nova supressão, ou se mantém de forma contínua. Segundo ele,

[...] todos os detalhes dessa segunda fase da atividade sexual infantil deixam atrás de si as mais profundas marcas (inconscientes) na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, caso ela permaneça sadia, e a

⁷⁶ *Ibid.*, p.171.

⁷⁷ *Ibid.*

⁷⁸ *Ibid.*

sintomatologia de sua neurose, caso venha a adoecer depois da puberdade⁷⁹.

Outro aspecto tratado por Freud neste ensaio é influência da sedução no desenvolvimento da sexualidade. Comenta que em condições usuais a criança pode permanecer sexualmente normal, mas sob a influência de um sedutor habilidoso pode tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis, tendo em vista que, dependendo da idade, os obstáculos contra os excessos sexuais – o asco, a vergonha e a moral – ainda não foram erguidos ou estão em construção. De acordo com Freud, isso mostra que a criança traz em sua disposição a aptidão para as transgressões, sendo assim “[...] impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário”⁸⁰.

Sobre a vida sexual infantil, Freud⁸¹ também aponta que apesar do predomínio das zonas erógenas, aquela exibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Desprovida de vergonha, a criança, em certos períodos de seus primeiros anos, mostra satisfação no desnudamento do corpo, principalmente as partes sexuais. A contrapartida dessa perversão (pulsão do prazer de exhibir) – a curiosidade de ver a genitália de outras pessoas – só aparece na infância um pouco mais tarde, quando o sentimento de vergonha já atingiu certo desenvolvimento. O componente de crueldade da pulsão sexual, perfeitamente natural no caráter infantil, desenvolve-se na criança com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas.

Freud assinala que com a chegada de um novo bebê, o medo de que esse acontecimento resulte na perda de cuidados e de amor, faz com que a criança inicie uma atividade investigatória (despertar da pulsão de saber) cujo primeiro problema não é a questão da diferença sexual, e sim o enigma referente à origem dos bebês. O fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança, no entanto, o menino presume uma genitália igual à sua em todas as pessoas que conhece, e mesmo após observar a diferença, somente abandona sua convicção após sérias lutas internas (o complexo de castração). Ele afirma que “as formações

⁷⁹ *Ibid.*, p.178.

⁸⁰ *Ibid.*, p.180.

⁸¹ *Ibid.*

substitutivas desse pênis perdido das mulheres desempenham um grande papel na forma assumida pelas diversas perversões”⁸².

As crianças muito pequenas, expostas à relação sexual entre adultos, segundo Freud⁸³, percebem o ato como uma espécie de subjugação e maus-tratos, ou seja, encaram-no com um sentido sádico. Partindo desta observação, ele indica que a psicanálise também nos permite verificar que tal impressão na primeira infância contribui em muito para a predisposição a um deslocamento sádico posterior do alvo sexual.

Em seguida, Freud⁸⁴ apresenta as fases de desenvolvimento da organização sexual, denominando pré-genitais aquelas em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante. Na primeira delas, a organização sexual pré-genital *oral*, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição (o objeto de uma atividade é também o da outra), não houve diferenciação das correntes opostas (masculino e feminino) em seu interior e seu alvo corresponde à incorporação do objeto.

A segunda fase pré-genital é definida por Freud como organização *sádico-anal*. Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, não ainda em *masculino* e *feminino*, mas em *ativo* e *passivo*. Sua atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e o órgão do alvo sexual passivo é a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos não coincidentes. Essa forma de organização sexual,

Pode conservar-se por toda vida e atrair permanentemente para si uma boa parcela da atividade sexual. O predomínio do sadismo e o papel de cloaca desempenhado pela zona anal conferem-lhe um cunho singularmente arcaico⁸⁵.

Freud⁸⁶ completa o quadro da vida sexual infantil com uma terceira fase (a genital), que exhibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto, mas se diferencia da organização definitiva da maturidade sexual, pois o estabelecimento do primado da genitália a serviço da reprodução só ocorre nesta última.

⁸² *Ibid.*, p.184.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ *Ibid.*

⁸⁵ *Ibid.*, p.187.

⁸⁶ Nota de rodapé acrescentada em 1924: *Ibid.*, p.188.

Neste estágio, é conhecido apenas um tipo de genitália, a masculina, por isso o autor denominou-o de estágio *fálico*.

A escolha de objeto, segundo Freud, efetua-se em dois tempos: o primeiro deles inicia entre os dois e os cinco anos e, em seguida, retrocede ou é interrompido pelo período de latência; o segundo começa na puberdade e determina a forma definitiva da vida sexual. Para ele, a bitemporalidade da escolha objetual é de grande importância para o desarranjo desse estado final. O que resulta da escolha de objeto infantil pode se prolongar por épocas posteriores, manter-se como tal ou se renovar na puberdade. Entretanto, esse resultado se mostra inutilizável, devido ao recalçamento que ocorre entre as duas fases. Nesse processo, os alvos sexuais infantis foram amenizados e passam a representar a corrente de ternura da vida sexual. A escolha de objeto na puberdade precisa renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual.

A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual – a conjugação de todos os desejos num único objeto⁸⁷.

Finalizando este ensaio, Freud⁸⁸ fala a respeito do que foi descoberto até o momento sobre as fontes da sexualidade infantil. Assim, aponta que a excitação sexual pode surgir como a reprodução de uma satisfação vivenciada em outros processos orgânicos, pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e como expressão de algumas ‘pulsões’, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade, que ainda se apresentavam desconhecidas em suas origens.

Além disso, comenta a existência de sensações prazerosas produzidas por certos tipos de agitação mecânica do corpo (confirmada pelo fato de as crianças gostarem tanto das brincadeiras de movimento passivo, como serem balançadas e jogadas para o alto, e de pedirem incessantemente que sejam repetidas) e pela atividade muscular intensa (uma série de pessoas informa ter vivenciado os primeiros sinais de excitação em sua genitália nas brigas ou lutas com seus companheiros de brincadeiras). E acrescenta que na promoção da excitação sexual

⁸⁷ *Ibid.*, p.189.

⁸⁸ *Ibid.*

através dessa última (atividade muscular) caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica.

Os processos afetivos como a angústia, o medo ou o horror, que em si são desprazerosos, também produzem, segundo Freud⁸⁹, efeito sexualmente excitante. Isto explica porque tantas pessoas buscam vivenciar tais sensações em circunstâncias secundárias (pertencentes ao mundo imaginário como na leitura, no teatro, etc.) que atenuam a gravidade da sensação desprazerosa.

Presumindo-se, observa Freud⁹⁰, que o mesmo efeito erógeno é provocado pelas sensações de dor intensa, especialmente quando a dor é abrandada ou mantida à distância por alguma condição concomitante, estaria nessa vinculação uma das principais raízes da pulsão sadomasoquista, da qual aos poucos vai se adquirindo algum conhecimento.

2.2.3 Terceiro ensaio: as transformações da puberdade

Com a chegada da puberdade, segundo Freud, ocorrem mudanças importantes que levam a vida sexual infantil a sua forma normal definitiva. Assim, a pulsão sexual, que antes era predominantemente autoerótica, agora encontra o objeto sexual. As zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital, e as pulsões parciais se conjugam para consecução de um novo alvo sexual, que atribui aos dois sexos funções bem distintas. O desenvolvimento sexual de ambos também passa a divergir bastante: “o do homem é o mais consequente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma espécie de involução”⁹¹.

Entre outros aspectos importantes das transformações desse período, Freud⁹² aponta que a normalidade da vida sexual só é assegurada a partir da convergência das duas correntes: a de ternura – que traz em si o que resta do primitivo desenvolvimento infantil da sexualidade – e a sensual. Ademais, assinala que o novo alvo sexual do homem consiste na descarga dos produtos sexuais, estando o anterior (a

⁸⁹ *Ibid.*

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ Mais adiante Freud esclarece essa diferença entre o desenvolvimento sexual do homem e da mulher na puberdade: enquanto nele há um grande avanço da libido, nela ocorre uma nova onda de recalçamento (involução). *Ibid.*, p.196.

⁹² *Ibid.*

obtenção do prazer), em seu mais alto grau, vinculado a esse ato último do processo sexual, e também que a pulsão sexual fica agora a serviço da função reprodutora.

O primeiro ponto tratado por Freud⁹³ nesse terceiro ensaio é o primado das zonas genitais e o mecanismo do pré-prazer. Assim, destaca nos processos da puberdade o crescimento da genitália externa, que no decorrer do período de latência da infância apresentara relativa inibição; bem como o avanço no desenvolvimento dos genitais internos, que possibilita a descarga dos produtos sexuais ou o recebimento destes, para promover a formação de um novo ser vivo. Depois de formado, esse complexo aparelho deve ser acionado por estímulos que podem afetá-lo por três caminhos: mediante a excitação das zonas erógenas, do interior do organismo e da vida anímica (onde ficam guardadas impressões externas e recebem-se excitações internas). Tem-se, então, como efeito, um estado que se designa como ‘excitação sexual’ e que se exprime por sinais anímicos (sentimento de tensão premente) e corporais (ereção do pênis e a umidificação da vagina).

Freud⁹⁴ insiste, mesmo diante das diferentes opiniões que envolvem este ponto no âmbito da psicologia, que o sentimento de tensão da excitação sexual, apesar de ser experimentado como prazeroso, também traz em si o caráter de desprazer. Ele explica que sobre as zonas erógenas recai um papel importante na introdução da excitação sexual; a estimulação delas já se liga, por um lado, a um prazer (o de olhar, por exemplo), e, por outro, como consequência há um aumento da excitação sexual ou a produção dela. Esse prazer logo se intensifica pelo prazer proveniente das alterações preparatórias da genitália e pelo aumento da tensão sexual, que se converte em desprazer quando não lhe é permitido o acesso a um prazer posterior.

O prazer advindo da excitação das zonas erógenas é denominado por Freud de *pré-prazer*, e o que se produz pela expulsão das substâncias sexuais, de *prazer final*. A nova função das zonas erógenas apresenta, assim, a seguinte fórmula: “elas são empregadas para possibilitar, por meio do pré-prazer delas extraído, como na infância, a produção do prazer maior da satisfação”⁹⁵.

Ao pré-prazer, de acordo com Freud⁹⁶, pode competir um papel patogênico, um perigo para a consecução do alvo sexual normal. Neste

⁹³ *Ibid.*

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ *Ibid.*, p.199.

⁹⁶ *Ibid.*

caso, em algum ponto dos processos sexuais preparatórios, o pré-prazer se revela demasiadamente grande, sua contribuição para a tensão é pequena, faltando a força pulsional para que o processo seja levado adiante. Assim, todo o caminho se encurta, e a ação preparatória toma o lugar do alvo sexual normal. O que leva a esse desfecho é que, já na vida infantil, a zona erógena em questão ou a pulsão parcial correspondente tenha contribuído numa medida incomum na obtenção de prazer. Além disso, somando-se fatores que promovem a fixação, é fácil surgir, posteriormente, uma compulsão que impede à incorporação desse pré-prazer específico num novo contexto. É dessa natureza o mecanismo de muitas perversões, apontadas aqui como a demora nos atos preparatórios do processo sexual.

Freud pontua que não só os desvios da vida sexual normal, mas também a configuração normal desta é determinada pelas manifestações infantis da sexualidade. O fracasso da função do mecanismo sexual em função do pré-prazer pode ser evitado quando, também na infância, mais precisamente na segunda metade (dos oito anos até a puberdade), as zonas genitais já se comportam de maneira semelhante à da maturidade:

Convertem-se na sede de sensações de excitação e alterações preparatórias sempre que se sente algum prazer pela satisfação de outras zonas erógenas, embora esse efeito continue desprovido de finalidade, ou seja, não contribua em nada para o prosseguimento do processo sexual⁹⁷.

O segundo aspecto que Freud⁹⁸ visa esclarecer nesse ensaio abrange a problemática da excitação sexual, ou mais precisamente, a origem e a natureza da tensão sexual que surge simultaneamente com o prazer ao serem satisfeitas as zonas erógenas. Discute, então, o papel das substâncias sexuais, questionando a hipótese de que a acumulação delas cria e mantém a tensão sexual. Os pontos fracos dessa doutrina, para ele, estão no fato dela ter sido criada para explicar a atividade sexual do homem adulto, levando pouco em conta o caso das crianças, das mulheres e dos homens castrados.

Outra hipótese, a qual Freud denomina ‘teoria química’, e que parte de experiências feitas com a extirpação das gônadas (testículos e ovários) de animais, bem como o correspondente replante desses

⁹⁷ *Ibid.*, p.200.

⁹⁸ *Ibid.*

órgãos em vertebrados do sexo oposto⁹⁹, finalmente traz um esclarecimento parcial sobre a origem da excitação sexual:

[...] estamos autorizados a supor que na porção intersticial das gônadas produzem-se substâncias químicas especiais que, absorvidas na corrente sanguínea, carregam de tensão determinadas partes do sistema nervoso central¹⁰⁰.

No terceiro tópico deste ensaio, Freud trabalha com algumas noções que contribuem para a compreensão das manifestações psíquicas da vida sexual, e que, segundo ele, combinam com a hipótese da base química. Apresenta, então, o conceito da *libido*¹⁰¹ como “uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual”¹⁰². Acrescenta que essa libido possui também um caráter qualitativo, pois difere, em sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos psíquicos em geral. E essa separação, da energia libidinal de outras formas de energia psíquica, expressa a premissa de que os processos sexuais do organismo diferem dos demais por uma química especial.

De acordo com Freud¹⁰³, a análise das perversões e das psiconeuroses possibilitou a compreensão de que a excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo. Chegou-se desse modo à representação [*Vorstellung*] de um *quantum* de libido cujo substituto [*Vertretung*] psíquico recebe o nome de *libido do ego*, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento fornecem as possíveis explicações dos fenômenos psicosexuais observados.

Essa libido do ego será psiquicamente empregada para investir os objetos sexuais, convertendo-se em libido do objeto, e só assim é que ela se tornará acessível ao estudo analítico.

⁹⁹ Cf. a obra de Lipschutz (1919) citada na p. 137 n. *Ibid.*

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.204.

¹⁰¹ Em nota de rodapé (n.1) o editor acrescenta que esse conceito não é contemporâneo dos Três ensaios. Baseia-se essencialmente no ensaio de Freud sobre o narcisismo (1914c). *Ibid.*, p.205.

¹⁰² *Ibid.*, p.205.

¹⁰³ *Ibid.*

Vemo-la então concentrar-se nos objetos, fixar-se neles ou abandoná-los, passar de uns para outros e, partindo dessas posições, nortear no indivíduo a atividade sexual que leva à satisfação, ou seja, à extinção parcial e temporária da libido¹⁰⁴.

Ainda no que se refere aos destinos da libido, Freud¹⁰⁵ acrescenta que ela é retirada dos objetos, mantém-se em suspenso em estados particulares de tensão e, finalmente, é trazida de volta para o interior do ego, reconvertendo-se em libido do ego ou libido *narcísica*. Essa última parece ser então o grande reservatório de onde partem as catexias de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas, e a catexia libidinosa narcísica do ego afigura como o estado originário realizado na primeira infância, encoberto pelas emissões posteriores de libido, mas no fundo se mantém por trás delas.

O quarto ponto assinalado por Freud neste terceiro ensaio trata da diferenciação entre o homem e a mulher. Ele afirma que apesar de que já na infância é certo que se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas, é somente na puberdade que se estabelece uma separação nítida, um contraste com uma influência mais decisiva sobre a configuração da vida humana. No período infantil, as manifestações autoeróticas e masturbatórias, por exemplo, são idênticas em ambos os sexos:

[...] Poder-se-ia formular a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino. [...] A libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher¹⁰⁶.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p.205-206.

¹⁰⁵ *Ibid.*

¹⁰⁶ Resumidamente, em nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud pontua que os conceitos de “masculino” e “feminino” figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõe em pelo menos três sentidos: ora se empregam no sentido de *atividade e passividade*; ora no sentido *biológico*; ora ainda no sentido *sociológico*. O primeiro deles é o essencial e o mais utilizável em psicanálise, e a isso se deve que a libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. No sentido biológico “masculino” e “feminino” caracterizam-se pela presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles.

Freud¹⁰⁷ comenta que nas meninas, é no clitóris, a zona erógena dominante – homóloga à zona genital masculina, a glândula – que as descargas espontâneas de excitação sexual expressam-se em contrações. E é acompanhando as vicissitudes posteriores dessa excitabilidade do clitóris, que se pode compreender a transformação da menina em mulher.

Assim, Freud pontua que na puberdade, ao contrário do grande avanço da libido que acontece com o menino, na menina ocorre uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris. Esse recalçamento cria um reforço nas inibições sexuais na mulher e um estímulo à libido do homem; com essa intensificação da libido, há um aumento também da supervalorização sexual, que só aparece plenamente diante da mulher que recusa, que renega sua sexualidade. Quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e cabe a ele retransmitir essa excitação para a vagina. E para que essa transferência se efetue, é necessário certo intervalo de tempo, durante o qual a moça fica insensível. Devido sua intensa atividade na vida infantil, pode acontecer da zona clitoridiana não abrir mão de sua excitabilidade, tornando essa anestesia permanente. Em muitos casos a anestesia da mulher é apenas aparente e localizada:

Elas ficam anestesiadas na vagina, porém de modo algum são incapazes de excitação no clitóris ou mesmo em outras zonas. A esses determinantes erógenos da anestesia vêm então somar-se os determinantes psíquicos, igualmente condicionados pelo recalçamento¹⁰⁸.

A mulher, portanto, muda a zona dominante para sua atividade sexual posterior, quando transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, o que não ocorre com o homem, que conserva a dele desde a infância. Segundo Freud¹⁰⁹, os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria, residem nessa mudança da zona erógena dominante, bem como na onda de recalçamento da puberdade.

O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. *Ibid.*, p.207.

¹⁰⁷ *Ibid.*

¹⁰⁸ *Ibid.*, p.209.

¹⁰⁹ *Ibid.*

O quinto e último aspecto contemplado por Freud¹¹⁰ neste ensaio é o encontro do objeto que ocorre durante os processos da puberdade, o qual, no homem, por um lado, ocorre a partir da excitação e penetração de seu membro numa cavidade do corpo do objeto. Já em termos psíquicos, ele diz se tratar na verdade de um reencontro¹¹¹: para a criança, num primeiro momento, quando a satisfação sexual ainda está vinculada à nutrição, a pulsão sexual tem o objeto fora do próprio corpo, no seio materno; mais tarde, com o desmame, ela se torna autoerótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária.

Para Freud¹¹², mesmo depois que a atividade sexual se separa da nutrição, resta uma parcela significativa desse vínculo, que ajuda a preparar a escolha do objeto e, dessa maneira, restaurar a felicidade perdida. No período de latência a criança aprende a amar as pessoas que a ajudam em seu desamparo e nas suas necessidades e o faz segundo esse primeiro modelo de sua relação de lactente com a mãe, dando continuidade a ele.

Outro ponto sublinhado por Freud¹¹³ é que as expressões de ternura dos pais despertam a pulsão sexual de seu filho, e por mais que isso lhes cause espanto, é assim que cumprem a tarefa de ensiná-lo a amar, ajudando-o a se tornar um ser humano capaz e dotado de uma vigorosa necessidade sexual. Contudo, adverte que o excesso de ternura pode tornar-se nocivo, na medida em que acelera a maturidade sexual; assim como os ‘mimos’ que o tornam incapaz de renunciar temporariamente ao amor em épocas posteriores da vida, ou de se contentar com menor dose dele. Salienta, ainda, que esses excessos estão relacionados com o estado de angústia das crianças, que corresponde à expressão da falta que sentem da pessoa amada.

Os pais cumprem a tarefa de orientar o filho na escolha do objeto sexual, na maturidade, quando a ternura deles é bem-sucedida em evitar que a pulsão seja prematuramente despertada no filho. Freud¹¹⁴ afirma que não há dúvidas de que o caminho mais curto para o filho seria

¹¹⁰ *Ibid.*

¹¹¹ Em nota acrescentada em 1915 é apontado que “[...] há dois caminhos para o encontro do objeto: o primeiro, mencionado no texto, dá-se por *apoio* [análise] em modelos infantis primitivos, e o segundo, o *narcísico*, busca o ego do próprio sujeito e vai reencontrá-lo em outrem. Este último tem uma importância particularmente grande para os desfechos patológicos [...]”. *Ibid.*, p. 210.

¹¹² *Ibid.*

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama desde a infância. Com o adiamento da maturação sexual, entretanto, ganha-se tempo para que, junto a outros entraves à sexualidade, a barreira do incesto seja erguida e, assim, se integrem os preceitos morais, os quais excluem expressamente parentes consanguíneos da escolha objetal.

Mas, segundo Freud¹¹⁵, é na esfera da representação que se consoma inicialmente a escolha do objeto, não havendo, na vida sexual do jovem em processo de amadurecimento, outro espaço que não o das fantasias¹¹⁶. Neste momento, com o reforço da premência somática, é nessas fantasias que as inclinações infantis voltam à tona e, entre elas, o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado na atração pelo sexo oposto: o filho pela mãe e a filha pelo pai.

Junto à subjugação e ao repúdio dessas fantasias incestuosas, consoma-se uma realização psíquica significativa e bastante dolorosa do período da puberdade, a saber, o desligamento da autoridade dos pais. Certo número de indivíduos, contudo, não supera essa autoridade e não retira dos pais sua ternura, persistindo em seu amor infantil muito além da puberdade. Dessa forma, Freud observa que:

Quanto mais perto se chega das perturbações mais profundas do desenvolvimento psicosssexual, mais se destaca, de maneira inequívoca, a importância da escolha objetal incestuosa. Nos psiconeuróticos, grande parte da atividade

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ Em nota acrescentada em 1920, resumidamente, Freud pontua que as fantasias do período da puberdade ligam-se à investigação sexual infantil abandonada na infância, embora também remontem ao período de latência. Elas podem permanecer inconscientes em sua totalidade ou em sua maior parte; têm grande importância para a gênese de muitos sintomas, pois fornecem justamente os estágios prévios destes, assim estabelecendo as formas em que os componentes libidinais recalçados encontram satisfação, e são também protótipos das fantasias noturnas que se tornam conscientes como sonhos. Entre as fantasias sexuais do período da puberdade destacam-se: as fantasias de escutar as relações sexuais dos pais, a sedução pelas pessoas amadas, a ameaça de castração e as fantasias do ventre materno. Afirmou-se, justificadamente, que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses, representando a peça essencial no conteúdo delas. Nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos posteriores, influencia de maneira decisiva a sexualidade do adulto. Cada novo ser humano confronta-se com a tarefa de dominar o complexo de Édipo, e aquele que não consegue realizá-la sucumbe à neurose. *Ibid.*, p. 213-214.

psicossexual destinada ao encontro do objeto, ou a totalidade dela, permanece no inconsciente, em decorrência de seu repúdio da sexualidade¹¹⁷.

Sobre as repercussões da escolha objetal infantil, Freud¹¹⁸ afirma que mesmo quem conseguiu evitar a fixação incestuosa de sua libido, não escapa inteiramente de sua influência. O homem, normalmente, num primeiro relacionamento sério, apaixona-se por uma mulher mais madura e busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde a infância. Já o enamoramento feminino recai sobre um homem mais velho e dotado de autoridade, figura que pode reviver a imagem do pai.

Freud¹¹⁹ considera que, partindo dessa importância do relacionamento infantil com os pais para a escolha posterior do objeto sexual, é possível compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá consequências graves para a vida sexual da maturidade. Pontua também que apesar da afeição infantil pelos pais ser o principal vestígio que, reavivado na puberdade, aponta o caminho para a escolha do objeto, existem outros elementos que permitem ao homem desenvolver mais de uma orientação sexual e criar condições muito diversificadas para sua escolha objetal.

Ao finalizar este ensaio, Freud¹²⁰ comenta que uma das tarefas implícitas na escolha de objeto consiste em não se desencontrar do sexo oposto. Depois da puberdade, entretanto, é comum as amizades apaixonadas dos rapazes e moças adolescentes por outros do mesmo sexo. Além da grande força que repele a inversão permanente do objeto sexual, apontada por ele como a atração que os caracteres sexuais opostos exercem entre si, outros fatores são considerados nessa discussão, tais como: o entrave autoritário da sociedade, ou seja, quando a inversão não é considerada um crime, ela responde às inclinações sexuais de um número maior de indivíduos; no tocante ao homem, sua lembrança infantil de ternura e cuidados da mãe e de outras pessoas do sexo feminino contribui em direcionar sua escolha para a mulher, já a intimidação sexual precoce que experimentou por parte do pai e sua atitude competitiva com relação a ele desvia-o de seu próprio sexo; e na menina, o fato da mãe normalmente deter a guarda especial de sua

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 215.

¹¹⁸ *Ibid.*

¹¹⁹ *Ibid.*

¹²⁰ *Ibid.*

atividade sexual, resulta numa relação hostil com o mesmo sexo e influencia a escolha do objeto do sexo oposto.

Finalizando este último ensaio, Freud¹²¹ observa que em muitos históricos, a ausência precoce de um dos pais (por morte, divórcio ou separação), ao propiciar com que o remanescente absorva a totalidade do amor da criança, foi o determinante do sexo da pessoa posteriormente escolhida como objeto sexual, possibilitando com isso a *inversão* permanente.

2.2.4 As perversões: síntese dos três ensaios

Após finalizar os *Três ensaios*, Freud apresenta um resumo desse trabalho e tenta responder à questão que circundou sua pesquisa: se as aberrações ou desvios da pulsão sexual provêm de uma disposição inata ou são adquiridas como resultado das influências da vida. Ele indica que foi através da investigação psicanalítica dos psiconeuróticos que a resposta a essa pergunta pôde ser compreendida. Entre as primeiras descobertas está que, nessas pessoas, a inclinação para todas as perversões é demonstrável na qualidade de forças inconscientes e se denuncia como formadoras de sintomas e, assim, pode-se dizer que a neurose é como que o negativo das perversões.

O reconhecimento da ampla disseminação das tendências perversas leva Freud a afirmar que:

A disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, e de que a partir dela, em consequência de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação, desenvolve-se o comportamento sexual normal¹²².

Ele assinala que é na infância que se pode apontar essa disposição originária e, ademais, destaca que a vergonha, o asco, a compaixão e as construções sociais da moral e da autoridade estão entre as forças que restringem a orientação da pulsão sexual.

Freud¹²³ observa que nos desvios da vida sexual normal é possível detectar fragmentos de inibição do desenvolvimento e

¹²¹ *Ibid.*

¹²² *Ibid.*, p.218.

¹²³ *Ibid.*

infantilismo. E embora tenha situado em primeiro plano a importância das variações da disposição originária, supõe entre elas e as influências da vida uma relação de cooperação na origem desses desvios. Por outro lado, a complexidade da disposição originária o leva a crer que a própria pulsão sexual seria composta de diversos fatores e que, nas perversões, como que se desfaria em seus componentes. Dessa forma, as perversões seriam aqui entendidas tanto como inibições do desenvolvimento normal, como dissociações dele.

Ao se debruçar na investigação da sexualidade infantil, Freud¹²⁴ afirma que as manifestações sexuais podem ser observadas na criança desde muito cedo, quando já ao se alimentar ela goza de uma satisfação sexual que então busca repeti-la na atividade de ‘chuchar’. Após um breve período de florescência entre os dois e os cinco anos, a atividade sexual infantil entra no chamado período de latência, e neste as moções sexuais de modo algum são suspensas; elas por um lado, com a ajuda da educação, constroem as barreiras destinadas a manter a pulsão sexual em certos rumos, e por outro conseguem expressar-se como atividade sexual.

Foi verificado também, de acordo com Freud, que a excitação sexual da criança provém de múltiplas fontes. A satisfação surge, mediante a excitação das zonas erógenas (pele, órgãos dos sentidos e outros órgãos), por certos dispositivos orgânicos, e como subproduto de um grande número de processos que ocorrem no organismo. Na infância, as excitações de todas essas fontes ainda não estão conjugadas, o que leva cada uma delas seguir separadamente seu alvo, que é meramente a obtenção de certo prazer. Portanto, nesta fase, “a pulsão sexual *não está centrada* e é, a princípio, desprovida de objeto, ou seja, *autoerótica*”¹²⁵.

Freud¹²⁶ assinala que, como as outras zonas erógenas, a zona genital começa a fazer-se notar ainda durante a infância, produz satisfação por meio de estimulação sensorial apropriada ou, ainda, através da satisfação proveniente de outras fontes. Ele admite que o esclarecimento sobre as relações entre a satisfação sexual e a excitação sexual, e entre a atividade da zona genital e das demais fontes da sexualidade, não foi alcançado até o dado momento.

¹²⁴ *Ibid.*

¹²⁵ *Ibid.*, p.220.

¹²⁶ *Ibid.*

Outro aspecto identificado por Freud¹²⁷, na vida sexual infantil, desde seus primórdios, foi a estrutura inicial de uma organização dos componentes sexuais da pulsão. Na primeira fase, a mais precoce, tem-se o *erotismo oral* em primeiro plano; na segunda fase, a predominância do sadismo e do *erotismo anal*; e somente na terceira fase (desenvolvida na criança até a primazia do falo) é que a vida sexual passa a ser determinada pelas zonas genitais propriamente ditas.

Entre as mais surpreendentes descobertas, Freud¹²⁸ registra que essa eflorescência precoce da vida sexual infantil (dos dois aos cinco anos) também acarreta uma escolha objetal e que, apesar da falta de síntese dos componentes da pulsão e da incerteza do alvo sexual nesta fase, ela deve ser considerada como uma importante precursora da organização sexual definitiva.

Freud destaca a *instauração bitemporal* do desenvolvimento sexual nos seres humanos, ou seja, sua interrupção pelo período de latência: “Ela se afigura como uma das condições da aptidão do homem para o desenvolvimento de uma cultura superior, mas também de sua tendência à neurose”¹²⁹.

Não foi possível avaliar, segundo Freud¹³⁰, que medida de atividade sexual na infância poderia ser considerada normal, ao ponto de não interferir no desenvolvimento posterior. Entre os aspectos examinados e comprovados pela experiência estão: que essas manifestações sexuais revelaram caráter predominantemente masturbatório, que as influências externas da sedução podem provocar rompimentos prematuros da latência e até a supressão dela e que tal atividade sexual prematura prejudica a educabilidade da criança.

Mesmo diante de algumas lacunas no conhecimento da vida sexual infantil, Freud parte para o estudo das transformações sobrevindas com a chegada da puberdade, apontando duas delas como decisivas: a subordinação de todas as outras fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo do encontro do objeto. Na primeira, os atos sexuais, antes autônomos e ligados ao prazer e à excitação, convertem-se em atos preparatórios (exploração do pré-prazer) do novo alvo sexual: a descarga dos produtos sexuais, que põe termo à excitação sexual. Nesse ponto, foi considerada a diferenciação dos seres sexuados em masculino e feminino, e constatou-se que o

¹²⁷ *Ibid.*

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ *Ibid.*, p.220-221.

¹³⁰ *Ibid.*

tornar-se mulher exige um novo recalçamento, que suprime parte da masculinidade infantil e a prepara para a troca da zona genital dominante¹³¹.

Com relação à escolha objetal na puberdade, constatou-se que ela é guiada pelos indícios infantis, então renovados, da inclinação sexual da criança pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que, desviada dessas pessoas pela barreira do incesto, orienta-se para outras pessoas que se assemelham a elas. Pode-se acrescentar, ainda, que no decorrer dessa transição para a puberdade, os processos de desenvolvimento somático e psíquico seguem por algum tempo desconectados entre si, até que se irrompa uma intensa moção anímica de amor, que leva a inervação dos genitais e produz a unidade da função amorosa.

Freud salienta que é compreensível que uma organização sexual tão complexa possa apresentar distúrbios no decorrer de sua evolução:

Cada passo nesse longo percurso de desenvolvimento pode transformar-se num ponto de fixação, cada ponto de articulação nessa complexa montagem pode ensejar a dissociação da pulsão sexual [...]¹³².

Por fim, Freud¹³³ fornece um panorama dos diversos fatores internos e externos que perturbam o desenvolvimento, indicando o lugar do mecanismo afetado pela perturbação proveniente deles. Acrescenta que esses fatores não apresentam a mesma importância, sendo difícil apreciar seu justo valor.

Em primeiro lugar menciona a *diversidade inata da constituição sexual*, que só pode ser deduzida de suas manifestações posteriores e, mesmo assim, é de difícil avaliação. Freud¹³⁴ entende essa diversidade como uma preponderância de determinada fonte de excitação sexual, e que tal diferença se expressa de alguma forma no resultado final como dominante.

Freud¹³⁵ afirma que a conformação da vida sexual não fica determinada pela instauração dos diversos componentes da constituição sexual inata. Pelo contrário, o processo de determinação prossegue e

¹³¹ *Ibid.*

¹³² *Ibid.*, p.222.

¹³³ *Ibid.*

¹³⁴ *Ibid.*

¹³⁵ *Ibid.*

surtem outras possibilidades, de acordo com as vicissitudes por que passam as correntes tributárias da sexualidade provenientes das diversas fontes.

É essa elaboração posterior, conclui Freud¹³⁶ ao final dos *Três ensaios*, que decide em termos definitivos, enquanto o que se poderia descrever como uma constituição idêntica pode levar a três desfechos diferentes: a perversão, a neurose (recalcamento) e a sublimação.

No entendimento de Freud¹³⁷ até o dado momento, a perversão resulta quando todas as disposições constitucionais se mantêm em sua proporção relativa, considerada anormal, e são reforçadas com o amadurecimento. E apesar de que a análise dessas disposições ainda não tenha sido devidamente empreendida, com base na opinião de alguns autores¹³⁸, ele sustenta a ideia de que as perversões por fixação teriam como pré-condição necessária uma debilidade constitucional de determinado fator da pulsão sexual, qual seja, a zona genital: quando essa é fraca, sua função (exigida na puberdade) de conjugar num todo cada uma das atividades sexuais isoladas tende a fracassar, e o mais forte entre os demais componentes da sexualidade impõe sua prática como uma perversão¹³⁹.

Quando os componentes parciais da pulsão sexual passam pelo processo de recalcamento, segundo Freud¹⁴⁰, as excitações correspondentes continuam a ser produzidas como antes, mas são impedidas por um obstáculo psíquico de atingir seu alvo e empurradas para muitos outros caminhos, até que consigam se expressar como sintomas. É o que acontece nas psiconeuroses: uma parte da infância dessas pessoas é ocupada por uma atividade sexual perversa, até que antes, da puberdade ou vez por outra depois dela, ocorre uma reversão ao recalcamento, e a partir daí a neurose substitui a perversão, sem que as antigas tendências desapareçam.

No mecanismo da sublimação, terceiro desfecho da disposição constitucional, as excitações intensas que provêm das diferentes fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos,

¹³⁶ *Ibid.*

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ Entre eles, Havelock Ellis. *Ibid.*, p.134.

¹³⁹ Em 1915, Freud acrescenta que nessa situação, é frequente constatar que a princípio se instaura na puberdade uma corrente sexual normal, mas esta, em decorrência de sua debilidade interna, sucumbe ante os primeiros obstáculos internos e é então substituída pela regressão para a fixação perversa. (Nota de rodapé) *Ibid.*, p.224.

¹⁴⁰ *Ibid.*

resultando num enriquecimento da vida psíquica. Freud¹⁴¹ entende esse processo como uma das fontes da atividade artística, e assinala que conforme ele seja mais ou menos completo, a análise das características psíquicas das pessoas altamente dotadas e de disposição artística, revela uma mescla, em diferentes proporções, de ‘normalidade’, perversão e neurose.

Entre os fatores externos que influenciam a conformação final da vida sexual, Freud pontua as experiências acidentais, principalmente aquelas vividas na primeira infância. Ele enfatiza que entre essas experiências e os fatores constitucionais há uma relação de cooperação, e não de exclusão: “O fator constitucional tem de aguardar as experiências que o ponham em vigor; o acidental precisa apoiar-se na constituição para ter efeito”¹⁴².

Por último, Freud¹⁴³ enumera outros fatores que também foram verificados como influentes no desenvolvimento sexual. O primeiro deles é a *precocidade* sexual espontânea, que se manifesta na interrupção, encurtamento ou encerramento do período de latência, causando perturbações por ocasionar manifestações sexuais que, devido ao estado incompleto das inibições sexuais e também por ainda não estar desenvolvido o sistema genital, só podem trazer em si o caráter de perversões. Essa disposição à perversão pode então permanecer como tal ou, com o recalçamento, transformar-se em forças propulsoras de sintomas neuróticos.

Ao lado da precocidade, os *fatores temporais*, segundo Freud¹⁴⁴, exigem consideração: a ordem em que as diversas moções pulsionais são ativadas, assim como o lapso de tempo que as separam, parecem filogeneticamente determinados. Contudo, pode haver variações ou desvios temporais que vão produzir invariavelmente uma alteração no resultado final do processo de desenvolvimento. As causas dessas complicações parecem envolver questões biológicas e históricas que não foram até aqui esclarecidas.

As manifestações sexuais precoces têm sua importância aumentada por um fator psíquico de origem desconhecida, que Freud¹⁴⁵ apresenta ao final dos *Três ensaios* como uma hipótese psicológica provisória. Trata-se da elevada *adesividade* [*Haftbarkeit*] ou *fixabilidade*

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² *Ibid.*, p.226.

¹⁴³ *Ibid.*

¹⁴⁴ *Ibid.*

¹⁴⁵ *Ibid.*

dessas impressões da vida sexual, observadas nos casos de neurose e perversão. As manifestações sexuais prematuras, nesses casos, são gravadas de forma tão profunda, que chegam a produzir uma repetição compulsiva e prescrever por toda a vida os caminhos da pulsão sexual. Outro fator psíquico que o autor indica como importante na causação das neuroses e que talvez explique, pelo menos em parte, essa adesividade, é a preponderância que cabe na vida anímica aos traços mnêmicos, em comparação com as impressões presentes.

Com a ajuda desses fatores psíquicos, de acordo com Freud¹⁴⁶, os estímulos acidentais (principalmente a sedução por outras crianças ou por adultos) vivenciados na infância, fornecem o material que pode fixar-se como um distúrbio permanente. Em resumo, portanto, ele conclui, que boa parte dos desvios da vida sexual normal posteriormente observados tanto nos neuróticos como nos perversos é estabelecida pelas impressões do período infantil, e de sua causação participam: a complacência constitucional, a precocidade, a adesividade elevada e a estimulação fortuita da pulsão sexual por influências estranhas.

Contudo, Freud¹⁴⁷ assinala que a conclusão dessas investigações das perturbações da vida sexual é insatisfatória, pois os conhecimentos isolados obtidos até aqui, juntamente com aqueles referentes aos processos biológicos que constituem a essência da sexualidade, não são suficientes para se formar uma teoria que permita a compreensão do normal e do patológico.

2.3 DOS TRÊS ENSAIOS À METAPSICOLOGIA (1905-1915)

Dando continuidade a sua busca pelas causas dos sintomas neuróticos, em seu texto *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908), Freud enfatiza a relação entre fantasias e sintomas e relembra que o conteúdo das fantasias inconscientes na histeria corresponde às situações de satisfação que os perversos realizam conscientemente.

Contudo, mesmo separando os fantasmas inconscientes da neurose dos fantasmas conscientes da perversão, que podem ser colocados em ato, ele não exclui a possibilidade de encenação na neurose:

¹⁴⁶ *Ibid.*

¹⁴⁷ *Ibid.*

Também conhecemos casos, com sua importância prática, nos quais os histéricos não dão expressão às suas fantasias sob a forma de sintomas, mas como realizações conscientes, e assim tramam e encenam estupros, ataques ou atos de agressão sexual¹⁴⁸.

Em outro artigo do mesmo ano, *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908)*, Freud retoma sua tese sobre o desenvolvimento da sexualidade que “[...] passa, então, do autoerotismo ao amor objetal, e da autonomia das zonas erógenas à subordinação destas à primazia dos genitais, postos a serviço da reprodução”¹⁴⁹. Assinala que, em algumas pessoas, esse desenvolvimento não se realizou de forma perfeita e completa, dando origem a dois tipos de desvios: as diversas variedades de pervertidos, nos quais uma fixação infantil, com um objetivo sexual preliminar, impediu o estabelecimento da primazia da função reprodutora, e os homossexuais ou invertidos, nos quais, de maneira ainda não compreendida, o objetivo sexual foi desviado do sexo oposto.

A distinção que Freud¹⁵⁰ faz entre neurose e perversão até os *Três ensaios* também é lembrada nesse mesmo texto. Ele pontua que na neurose, as influências da educação e das exigências sociais suprimem as pulsões pervertidas, mas essa supressão é frustrada, visto que apesar de elas não serem expressas como tais, surgem fenômenos substitutivos que correspondem à própria doença. Já na perversão, o indivíduo afetado permanece pervertido e sofre as consequências do seu desvio dos padrões de civilização. Além disso, acrescenta, à descoberta de que as perversões e as neuroses guardam entre si uma relação de positivo para negativo, o fato de ser mais comum encontrar nas mulheres casos de perversões passivas (psiconeuroses) e nos homens as perversões ativas (perversões verdadeiras).

No texto *Sobre as teorias sexuais das crianças (1908)*, uma nova tese emerge com base na ideia de que todas as crianças, em suas teorias sexuais, atribuem “[...] a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis [...]”¹⁵¹. Além disso, Freud pontua que, quando um menino pequeno vê os genitais de sua irmãzinha, suas palavras demonstram que seu preconceito já é forte o bastante para falsear essa nova percepção.

¹⁴⁸ Freud (1908), 1996, p.151.

¹⁴⁹ Freud (1908), 1996, p.175.

¹⁵⁰ *Ibid.*

¹⁵¹ Freud (1908), 1996, p.196.

“Ele não se refere à ausência do pênis, mas comenta invariavelmente, com intenção consoladora: o dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer”¹⁵². Em resumo, essa evidência das diferenças entre os sexos é recusada, e “a ideia de uma mulher com pênis retorna mais tarde, nos sonhos dos adultos”¹⁵³, mostrando que a criança jamais renunciou, em seu inconsciente, a tal teoria.

Segundo Valas¹⁵⁴, nesse ponto, encontramos em Freud, pela primeira vez, a *recusa* da percepção da castração pela criança, que, no caso de perseverar, retorna sob a forma dessa figura da mulher com pênis, dando origem ao fantasma da mulher fálica. O autor indica também que é em relação com a castração que Freud começa a descrever um mecanismo novo, que mais tarde ele designará pelo termo ‘renegação’:

Se um indivíduo, na infância, fixa essa ideia da mulher com um pênis, tornar-se-á, resistindo a todas as influências dos anos posteriores, incapaz de prescindir de um pênis no seu objeto sexual, e, embora em outros aspectos tenha uma vida sexual normal, está fadado a tornar-se um homossexual [...] ¹⁵⁵.

Ainda no artigo *Sobre as teorias sexuais das crianças (1908)*, Freud assinala que outra impressão da vida sexual infantil pode levar as mulheres, mais tarde, a causar repugnância nesse indivíduo que fixou a ideia da mulher com pênis. Trata-se do efeito da ‘ameaça de castração’: quando o menino ao se masturbar é surpreendido e intimidado pelos pais com a ameaça de cortar-lhe o pênis, tal atitude gera um efeito que é proporcional ao valor que ele confere ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente. Dessa forma,

Os genitais femininos, vistos mais tarde, são encarados como um órgão mutilado e trazem à lembrança aquela ameaça, despertando assim horror, em vez de prazer, no homossexual¹⁵⁶.

¹⁵² *Ibid.*

¹⁵³ *Ibid.*

¹⁵⁴ Valas, 1990.

¹⁵⁵ Freud (1908), 1996, p.196.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p.197.

Entende-se, portanto, que o complexo de castração não deixa de intervir na escolha do objeto.

Em 1909, na quarta de suas *Cinco Lições de Psicanálise (1910[1909])*, Freud traz algumas observações sobre a escolha do objeto: ao lado das atividades autoeróticas da criança (o prazer de chupar o dedo, a excitação masturbatória dos órgãos genitais, etc.), revelam-se, muito cedo, “aqueles componentes pulsionais do gozo sexual ou, como preferimos dizer, da libido, que pressupõe como objeto uma pessoa estranha”¹⁵⁷.

Freud¹⁵⁸ comunica que, na fase pré-genital, a diferença de sexo ainda não tem papel decisivo, e a primitiva escolha de objeto feita pela criança não está ligada à pulsão sexual, mas à de conservação, recaindo sobre o adulto provedor de alimento ou protetor. Contudo, este período da vida sexual infantil, desordenado, rico, mas dissociado, experimenta uma condensação e organização em duas direções: por um lado, quando todos os impulsos isolados se subordinam ao domínio da zona genital, a satisfação das primeiras tendências deixa de ter importância, a não ser como preparo e estímulo para o ato sexual; por outro, a escolha de objeto repele o autoerotismo, e os componentes da pulsão sexual só querem satisfazer-se na pessoa amada.

Sendo assim, na escolha do objeto, a diferença sexual só passa a ter importância a partir do primado do genital. E seguindo o incitamento que em geral vem dos próprios pais – cuja ternura possui nítido caráter sexual, apesar de inibido quanto às suas finalidades – a criança reage da seguinte maneira: o menino normalmente deseja o lugar do pai e escolhe a mãe; a menina, por sua vez, desejando o lugar da mãe, escolhe o pai. Contra esse desejo infantil, levantam-se mais tarde, como repulsa, as barreiras do incesto, destinando o complexo¹⁵⁹ assim formado à repressão. Freud¹⁶⁰ assinala ainda que, mesmo após serem reprimidos, esses sentimentos nascidos das relações entre pais e filhos continuam a agir no inconsciente com intensidade e persistência, levando-o a suspeitar que eles representem, junto com seus derivados, o complexo nuclear de cada neurose.

¹⁵⁷ Freud (1910[1909]), 1996, p.55.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p.56.

¹⁵⁹ A expressão ‘complexo de Édipo’ só será adotada por Freud no texto ‘Contribuições à psicologia do amor’ de 1910. Nota de rodapé: *Ibid.*, p.58.

¹⁶⁰ *Ibid.*

Para Freud¹⁶¹, essa primeira escolha amorosa da criança dirigida aos pais é absolutamente normal e inevitável. Todavia, a libido não deve permanecer fixa neste primeiro objeto, ela deve, posteriormente, tomá-lo apenas como modelo, passando dele para outras pessoas, quando da escolha definitiva. Chega-se, portanto, à conclusão que, assim como o complexo de castração, o complexo de Édipo também intervém na escolha de objeto.

Freud afirma que o desenvolvimento da função sexual não se desenrola sem incidentes em todos os indivíduos,

Pode suceder que nem todos os impulsos parciais se sujeitem à soberania da zona genital; o que ficou independente estabelece o que chamamos *perversão* e pode substituir a finalidade sexual normal pela sua própria¹⁶².

Pode acontecer também que o autoerotismo não seja completamente superado:

A equivalência primitiva dos sexos como objeto sexual pode conservar-se, e disso se originará no adulto uma tendência homossexual, capaz de chegar em certas circunstâncias até a homossexualidade exclusiva¹⁶³.

Como nas perversões, observa Freud, evidenciam-se nas neuroses os mesmos componentes pulsionais que mantêm os complexos e são os formadores de sintomas, mas aqui eles agem do inconsciente:

A psicanálise nos mostra que a manifestação excessivamente intensa e prematura desses impulsos conduz a uma espécie de *fixação* parcial – ponto fraco na estrutura da função sexual¹⁶⁴.

E este ponto fraco, aliado aos obstáculos encontrados na vida adulta, pode romper “a repressão da fase do desenvolvimento justamente

¹⁶¹ *Ibid.*

¹⁶² *Ibid.*, p.56.

¹⁶³ *Ibid.*, p.56-57.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p.57.

naquele ponto em que se deu a fixação infantil”¹⁶⁵, levando ao infantilismo generalizado da vida sexual.

Valas entende que neste ponto das exposições feitas por Freud, pode-se concluir que, em algumas perversões ou neuroses, a escolha do objeto independente da diferença dos sexos poderia ser enganadora.

Assim, uma escolha aparentemente heterossexual poderia, de fato, mascarar uma perversão homossexual verdadeira, e uma escolha homossexual ser apenas a expressão de uma neurose, e não de uma verdadeira perversão¹⁶⁶.

No texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910), um dos aspectos que chama atenção de Freud na ‘fantasia de Leonardo’¹⁶⁷ foi que ele empresta a uma imagem que pretende essencialmente representar a mãe (o abutre) um atributo da potência masculina (sua cauda, de acordo com as frequentes substituições de que se serve a linguagem, pode significar o genital masculino, um pênis), que representa exatamente o oposto de qualquer ideia maternal.

Freud pontua que as teorias sexuais infantis nos ajudam a entender esse fato psicológico tão estranho da imaginação humana: “Existe uma época em que o genital masculino é compatível com a imagem da mãe”¹⁶⁸. Quando um menino começa a ficar curioso pelos enigmas da vida sexual, o interesse que tem pelo seu próprio genital ganha ênfase. E por considerar essa parte do seu corpo tão valiosa e importante, passa a forjar a hipótese que ela deve existir tanto nos homens quanto nas mulheres, mesmo quando pela primeira vez chega a observar o genital feminino:

Sua percepção mostra-lhe que há alguma coisa diferente do que ele possui, mas é incapaz de admitir que o conteúdo de sua percepção seja que ele não pode encontrar um pênis nas meninas¹⁶⁹.

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ Valas, 1990, p.53.

¹⁶⁷ Nesse texto Freud faz uma análise psicológica de uma fantasia de Leonardo: de que quando criança um pássaro o visitou no berço e meteu-lhe a cauda na boca.

¹⁶⁸ Freud (1910), 1996, p.101.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p.102.

Em alguns casos, segundo Freud¹⁷⁰, a fixação no objeto antes desejado, o pênis da mulher, deixa marcas permanentes na vida mental da criança, quando esta fase de sua investigação sexual infantil teve uma intensidade particular. Assim, o pé ou o calçado feminino, no fetichismo, parece se sustentar como símbolo substituto do membro reverenciado na infância e depois perdido. Já os fetichistas que sentem prazer em cortar os cabelos das mulheres, desempenham, sem saber, o papel das pessoas que executam um ato de castração no órgão sexual feminino.

Nesse ponto da teoria freudiana, de acordo com Valas¹⁷¹, podem-se destacar três elementos novos. Primeiro, a perversão fetichista é a manifestação consciente, semelhante à de uma lembrança encobridora, de uma impressão da infância que foi recalçada. O autor coloca, que para Freud, ao que parece, não há apenas fixação e expressão direta da pulsão dominante na perversão, mas também recalque. Segundo, não se trata mais do pênis real que está em jogo nesse caso, mas o falo como símbolo da ausência do pênis. E por último, apesar de não designar ainda pelo nome de renegação ou recusa, Freud descreve aqui o processo de divisão do sujeito diante da realidade da castração, no qual a criança, ao mesmo tempo em que reconhece a ausência do pênis na mãe, a nega, substituindo-a por um símbolo, conforme seu desejo.

Outro ponto destacado por Valas¹⁷² é que Freud coloca a relação do sujeito com a castração como determinante de sua posição subjetiva na fantasia, considerando que esta é a principal razão para a escolha deste ou daquele objeto sexual. Nos casos de perversão homossexual, Freud fala de um estágio preliminar em que os indivíduos haviam tido, na primeira infância, uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente a mãe, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada pelo excesso de ternura por parte da própria mãe, e reforçada pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante a infância. Depois desse estágio inicial, Freud indica que:

O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu

¹⁷⁰ *Ibid.*

¹⁷¹ Valas, 1990.

¹⁷² *Ibid.*

amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao autoerotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança¹⁷³.

Para Freud¹⁷⁴, portanto, a homossexualidade masculina seria uma interrupção do desenvolvimento, no sentido em que o sujeito evitaria, não chegaria a se confrontar com o pai, como agente simbólico da castração. Ele se refugiaria numa identificação com a mãe, de maneira a evitar o pai, e conseqüentemente elegeria objetos amorosos e sexuais, sempre re-evocando essa relação entre ele e a mãe.

Ainda tratando da homossexualidade masculina na perversão, Freud¹⁷⁵ aponta que, em alguns casos, a observação direta permitiu demonstrar que o homem que dá a impressão de ser sensível somente aos encantos de outros homens sente, na verdade, atração pelas mulheres, mas procura transferir imediatamente essa excitação para um objeto masculino. Desse modo, o sujeito repete incessantemente o mecanismo pelo qual adquiriu sua homossexualidade (que mais tarde ele denominará de ‘recusa ou renegação’ da castração).

Freud deixa claro ainda no texto de *Leonardo da Vinci*, que essas explicações sobre a gênese psíquica da homossexualidade não são suficientes para se chegar a uma conclusão definitiva sobre o problema:

Aquilo que, por motivos práticos, é geralmente chamado de homossexualidade poderá ser o resultante de uma variedade enorme de processos inibitórios psicosexuais; o processo particular que destacamos é, talvez, apenas um entre muitos outros e talvez corresponda a um único tipo de ‘homossexualidade’¹⁷⁶.

Valas¹⁷⁷ pontua, por fim, algumas conclusões a partir do texto de *Leonardo da Vinci*, entre elas: para Freud, a posição do sujeito na

¹⁷³ Freud (1910), 1996, p.106.

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ *Ibid.*

¹⁷⁶ *Ibid.*, p.107.

¹⁷⁷ Valas, 1990.

fantasia é o que permite caracterizar a própria estrutura da perversão, e não simplesmente o tipo de objeto escolhido; a feminilização do sujeito ocorre a partir da sua identificação com a mãe; e em relação ao objeto, este é um duplo narcísico do sujeito. O autor questiona se não se veria, já nesta época, o prenúncio da tese da divisão subjetiva característica do sujeito na perversão. E indica que esta hipótese dá um sentido inteiramente diverso ao autoerotismo que Freud reconhece nas perversões, o que vai permitir, posteriormente, compreender melhor qual o papel atribuído ao objeto pelo sujeito perverso.

Além disso, Valas¹⁷⁸ assinala que não é mais através da teoria da bissexualidade, nem do papel determinante dos fatores constitucionais que Freud se refere para definir as perversões, como também as neuroses e as psicoses, mas sim a uma teoria da subjetivação problemática do sexo, na qual se afirma, sempre de modo mais nítido, a importância atribuída ao primado do falo:

Dessa recusa do sujeito em admitir, ao mesmo tempo em que a reconhece, a ausência do pênis na mãe, Freud origina toda uma série de perversões, que vão desde o fetichismo até a homossexualidade, ou seja, da mais simples à mais complexa das suas formas. Essas perversões não se especificam apenas pela qualidade do objeto, mas pelas modalidades de escolha que são determinadas pela posição do sujeito no fantasma¹⁷⁹.

No artigo *Fausse Reconnaissance ('Déjà Raconté'*¹⁸⁰) no *Tratamento Psicanalítico*, Freud¹⁸¹ indica que acontece com frequência durante uma análise que o paciente, após relatar algum fato de que se lembrou, prossiga dizendo que tem a sensação de que já contou tal fato ao analista, enquanto este tem a certeza de ser essa a primeira vez que escutou a história. Ele chama este fenômeno de '*fausse reconnaissance*' ou falso reconhecimento, e através deste, partindo de sua experiência clínica, tenta explicar a percepção errônea da criança de que a mãe tem um pênis, relacionando-o, ainda, com o complexo de castração.

¹⁷⁸ *Ibid.*

¹⁷⁹ *Ibid.*, p.56.

¹⁸⁰ Falso reconhecimento (já relatado).

¹⁸¹ Freud (1914), 1996.

Num dos exemplos citados, o caso do Homem dos Lobos, Freud destaca uma associação do paciente – na qual ele relata a alucinação em que tem seu dedo cortado, como um fenômeno ‘*dejà raconté*’, pois ele insiste que já havia lhe falado sobre isso – e acrescenta:

Com referência ao tema geral da visão do paciente, posso observar que, particularmente em relação ao complexo da castração, falsificações alucinatórias semelhantes não são raras e podem facilmente servir ao propósito de corrigir percepções incômodas¹⁸².

Tal afirmação é confirmada por outro paciente, quando este relata a Freud¹⁸³ que no decurso da leitura de seu estudo sobre *Leonardo da Vinci*, ocorreu-lhe uma lembrança da época em que atravessava o período das pesquisas sexuais infantis, em que teve a oportunidade de ver os órgãos genitais femininos de uma amiga da mesma idade e que observou claramente um pênis do mesmo tipo que o seu.

No texto *A disposição à neurose obsessiva (1913)*, dando continuidade à sua pesquisa sobre o problema da escolha da neurose, Freud apresenta uma nova ideia: “[...] A disposição desenvolvimental a uma neurose só é completa se a fase do desenvolvimento do ego em que a fixação ocorre é levada em consideração, assim como a da libido”¹⁸⁴. E acrescenta que “os estádios do desenvolvimento das pulsões do ego são-nos presentemente muito pouco conhecidos”¹⁸⁵.

Valas¹⁸⁶ afirma, que como se sabe, Freud irá se esforçar em obter uma solução para esse problema, o que vai lhe permitir ao mesmo tempo trazer um novo esclarecimento as questões colocadas pelas perversões.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)* tem-se uma primeira indicação, na qual Freud aponta que a libido objetal inicialmente ocultava de nossa observação a libido do ego, porque

as primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. As

¹⁸² *Ibid.*, p.210.

¹⁸³ *Ibid.*

¹⁸⁴ Freud (1913), 1996, p.348.

¹⁸⁵ *Ibid.*

¹⁸⁶ Valas, 1990.

pulsões sexuais estão, de início, ligados à satisfação das pulsões do ego [...] ¹⁸⁷.

Elas só se tornam independentes mais tarde, e mesmo assim é possível encontrar um indício dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais escolhidos pela criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção, ou seja, a mãe ou seus substitutos. Ao lado desse tipo e fonte de escolha objetal, que Freud denomina ‘anaclítico’ ou de ‘ligação’,

A pesquisa da psicanálise revelou um segundo tipo, que não estávamos preparados para encontrar. Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a *si mesmas* como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado ‘narcisista’ ¹⁸⁸.

De acordo com Freud, foram essas observações que o levaram a adotar a hipótese do narcisismo; contudo, acrescenta que não se pode concluir que os seres humanos estão divididos em dois grupos (narcisista ou anaclítico), conforme a escolha objetal;

pelo contrário, presumimos que ambos os tipos de escolha objetal estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro ¹⁸⁹.

Chega-se assim ao resultado de que o ser humano possui dois objetos sexuais originários: ele mesmo e a pessoa que lhe proporcionou os primeiros cuidados, e, segundo Freud, dessa forma

estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode

¹⁸⁷ Freud (1914), 1996, p.94.

¹⁸⁸ *Ibid.*

¹⁸⁹ *Ibid.*, p.95.

manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal¹⁹⁰.

Freud¹⁹¹ sublinha, ainda, que a importância da escolha objetal narcisista na homossexualidade masculina vai permanecer em outro contexto, a ser apreciado, o que para Valas¹⁹² demonstra o valor dado por ele a todas essas hipóteses sobre as razões da escolha do objeto, notadamente para a compreensão da perversão.

Para finalizar a pesquisa dos textos freudianos desse período que antecede os artigos da metapsicologia, toma-se um caso da prática clínica de Freud, exposto numa conferência durante a jornada científica da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 11 de março de 1914, intitulado *Um caso de fetichismo de pé*¹⁹³, sobre o qual Valas comenta: “É interessante seguir a concepção que ele lhe dá, pois nela integra praticamente todas as descobertas que fez até então”¹⁹⁴.

Trata-se de um caso de fetichismo num sujeito de quarenta e sete anos, que Freud tratou brevemente, e sem sucesso. Valas¹⁹⁵ pontua que as particularidades do caso e a reconstrução do desenvolvimento sexual desse paciente, que sofria de uma impotência psíquica, permitiram lançar uma nova luz sobre a gênese dessa perversão, na qual aparecem, de maneira combinada, os fatores constitucionais e acidentais.

Entre os fatores constitucionais que Freud apresenta estão: a disposição bissexual primária, de que vai depender a atividade ou passividade, determinante para se chegar à neurose ou à perversão, e uma exagerada acentuação da erogeneidade do pé. Já entre os fatores acidentais prevalecem: uma estimulação precoce e anormal, na qual o pé estaria como objeto (essa estimulação procede da mãe, que era sexualmente anormal), e um distúrbio do desenvolvimento gerado pela ameaça de castração vinda do pai, combinando-se com a visão do órgão genital da irmã, por volta do sexto ano de idade.

Freud indica que esse caso de perversão fetichista se constituiu em dois tempos. Na primeira infância, na qual a primeira cena traumática e a perturbação por ela criada produziram uma regressão e uma fixação no estágio da investigação sexual infantil, mais

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ *Ibid.*

¹⁹² Valas, 1990.

¹⁹³ Freud (1914). In: Valas, 1990.

¹⁹⁴ Valas, 1990, p.59.

¹⁹⁵ *Ibid.*

precisamente no momento em que o sujeito, que tentava ver as partes genitais feminina, acreditava ver o pênis na mulher. O pé é eleito porque assume a significação simbólica de ser o pênis que falta à menina, devido à castração. O interesse do paciente, aos seis anos, pelo pé de sua governanta inglesa, demonstra que a perversão já está fixada na primeira infância. Ela vai, porém, continuar latente até a puberdade.

O segundo tempo é aquele em que a perversão se constitui de forma definitiva. O primeiro trauma, 'esquecido', vai se repetir na adolescência como um segundo trauma, a partir dos modos de um educador que recorda para o sujeito as ameaças de castração do pai. Esse medo da castração é avivado também pelo terror gerado à visão do órgão genital feminino, e o risco que o sujeito supõe nas relações sexuais. Assim, a impotência sexual aparece, e a perversão fetichista se cristaliza.

Valas¹⁹⁶ assinala uma particularidade desse caso que Freud apresenta: acompanha a atitude fetichista do sujeito, uma tendência masoquista por demais marcante para se considerar como acessória. Da intimidação sexual resultaria, por um lado, a defesa da criança em relação a seu pênis (fetichismo), e por outro, a aceitação por ela da castração, resignando-se ao papel feminino (masoquismo). Para o autor,

Reencontramos, novamente formulado por Freud, o mecanismo do desmentido da castração que divide o sujeito, mas também a observação de que, na perversão, o sujeito adotaria uma posição feminina. É um ponto capital¹⁹⁷.

Segundo Valas¹⁹⁸, Freud vai concluir sua conferência de maneira atraente, apresentando uma 'fórmula' para o fetichista do pé, que seria: um *voyeur* secreto masoquista. E é alinhando dessa forma fetichismo, voyeurismo e masoquismo, que uma estrutura comum a todas essas perversões deve poder ser elaborada.

¹⁹⁶ *Ibid.*

¹⁹⁷ *Ibid.*, p.61.

¹⁹⁸ *Ibid.*

2.4 GÊNESE DAS PERVERSÕES (1915-1920)

2.4.1 A metapsicologia

Nos *Artigos sobre metapsicologia (1915)* há um esforço de Freud em sintetizar as mudanças que vinham ocorrendo na clínica e na teoria, além de manifestar a importância do que estava em jogo: “produzir um modelo psicológico coerente com os conhecimentos psicanalíticos”¹⁹⁹. Ao estudo da perversão interessa o primeiro desses artigos, a saber, *As pulsões e suas vicissitudes (1915)*.

Bem no início desse trabalho, Freud indica o que vem a ser o projeto de sua metapsicologia para a psicanálise: “[...] As ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos”²⁰⁰. E mais adiante complementa:

Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área²⁰¹.

É o que Freud procura fazer com o conceito de pulsão, um dos mais importantes para a psicanálise. Só nos *Três ensaios (1905)* que a ‘pulsão sexual’ é livremente mencionada como tal, e a libido explicitamente estabelecida como sua expressão. Mais tarde, ele altera os conceitos sobre a classificação das pulsões, bem como sobre suas determinantes mais profundas, contudo esse artigo²⁰² constitui base indispensável para a compreensão dos desenvolvimentos que se seguiram.

Freud²⁰³ distingue, a princípio, dois grupos de pulsões primordiais: as pulsões do ego, ou autopreservativas e as pulsões sexuais. Salienta que a psicanálise, até o dado momento, só fora capaz de proporcionar informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca das pulsões sexuais, por ser este o único grupo que pode ser observado nas psiconeuroses.

¹⁹⁹ *Ibid.* p.63.

²⁰⁰ Freud (1915), 1996, p.123.

²⁰¹ *Ibid.*

²⁰² *Ibid.*

²⁰³ *Ibid.*

Entre as características gerais dessas pulsões, Freud²⁰⁴ aponta que são numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas e atuam inicialmente com independência umas das outras, com a finalidade de obter ‘prazer do órgão’, estando a serviço da função reprodutora apenas quando alcançam uma síntese mais ou menos completa, numa etapa posterior. Quando surgem, estão ligadas às pulsões da autopreservação, das quais gradativamente podem ou não se separar (parte delas permanece associada às pulsões do ego pela vida inteira); também na sua escolha objetual seguem os caminhos indicados por estas últimas. Ademais, possuem a capacidade de substituir umas às outras, de mudar prontamente de objetos, e, em consequência disso, são capazes de funções distintas de suas ações intencionais originais, ou seja, capazes de ‘sublimação’.

A primeira vicissitude da pulsão a que Freud²⁰⁵ se atém nesse artigo é a reversão em seu oposto, que se transforma em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo. Ele exemplifica o primeiro processo com os dois pares de opostos: sadismo-masquismo e voyeurismo-exibicionismo. Pontua que a reversão afeta apenas as finalidades das pulsões; assim, a finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). O segundo processo, a reversão do conteúdo, encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio, que será tratado mais adiante.

O retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo, outra vicissitude tratada por Freud, também é exemplificada através dos pares sadismo-masquismo e voyeurismo-exibicionismo: o masquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio eu do indivíduo, e o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. Ele pontua que a observação analítica não deixa dúvidas,

De que o masquista partilha da fruição do assalto a que é submetido e de que o exibicionista partilha da fruição de [a visão de] sua exibição. A essência do processo é, assim, a mudança do *objeto*, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que, nesses exemplos, o retorno em direção ao eu do

²⁰⁴ *Ibid.*

²⁰⁵ *Ibid.*

indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem²⁰⁶.

A partir de uma investigação mais completa, Freud²⁰⁷ elucida a situação, representando o par de opostos sadismo-masoquismo da seguinte maneira:

- (a) o sadismo consiste no exercício de violência ou poder (finalidade ativa da pulsão) sobre outra pessoa (objeto);
- (b) esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo (retorno em direção ao eu), efetuando-se também a mudança de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva;
- (c) no masoquismo, uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, devido à alteração da finalidade pulsional, tem que assumir o papel do sujeito (ativo).

De acordo com Freud²⁰⁸, um masoquismo primário, não derivado do sadismo, tal como acima descrito, não parece ser encontrado²⁰⁹. Ele também utiliza o esquema anterior para esclarecer o comportamento da pulsão sádica na neurose obsessiva: nesse caso, na fase (b) existe um retorno em direção ao eu do sujeito sem uma atitude de passividade para com outra pessoa (a modificação só vai até esta fase) e, dessa forma, o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo.

Freud²¹⁰ também comenta que, para a psicanálise, a finalidade da pulsão sádica não é infligir dor; somente depois que o circuito pulsional se cumpre, ocorrido a transformação em masoquismo, quando o fim passivo de ser atormentado é realizado, é que o objetivo sádico de infligir dor pode aparecer retroativamente, pois,

enquanto essas dores estão sendo infligidas a outras pessoas, são fruídas de modo masoquista pelo sujeito através da identificação dele com o objeto sofredor. Em ambos os casos, naturalmente, não é a dor em si que é fruída, mas

²⁰⁶ *Ibid.*, p.132.

²⁰⁷ *Ibid.*

²⁰⁸ *Ibid.*

²⁰⁹ Freud acrescenta em 1924, em nota de rodapé, que no texto *O Problema Econômico do Masoquismo (1924)* ele expressa um ponto de vista oposto. *Ibid.*

²¹⁰ *Ibid.*

a excitação sexual concomitante – de modo que isso pode ser feito de uma maneira especialmente conveniente a partir da posição sádica. A fruição da dor seria, assim, uma finalidade originalmente masoquista, que só pôde tornar-se uma finalidade pulsional em alguém que era originalmente sádico²¹¹.

Segundo Valas²¹², pode-se concluir, dessa forma, que tanto no sadismo como no masoquismo, a pulsão sadomasoquista entra em jogo; a perversão se constitui só quando seu movimento de reversão se completa, em função da posição do sujeito em sua relação com o parceiro, e do papel que este desempenha. Assim, no sadismo, o sujeito que atormenta o parceiro tomado como objeto, goza, de forma masoquista, pela erotização dos tormentos que lhe inflige; no masoquismo, o sujeito que se faz objeto diante do parceiro transformado em atormentador no seu fantasma, goza pela erotização da dor infligida pelo parceiro.

No par voyeurismo-exibicionismo, Freud²¹³ indica que se podem postular as mesmas fases do exemplo anterior:

- (a) o voyeurismo consiste no olhar como uma atividade dirigida para um objeto estranho;
- (b) o sujeito desiste do objeto e dirige a pulsão escopofílica para uma parte de seu próprio corpo (retorno em direção ao eu), e com isso a finalidade da pulsão muda da atividade para a passividade (ser olhado);
- (c) no exibicionismo, há a introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele.

Freud²¹⁴ pontua que é possível reconhecer no voyeurismo uma fase anterior à descrita em (a):

Para o início de sua atividade, a pulsão escopofílica é autoerótica; ela possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que a pulsão é levada, por um processo de comparação, a trocar

²¹¹ *Ibid.*, p.134.

²¹² Valas, 1990.

²¹³ Freud (1915), 1996.

²¹⁴ *Ibid.*

esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem – fase (a)²¹⁵.

E em seguida Freud²¹⁶ afirma que talvez não seja inteiramente absurdo pensar, também no sadismo, a existência de tal fase preliminar, a partir, por exemplo, dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros. Nesse caso, a pulsão encontra sua fonte orgânica na musculatura, na medida em que esta é capaz de ação, mas seu objeto se refere diretamente a outro objeto, mesmo que este objeto pertença ao próprio corpo.

Outra observação efetuada por Freud²¹⁷, no tocante a ambas as pulsões tomadas como exemplos, é que na transformação por uma reversão da atividade para a passividade e por um retorno em direção ao eu do sujeito, nunca está implicado, de fato, toda a cota de impulso pulsional. Há uma persistência, em certa medida, da direção ativa anterior da pulsão, lado a lado, com sua direção passiva ulterior, e tal comportamento, ele denomina ‘ambivalência’.

O segundo processo de reversão, o de conteúdo de uma pulsão em seu oposto, é exemplificado por Freud²¹⁸ na transformação do amor em ódio. Ele salienta que como é comum encontrar esses dois sentimentos dirigidos simultaneamente ao mesmo objeto, eles se tornam o exemplo mais importante de ambivalência.

Além da antítese ‘amar – odiar’, o amor admite mais dois pares de opostos, diz Freud²¹⁹, a saber, ‘amar – ser amado’ e ‘amar – indiferença’. O ‘amar – ser amado’ corresponde à transformação da atividade em passividade e pode remontar a uma situação subjacente, tal como na pulsão escopofílica, que é amar-se a si próprio, traço característico do narcisismo.

Segundo Freud²²⁰, as três polaridades que regem a vida psíquica – sujeito (ego)/objeto (não-ego/externo), prazer/desprazer e ativo/passivo – estão ligadas umas às outras de várias maneiras altamente significativas, e é examinando algumas dessas ligações, que ele tenta esclarecer as possibilidades de opostos do amar.

²¹⁵ *Ibid.*, p.135.

²¹⁶ *Ibid.*

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ *Ibid.*

²¹⁹ *Ibid.*

²²⁰ *Ibid.*

No primeiro exemplo, ao definir o amar como a relação do ego com suas fontes de prazer, Freud²²¹ indica que a situação psíquica primordial na qual o ego ama somente a si próprio e é indiferente ao mundo externo, isto é, o narcisismo, ilustra um dos opostos do amor, a indiferença.

Outra possibilidade citada por Freud²²² segue o desenvolvimento do ego, que em consequência das experiências sofridas pelas pulsões de autopreservação, começa a adquirir objetos do mundo externo. Sob o domínio do princípio do prazer, o ego ‘introjeta’ os objetos que constituem fontes de prazer e expele ou projeta no mundo externo um remanescente que lhe é estranho, que sente como hostil, causa de desprazer. E é nesta fase que se encontra o segundo oposto do amor, o ódio.

Pode-se notar, pontua Freud²²³, que da mesma forma que o par de opostos ‘amor – indiferença’ reflete a polaridade ‘ego – mundo externo’, assim também a segunda antítese ‘amor – ódio’ reproduz a polaridade ‘prazer – desprazer’, que está ligada à primeira polaridade. Nesse sentido, quando a fase narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto é fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia motora que o aproxima e o incorpora ao ego; a partir dessa ‘atração’ exercida pelo objeto, diz-se que se ‘ama’ esse objeto. Já se ele for fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia que afasta o objeto e o ego; sente-se ‘repulsão’ e ‘ódio’ do objeto, que pode intensificar-se, ao ponto de uma inclinação agressiva contra o mesmo.

Freud constata, assim, que as atitudes de amor e ódio não podem ser integradas à teoria das pulsões, estando reservadas às relações entre o ego total e os objetos, e conclui que:

O fato de não termos o hábito de dizer que uma pulsão sexual isolada ama o seu objeto, mas considerarmos a relação entre o ego e seu objeto sexual como o caso mais apropriado no qual empregar a palavra ‘amor’ – esse fato nos ensina que a palavra só pode começar a ser aplicada nesse sentido após ter havido uma síntese de todas

²²¹ *Ibid.*

²²² *Ibid.*

²²³ *Ibid.*

as pulsões componentes da sexualidade sob a primazia dos órgãos genitais [...]”²²⁴.

Valas²²⁵ assinala que amor e ódio seriam, portanto, reações globais da subjetividade ligadas à estruturação de suas relações com o mundo externo e objetal e intervêm na escolha do objeto.

A terceira antítese do amar, a transformação do amar em ser amado, como indica Freud²²⁶, corresponde à atuação da polaridade da atividade e da passividade, tal como ocorre nos casos de escopofilia e sadismo.

Freud²²⁷ finaliza esse artigo afirmando, resumidamente, que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões está na sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental. E descreve a ‘atividade – passividade’ como a polaridade *biológica*, a do ‘ego – mundo externo’ como *real* e a do ‘prazer – desprazer’ como a polaridade *econômica*.

2.4.2 Generalidades sobre as perversões

Em três artigos que compõem as *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917[1915-1917])* Freud apresenta algumas definições importantes que colaboram para a distinção das diferentes perversões.

No primeiro deles, *Aspectos Arcaicos e Infantilismo dos Sonhos – Conferência XIII (1916[1915-16])*, Freud²²⁸ comenta sobre os impulsos sexuais infantis que, além de permitirem descrever as crianças como ‘perversos polimorfos’, apenas mostram *traços* de atividade (por possuírem intensidade menor quando comparados aos da vida posterior e, também, pelo fato de que todas as manifestações sexuais das crianças são energeticamente suprimidas pela educação). Tais impulsos, que na vida adulta são descritos como perversos, diferem da sexualidade ‘normal’ por transferirem a outros órgãos e áreas do corpo o papel desempenhado pelos genitais, bem como por desprezarem algumas barreiras específicas, como, por exemplo, a barreira da espécie (do

²²⁴ *Ibid.*, p.142.

²²⁵ Valas, 1990.

²²⁶ Freud (1915), 1996.

²²⁷ *Ibid.*

²²⁸ Freud (1916 [1915-16]), 1996.

abismo que separa o homem e o animal) e as barreiras contra a repugnância, o incesto e as pessoas do mesmo sexo.

Em *A Vida Sexual dos Seres Humanos – Conferência XX (1916[1915-16])*, Freud descreve os aspectos comportamentais de algumas classes de perversões. Na primeira, estão as pessoas que “riscaram de seu programa a diferença entre os sexos”²²⁹, ou seja, desejam sexualmente apenas pessoas do mesmo sexo, e são denominadas de homossexuais ou invertidas. Ele pontua que o comportamento desta classe, em relação a seus objetos sexuais, é semelhante ao das pessoas ‘normais’ com os seus.

Outra classe, composta por pessoas cuja atividade sexual se desvia, de forma mais surpreendente, do quadro habitual da média, é dividida por Freud²³⁰ entre aqueles em que, como os homossexuais, o *objeto* sexual foi modificado, e entre outros nos quais a *finalidade* sexual é que foi propriamente modificada. O primeiro grupo é formado por aqueles que renunciaram à união dos genitais e que substituem os genitais do parceiro por alguma outra parte ou região do corpo (por exemplo, substituem a vulva pela boca ou pelo ânus); cuja totalidade do interesse sexual se conserva nas funções excretórias (coprófilos); que abandonaram totalmente o genital como objeto e tomaram alguma outra parte do corpo como objeto que desejam (seio, pé, trança de cabelo); que buscam satisfazer seus desejos com um objeto destacado do corpo (sapato, uma peça de roupa íntima), são os fetichistas; que requerem o objeto total, mas desejam apenas seu cadáver (necrófilos).

No segundo grupo, Freud²³¹ inclui aqueles que transformaram em finalidade de seus desejos sexuais aquilo que normalmente constitui apenas um ato inicial ou preparatório (olhar, apalpar, espiar a execução de atos íntimos e expor partes do corpo que deveriam estar encobertas, na expectativa de obter recompensa de uma ação correspondente); cujas tendências carinhosas não têm outro fim senão o de causar sofrimento e tormento a seus objetos, desde a humilhação até as lesões físicas graves (sádicos); cujo único prazer consiste em sofrer toda a espécie de tormentos e humilhações de seu objeto amado (masoquistas).

Freud²³² acrescenta que existem pessoas em que diversas dessas precondições anormais estão unidas e entrelaçadas e também que não se deve esquecer que cada um desses grupos pode ser encontrado sob duas

²²⁹ *Ibid.*, p.310.

²³⁰ *Ibid.*

²³¹ *Ibid.*

²³² *Ibid.*

formas: aqueles que procuram sua satisfação sexual na realidade e aqueles que se contentam simplesmente com imaginar essa satisfação (substituem o objeto real por suas fantasias).

Na *Conferência XXI, O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1917 [1916-17]), Freud comenta a relevância que o estudo das perversões teve na modificação do conceito de sexualidade e pontua: “Apenas em virtude delas justifica-se afirmarmos que a sexualidade e reprodução não coincidem, pois é óbvio que todas as perversões negam o objetivo da reprodução”²³³.

Freud²³⁴, neste trabalho, também chama atenção para a diferença entre a perversão e a sexualidade infantil: a perversão, via de regra, é muito bem centrada, todas as suas ações se dirigem, geralmente, para um único fim, no qual uma das pulsões componentes assumiu predominância; já à sexualidade infantil, por outro lado, de modo geral, falta essa centralização e, assim, cada pulsão segue seu próprio rumo na obtenção de prazer.

A sexualidade infantil é possível de ser observada, independentemente da psicanálise, do terceiro ano de vida em diante, quando os genitais já começam excitar-se e um período de masturbação – satisfação genital, portanto – inicia-se regularmente. Também os fenômenos mentais e sociais da vida sexual tornam-se presentes: escolha de um objeto, preferência carinhosa por determinadas pessoas, ciúme, etc. Segundo Freud,

Os fins sexuais, nesse período da vida, estão intimamente relacionados com as investigações sexuais que a criança, por essa época, empreende [...]. O caráter pervertido de alguns desses fins depende, naturalmente, da imaturidade constitucional da criança, pois esta ainda não descobriu o objetivo do ato da cópula²³⁵.

Aproximadamente do sexto ao oitavo ano de vida em diante há uma parada e um retrocesso no desenvolvimento sexual, é o chamado período de latência. A maioria das experiências e dos impulsos mentais anteriores a esse período agora sucumbe à amnésia infantil. Freud aponta que

²³³Freud (1917 [1916-17]), 1996, p.325.

²³⁴*Ibid.*

²³⁵*Ibid.*, p.330.

é impossível evitar a suspeita de que o despotar da vida sexual, que se inclui nesse período, tenha dado motivo a que fosse esquecido – que este esquecimento, de fato, é o resultado da repressão²³⁶.

A época que antecede o terceiro ano de vida, que do ponto de vista teórico é considerada a mais interessante do desenvolvimento da libido, só foi possível de ser examinada com a ajuda da investigação psicanalítica das neuroses. Segundo Freud²³⁷, nesse período inicial existe uma espécie de organização frouxa, chamada ‘pré-genital’, na qual estão em primeiro plano as pulsões sádicas e anais; o contraste que se estabelece é entre ‘ativo’ e ‘passivo’, precursor da polaridade sexual ‘masculino’ e ‘feminino’, e as pulsões escopofílicas (olhar) e epistemológicas (conhecimento), que estão funcionando poderosamente. Anterior a essa fase sádico-anal encontra-se um estágio de organização ainda mais precoce e primitivo, no qual a zona erógena da boca desempenha o papel principal.

A partir dessa descrição, Freud²³⁸ afirma que a vida sexual (ou a função libidinal) não emerge como algo pronto, mas passa por uma série de fases sucessivas, que têm como ponto crítico a subordinação de todas as pulsões parciais à primazia dos genitais e, com isso, a sujeição da sexualidade à função reprodutiva.

Outro aspecto do desenvolvimento da libido, tratado por Freud²³⁹ nesse artigo, é a relação entre as pulsões sexuais parciais e seu objeto. Alguns dos componentes da pulsão sexual têm, desde o início, um objeto e aderem a este – por exemplo, as pulsões de domínio (sadismo), escopofílica e epistemológica. Outros, mais precisamente vinculados a determinadas zonas erógenas do corpo, como o componente oral, têm, inicialmente, apenas um objeto (o seio), enquanto estiverem ligados às funções não-sexuais (sucção nutricional). Simultaneamente, o componente erótico é satisfeito, torna-se independente do ato de sucção *sensual [lutschen]* abandona o objeto externo e o substitui por uma área do corpo do próprio bebê. O desenvolvimento que se segue apresenta dois objetivos: o abandono do autoerotismo (substituição do corpo da própria criança por um objeto externo), e a unificação dos diversos

²³⁶ *Ibid.*

²³⁷ *Ibid.*

²³⁸ *Ibid.*

²³⁹ *Ibid.*

objetos das pulsões separadas e sua substituição por um único objeto (um corpo total, semelhante ao do próprio sujeito).

O processo referente ao encontro de um objeto atinge alguma definição nos anos da infância anteriores à puberdade:

O objeto encontrado vem a ser quase idêntico ao primeiro objeto da pulsão de prazer oral, que foi obtido por ligação [à pulsão nutricional]. Embora esse objeto não seja realmente o seio materno, pelo menos é a mãe. Dizemos que a mãe é o primeiro objeto de *amor*²⁴⁰.

Nesse período em que a mãe se torna objeto de amor da criança, nesta o trabalho psíquico da repressão já começou, ou seja, uma parte dos fins sexuais foi subtraída do conhecimento consciente. Freud salienta que a essa escolha da criança “vincula-se tudo aquilo que, sob o nome de ‘complexo de Édipo’, veio a ter tanta importância na explicação psicanalítica das neuroses [...]”²⁴¹.

Freud²⁴² apresenta, então, o que se pode reunir acerca do complexo de Édipo, a partir da observação direta das crianças, na época em que fazem sua escolha de objeto, antes do período de latência: o menino quer ter a mãe só para ele, sente a presença do pai como um estorvo, ressent-se quando este dispensa qualquer sinal de afeição à mãe, mostra satisfação quando o pai viaja ou está ausente e amiúde expressará seus sentimentos diretamente em palavras, prometendo à mãe casar-se com ela.

Neste trabalho Freud ainda menciona que, no Édipo, as coisas se passam da mesma forma com as meninas, apenas com as devidas modificações: ligam-se afetuosamente com o pai, julgam a mãe supérflua e, com isso, sentem necessidade de eliminá-la e de tomar-lhe o lugar, “um coquetismo que já utiliza os métodos da futura feminilidade”²⁴³. Somente em anos posteriores²⁴⁴ é que ele vai verificar a falta de simetria no relacionamento edipiano de ambos os sexos.

²⁴⁰ *Ibid.*, p.333.

²⁴¹ *Ibid.*

²⁴² *Ibid.*

²⁴³ *Ibid.*, p.337.

²⁴⁴ Nos artigos: *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925); *Sexualidade feminina* (1931); *Conferência XXXIII, das Novas leituras introdutórias* (1933a); e no capítulo IV de *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]). Nota de rodapé. *Ibid.*

Freud²⁴⁵ acrescenta que não se devem esquecer as consequências possivelmente graves que se escondem nessa situação infantil. E que, apesar da natureza espontânea do complexo de Édipo, muitas vezes os próprios pais exercem uma influência decisiva no despertar da atitude edípica da criança, quando cabem a eles as “mais severas proibições para impedir que essa tendência infantil persistente se realize”²⁴⁶.

Segundo Freud²⁴⁷, com o nascimento de outras crianças, o complexo de Édipo avoluma-se em um complexo de família. A criança mais velha se sente prejudicada pela perda de lugar, deseja eliminar os novos irmãos ou irmãs, que são recebidos com aversão. Contudo, no caso do menino, à medida que esses irmãos e irmãs crescem, sua atitude para com eles sofre transformações significativas: a mãe infiel é substituída pela irmã, tomada agora como objeto de amor, o que pode gerar situações de rivalidade hostil quando há diversos irmãos na disputa. Já a menina pode encontrar no irmão mais velho um substituto para o pai, que não mantém mais o interesse afetivo por ela como fazia anteriormente. Ou, ainda, pode tomar uma irmã mais nova como sua filha, em substituição a criança que ela, em vão, desejou ter com o pai.

Assim, Freud destaca que, apesar dos esforços da ciência em apresentar explicações relativas às barreiras naturais e seguras que existiriam contra a tentação do incesto, o que se verifica numa análise é justamente o oposto: “A primeira escolha objetal de um ser humano é regularmente incestuosa [...]”²⁴⁸.

De acordo com Freud, outro aspecto que se evidencia também na prática analítica é que na puberdade, quando as pulsões sexuais, pela primeira vez, fazem suas exigências com toda a sua força, os antigos objetos incestuosos familiares são novamente retomados e catexizados²⁴⁹ com a libido. Dessa forma, “a escolha objetal infantil era apenas uma escolha débil, mas já era o começo que indicava a direção para a escolha objetal na puberdade”²⁵⁰.

Dessa época em diante, cabe aos jovens o cumprimento de uma tarefa fundamental, desvincular-se de seus pais. Ao filho, cabe desligar-

²⁴⁵ *Ibid.*

²⁴⁶ *Ibid.*, p.338.

²⁴⁷ *Ibid.*

²⁴⁸ *Ibid.*, p.338.

²⁴⁹ [*Besetzt*], carregados com energia. O conceito de *‘Besetzungen’* (catexias), cargas de energia psíquica, é fundamental para as teorias de Freud. Nota de rodapé. *Ibid.*, p.340.

²⁵⁰ *Ibid.*

se de seus desejos libidinais por sua mãe, direcionando-os para a escolha de um objeto amoroso real externo; reconciliar-se com o pai (se permaneceu em oposição a este) ou liberar-se da pressão deste (se, como reação à sua rebeldia infantil, tornou-se subserviente a ele). Com o relacionamento modificado, o mesmo se pode esperar da filha. Freud comenta que essas tarefas são raramente enfrentadas de maneira ideal e que os neuróticos não chegam a nenhuma solução: “Nesse sentido, o complexo de Édipo justificadamente pode ser considerado como o núcleo das neuroses”²⁵¹.

Freud assinala que neste artigo não irá adentrar nas variações e possíveis inversões do complexo de Édipo²⁵². Cita, apenas, entre suas conexões mais remotas, que

Em um valioso trabalho, Otto Rank [1912*b*] mostrou que os dramaturgos de todos os tempos escolheram o seu material, geralmente, a partir do complexo de Édipo e do incesto, bem como das suas variações e disfarces²⁵³.

Ademais, pontua que os dois desejos criminosos do complexo de Édipo foram reconhecidos como os verdadeiros representantes da vida irrestrita das pulsões, muito antes da época da psicanálise, tal como se encontra entre os escritos Diderot, no diálogo *Le neveu de Rameau*²⁵⁴, traduzido para o alemão por Goethe.

Por fim, Freud recorda que o resultado das análises dos sonhos demonstra como os desejos que os formam são com bastante frequência de natureza pervertida ou incestuosa ou revelam hostilidade para com aqueles que são mais próximos e importantes ao sonhador. A origem desses impulsos maus pode agora ser compreendida:

São arranjos da libido e das catexias objetais que datam do início da infância e que, desde então, foram abandonadas no que diz respeito à

²⁵¹ *Ibid.*, p.340-341.

²⁵² [Esse último aspecto é exposto de modo muito completo no Capítulo III de *O Ego e o id* (1923*b*)]. Nota de rodapé. *Ibid.*, p.341.

²⁵³ *Ibid.*

²⁵⁴ ‘Se o pequeno selvagem fosse abandonado a si mesmo, mantendo toda a sua loucura, e juntasse ao pouco de discernimento de uma criança de berço as violentas paixões do homem de trinta anos, ele estrangularia seu pai e se deitaria com sua mãe’. Nota de rodapé. *Ibid.*

consciência, mas que provam estarem ainda presentes [...]”²⁵⁵.

2.4.3 Uma criança é espancada

No texto *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919), Freud analisa uma fantasia (ou fantasma) perversa relatada com frequência por seus pacientes neuróticos. Inicialmente ele vai se limitar em estudá-la nas mulheres, mas no final do trabalho ele traz algumas considerações e diferenças que aparecem na análise de homens.

Segundo Freud, essa fantasia – ‘Uma criança é espancada’ – nasce na primitiva infância, é retida com a finalidade de satisfação autoerótica e, de acordo com os conhecimentos obtidos até o dado momento, só poderia ser considerado um traço primário de perversão:

Um dos componentes da função sexual desenvolveu-se, ao que parece, à frente do resto, tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo por isso afastado dos processos posteriores de desenvolvimento, e, dessa forma, dá evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo. Sabemos que uma perversão infantil desse tipo não persiste necessariamente por toda a vida; mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. Se esses processos, contudo, não ocorrem, a perversão persiste até a maturidade; e sempre que encontramos uma aberração sexual em adultos – perversão, fetichismo, inversão – temos motivos para esperar que a investigação anamnésica revele um evento como o que sugeri, que conduza a uma fixação na infância²⁵⁶.

Freud afirma que os sentimentos de prazer relacionados a essa fantasia explicam sua repetição em inúmeras ocasiões e que, no clímax da situação imaginária, há quase invariavelmente uma satisfação masturbatória. “De início, isso acontece voluntariamente, mas depois

²⁵⁵ *Ibid.*, p.341-342.

²⁵⁶ Freud (1919), 1996, p.198.

ocorre contra a vontade do paciente e com as características de uma obsessão”²⁵⁷.

Entre outras pontuações gerais, Freud²⁵⁸ assinala, ainda, que é com hesitação que o paciente confessa tal fantasia, seu primeiro aparecimento é recordado com incerteza e o tratamento analítico do problema encontra resistência. A vergonha e o sentimento de culpa também estão atrelados a ela.

Apesar de a rememoração da fantasia de espancamento apontar para o fim do período em que os fatores libidinais congênitos são despertados pela primeira vez (por experiências reais e quando se ligam a determinados complexos), a saber, por volta dos quatro ou cinco anos de idade, Freud²⁵⁹ suspeita, e em seguida confirma pela análise, que há um histórico anterior. Ela atravessa um processo de desenvolvimento nada simples, no decorrer do qual é modificada mais de uma vez nos seguintes aspectos: no que diz respeito à relação com o autor da fantasia e quanto ao seu objeto, conteúdo e significado.

Mesmo submetida a alterações, essa fantasia comporta também constantes, das quais Freud vai destacar articulações irredutíveis, o que de acordo com Valas permite observar o que há de estrutural ali. “Com efeito, o fantasma já é, para ele, uma frase dotada de estrutura gramatical”²⁶⁰.

As diferentes transformações dessa fantasia vão se efetuar em três fases, que podem se enunciar das seguintes formas: ‘o meu pai está batendo na criança que eu odeio’, ‘estou sendo espancada pelo meu pai’ e ‘uma criança é espancada’²⁶¹.

Freud²⁶² indica que, na primeira fase, a fantasia ‘o meu pai está batendo na criança que eu odeio’, deve pertencer a um período muito primitivo da infância e aparece com a chegada de uma nova criança na família. Assim, a criança que está sendo espancada não é a que cria a fantasia, mas, invariavelmente, um irmão ou uma irmã. Não importa se a cena tenha sido real ou apenas desejada, a fantasia não é masoquista, já que a criança em quem se bate não é o sujeito, e nem sádica, pelo fato de ele não ser também o agente espancador. A identidade da pessoa que bate permanece obscura inicialmente, mais tarde sendo revelada como o

²⁵⁷ *Ibid.*, p.195.

²⁵⁸ *Ibid.*

²⁵⁹ *Ibid.*

²⁶⁰ Valas, 1990, p.70.

²⁶¹ Freud (1919), 1996.

²⁶² *Ibid.*

pai. A criança vai obter satisfação através da realização de seu desejo incestuoso de ser amada pelo pai, e o fato da outra criança rival ser espancada é prova disso.

Entre a primeira e a segunda fase ocorrem profundas transformações. A pessoa que bate continua a ser a mesma, isto é, o pai; mas a criança espancada agora é àquela que produz a fantasia. Sendo assim, as palavras enunciadas neste momento seriam: ‘estou sendo espancada pelo meu pai!’, o que dá a essa fantasia um caráter inequivocamente masoquista. Um alto grau de prazer acompanha esta fase, e, segundo Freud²⁶³, ela é a mais importante e significativa de todas; encena o desejo incestuoso da filha pelo pai. Contudo, pode-se dizer que, num certo sentido, nunca é lembrada, jamais conseguiu tornar-se consciente; é uma construção da análise, necessária para se compreender a passagem da primeira para a terceira fase.

Nessa segunda fase, a vida sexual da criança atingiu o estágio de organização genital, agora que o seu amor incestuoso conseguiu essa prematura escolha de objeto. Os genitais começam a desempenhar seu papel no processo de excitação; os meninos desejam procriar com a mãe e as meninas com o pai. Acontece, pontua Freud²⁶⁴, que nenhum desses amores incestuosos pode evitar o destino da repressão, e ao mesmo tempo em que ocorre esse processo, surge um sentimento de culpa.

Freud aponta duas consequências quando a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com a repressão: além de toda representação psíquica do amor incestuoso se tornar inconsciente, ou permanecer inconsciente, ocorre um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais inferior. Assim, há uma regressão em ‘o meu pai me ama’, que expressava um sentido genital, em ‘o meu pai está me batendo’. O sentimento de culpa e o amor sexual se convergem nesse ser espancado:

Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo²⁶⁵.

²⁶³ *Ibid.*

²⁶⁴ *Ibid.*

²⁶⁵ *Ibid.*, p.205.

A terceira fase da fantasia de espancamento, ‘uma criança é espancada’, é considerada por Freud²⁶⁶ a mais familiar e a sua forma final. Nela, ao invés de uma criança, há agora várias crianças presentes (que na verdade substituem a criança que cria a fantasia), com maior frequência, meninos que são espancados, tanto nas fantasias destes como nas das meninas; e o pai persiste, sob a forma de um professor ou qualquer outra autoridade. Esta fantasia se assemelha à da primeira fase, ‘o meu pai está batendo na criança, ele só ama a mim’, no entanto, a ênfase se deslocou para a primeira parte, visto que a segunda sofreu repressão.

A característica essencial desta última fase, que a diferencia da primeira e estabelece relação com a fase intermediária, é que “a fantasia liga-se agora a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbadora”²⁶⁷. Por fim, Freud afirma que apenas a forma desta fantasia é sádica e a satisfação obtida através dela é masoquista: “assumi a catexia libidinal da porção reprimida e, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa que está ligado ao conteúdo daquela porção”²⁶⁸.

Freud assinala que as observações feitas até aqui sobre a fantasia de espancamento podem ser utilizadas para o esclarecimento da gênese das perversões em geral, do masoquismo em particular e na avaliação do papel desempenhado pela diferença sexual na dinâmica da neurose. Quanto à origem das perversões,

O ponto de vista que trouxe para primeiro plano, a esse respeito, o reforço constitucional ou o crescimento prematuro de um único componente sexual, na verdade não está abalado: mas verifica-se que não abrange toda a verdade²⁶⁹.

Não se pode mais tomar a perversão como um fato isolado na vida sexual infantil, ela encontra o seu lugar nos processos típicos de desenvolvimento. Possui relação com o objeto de amor incestuoso da criança, com o seu complexo de Édipo. “Destaca-se, de início, na esfera desse complexo”²⁷⁰, e quando este sucumbe, e a constituição sexual

²⁶⁶ *Ibid.*

²⁶⁷ *Ibid.*, p.201.

²⁶⁸ *Ibid.*, p.206.

²⁶⁹ *Ibid.*, p.207.

²⁷⁰ *Ibid.*

anormal impõe a ele uma direção particular, permanece como testemunha disso, herdeira de sua carga de libido.

De acordo com Freud²⁷¹, uma perversão na infância, como já foi visto, pode se tornar a base para a construção de uma perversão que persista por toda a vida, que vai consumir toda a vida sexual do sujeito. Mas também pode ser interrompida e permanecer ao fundo de um desenvolvimento sexual normal, do qual continua a retirar uma determinada quantidade de energia. A investigação psicanalítica descobriu que muitas vezes, em casos de perversão plenamente desenvolvidos, há uma tentativa de desenvolvimento de uma atividade sexual normal, geralmente na puberdade; contudo, sem força suficiente essa tentativa é abandonada diante dos obstáculos que se apresentam, retornando à fixação infantil de uma vez por todas.

Freud relata que nas anamneses obtidas em casos de perversão em adultos foi possível notar que a impressão decisiva, a ‘primeira experiência’, dificilmente se refere a um período que antecede o sexto ano de vida. Nessa época, contudo, o domínio do complexo de Édipo já cessou, mas “a experiência que é recordada, e que foi efetiva de modo tão desconcertante, pode muito bem representar o legado daquele complexo”²⁷², agora reprimido.

O fato de não ser possível esclarecer em análise o período anterior a experiência patogênica, o que torna as relações entre esta e o complexo obscuras, leva Freud a atribuir um risco, por exemplo, à afirmação de que um caso de homossexualidade é congênito, quando se parte da explicação de que desde os seis ou oito anos a pessoa só sentiu inclinações pelo mesmo sexo.

Se, no entanto, a derivação das perversões a partir do complexo de Édipo pode ser estabelecida de modo geral, a nossa estimativa quanto a sua importância terá adquirido força adicional²⁷³.

A perversão, portanto, encontra aqui, de forma definitiva, seu estatuto de posição subjetiva específica. Assim como nas neuroses, Freud considera que todas as perversões têm sua origem no complexo de Édipo e na sexualidade infantil que nele culmina; a fantasia de

²⁷¹ *Ibid.*

²⁷² *Ibid.*, p.208.

²⁷³ *Ibid.*

espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos deste, cicatrizes deixadas pelo processo que terminou.

A análise da fantasia de espancamento, segundo Freud²⁷⁴, pouco esclareceu a gênese do masoquismo. Confirmou-se a tese desenvolvida na metapsicologia de que o masoquismo não é a manifestação de uma pulsão primária, mas provém de um retorno do sadismo para a própria pessoa, ou seja, uma regressão do objeto para o eu²⁷⁵. Assim como a passividade, que não representa a totalidade do masoquismo, a característica do desprazer, tão estranha numa realização pulsional, também pertence a ele. O sentimento de culpa, que participa do ato de repressão, parece ser o que influencia a transformação do sadismo em masoquismo. Desse modo, Freud, que antes “descrevia como um mecanismo na constituição de uma perversão a fixação, seguida de regressão”²⁷⁶, aqui introduz o papel da repressão.

Freud pontua que a repressão opera secundariamente na constituição da perversão de três formas:

Torna inconscientes as consequências da organização genital, obriga essa organização a regredir ao anterior estágio sádico-anal e transforma o sadismo desse estágio em masoquismo [...] ²⁷⁷.

O segundo desses processos torna-se possível pela fraqueza da organização genital, que deve ser pressuposta nesses casos, e o terceiro faz-se necessário devido ao sentimento de culpa, que choca tanto com o sadismo como com a escolha de objeto incestuosa tomada no sentido genital.

Outro aspecto que Freud chama à atenção é que a análise da perversão infantil tratada neste trabalho mostra-se também de grande ajuda na solução de um velho enigma, que diz respeito ao fato de que os neuróticos fazem da masturbação o ponto central do seu sentimento de culpa:

²⁷⁴ *Ibid.*

²⁷⁵ Só mais tarde, em *Além do Princípio de Prazer* (1920), que Freud mudará de posição, sugerindo a existência de um masoquismo primário. (Nota de rodapé 2). *Ibid.*, p.209.

²⁷⁶ Valas, 1990, p.73.

²⁷⁷ Freud (1919), 1996, p.209.

Há muito presumimos que esse sentimento de culpa se relaciona com a masturbação da primitiva infância, e não com a da puberdade; e que, no essencial, deve-se ligá-lo não com o ato da masturbação, mas sim com a fantasia que, embora inconsciente, está na sua raiz – ou seja, com o complexo de Édipo²⁷⁸.

Apesar de centrar a análise da fantasia de espancamento nas mulheres, na última parte deste trabalho, Freud²⁷⁹ traz algumas considerações em relação aos homens, verificando com surpresa a existência de algumas diferenças importantes e indicando que, “portanto, era enganosa a expectativa de haver um paralelo completo”²⁸⁰.

A fantasia de espancamento infantil no sexo masculino tem por conteúdo o ser espancado pela mãe, sendo que é a própria criança que cria a fantasia que está sendo espancada. A segunda fase, diferentemente do que ocorre com a menina, é consciente, e na terceira a figura do próprio menino não é substituída por um número de crianças desconhecidas e indeterminadas, menos ainda por uma série de meninas. Essa fantasia, segundo Freud²⁸¹, não é primária, possui um estágio preliminar inconsciente, com o seguinte conteúdo: ‘Estou sendo espancado pelo meu pai’.

Entre os casos de pacientes masculinos em que Freud encontra a fantasia infantil de espancamento estavam: poucos pacientes que não apresentavam qualquer outro dano grave nas atividades sexuais; um grande número daqueles que teriam que ser descritos como autênticos masoquistas, no sentido de serem pervertidos sexuais; pessoas que obtinham satisfação sexual somente pela masturbação acompanhada de fantasias masoquistas; aqueles que haviam conseguido combinar o masoquismo com a sua atividade genital; e, além desses, o caso mais raro em que um masoquista é perturbado nas suas atividades pervertidas por ideias obsessivas de intensidade insuportável. Aqui, portanto, Freud já distingue a perversão de outras formas de manifestações perversas e também adverte que “os pervertidos que conseguem obter satisfação raramente têm ocasião de procurar analista”²⁸².

²⁷⁸ *Ibid.*, p.210.

²⁷⁹ *Ibid.*

²⁸⁰ *Ibid.*, p.211.

²⁸¹ *Ibid.*, p.213.

²⁸² *Ibid.*, p.212.

Outra característica do masoquismo no homem, que Freud²⁸³ destaca e que se difere nas mulheres, é que nas suas fantasias masoquistas e nos artifícios que utilizam para a realização destas, eles se transferem para o papel de uma mulher, ou seja, sua atitude masoquista coincide com uma atitude feminina.

Na fantasia masculina, segundo Freud, o ser espancado também significa ser amado (num sentido genital). Desse modo, sua forma original inconsciente não corresponde a que foi dada provisoriamente até aqui, ‘Estou sendo espancado pelo meu pai’, mas, antes, ‘Sou amado pelo meu pai’. A fantasia consciente, que por fim aparece já transformada, é ‘Estou sendo espancado pela minha mãe’:

A fantasia de espancamento do menino é, portanto, passiva desde o começo e deriva de uma atitude feminina em relação ao pai. Corresponde ao complexo de Édipo tal como a fantasia feminina (a da menina); apenas a relação paralela que esperávamos encontrar entre as duas, deve ser abandonada em favor de um caráter comum de outra natureza. *Em ambos os casos, a fantasia de espancamento tem sua origem numa ligação incestuosa com o pai*.²⁸⁴

Assim, no menino, a fantasia masoquista inconsciente parte da atitude edipiana invertida, na qual o pai é tomado como objeto de amor. Ele, contudo, burla a sua homossexualidade ao reprimir e remodelar a fantasia inconsciente, que posteriormente, ao se tornar consciente, mantém como conteúdo uma atitude feminina, mas sem uma escolha homossexual de objeto²⁸⁵.

2.4.4 A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher

Dando continuidade ao que havia estabelecido de novo sobre a perversão – sua referência ao Édipo – Freud publica em 1920 um caso clínico retirado de sua prática, intitulando-o *A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher*. Ele inicia este artigo reprimendo o fato de a pesquisa psicanalítica ter negligenciado, até então, a

²⁸³ *Ibid.*

²⁸⁴ *Ibid.*, p.213.

²⁸⁵ *Ibid.*

homossexualidade nas mulheres, ponderando “que certamente não é menos comum que nos homens, embora muito menos manifesto [...]”²⁸⁶.

Trata-se do caso de uma jovem de dezoito anos, bela e inteligente, que despertara desprazer e preocupação em seus pais pela devotada adoração com que perseguia certa ‘dama da sociedade’, cuja reputação era de quem levava uma vida sexual promíscua. Os pais relatam a Freud que jamais tinham observado na filha qualquer interesse em homens e estavam certos de que sua ligação com esta mulher era apenas a seqüência, em maior grau, de um sentimento que ela já demonstrara anteriormente por outras pessoas do mesmo sexo.

Freud aponta o contraste como uma das características presentes no comportamento da paciente: de um lado não tinha escrúpulos em aparecer nas ruas em companhia da indesejável amiga; de outro, não desprezava nenhuma forma de mentiras e desculpas que possibilitassem seus encontros e os acobertassem. “Assim, mostrava-se demasiado franca sob um dos aspectos e noutros, cheia de embustes”²⁸⁷.

Um dia, o pai encontra a filha em companhia da senhora e lança sobre elas um “olhar irado, prenunciando nada de bom”²⁸⁸. A jovem, então, sai correndo e tenta o suicídio ao se jogar numa linha ferroviária. Seis meses após esse episódio, os pais buscam a orientação de Freud para que este a cure de sua homossexualidade. Ele ressalta, entretanto, que além do fato de a demanda não partir da paciente, há outra dificuldade neste caso: ele não representa uma situação ideal para análise, pois a jovem não demonstra um conflito neurótico. A tarefa a cumprir seria transformar determinada variedade da organização genital da sexualidade em outra, o que segundo ele, por sua experiência, nunca apresentou fácil solução, pois “via de regra, o homossexual não é capaz de abandonar o objeto que o abastece de prazer [...]”²⁸⁹.

Freud²⁹⁰ pontua que apenas onde a fixação homossexual ainda não se tornou suficientemente forte, ou onde existem vestígios de uma escolha heterossexual de objeto, isto é, uma organização ainda oscilante, é que se pode efetuar um prognóstico mais favorável para a psicoterapia psicanalítica. Era preciso, portanto, ouvir a paciente e estudar seu caso, antes de prometer aos pais o resultado desejado.

²⁸⁶ Freud (1920), 1996, p.159.

²⁸⁷ *Ibid.*, p.160.

²⁸⁸ *Ibid.*

²⁸⁹ *Ibid.*, p.162.

²⁹⁰ *Ibid.*

Entre algumas informações obtidas durante essa análise Freud²⁹¹ destaca: que a castidade genital da jovem permanecia intacta; a relação homossexual, aqui, tratava-se de um amor idealizado, tipo amor cortês; ela não apresentava qualquer necessidade de libertar-se de sua homossexualidade, dizia-se incapaz de imaginar outra maneira de enamorar-se, mas acrescentava que, por amor aos pais, auxiliaria honestamente no esforço terapêutico (o que levou Freud, inicialmente, a considerar essa intenção como sinal propício à análise, sendo que só mais tarde ele perceberia a atitude emocional inconsciente que estava oculta por trás dela, que influenciaria decisivamente o curso do tratamento e determinaria a sua conclusão prematura); e que a paciente assumia o papel masculino frente a seu objeto amoroso (apresentava humildade e sublime supervalorização do objeto sexual, assim como a renúncia a toda satisfação narcísica e a preferência de ser o amante e não o amado).

De acordo com Freud, na infância, a jovem se engajara de forma aparentemente normal no complexo de Édipo feminino, entretanto, posteriormente, ao renunciar ao desejo incestuoso pelo pai, este é substituído por um irmão ligeiramente mais velho que ela. Aos cinco anos de idade ou, talvez um pouco antes (início do período de latência), a percepção da diferença do órgão genital do irmão e o seu, “deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes consequências”²⁹².

Entre os cinco e seis anos de idade, o nascimento de um segundo irmão não exerceu influência especial sobre o desenvolvimento da paciente. Já na pré-puberdade, na escola, recebe os conhecimentos sobre sexo com sentimentos mistos de lascívia e assustada aversão. Dos treze aos quatorze anos, afeiçoa-se terna e exageradamente por um menino de menos de três anos de idade, a quem via regularmente num *playground* infantil, o que fez surgir em consequência uma amizade duradoura entre ela e os pais da criança. Freud aponta que, sobre esse episódio, pode-se inferir que,

Naquela época, achava-se possuída de forte desejo de ser mãe e ter um filho. Contudo, após curto período, tornou-se indiferente ao menino e

²⁹¹ *Ibid.*

²⁹² *Ibid.*, p.167.

começou a interessar-se por mulheres maduras, porém de aparência ainda jovem²⁹³.

Essa mudança, segundo Freud²⁹⁴, ocorreu simultaneamente a uma nova gravidez da mãe da paciente, quando esta contava cerca de dezesseis anos de idade. A análise da jovem revelou que as mulheres por quem passou a se interessar eram substitutas de sua mãe. Apesar de a própria dama não ser mãe, os primeiros objetos de sua afeição, após o nascimento do irmão mais novo, haviam sido mulheres entre trinta e trinta e cinco anos de idade e com filhos.

A maternidade como condição *sine qua non* em seu objeto amoroso, entretanto, foi mais tarde abandonada, pois esta precondição era difícil de combinar com outra, que foi se tornando cada vez mais importante. A ligação demasiadamente intensa com a dama, seu último amor, tinha como fundamento características físicas desta, que a faziam lembrar-se do irmão que era um pouco mais velho que ela.

Assim, sua última escolha correspondia não só ao ideal feminino, como também ao masculino; combinava a satisfação da tendência homossexual com a tendência heterossexual²⁹⁵.

É importante para Freud tentar compreender por que esta jovem, que já estava madura e com intensos desejos próprios, vai direcionar sua ternura apaixonada à sua mãe, após o nascimento do irmão mais novo, através de um substituto da mesma. A conclusão que ele chega é a seguinte:

No exato período em que a jovem experimentava a revivescência de seu complexo de Édipo infantil, na puberdade, sofreu seu grande desapontamento. Tornou-se profundamente cônica do desejo de possuir um filho, um filho homem; seu desejo de ter um filho de seu *pai* e uma imagem *dele*, na consciência ela não podia conhecer. Que sucedeu depois? Não foi *ela* quem teve o filho, mas sua rival inconscientemente odiada, a mãe. Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e

²⁹³ *Ibid.*, p.167-168.

²⁹⁴ *Ibid.*

²⁹⁵ *Ibid.*, p.168.

dos homens. Passado esse primeiro grande revés, abjurou de sua feminilidade e procurou outro objetivo para sua libido²⁹⁶.

Freud relata que algumas coisas bem diferentes poderiam ter acontecido mediante tal desapontamento, sendo que o que ocorreu foi o caso mais extremo: “a jovem repudiara inteiramente seu desejo de um filho, o amor dos homens e o papel feminino em geral”²⁹⁷; e assim, “ela se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor”²⁹⁸. Ademais, foi a partir dessa transformação de sentimentos que ela busca uma mãe substituta, a quem poderia se apaixonar.

Um ponto importante demarcado por Freud²⁹⁹ foi que havia um motivo prático para que essa mudança ocorresse e este derivava das relações reais da paciente com a mãe, servindo como novo ganho [secundário] à sua doença. O fato de a própria mãe ainda dar grande valor às atenções e à admiração dos homens determinava certa antipatia e rivalidade com a filha, que entendia que se tornando homossexual e deixando-os para ela (‘se se retirasse em benefício’ dela), poderia, assim, afastar tais sentimentos.

Através de sua atitude tão afetuosa para com uma mulher, a jovem também percebeu que poderia ferir o pai e vingar-se dele e, desse modo, permaneceu homossexual em desafio a ele, não tendo escrúpulos em mentir-lhe e enganá-lo de todas as formas. Para Freud, era notável

que ambos os genitores se comportavam como se entendessem a psicologia secreta da filha. A mãe era tolerante, como se apreciasse a ‘retirada’ da filha como um favor feito a ela; o pai se enfurecia, como se compreendesse a vingança deliberada dirigida contra ele³⁰⁰.

Ademais, Freud³⁰¹ avalia que, a escolha da jovem direcionada a uma mulher considerada uma *cocotte*³⁰² ocorreu devido a essa própria

²⁹⁶ *Ibid.*, p.169.

²⁹⁷ *Ibid.*, p.170.

²⁹⁸ *Ibid.*

²⁹⁹ *Ibid.*

³⁰⁰ *Ibid.*, p.171.

³⁰¹ *Ibid.*

qualidade, correspondendo com ‘um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens’, que foi descrito por ele em outro trabalho (1910*h*), e cujas características especiais foram remetidas à ligação com a mãe. Por essa perspectiva, quando ela descobre que sua dama merecia tal qualificação, “[...] sua reação assumiu a forma de uma grande compaixão e de fantasias e planos para ‘resgatar’ sua querida dessas circunstâncias ignóbeis”³⁰³.

Após o levantamento das forças que conduziram a libido da jovem da atitude de Édipo normal à da homossexualidade, e dos caminhos psíquicos percorridos por ela no processo, Freud³⁰⁴ conclui que o elemento mais importante para compreensão desse desvio foi a impressão causada pelo nascimento do irmão, o que poderia incliná-lo a classificar o caso como de inversão adquirida tardiamente. Contudo, como já havia observado anteriormente, tal fator poderia ter levado a outros resultados, não sendo possível, portanto, sustentar a premissa de que toda a jovem que experimenta um desapontamento amoroso na atitude do Édipo na puberdade necessariamente se tornará homossexual.

Assim, na jovem paciente “podem ter existido fatores especiais que fizeram pender a balança, fatores externos ao trauma, provavelmente de natureza interna”³⁰⁵. Freud pontua que nela, por exemplo, as tendências ligadas aos entusiasmos homossexuais, amizades exageradamente intensas e sensuais, tão comuns em ambos os sexos durante os primeiros anos após a puberdade, mostraram-se, sem dúvida, mais fortes e permaneceram mais tempo do que em outras pessoas. Além disso,

Esses presságios de homossexualidade posterior haviam ocupado sempre a sua vida *consciente*, enquanto a atitude originária do complexo de Édipo permanecera *inconsciente* e se mostrara apenas em sinais, tais como o seu comportamento terno com o garotinho³⁰⁶.

³⁰² Mulher que possui má reputação por viver simplesmente de oferecer seus favores corporais. *Ibid.*

³⁰³ *Ibid.*, p.173.

³⁰⁴ *Ibid.*

³⁰⁵ *Ibid.*, p.179-180.

³⁰⁶ *Ibid.*, p.180.

Freud³⁰⁷ destaca ainda, entre outros aspectos importantes externos ao trauma, que, quando estudante, a paciente se manteve apaixonada durante um longo período, por uma professora rígida e de quem não podia se aproximar, evidentemente uma substituta da mãe. Além disso, interessou-se por certo número de jovens mães, bem antes do nascimento do irmão. Assim, muito precocemente, sua libido fluía em duas correntes: a da superfície, que se pode designar como homossexual, segundo Freud, “era provavelmente uma continuação direta e sem modificações de uma *fixação* infantil na mãe”³⁰⁸; já a corrente heterossexual e mais profunda da libido, em ocasião apropriada, foi desviada para a homossexual e manifesta, tal como revelou o processo da análise descrito até aqui.

Tomando como referência a análise, também ficou demonstrado que a paciente trouxera consigo, desde a infância, um ‘complexo de masculinidade’; desenvolvera uma acentuada inveja do pênis e “diversas pistas indicavam que, anteriormente, deveria ter tido fortes tendências exibicionistas e escopofílicas”³⁰⁹.

Freud³¹⁰ acrescenta que a homossexualidade da jovem estaria, portanto, ligada à forte fixação materna, sendo esta resultante da combinação de duas influências importantes: a negligência da mãe e a comparação de seus órgãos genitais com os do irmão. Segundo ele, na prática, os caracteres herdados e adquiridos aparecem mesclados e misturados, o que dificulta distingui-los teoricamente; sugere, então, que não seja dado demasiado valor à classificação do caso.

Por fim, Freud insiste em que é preciso distinguir bem as questões da escolha de objeto, por um lado, e do caráter sexual (físico) e da posição sexual (atitude masculina ou feminina), por outro lado. Apenas as suas formas de combinação podem definir a perversão homossexual, nas diferentes variantes de suas manifestações, tanto no homem como na mulher, para não confundi-la com a homossexualidade latente do neurótico. Ademais, afirma que:

não compete à psicanálise solucionar o problema da homossexualidade. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha do objeto, e remontar

³⁰⁷ *Ibid.*

³⁰⁸ *Ibid.*, p.180.

³⁰⁹ *Ibid.*, p.181.

³¹⁰ *Ibid.*

os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais³¹¹.

Valas comenta que, a partir dessas constatações, tanto a perversão como as psiconeuroses serão consideradas por Freud posições subjetivas específicas ligadas às transformações de sua estruturação no quadro edipiano. “A grande mutação subjetiva de sua teoria é realizada, e o caminho está aberto para uma reformulação da metapsicologia com a segunda tópica”³¹².

2.5 A SEGUNDA TÓPICA (1920-1938)

Dois textos se destacam nessa última etapa do estudo da concepção freudiana sobre as perversões sexuais – *Além do princípio de prazer* (1920) e *O ego e o id* (1923) – a partir dos quais duas direções são tomadas: com a conceituação da pulsão de morte, Freud chega a novas considerações sobre o masoquismo; com a segunda tópica, as inter-relações entre as instâncias do ego, do id e do superego, o conduzem à apreensão da gênese do fetichismo através de um mecanismo específico, a renegação ou rejeição da castração.

2.5.1 Novas considerações sobre o masoquismo

Em *Além do princípio de prazer* (1920) Freud considera, com base em suas observações clínicas da neurose de transferência, dos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e das brincadeiras infantis, que se pode “supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer [...]”³¹³. O automatismo de repetição seria algo mais primitivo, mais elementar do que o princípio de prazer que ele domina.

Assim, a compulsão à repetição não responde à lei que rege o princípio do prazer – que diz que o curso tomado pelos processos mentais é colocado em movimento por uma tensão desagradável e busca reduzir essa tensão, isto é, evitar o desprazer ou produzir prazer – mas

³¹¹ *Ibid.*, p.182.

³¹² Valas, 1990, p.79.

³¹³ Freud (1920), 1996, p.33.

impõe-lhe a sua própria, a qual Freud identifica como ‘pulsão de morte’, oposta à pulsão de vida:

Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definidamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre pulsões do ego e pulsões sexuais, mas entre pulsões de vida e pulsões de morte³¹⁴.

Segundo Valas³¹⁵, apesar de todos os impasses conceituais que esse dualismo pulsional acarreta, ele será mantido por Freud até o fim, diferenciando essa nova lei do funcionamento da vida psíquica.

O amor objetal, de acordo com Freud, apresenta um segundo exemplo de polaridade das pulsões, que pode ajudar a esclarecer sua teoria: “a existente entre o amor (ou afeição) e o ódio (ou agressividade)”³¹⁶. Ele assinala que desde o início foi identificado a presença de um componente sádico na pulsão sexual, que, como já se sabe, pode tornar-se independente e, sob a forma de perversão, dominar toda a atividade sexual de um indivíduo. Tal componente surge também como uma pulsão predominante numa das ‘organizações pré-genitais’. Essas colocações, então, o levam a pensar sobre a seguinte questão: “Mas, como pode a pulsão sádica, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida?”³¹⁷.

Freud pressupõe que esse sadismo é realmente uma pulsão de morte que, por influência da libido narcisista, é expulso do ego e surge em relação ao objeto, entrando em ação a serviço da função sexual:

Durante a fase oral da organização da libido, o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto; posteriormente, a pulsão sádica se isola, e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, para os fins da reprodução, a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à efetivação do ato sexual. Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que foi expulso do ego apontou o caminho para os componentes libidinais da pulsão

³¹⁴ *Ibid.*, p.63.

³¹⁵ Valas, 1990.

³¹⁶ Freud (1920), 1996, p.64.

³¹⁷ *Ibid.*

sexual e que estes o seguiram para o objeto. Onde quer que o sadismo original não tenha sofrido mitigação ou mistura, encontramos a ambivalência de amor e ódio na vida erótica³¹⁸.

A forma pela qual as pulsões de vida e de morte se combinam não está ainda clara, neste momento, para Freud. Entretanto, a existência da pulsão de morte o leva a modificar sua concepção sobre o masoquismo. Anteriormente, por suas observações clínicas, o masoquismo era entendido como um sadismo que se voltou para o próprio ego do sujeito, o que constituiria um retorno a uma fase anterior da história da pulsão, uma regressão. Sendo assim, só o sadismo era considerado uma tendência primária da pulsão sexual. Agora, um novo ponto está em discussão: “[...] em princípio, não existe diferença entre uma pulsão voltar-se do objeto para o ego ou do ego para um objeto”³¹⁹, o que leva Freud a pensar que poderia haver também um masoquismo primário.

Valas³²⁰ considera que algumas das formulações de Freud feitas até aqui são relativamente claras e destaca que:

O que ele chamava de pulsão sado-masoquista aparecia como a combinação de duas tendências pulsionais originárias, um componente sádico e um componente masoquista. Mas não se deve confundir-las com as perversões sádicas ou masoquistas, nas quais, tornando-se independentes, elas se exprimem de forma dominante³²¹.

Ademais, fora essa mudança da tendência masoquista colocada como primária, que segundo Valas³²² é o que leva Freud a questionar seu estatuto econômico, as definições de perversões sádicas ou masoquistas não são profundamente alteradas e se mantêm referidas por ele como uma posição subjetiva específica. O sujeito no sadismo se identifica ao parceiro a quem atormenta, por ódio ou amor, e, portanto, goza de forma masoquista. Já no masoquismo, o sujeito se presta como objeto aos tormentos que lhe são dirigidos pelo parceiro e, como o

³¹⁸ *Ibid.*, p.64-65.

³¹⁹ *Ibid.*, p.65.

³²⁰ Valas, 1990.

³²¹ *Ibid.*, p.82.

³²² *Ibid.*

sádico, ainda que de forma menos confortável, ele não goza pela dor, mas por sua erotização.

No artigo *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924), Freud toma como certa a existência de um masoquismo primário e fornece uma descrição mais completa do fenômeno através do estudo das relações entre o princípio do prazer e as pulsões de vida e de morte. Ele afirma que “a existência de uma tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos pode corretamente ser descrita como misteriosa desde o ponto de vista econômico”³²³; isso porque, se é o princípio do prazer que governa os processos mentais e se seu primeiro objetivo é evitar o desprazer e obter prazer, o masoquismo é incompreensível e aparece como um grande perigo:

Se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado – é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga³²⁴.

Essas considerações levam Freud a rever a opinião, assumida anteriormente, de que segundo o princípio do prazer todo desprazer deve coincidir com uma elevação e todo prazer com um rebaixamento da tensão mental devida ao estímulo:

Parece que na série de sensações de tensão temos um sentido imediato do aumento e diminuição das quantidades de estímulo, e não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão³²⁵.

Ele cita o estado de excitação sexual como o exemplo mais notável em que há um aumento prazeroso da tensão.

O prazer e o desprazer, portanto, não estão relacionados apenas com a quantidade (aumento ou diminuição) da tensão de excitação. Segundo Freud³²⁶, parece que não é desse fator quantitativo que eles dependem, mas de alguma característica qualitativa dele, ainda

³²³ Freud (1924), 1996, p.177.

³²⁴ *Ibid.*

³²⁵ *Ibid.*, p.178.

³²⁶ *Ibid.*

desconhecida (talvez o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo).

Retomando ao masoquismo, Freud³²⁷ o distingue em três formas: o masoquismo erógeno, como condição imposta à excitação sexual; o masoquismo feminino, como expressão da natureza feminina, e o masoquismo moral, como norma de comportamento.

Freud³²⁸ inicia seu estudo pelo masoquismo feminino, que é para ele o mais acessível à observação e o menos problemático. Ele assinala que possui familiaridade com esse tipo de masoquismo nos homens, a quem, devido ao material à sua disposição, restringe suas observações.

Uma distinção é feita por Freud entre ‘indivíduos masoquistas’, com frequência, impotentes, “cujas fantasias se concluem por um ato de masturbação ou representam uma satisfação sexual em si próprias”³²⁹, e ‘pervertidos masoquistas’, que desempenham na vida real essas fantasias, levando-as a cabo como um fim em si próprio, ou servindo para induzir potência e conduzir ao ato sexual. Nos dois casos, o conteúdo manifesto das fantasias “é de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e aviltado”³³⁰.

A interpretação óbvia a que, de acordo com Freud, facilmente se chega, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas, de modo particular, como uma criança travessa. Além disso, ele pontua que através do estudo das fantasias masoquistas “se descobre que elas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê”³³¹. Foi tal característica que o levou a classificar essa forma de masoquismo de feminina, apesar de tantas outras apontarem para vida infantil.

Para Freud, portanto, o masoquismo feminino tem relação com a castração, que não é representada, ou o é de maneira deslocada (ser cegado, por exemplo), o que “com frequência deixa um traço negativo de si próprio nas fantasias [...]”³³². O sentimento de culpa também aparece no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas; o indivíduo supõe que cometeu algum crime, o qual não consegue definir, mas que

³²⁷ *Ibid.*

³²⁸ *Ibid.*

³²⁹ *Ibid.*, p.179.

³³⁰ *Ibid.*

³³¹ *Ibid.*, p.180.

³³² *Ibid.*

por isso deve ser punido (através daqueles procedimentos penosos e atormentadores). Freud assinala que esse sentimento de culpa que aparece nessa forma de masoquismo está vinculado à masturbação infantil.

Segundo Valas, o masoquismo feminino, como ‘expressão do ser da mulher’, que se apreende nesse texto de Freud (através do estudo no homem),

Não designa de modo algum, como se compreendeu erroneamente, com muita frequência, que as mulheres sejam essencialmente masoquistas, menos ainda no contexto da perversão sexual³³³.

Essa forma de masoquismo descrita até agora tem como base o masoquismo primário, erógeno – o prazer no sofrimento, na dor –, que Freud concebe, a partir de sua elaboração das pulsões de vida e de morte, como componente da pulsão sexual e não como derivado do sadismo original.

A pulsão de morte, que Freud³³⁴ também denomina de pulsão destrutiva, de domínio ou vontade de poder, possui uma parte, a qual é destacada do ego e colocada diretamente a serviço da pulsão sexual, que é o seu componente sádico. Essa porção é facilmente observável, pois se dirige desde muito cedo aos objetos, com o intuito de assimilá-los, dominá-los ou destruí-los no estágio da organização pré-genital, oral ou sádico-anal, e depois genital. Ela pode ainda produzir uma perversão sádica, ao se tornar independente e dominar a vida sexual do sujeito.

Após essa parte principal da pulsão de morte que opera no organismo ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta, como um resíduo, outra parte da pulsão, o componente masoquista. A princípio, Freud³³⁵ o concebe como secundário ao componente sádico, quando este retorna sobre o próprio eu e sua atividade se converte em passividade. Agora, neste artigo, ele identifica essa porção como masoquismo original, erógeno: “Esse masoquismo seria assim prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre a pulsão de morte e Eros se efetuou”³³⁶.

³³³ Valas, 1990, p.84.

³³⁴ Freud (1924), 1996.

³³⁵ *Ibid.*

³³⁶ *Ibid.*, p.182.

Freud³³⁷ afirma que o masoquismo erógeno segue a libido em todas as suas fases de desenvolvimento e delas extrai seus revestimentos psíquicos que se alteram: o medo de ser devorado pelo pai tem origem na fase oral; o desejo de ser espancado por ele provém da fase anal-sádica; a fase fálica introduz no conteúdo das fantasias masoquistas o seu precipitado, a castração, embora esta seja posteriormente rejeitada, renegada; e por fim, na fase genital, surgem as fantasias de ser copulado e de dar à luz, características da feminilidade.

Para Freud³³⁸, ainda, não haverá surpresa se, em determinadas circunstâncias, o componente sádico, antes dirigido para fora, projetado, seja mais uma vez introjetado, regredindo assim à sua situação anterior. Neste caso, produz-se um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original. Valas assinala que:

Durante esse processo, este composto pode se tornar independente e constituir uma verdadeira perversão masoquista, onde predomina o prazer da dor ligado à sua erotização³³⁹.

A terceira forma de masoquismo que Freud distingue, o masoquismo moral, difere de todos os outros sofrimentos masoquistas que levem consigo a condição de que emanem da pessoa amada e sejam tolerados pelo sujeito. Aqui, essa restrição foi abandonada:

O próprio sofrimento é o que importa; ser ele decretado por alguém que é amado ou por alguém que é indiferente não tem importância. Pode mesmo ser causado por poderes impessoais ou pelas circunstâncias; o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe³⁴⁰.

Freud relata que em seu artigo *O ego e o id (1923b)* ele atribui a alguns pacientes um sentimento de culpa ‘inconsciente’ (ou uma necessidade de punição), devido ao comportamento destes perante a influência terapêutica do tratamento. Ele constata que essas pessoas podem ser reconhecidas por um sinal, uma ‘reação terapêutica negativa’,

³³⁷ *Ibid.*

³³⁸ *Ibid.*

³³⁹ Valas, 1990, p. 85.

³⁴⁰ Freud (1924), 1996, p.183.

e que a força de tal impulso constitui uma das mais importantes resistências e o maior perigo ao sucesso do tratamento. O masoquismo moral estaria ligado à satisfação desse sentimento de culpa, que é talvez a mais poderosa defesa do indivíduo no lucro que obtém da doença, “na soma das forças que lutam contra o restabelecimento e se recusam a ceder seu estado de enfermidade”³⁴¹. O sofrimento acarretado pelas neuroses, por exemplo, “é exatamente o fator que as torna valiosas para a tendência masoquista”³⁴².

Seguindo seu comentário sobre o mesmo artigo, Freud retoma o que foi dito sobre o comportamento dos pacientes, que

dão a impressão de serem moralmente inibidos em grau excessivo, de estarem sob o domínio de uma consciência especialmente sensível, embora não sejam conscientes em nada dessa ultramoralidade³⁴³.

Segundo ele, através de uma observação mais próxima, pode-se verificar a diferença existente entre uma extensão inconsciente da moralidade, desse tipo, e o masoquismo moral:

Na primeira, o acento recai sobre o sadismo intensificado do superego a que o ego se submete; na última, incide no próprio masoquismo do ego, que busca punição, quer do superego quer dos poderes parentais externos³⁴⁴.

A confusão inicial, afirma Freud³⁴⁵, ocorreu pelo fato de que em ambos os casos se trata de um relacionamento entre o ego e o superego, e o que está envolvido é uma necessidade que é satisfeita pela punição e pelo sofrimento. É difícil, portanto, que se trate de um detalhe insignificante que o sadismo do superego se torne, na maior parte, consciente, mas ofuscado, e que a tendência masoquista do ego permaneça, via de regra, oculta ao indivíduo, precisando ser deduzida de seu comportamento.

³⁴¹ *Ibid.*, p.183.

³⁴² *Ibid.*

³⁴³ *Ibid.*, p.186.

³⁴⁴ *Ibid.*, p.186.

³⁴⁵ *Ibid.*

Freud³⁴⁶ afirma que, pelo fato de ser inconsciente, o masoquismo moral indica uma pista óbvia. A expressão ‘sentimento inconsciente de culpa’ pode ser traduzida “como significando uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno”³⁴⁷. Já se sabe que o desejo, frequente nas fantasias de ser espancado pelo pai, tem relação com outro desejo, “o de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, e constitui apenas uma deformação regressiva deste último”³⁴⁸. Inserindo essa explicação no masoquismo moral, seu conteúdo oculto pode ser revelado da seguinte forma:

A consciência e a moralidade surgiram mediante a superação, a dessexualização do complexo de Édipo; através do masoquismo moral, porém, a moralidade mais uma vez se torna sexualizada, o complexo de Édipo é revivido e abre-se o caminho para uma regressão, da moralidade para o complexo de Édipo³⁴⁹.

Encontra-se, portanto, no masoquismo moral uma conjugação do componente masoquista primário do ego (o masoquismo erógeno) e a severidade aumentada do superego (herdeiro do complexo de Édipo). Freud pontua também que o perigo dessa forma de masoquismo reside no fato de ela ter sua origem na pulsão de morte e corresponder à parte dessa pulsão que escapou de ser voltada para fora. Por outro lado, uma vez que ela tem a significação de um componente erótico, “a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal”³⁵⁰.

2.5.2 *Verleugnung*

No artigo *O ego e o id*, de 1923, Freud³⁵¹ apresenta as três instâncias que constituem a sua segunda tópica: o id, o superego e o ego, e através de suas inter-relações ele define suas características, motivações e estratégias próprias.

³⁴⁶ *Ibid.*

³⁴⁷ *Ibid.*

³⁴⁸ *Ibid.*, p.187.

³⁴⁹ *Ibid.*

³⁵⁰ *Ibid.*, p.188.

³⁵¹ Freud (1923), 1996.

Do ponto de vista econômico, o id é o grande reservatório da libido. É a parte da mente através do qual o ego se estende e se comporta como se fosse inconsciente. O ego se forma e se diferencia a partir do id, ele não se encontra nitidamente separado dele, sua parte inferior funde-se com ele. O reprimido se destaca do ego pelas resistências da repressão, também se funde com o id, é uma parte dele e pode comunicar-se com o ego através dele. O id contém as paixões; o ego procura aplicar a influência do mundo externo a ele e às suas tendências e esforça-se por substituir o princípio do prazer, que nele reina irrestritamente, pelo princípio da realidade. As experiências do ego, quando se repetem com muita frequência e intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. “Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos [...]”³⁵².

Segundo Freud³⁵³, o superego ou ‘ideal do ego’ é uma gradação no ego, uma diferenciação dentro dele, uma parte dele que está menos firmemente vinculada à consciência. Ele verificou que tal como ocorre na melancolia – em que uma catexia do objeto é substituída por uma identificação – uma substituição desse tipo tem grande importância na determinação da forma tomada pelo ego e também na origem do superego: “por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai”^{354,355}. Além de ser um resíduo das primitivas escolhas objetais do id, o superego “representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas”³⁵⁶. Ele tem a missão de reprimir o complexo de Édipo e é a partir desse evento que ele se origina. O superego é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressa também os mais poderosos impulsos e as mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo o superego, o ego domina o complexo de Édipo e coloca-se em sujeição ao id.

³⁵² *Ibid.*, p.51.

³⁵³ *Ibid.*

³⁵⁴ Em nota de rodapé Freud afirma que “talvez fosse mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe”. *Ibid.* p. 44.

³⁵⁵ *Ibid.*

³⁵⁶ *Ibid.*, p.47.

O ego tem início no sistema perceptivo, que é o seu núcleo, e começa por abranger o pré-consciente, adjacente aos resíduos mnêmicos. Contudo, o ego é também inconsciente. Ele não envolve completamente o id, mas apenas até o ponto em que o sistema perceptivo forma a sua (do ego) superfície. O ego é a parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo (Pcpt. Cs). A partir do id ele se constitui por uma série de diferenciações ligadas a identificações sucessivas. Para ele, a percepção desempenha um papel que no id cabe à pulsão. Ele representa o que se pode chamar de razão e senso comum e tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. Assim, ‘serve a três senhores’: o id e suas exigências das pulsões; o mundo externo, cujos perigos ele capta; e o superego, cuja severidade lhe pode servir de modelo. Freud afirma que outro fator que parece ter influência na formação do ego, além do sistema perceptivo, seria o corpo: “O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas como internas”³⁵⁷. Assim, “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; [...]”³⁵⁸.

Esse breve resumo se fez necessário para compreensão do que Freud³⁵⁹ propõe em 1924, a saber, uma fórmula simples que trata da diferença entre uma neurose e uma psicose:

A neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo³⁶⁰.

De acordo com Valas³⁶¹, Freud é prudente na apresentação dessa fórmula e detalha cuidadosamente os fenômenos psíquicos em questão e suas correlações com as estruturas que os condicionam para alcançar tais resultados. Segue, portanto, um procedimento estrutural, em conformidade com seu esquema da segunda tópica, e desse modo apresenta a abordagem dos fatos clínicos que observa. E é através de suas investigações sobre a neurose e a psicose que ele é levado a delimitar de forma mais clara a problemática da recusa.

³⁵⁷ *Ibid.*, p. 39.

³⁵⁸ *Ibid.*

³⁵⁹ Em seu artigo *Neurose e psicose*.

³⁶⁰ Freud, (1924[1923]), 1996, p.167.

³⁶¹ Valas, 1990.

O conceito de renegação ou recusa [*Verleugnung*] é introduzido por Freud no texto *A organização genital infantil* (1923) e depois em *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924). No primeiro artigo, ele inicia questionando sua afirmação feita nos *Três ensaios* (1905), de que no primeiro período da infância, a primazia dos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. Agora, ele pontua que mesmo não havendo uma combinação adequada das pulsões parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco abaixo da atingida na maturidade. A característica principal dessa ‘organização genital infantil’ coincide com sua diferença em relação à organização final do adulto:

Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo³⁶².

Assim, de início, o menino não vincula a distinção entre homens e mulheres a uma diferença nos órgãos genitais; ele presume que todos os seres humanos possuem um órgão genital como o seu próprio. Seu interesse nesta parte do corpo “facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações”³⁶³, leva-o a investigá-la em outras pessoas, quando então ele descobre que o pênis não é uma possessão comum a todos. Freud assinala que a reação das crianças às suas primeiras impressões da ausência do órgão masculino é a de que elas *rejeitam*³⁶⁴ o fato e acreditam que realmente vêm um pênis:

encobrem a contradição entre a observação e a preconceção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois

³⁶² Freud (1923), 1996, p.158.

³⁶³ *Ibid.*

³⁶⁴ Em nota de rodapé do editor inglês, fica esclarecido que a palavra *Verleugnung* foi no passado frequentemente traduzida por ‘negação’ [‘denial’] e o verbo associado por ‘negar’ [‘to deny’]. Essas, porém, são palavras ambíguas e julgou-se melhor escolher ‘rejeitar’, a fim de evitar confusão com o alemão ‘*Verneinen*’, usado, por exemplo, no artigo sobre ‘A negativa’ (1925). *Ibid.*, p.159.

lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria³⁶⁵.

Num artigo posterior, *A dissolução do complexo de Édipo (1924)*, Freud mostra como o menino reluta em aceitar a ameaça da castração. Ao voltar seu interesse para seus órgãos genitais, a criança (do sexo masculino) revela o fato manipulando-os frequentemente e, então, descobre que os adultos não aprovam esse comportamento, pois parte deles uma ameaça de que essa parte do seu corpo lhe será tirada. A princípio, ela não acredita na ameaça ou não a obedece totalmente; contudo, mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, percebe a diferença quando vê a região genital de uma menina: “com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado”³⁶⁶.

Nesse trabalho, Freud também assinala que, nesta fase, a masturbação constitui uma descarga genital da excitação sexual pertinente ao complexo de Édipo, o qual oferece à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ela pode tomar a posição masculina do pai e ter relações com a mãe, como tinha o pai, sentindo este último como um estorvo; ou pode tomar a posição da mãe e ser amada pelo pai, o que tornaria a mãe supérflua. Acontece que o reconhecimento de que as mulheres são castradas põe fim a essas duas formas possíveis de obter satisfação, pois ambas acarretam a perda de seu pênis – a masculina como punição resultante e a feminina como precondição. Sendo assim,

se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo³⁶⁷.

³⁶⁵ *Ibid.*, p.159.

³⁶⁶ Freud (1924), 1996, p.195.

³⁶⁷ *Ibid.*, p.196.

Freud³⁶⁸ pontua que o processo descrito é mais que uma repressão, pois se for idealmente levado a cabo, o que ocorre é uma destruição e abolição do complexo. Ele indica também que, dessa forma, chega-se aqui à linha fronteira – nunca bem nitidamente traçada – entre o normal e o patológico. No caso do ego não conseguir muito mais que uma repressão do complexo, este acaba por persistir em estado inconsciente no id, manifestando mais tarde seu efeito patogênico.

De acordo com Ferraz, a renúncia ao objeto edípico não ocorre facilmente: “trata-se de um processo sujeito a marchas e contramarchas, que terá fim apenas com uma ameaça suficientemente forte”³⁶⁹. Ele assinala que caso a dissolução não aconteça de forma ideal, ou seja, se o recalque não for eficaz, uma saída possível para esse impasse é a consolidação de uma defesa psíquica diferente do recalque, que vem a ser a *recusa* peculiar à perversão.

Verifica-se, assim, que “a saída encontrada na formação da estrutura perversa nada mais é que um meio de contornar a realidade inelutável da castração”³⁷⁰. Ferraz adverte, entretanto, que seria impreciso afirmar que a recusa é um mecanismo exclusivo da estruturação de uma perversão, pois, seguindo as indicações de Freud, pode-se verificar que se trata de um mecanismo defensivo geral, que concorre, até certo ponto, com o recalque.

No artigo *A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)*, Freud retoma o conceito de renegação [*Verleugnung*], indicando que esse mecanismo induziria os processos psicóticos. Sua busca em diferenciar a neurose e a psicose o leva a pontuar que, na primeira, não há a rejeição da realidade, ela é simplesmente evitada, através do recalque; já na segunda, a realidade é rejeitada, transformada, substituída:

em uma psicose, a transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela – isto é, sobre os traços de memória, as ideias e os julgamentos anteriormente derivados da realidade e através dos quais a realidade foi representada na mente. Essa relação, porém jamais foi uma relação fechada; era continuamente enriquecida e alterada por

³⁶⁸ *Ibid.*

³⁶⁹ Ferraz, 2008, p.31.

³⁷⁰ *Ibid.*

novas percepções. Assim, a psicose também depara com a tarefa de conseguir para si própria percepções de um tipo que corresponda à nova realidade, e isso muito radicalmente se efetua mediante a alucinação³⁷¹.

No final deste trabalho, parece difícil ainda para Freud³⁷² distinguir claramente o mecanismo da perda da realidade na neurose e na psicose, pois ele afirma que é provável que na psicose o fragmento de realidade rejeitado esteja constantemente se impondo à mente, assim como a pulsão reprimida na neurose, podendo-se com isso concluir que em ambos os casos os mecanismos também são os mesmos.

Ademais, Freud acrescenta que dificilmente se pode duvidar que o mundo da fantasia desempenhe o mesmo papel na neurose e na psicose, pela circunstância de que não faltam nelas tentativas de substituição de uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo. O *mundo da fantasia* seria “um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade”³⁷³. Desde então, esse domínio ficou livre das pretensões das exigências da vida, reservado, não sendo inacessível ao ego, mas frouxamente ligado a ele. Ele seria “o depósito do qual derivam os materiais ou o padrão para construir a nova realidade”³⁷⁴, tanto na neurose como na psicose. Em ambas, portanto, interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também um substituto para a realidade.

Valas³⁷⁵ aponta, entretanto, uma diferença radical entre o que ocorre na neurose e na psicose, no que tange esse domínio:

Enquanto na neurose há uma substituição imaginária (ou seja, a fantasia, como as brincadeiras da criança) para a retirada da realidade, na psicose essa substituição imaginária não existe, já que o remanejamento da realidade toca o simbólico³⁷⁶.

³⁷¹ Freud (1924), 1996, p.207.

³⁷² *Ibid.*

³⁷³ *Ibid.*, p.208.

³⁷⁴ *Ibid.*, 209.

³⁷⁵ Valas, 1990.

³⁷⁶ *Ibid.*, p.94.

Freud designa o que acontece na psicose da seguinte maneira:

[...] O novo e imaginário mundo externo de uma psicose tenta colocar-se no lugar da realidade – um fragmento diferente daquele contra o qual tem de defender-se –, e emprestar a esse fragmento uma importância especial e um significado secreto que nós (nem sempre de modo inteiramente apropriado) chamamos de *simbólico*³⁷⁷.

De acordo com Valas³⁷⁸, Freud distingue neste artigo os registros do imaginário e do simbólico – o que está bem na continuação de sua segunda tópica, na qual ele destaca pouco a pouco a função imaginária do eu.

Uma melhor compreensão do mecanismo diferencial entre a perda da realidade na neurose e na psicose será encontrada no texto de *A negativa*³⁷⁹ (1925), no qual Freud apresenta os tipos de negação e reforça o lugar ocupado pela *Verleugnung* na organização do aparelho psíquico e no processo de representação. Ele inicia expondo o seguinte esquema:

A função do julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões. Ele afirma ou desafirma a posse, em uma coisa, de um atributo particular, e assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade³⁸⁰.

Segundo Freud, o atributo sobre o qual se deve decidir pode originalmente ter sido bom ou mau, útil ou prejudicial. “Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos pulsionais – os orais – o julgamento é: ‘Gostaria de comer isso’, ou ‘gostaria de cuspi-lo fora’ [...]”³⁸¹, ou seja, o ego-prazer original deseja introjetar tudo o que é bom e expulsar de si tudo o que é mau (estranho, externo ao ego).

³⁷⁷ Freud (1924), 1996, p.209.

³⁷⁸ Valas, 1990.

³⁷⁹ Há diferentes traduções para o título desse trabalho de Freud, e O *Dicionário de psicanálise* de Roudinesco & Plon, esclarece que o termo alemão *Verneinung*, no Brasil, pode ser traduzido por denegação, negação ou negativa (como aparece nas obras completas de Freud).

³⁸⁰ Freud (1925), 1996, p.266.

³⁸¹ *Ibid.*, p.266-267.

Quanto à outra decisão tomada pela função do julgamento – se uma representação tem existência real (teste de realidade) –, Freud afirma que é um interesse do ego-definitivo, o qual se desenvolve a partir do ego-prazer inicial. Ele ressalta que no juízo da existência, com efeito,

não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade)³⁸².

Nesse sentido, ele indica adiante que:

[...] o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade não é *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá³⁸³.

Para Freud, com efeito, todas as representações se originam de percepções e são repetições dessas, e graças a essa reprodução na representação, algo que foi percebido pode ser reencontrado na realidade pelo sujeito – o que é impossível na psicose, tendo em vista que, em função de seu mecanismo, a realidade é rejeitada, “de sorte que o sujeito, não dispondo de sua representação sob forma de traços no inconsciente, não pode recuperá-la em seu novo encontro com ela”³⁸⁴.

Nesse artigo, Freud também apresenta o processo da negação ou denegação [*Verneinung*] em que:

[...] O conteúdo de uma imagem ou ideia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido³⁸⁵.

³⁸² *Ibid.*, p.267.

³⁸³ *Ibid.*

³⁸⁴ Valas, 1990, p.95.

³⁸⁵ Freud (1925), 1996, p.265.

No juízo da existência, portanto, negar algo é, no fundo, dizer: ‘Isto é algo que eu preferia reprimir’. Ao final do texto Freud pontua que “essa visão da negativa se ajusta muito bem ao fato de que, na análise, jamais descobrimos um ‘não’ no inconsciente e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se exprime numa fórmula negativa”³⁸⁶.

Valas assinala que pode haver certa dificuldade em distinguir a denegação [*Verneinung*] e a renegação [*Verleugnung*], visto que em ambos os processos existe recalque. Contudo, a diferença está em que “a denegação no sujeito não incide sobre a realidade material, mas sobre a realidade psíquica”³⁸⁷.

Já a *Verleugnung* está vinculada a formação do aparelho psíquico, tem um caráter de defesa e é a primeira das negativas. É associando-se a ela que as outras defesas (*Verdrängung* e *Verwerfung*) se organizam, gerando, por conseguinte, a neurose e a psicose. Queiroz afirma que a “perversão mantém à mostra a defesa arcaica – a *Verleugnung* – justamente pela fenda deixada pelo recalque que não conseguiu costurar, de modo suficiente, a ferida provocada pelo *sa-voir* da castração”³⁸⁸.

2.5.3 O fetichismo

É somente em 1927, na elaboração de seu artigo *Fetichismo*, que Freud apresenta a porta de entrada ao estudo das perversões. Esse texto chega após todos os remanejamentos feitos por ele em sua teoria e traz como, principal interesse, uma direção muito diferente, que tem como base o novo desenvolvimento metapsicológico que ele introduz com a segunda tópica. É como uma forma de acabamento de todos os trabalhos em que ele se dedicou às questões das perversões, de modo que o fetichismo sinaliza uma orientação para que se verifique o extraordinário polimorfismo das manifestações perversas. Para Valas, a perversão, aqui, com efeito, “deve ser distinta em sua estrutura própria, pois ela aparece como um modo de solução específico do desejo”³⁸⁹.

Freud³⁹⁰ inicia esse trabalho comentando que teve oportunidade de estudar analiticamente certo número de homens cuja escolha objetal era dominada por um fetiche. Ele afirma que embora o fetiche seja

³⁸⁶ *Ibid.*, p.269.

³⁸⁷ Valas, p.96.

³⁸⁸ Queiroz, 2004, p.117.

³⁸⁹ Valas, 1990, p.88.

³⁹⁰ Freud (1927), 1996.

reconhecido por seus adeptos como uma anormalidade, não se pode esperar que eles busquem análise por este motivo, pois raramente é sentido por eles como um sintoma acompanhado por sofrimento:

Via de regra, mostram-se inteiramente satisfeitos com ele, ou até mesmo louvam o modo pelo qual lhes facilita a vida erótica. Via de regra, portanto, o fetiche aparece na análise como uma descoberta subsidiária³⁹¹.

Para Freud, o caso mais extraordinário pareceu-lhe ser aquele em que o jovem erigiu como condição de fetiche certo tipo de ‘brilho do nariz’. E a partir da análise foi possível auferir a seguinte explicação: a língua materna do paciente era o inglês, ele foi criado na Inglaterra e, posteriormente, mudou-se para a Alemanha, onde esqueceu, quase por completo, a primeira língua. Era preciso, portanto, entender o fetiche – originado da primeira infância – não em Alemão, mas em inglês:

O ‘brilho do nariz’ [em alemão ‘*Glanz auf der Nase*’] era na realidade um ‘vislumbre (*glance*) do nariz’. O nariz constituía assim o fetiche, que incidentalmente, ele dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros³⁹².

Segundo Valas³⁹³, Freud, com este exemplo, só faz recordar sua tese de que “o objeto (aqui o fetiche) é apenas o objeto reencontrado por suas coordenadas simbólicas (*Glanz auf der Nase*) memorizadas sob forma de traços (*Glance at the nose*) no inconsciente”³⁹⁴. Isso confirma que para Freud o que é recalcado é o representante da representação, a *Vorstellungrepresentanz* (*glance*), que Lacan vai traduzir posteriormente pelo termo ‘significante’.

Ficaram demonstrados, na análise deste e de outros casos clínicos, que o significado e o propósito do fetiche eram os mesmos, o que levou Freud a esperar a mesma solução em todos os casos de fetichismo: o fetiche é o substituto do pênis, porém não de qualquer um; não se trata do pênis real, mas do substituto fálico atribuído como

³⁹¹ *Ibid.*, p.155.

³⁹² *Ibid.*

³⁹³ Valas, 1990.

³⁹⁴ *Ibid.*, p.90.

símbolo pela criança à mãe, no instante em que descobre que ela não tem pênis. Em outras palavras, “o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar”³⁹⁵.

Valas³⁹⁶ indica que, para compreender a gênese desse substituto fálico, é necessário partir da situação originária, em que a criança é capturada, com sua mãe, numa relação constituída pelo ternário: mãe/criança/falo imaginário. Assim, no período pré-edípiano, esse falo imaginário (pois imaginado pela criança) ocupa a função do terceiro faltoso que estrutura essa relação, não permitindo que ela se feche em sua própria satisfação, além de dar um sentido para a criança às repetidas ausências da mãe. Ele assinala que essa função do falo imaginário atribuído pela criança à mãe é ilustrada por Freud no caso do pequeno Hans, pela significação dada ao seu jogo de esconde-esconde.

Com a masturbação, a criança experimenta, muito precocemente, as manifestações reais e prazerosas de seu órgão, e sua relação já erotizada com sua mãe (dependente como está do amor desta), rapidamente é polarizada para sua significação sexual. É desse modo que passa a acreditar na existência do falo na mãe, à imagem do seu próprio. Para as meninas, as coisas também se apresentam dessa forma, o clitóris é tomado como um esboço do órgão fálico que irá crescer³⁹⁷.

De modo geral, a partir do momento em que percebe que a mãe não possui o pênis, a criança, angustiada, a abandona e se volta para o pai, que, enquanto possuidor real do órgão, aparece como aquele que superou a prova da castração e, portanto, torna-se preferível à mãe. Ocorre, então, o engajamento no Édipo, o falo assume o valor simbólico por ser significado pelo seguinte discurso: o homem tem o falo, a mulher não o tem. E assim, pontua Valas, “Freud faz da posse ou não do falo, no primado que dá à assunção fálica, o elemento diferencial primordial onde se opõe a organização genital dos sexos”³⁹⁸.

Voltando ao artigo de Freud, no fetichismo, o menino recusa a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis, pois se uma mulher tinha sido castrada, isso colocava em perigo a posse de seu próprio órgão. Neste ponto, Freud procura esclarecer a diferença entre as palavras ‘rejeição’ [*Verleugnung*] e ‘repressão’ [*Verdrängung*], sendo a primeira relacionada à vicissitude da ideia

³⁹⁵ Freud (1927), 1996, p.155.

³⁹⁶ Valas, 1990.

³⁹⁷ *Ibid.*

³⁹⁸ *Ibid.*, p.91.

(empregada na defesa contra as reivindicações da realidade externa) e a segunda à vicissitude do afeto (aplicando-se à defesa contra exigências pulsionais internas). Ele apresenta ainda o significado do termo ‘escotomização’, cuja utilização neste caso lhe parece inapropriada, por “sugerir que a percepção é inteiramente apagada, de maneira que o resultado é o mesmo que sucede quando uma impressão visual incide sobre o ponto cego da retina”³⁹⁹. Na situação considerada, pelo contrário, foi verificado “que a percepção continuou e que uma ação muito enérgica foi empreendida para manter a rejeição”⁴⁰⁰.

Assim, com o conflito que se estabelece entre o peso da percepção desagradável e força do contradesejo da criança, chega-se a um compromisso:

Sim, em sua mente a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor. Mas esse interesse sofre também um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto⁴⁰¹.

Segundo Freud, a aversão que todo feticlista tem aos órgãos genitais femininos, “permanece um *stigma indelebile* da repressão que se efetuou”⁴⁰². O fetiche, além de manter um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela, também dota as mulheres de características que as torna toleráveis como objetos sexuais, o que evita que o feticlista se torne homossexual. Outra vantagem que o feticlista desfruta de seu substituto de um órgão genital é que o significado deste não é conhecido por outras pessoas, e com isso, não é possível retirá-lo dele; ademais, o fetiche é facilmente acessível, e, através dele, se pode obter prontamente a satisfação sexual.

Freud⁴⁰³ observa também que, provavelmente, o susto da castração a partir da visão de um órgão genital feminino está para todos os indivíduos do sexo masculino. No entanto, ele admite não ser

³⁹⁹ Freud (1927), 1996, p.156.

⁴⁰⁰ *Ibid.*

⁴⁰¹ *Ibid.*, p.157.

⁴⁰² *Ibid.*

⁴⁰³ *Ibid.*

possível ainda explicar por que algumas pessoas se tornam homossexuais em consequência dessa impressão, ao passo que outras a desviam pela criação do fetiche e a grande maioria a supera.

Pode acontecer, com frequência, que os objetos escolhidos como substitutos para o falo ausente da mulher apareçam como símbolos do pênis também sob outros aspectos, ou seja, não têm a menor necessidade de parecer com os órgãos genitais, nem com outros objetos que reproduzem a forma do pênis, mas isso não constitui fator decisivo. Freud compara o processo em que o fetiche é instituído com o que ocorre na amnésia traumática, a saber, uma interrupção na memória: “Como nesse último caso, o interesse do indivíduo se interrompe a meio caminho, por assim dizer; é como se a última impressão, antes da estranha e traumática, fosse retida como fetiche”⁴⁰⁴. Desse modo, a preferência pelo pé ou o sapato como fetiche se devem à circunstância de o menino espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo; peles e veludo constituem uma fixação da visão dos pêlos púbicos; e peças de roupa íntima cristalizam o momento de se despir (momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica).

Outro exemplo de caso clínico apresentado por Freud⁴⁰⁵ neste artigo aponta à atitude dividida dos fetichistas para com o tema da castração feminina, em que tanto a afirmação quanto a rejeição desta encontram caminho na construção do próprio fetiche. É o caso de um homem cujo fetiche era um suporte atlético que também podia ser usado como calção de banho, o qual cobria inteiramente os órgãos genitais e ocultava a distinção entre eles (aqui há uma identificação imaginária do sujeito com a mãe, pois ele possui um falo oculto sob suas roupas). Ficou demonstrado na análise que isso significava que as mulheres eram castradas e que não eram castradas; a hipótese de que os homens eram castrados também existia, pois todas essas possibilidades podiam ser ocultas sob o suporte – que teve como primeiro rudimento em sua infância, a folha de parreira de uma estátua.

Freud afirma ainda que, em outros casos, a atitude dividida se mostra naquilo que o fetichista faz com o fetiche, seja na realidade ou em sua imaginação. Ele pode reverenciá-lo, ou, como em muitos casos, tratá-lo de maneira equivalente a uma representação da castração:

Isso acontece particularmente, caso ele tenha desenvolvido uma forte identificação com o pai e

⁴⁰⁴ *Ibid.* p.157.

⁴⁰⁵ *Ibid.*

desempenha o papel deste último, pois foi a este que, em criança, atribuiu a castração da mulher⁴⁰⁶.

Assim, o tratamento afetuoso ou hostil para com o fetiche, que corre em paralelo com o reconhecimento e a rejeição da castração, está mesclado em proporções desiguais em casos diferentes, de forma que um ou outro seja mais facilmente identificável. No comportamento do *'coupeur de nattes'*⁴⁰⁷, por exemplo, a necessidade de executar a castração, que ele mesmo rejeita, aparece em primeiro plano. “Sua ação contém em si própria as duas asserções mutuamente incompatíveis: ‘a mulher ainda tem um pênis’ e ‘meu pai castrou a mulher’”⁴⁰⁸.

Em suma, Freud verifica nesse artigo que a renegação da realidade não seria específica da psicose, percebendo-a também numa forma exemplar de perversão como é o fetichismo. Observa-se que, nessa perversão, o sujeito renega a realidade sobre a ausência de pênis na mãe (mulher), ou seja, em seu psiquismo, a mulher possui um falo, não obstante sua ausência constatada. É através do fetiche, portanto, que o sujeito se protege contra a angústia, o horror da castração, e também que a fantasia da ‘mãe fálica’ adquire consistência para ele.

Segundo Valas⁴⁰⁹, é daí que resulta o processo de feminilização do sujeito, no qual ele se identifica com o objeto de sua fantasia, ou seja, a mulher fálica. Ademais, pontua que o fetichismo, por seus traços específicos, aparece bem como uma introdução necessária ao estudo das perversões, constituindo, pelas próprias condições de sua emergência, a matriz originária destas.

2.5.4 A divisão do ego

Ferraz⁴¹⁰ anuncia que uma questão de ordem, quase que lógica, apresenta-se para a metapsicologia com a noção freudiana de recusa: como é possível reconhecer e negar, simultaneamente, a realidade da castração? Para que essa contradição se mantenha, é necessário se

⁴⁰⁶ *Ibid.*, p.159.

⁴⁰⁷ Um pervertido que extrai prazer do corte de cabelos femininos. Parte da presente explicação foi dada por Freud em seu estudo de Leonardo (1910c). (Literalmente, *cortador de tranças* – N. do T. Bras.). Nota de rodapé, *Ibid.*, p.159.

⁴⁰⁸ *Ibid.*

⁴⁰⁹ Valas, 1990.

⁴¹⁰ Ferraz, 2000.

processar uma *divisão no ego*, de forma que este funcione em dois registros diferentes, antagônicos e independentes entre si. Com isso, duas atitudes psíquicas excludentes (se consideradas pela lógica da consciência) devem ser mantidas: uma que se ajusta ao desejo (que se desliga de um fragmento da realidade, ou seja, da castração) e outra que se ajusta à realidade.

Essa ideia está presente no artigo *A divisão do ego no processo de defesa (1940[1938])*, no qual Freud questiona seu pensamento anterior, em que tomava por certa a natureza sintética da função do ego, e procura detalhar como ocorre o processo de clivagem do mesmo.

Freud inicia esse trabalho recordando o comportamento da criança em determinadas circunstâncias, que têm para ela o valor de um trauma psíquico. Assim, ele indica que a criança, ao se masturbar, sob a influência de uma poderosa exigência pulsional, passa por uma experiência que lhe ensina que a continuação dessa satisfação resultará num perigo real quase intolerável (a castração). Dessa forma, um conflito se instala:

O ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação pulsional, ou rejeitar a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação⁴¹¹.

Ocorre, contudo, que a criança acaba por não seguir nenhum desses caminhos, ou melhor, toma ambos simultaneamente, respondendo ao conflito por duas reações contrárias: de um lado, através de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar a proibição; de outro, reconhece o perigo real, assumindo o medo desse perigo como um sintoma patológico e, em seguida, procura desfazer-se do medo. Freud assinala, então, que essas “duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (*splitting*) do ego”⁴¹².

Para tornar esse processo mais claro, Freud⁴¹³ lança mão de uma história clínica. Trata-se de um paciente do sexo masculino que quando se achava entre os três e quatro anos de idade (antes do declínio do Édipo), seduzido por uma menina mais velha, toma conhecimento do

⁴¹¹ Freud (1940[1938]), 1996, p.293.

⁴¹² *Ibid.*

⁴¹³ *Ibid.*

órgão genital feminino (a princípio, ele acredita que o pênis que faltava a menina iria se desenvolver mais tarde). A partir dessa experiência, ele inicia a masturbação, até o momento em que é flagrado por sua babá e é ameaçado de castração, que como de costume foi atribuída ao pai. Freud observa que “estavam assim presentes nesse caso condições calculadas para produzir um tremendo efeito de susto. Em si mesma, uma ameaça de castração não necessita produzir grande impressão”⁴¹⁴. Entretanto, a ameaça revive a lembrança da percepção que até então fora considerada inofensiva, encontrando nesta uma confirmação terrível: se a menina havia sido castrada, seu próprio órgão genital poderia encontrar o mesmo destino.

O que resulta costumeiramente do susto da castração, aquilo que Freud afirma que passa por normal, é que depois de considerável luta, o menino cede à ameaça e obedece à proibição, abandonando no todo ou em parte a satisfação da pulsão. O paciente em questão, no entanto, encontrou outra saída: “Criou um substituto para o pênis de que sentia falta nos indivíduos do sexo feminino – o que equivale a dizer, um fetiche”⁴¹⁵. Dessa forma, ele rejeitou a realidade e poupou seu próprio membro. Ademais, enquanto não foi obrigado a reconhecer a falta do pênis na mulher, ele não precisava acreditar na ameaça que lhe fora feita e poderia, assim, continuar com sua masturbação.

Freud avalia que no comportamento desse paciente, assim como ocorre na psicose, há um afastamento da realidade. Contudo, numa inspeção mais rigorosa, ele descobre uma distinção importante:

O menino não contradisse simplesmente suas percepções, e alucinou um pênis onde nada havia a ser visto; ele não fez mais do que um deslocamento de valor – transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo, procedimento que foi auxiliado pelo mecanismo de regressão. Esse deslocamento, é verdade, relacionou-se apenas ao corpo feminino; com referência a seu próprio pênis, nada se modificou⁴¹⁶.

Essa forma ‘astuta’ de lidar com a realidade, segundo Freud, foi decisiva quanto ao comportamento prático do menino. Ele continuou com sua masturbação como se esta não implicasse perigo para seu pênis;

⁴¹⁴ *Ibid.*, p.294.

⁴¹⁵ *Ibid.*, p.295.

⁴¹⁶ *Ibid.*, p.295.

mas, ao mesmo tempo, em contradição com essa aparente indiferença, desenvolveu um sintoma que demonstrava que ele reconhecia o perigo. Assim, após a ameaça de castração e simultaneamente à criação de seu fetiche, passou a sentir um intenso medo de ser punido pelo pai. Esse medo do pai também silenciava o tema da castração; com o auxílio da regressão à fase oral, assumia a forma de um medo de ser devorado por ele.

Valas aponta que neste processo Freud apenas indica o mecanismo da regressão, sem descrevê-lo, mas é possível, no entanto, reconstruir sua tripla definição: a regressão temporal, que se caracteriza pelo retorno a uma manifestação da sexualidade infantil; a regressão formal, que consistiria no deslocamento que é idêntico ao do sonho (o pênis é representado por outra coisa, um fetiche); e a regressão tópica – mais difícil de se observar aqui, pois Freud utiliza esse termo às vezes, a propósito do fetichismo, para designar um deslocamento de lugar, uma parte do corpo sendo tomada como outra – porém, sua verdadeira definição é observável no fato de que ele menciona uma angústia sintomática e sintomas que retornam. Algo muito importante pode ser destacado nesta afirmação, renovada por Freud, de que a perversão implica um recalçamento: “A regressão tópica designa que o fetiche é apenas o retorno de uma representação recalçada no próprio movimento da renegação”⁴¹⁷.

Nesse trabalho, que fica inacabado, Freud não chega a tratar da diferença entre o psicótico e o perverso no tocante a divisão do ego. Observa, entretanto, um dado não menos importante, que essa clivagem seria um mecanismo geral e corrente, presente em certo grau mesmo na organização neurótica.

⁴¹⁷ Valas, 1990, p. 103.

3 A ESTRUTURA DA PERVERSÃO EM LACAN

Jacques Lacan propôs um retorno a Freud, principalmente no que concerniu à elucidação teórica dos conceitos que fundaram sua clínica. A tradução dos termos em alemão da obra freudiana sempre teve importância fundamental para os psicanalistas, pois não raro possibilitou confusões e interpretações equivocadas de sua teoria. Assim, também aconteceu com os termos que definem os mecanismos fundamentais das estruturas clínicas.

Segundo Motta⁴¹⁸, Lacan apresentou uma proposta original para a tradução do termo referente ao mecanismo da perversão. Em 27 de novembro de 1975, em Yale, numa de suas *Conferências em universidades norte-americanas*, ele sugeriu que a *Verleugnung* de Freud fosse traduzida em francês por *démenti*, que em português corresponderia ao *desmentido*.

Neste capítulo, tem-se como objetivo fazer um breve passeio por alguns dos comentários de Lacan e de outros autores que acompanham seu ensino, no que se refere aos achados freudianos sobre a estrutura da perversão, bem como por algumas de suas colocações inéditas.

Mas, antes, cabe um adendo, pois como se sabe, foi Lacan quem fez uma leitura rigorosa e sistemática da psicanálise segundo o paradigma estrutural. De acordo com Andrade⁴¹⁹, quando se fala em estrutura, por se tratar de uma noção que não é unívoca e se presta a muitas imprecisões, é preciso saber do que se fala, e, portanto, convém aqui perguntar de que estrutura se trata, definindo o conceito que será (ou já vem sendo) usado nesta pesquisa.

Pode-se afirmar, grosso modo, que

o conceito de estruturalismo privilegia uma topologia na qual os lugares e as posições prevalecem sobre os ocupantes, e onde o importante é perguntar de que lugar alguém fala⁴²⁰.

Andrade comenta, que ao se descrever as características comuns a um recorte estrutural, ainda que de forma insuficiente, é possível dizer que a estrutura é o próprio simbólico, que seu espaço é topológico e que

⁴¹⁸ Motta, 1990. In: Valas, 1990.

⁴¹⁹ Andrade, 1992.

⁴²⁰ Bohadana, 1991. In: Andrade, 1992.

os lugares e as posições são anteriores aos seus ocupantes, que têm suas relações determinadas em função desses lugares e posições. E o que chama mais atenção é “que o significante aí é vazio, existindo somente na sua própria irrealidade, mas possibilitando a circulação e a posição dos demais elementos da estrutura”⁴²¹. Assim, por exemplo, as várias posições que vão definir as estruturas perversa, neurótica e psicótica, giram em torno de um significante operador, o falo simbólico. “O próprio falo, entretanto, não ‘existe’: só existe nesta sua irrealidade”⁴²².

Em resumo, afirma Andrade, pode-se definir uma estrutura, no sentido moderno, “como um conjunto de elementos que se constituem na relação, que são rigorosamente interdependentes e que se regem por certas leis de composição interna”⁴²³.

O Édipo é para Lacan uma estrutura intersubjetiva, na qual estão implicados: o reconhecimento de uma organização caracterizada por posições ocupadas por personagens distintos; uma função matemática (isto é, uma relação entre duas variáveis, onde x varia em função de y). Em termos edipianos não há valores ou lugares vagos que se definam por si mesmos, um personagem se define em função do outro – por exemplo, o pai é tal em função do filho, e vice-versa –, e eles estão mutuamente condicionados, não havendo variável independente); o conceito de troca, de circulação; e o que circula determina a posição do personagem, ou seja, marca uma determinada posição na qual a pessoa que aí se encontra assume as funções da mesma, o seu valor⁴²⁴.

Ademais, Andrade comenta que o Édipo em Lacan é uma estrutura que produz efeitos de representação nos seus personagens, graças à posição que cada um deles assume em função da circulação do falo. Ressalta, ainda, que diferentes posições subjetivas podem ser ocupadas em relação ao desejo e à castração que ele implica, daí resultando as três estruturas: neurose, psicose e perversão. Dessa forma, pode-se dizer “que a especificidade da estrutura de um sujeito é pré-determinada pela economia do seu desejo”⁴²⁵.

Cabe agora, portanto, procurar esclarecer como, a partir do Édipo, seguindo a leitura de Lacan, o sujeito se estrutura numa perversão.

⁴²¹ Andrade, 1992.

⁴²² Bohadana, 1991. In: Andrade, 1992.

⁴²³ Andrade, 1992.

⁴²⁴ Bleichmar, 1984. In: Andrade, 1992.

⁴²⁵ Andrade, 1992.

3.1 A PERVERSÃO, A METÁFORA PATERNA E OS TRÊS TEMPOS DO ÉDIPLO

Em seu seminário *A relação de Objeto (1956-1957)*, Lacan expõe alguns comentários importantes sobre o caso de Freud da jovem homossexual, que ilustram “o caráter intersubjetivo da perversão como elemento de articulação do Édipo e de seus avatares”⁴²⁶. Supondo a leitura prévia da apresentação do caso no capítulo que trata da perversão em Freud, serão diretamente acrescentados aqui apenas alguns pontos da análise lacaniana.

Com efeito, o primeiro aspecto assinalado por Lacan é o momento em que, na infância, a paciente descobre a diferença entre os sexos, “[...] quando ela pôde perceber, a propósito do mais velho dos seus dois irmãos, a diferença que fazia dela alguém que não tinha o objeto essencialmente desejável, o objeto fálico”⁴²⁷. Como foi destacado por Freud, até ali, a menina não havia apresentado qualquer sintoma histérico, nada em sua história infantil trouxera consequências patológicas. Segundo Lacan, é por isso mesmo que é clinicamente espantoso ver eclodir, assim tardiamente, “[...] a posição singular que ela ocupa diante dessa mulher um tanto denegrida”⁴²⁸.

Até o momento em que a ligação com a dama surgira, tudo se orientava bem em relação à jovem. Aos treze, quatorze anos, manifestara, inclusive, a mais simpática orientação da vocação feminina, a maternidade. Ela tomava conta de uma criança, entretanto, subitamente, esse amor maternal, que parecia fazer dela um modelo antecipado de mãe, se interrompe. Uma decepção operou aí a inversão. Por volta dos quinze anos, no momento em que ela se engajava no caminho de tomar posse da criança imaginária, sua mãe tem, realmente, outro filho do pai. É neste momento, diz Lacan, “que a moça muda de posição”⁴²⁹.

Freud considera o fenômeno (a inversão) como reativo, termo que, como indica Lacan, não está no texto, mas nele implícito, “de vez que supõe que o ressentimento para com o pai continue atuante”⁴³⁰. A tentativa de suicídio, motivo que traz a paciente à análise, ocorre seguida a outra decepção, quando a dama põe fim à relação, após a

⁴²⁶ *Ibid.*

⁴²⁷ Lacan, 1999, p. 104.

⁴²⁸ *Ibid.*

⁴²⁹ *Ibid.*, p.106.

⁴³⁰ *Ibid.*

jovem comunicar-lhe que àquele que por elas passou, lançando um olhar fulminante, era seu pai.

Isso não passaria de um fenômeno de contra-agressividade, de um retorno sobre o sujeito da agressão contra o pai, combinado com uma espécie de desmoronamento de toda a situação sobre seus dados primitivos, que satisfaria, simbolicamente, o que estava em jogo por uma precipitação, uma redução no nível dos objetos realmente em questão. Em suma, quando a jovem cai da pequena ponte, ela faz um ato simbólico, que não é outra coisa senão o *niederkommen*⁴³¹ de uma criança no parto⁴³².

Lacan destaca que não escapou a Freud que não se trata aqui de uma relação homossexual como as outras. Para ele, essa escolha objetual pertence ao tipo *männliche*, que quer dizer amor platônico.

Este é um amor que não demanda qualquer outra satisfação além do serviço à dama. É verdadeiramente o amor sagrado, se posso dizê-lo, ou o amor cortês no que tem de mais devotado⁴³³.

Não se trata simplesmente de uma atração sentida ou uma necessidade; esse amor não apenas dispensa a satisfação, mas visa, de forma muito precisa, à não-satisfação. E “esta é a própria ordem em que um amor ideal pode se expandir: a instituição da falta na relação com o objeto”⁴³⁴.

Desse modo, sublinha Lacan, o amor que a jovem dedica à dama visa a algo que é diferente desta. Este amor devotado,

que leva ao mais alto grau de apego do sujeito e seu aniquilamento na *Sexualüberschätzung*, Freud parece reservar, e não à toa, ao registro da experiência masculina⁴³⁵.

⁴³¹ Termo empregado em alemão para dizer que se foi posto abaixo. *Ibid.*

⁴³² *Ibid.*

⁴³³ *Ibid.*, p.109.

⁴³⁴ *Ibid.*

⁴³⁵ *Ibid.*, p.110-111.

No caso da paciente, o reflexo da decepção fundamental, sua passagem ao plano do amor cortês, a saída que encontra nesse registro amoroso, levam a uma questão: “de saber o que é, na mulher, amado para além dela mesma [...]”⁴³⁶. Lacan então indica que o que é desejado na mulher amada, no extremo do amor, no amor mais idealizado, o que é buscado, para além dela, é justamente aquilo que lhe falta, o objeto central de toda a economia libidinal, o falo.

Freud ao analisar esse caso clínico, conclui que a homossexualidade da jovem estaria ligada, principalmente, a forte fixação materna. No seminário *As formações do inconsciente (1957-1958)*, Lacan⁴³⁷ pontua que a perversão não escapa à dialética edipiana e que é a partir das formações do inconsciente que o complexo de Édipo, ou os desejos primordiais da criança pela mãe, que foram recalcados, são revelados. Mas, e o pai? Qual sua função nessa relação? A metáfora paterna concerne à função do pai que está no centro da questão do Édipo, diz Lacan, em sua nova leitura do complexo, que será apresentada a seguir.

A questão da carência paterna é destacada e elucidada por Lacan⁴³⁸ nesse seminário, tendo em vista a importância da função do pai ao se tratar do Édipo: não existe o Édipo quando não existe pai. Muitas pontuações polêmicas se inserem nesse contexto, no entanto, o que é importante salientar, aqui, é que o pai pode existir ou estar presente, mesmo quando não está. Se ele mantém seu lugar como membro do trio fundamental da família, mesmo não estando presente em ‘carne e osso’, sua função no complexo é realizada. Sendo assim, falar de sua carência na família não é o mesmo que falar de sua carência no complexo.

Lacan⁴³⁹ pontua que o pai pode intervir em diversos planos, mas sua função primeira é interditar a mãe. Ele é o representante da lei primordial da proibição do incesto, esse é o fundamento do complexo de Édipo. Sua presença representa a ameaça de castração, produzindo efeitos no inconsciente da criança, promovendo a interdição.

Além de estar ligada à articulação simbólica da proibição do incesto, a castração se manifesta no plano imaginário. No menino, por exemplo, a relação com o pai é dominada pelo medo da castração. Ao perceber que a mãe lhe é proibida, ele se dirige ao pai de forma agressiva. E em função da relação dual, ele projeta imaginariamente no

⁴³⁶ *Ibid.*, p.111.

⁴³⁷ Lacan (1957-1958), 1999.

⁴³⁸ *Ibid.*

⁴³⁹ *Ibid.*

pai intenções agressivas equivalentes ou reforçadas, comparado às suas, que retornam a ele⁴⁴⁰.

A partir da castração, outro nível que se estabelece no Édipo é o da frustração:

Nesse, o pai intervém como detentor de um direito, e não como personagem real. Mesmo que não esteja presente, mesmo que telefone para a mãe, por exemplo, o resultado é idêntico. Nesse ponto, é o pai como simbólico que intervém numa frustração, ato imaginário concernente a um objeto muito real, que é a mãe, na medida em que a criança necessita dela, S'.r.⁴⁴¹

O último momento é o da privação, àquele no qual o pai se faz preferir à mãe – o Édipo invertido – função terminal do complexo, que leva à formação do ‘Ideal do eu’ (supereu), em que pode se estabelecer a identificação final. É nesse patamar que centra a diferença do efeito do complexo no menino e na menina⁴⁴².

Dessa forma, Lacan⁴⁴³ pontua que o essencial da intervenção do pai no complexo de Édipo é que ele seja uma metáfora, ou seja, um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno.

A criança, por já ter entrado no simbólico, percebe que a mãe está num movimento de ir e vir, e que, portanto, há algo além dela que a interessa. “É pelo fato de a própria criança ser o objeto parcial que ela é levada a se perguntar o que querem dizer as idas e vindas da mãe – e o que isso quer dizer é o falo”⁴⁴⁴.

Uma vez tendo observado que o falo (imaginário) é objeto de desejo da mãe, a criança pode fazer-se de falo. No entanto, essa via imaginária não é a via normal e por essa razão resulta nas chamadas fixações. Além disso, não é normal porque nunca é completamente acessível, deixa sempre algo de insondável, ou até de dual, gerando todo o polimorfismo da perversão⁴⁴⁵.

⁴⁴⁰ *Ibid.*

⁴⁴¹ *Ibid.*, p.178

⁴⁴² *Ibid.*

⁴⁴³ *Ibid.*

⁴⁴⁴ *Ibid.*, p.181

⁴⁴⁵ *Ibid.*

Segundo Lacan, a via simbólica é a via metafórica: “é na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora”⁴⁴⁶. O pai é real e recebe esse nome, na medida em que as instituições lhe conferem não somente um papel e uma função, mas seu nome de pai, situando-o no nível simbólico. Ao se instituir uma ordem simbólica, têm-se significações atreladas ao Nome-do-Pai, à necessidade da função paterna na cadeia significante.

Esse pai vem, então, formar com a mãe e a criança o triângulo simbólico, estabelecido no real a partir do momento em que há uma cadeia significante, a articulação de uma fala:

Trata-se menos das relações pessoais entre o pai e a mãe, ou de saber se ambos estão ou não à altura, do que de um momento que tem que ser vivido como tal, e que concerne às relações não apenas da pessoa da mãe com a pessoa do pai, mas da mãe com a palavra do pai – com o pai na medida em que o que ele diz não é, de modo algum, igual a zero⁴⁴⁷.

Assim, o importante é que a mãe permita a entrada do pai como mediador daquilo que está para além da lei dela, de seu capricho, de seu desejo. Só assim é que o pai pode se fazer preferir em lugar da mãe, e é neste plano, que num determinado momento do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação⁴⁴⁸.

Lacan⁴⁴⁹ observa que para compreender o complexo de Édipo, devem-se considerar três tempos:

– No primeiro tempo, a criança busca satisfazer o desejo da mãe, e para tanto, ela se identifica especularmente com o falo. É nessa etapa que a criança pode se fixar à mãe, ocorrendo as identificações perversas. A instância paterna se introduz de uma forma velada, ou ainda não aparece;

– No segundo tempo, o pai intervém no plano imaginário como privador da mãe, como aquele que é o suporte da lei. Isso já não ocorre de maneira velada, mas através da mediação da mãe, que é quem o instaura (ou não) como aquele que lhe faz a lei;

⁴⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁴⁷ *Ibid.*, p.197

⁴⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁴⁹ *Ibid.*

– No terceiro tempo, o pai intervém como real e potente. É por intervir como aquele que tem o falo – objeto de desejo da mãe – que o pai é internalizado no sujeito como ‘Ideal do eu’, e que, a partir daí, o complexo de Édipo declina.

Outro ponto assinalado por Lacan⁴⁵⁰ é que o complexo de Édipo se desfaz de forma diferente e mais simples na menina. Ela não precisa se identificar ao pai e nem guardar o título de direito à virilidade, como acontece com o menino. Ela sabe onde ele está, e vai buscá-lo junto ao pai, vai em direção àquele que o tem.

A partir da compreensão da dialética edipiana na leitura de Lacan, cabe agora buscar esclarecer como a perversão se estrutura nesse contexto.

No primeiro momento do complexo de Édipo, em não se tratando de psicose, a criança recebe da mãe a significação fálica de sua falta, assim ela pode fazer-se objeto fálico como imagem para a mãe. Como cita Julien, “o sujeito, menino ou menina, é, pela imagem de seu eu [*moi*], o que falta à mãe. [...] A mãe não tem o falo, logo eu o sou...para ela!”⁴⁵¹; Lacan nota-o pequeno phi: ϕ .

Para que a criança ultrapasse esse nível primordial de identificação, como já foi visto, é preciso que o pai intervenha, que ele esteja presente no discurso da mãe, que ele a prive, interditando-a na relação com o filho.

Dor⁴⁵² assinala, que na perversão, no entanto, o pai falha de alguma forma, e a criança não simboliza a privação da mãe. Dessa maneira, o significante da falta no Outro, ou seja, o pai (simbólico), que levaria a criança a abandonar o registro do ser em benefício do registro ter, não aparece como tendo aquilo que a mãe deseja, o falo.

Sem o pai, a criança se fixa, então, imaginariamente nessa posição de ser o falo para a mãe, e essa falta não simbolizada

[...] obtura, para o futuro perverso, a possibilidade de acesso ao limiar da castração simbólica, que tende a fazer advir o real da diferença dos sexos como a única *causa do desejo*⁴⁵³.

⁴⁵⁰ *Ibid.*

⁴⁵¹ Julien, 2002, p.107.

⁴⁵² Dor, 1994.

⁴⁵³ *Ibid.*, p.41.

Segundo Julien, “*ser o objeto fálico imaginário para preencher o desejo da mãe é a angústia mesma de ser engolido por ela*”⁴⁵⁴. A perversão nasce daí, como consequência dessa angústia, do horror diante da castração da mulher.

O perverso não quer saber da lei representada pelo pai simbólico, pois isto o levaria a ter que reconhecer a falta no Outro. Dá-se, portanto, a renegação (*Verleugnung*) da primeira posição, segundo a qual a mãe não tem o falo. No caso do fetichismo, paradigma de toda perversão, o sujeito coloca o fetiche como substituto do falo faltante na mãe: “Ali onde nela o falo *simbólico* falta, o sujeito coloca no lugar um fetiche como falo *imaginário*”⁴⁵⁵. Julien aponta ainda, que assim como na fobia, o fetiche é uma defesa contra a angústia do desejo da mãe e tem como função “colocar uma proteção em posto avançado diante do perigo de ser engolido pelo desejo insaciável do Outro”⁴⁵⁶.

Assim, além de anular a falta, a manutenção imaginária da atribuição fálica à mãe, também anula a diferença dos sexos e protege a criança do confronto com esta questão. De acordo com Dor⁴⁵⁷, isto impõe à economia do desejo um perfil que constitui a própria estrutura do funcionamento da perversão.

O perverso possui uma economia psíquica particular, subtraída do ‘direito ao desejo’, que só seria instituído a partir da função paterna, que neste caso foi denegada. Assim, ao instituir a mãe como onipotente e fálica, ele neutraliza a incidência do pai, e supondo que a mãe não o deseja, ele pode se comportar como único objeto do desejo que a faz gozar. Permanece, então, fixado a uma lei cega, pela qual “não cessará de procurar demonstrar que a *única lei do desejo é a sua* e não a do outro”⁴⁵⁸. Sua lei é a lei do gozo, que ordena buscá-lo por todos os meios, sem limites.

Mas isto não significa que o perverso esteja fora de qualquer lei, ele não ignora o Outro da lei. No entanto, o Outro está para ele, como será visto mais adiante no ensino de Lacan, como ‘vontade de gozo’. Sendo assim, ele se faz ‘instrumento de gozo do Outro’, induzindo o outro a ser seu cúmplice na transgressão. Transgredindo, ele faz a lei, e

⁴⁵⁴ Julien, 2002, p.108.

⁴⁵⁵ *Ibid.*

⁴⁵⁶ *Ibid.*, p.109.

⁴⁵⁷ Dor, 1994.

⁴⁵⁸ *Ibid.*, p.42.

realiza o desmentido da castração e do significante do desejo. Sua lei é o seu fetiche⁴⁵⁹.

A partir dessa compreensão do funcionamento da lei do desejo no perverso, tornam-se mais claros os traços estruturais que o caracterizam, tais como o *desafio* e a *transgressão*:

Não há meio mais eficaz de se assegurar da existência da lei do que o de se esforçar por transgredir as interdições e as regras que a ela se remetem simbolicamente. É no deslocamento da transgressão das interdições que o perverso encontra a sanção, ou seja, o limite referido metonimicamente à interdição do incesto. Quanto mais o perverso desafia, ou mesmo transgredir a Lei, mais experimenta a necessidade de se assegurar ter ela, realmente, origem na diferença dos sexos e na referência à interdição do incesto⁴⁶⁰.

O gozo perverso está exatamente nessa estratégia de ultrapassar a lei do pai (e a castração), após colocá-la como um limite. Dor afirma que para alcançar este objetivo, o perverso conta com a ajuda de um cúmplice, imaginário ou real, “uma testemunha ofuscada pelo truque fantasmático em que o perverso se encerra frente à castração”⁴⁶¹ e que na maioria das vezes é a mãe.

Dor⁴⁶² apresenta, de forma sintetizada, dois fatores determinantes que intervêm no momento decisivo do complexo de Édipo, que são capazes de induzir uma ambiguidade em torno da questão da identificação fálica: de um lado a cumplicidade libidinal da mãe e, de outro, a complacência silenciosa do pai.

A cumplicidade erótica da mãe aparece, de acordo com Dor, no terreno da sedução. A mãe responde às solicitações eróticas da criança e, através desta resposta, mantém e encoraja a atividade libidinal do filho junto a ela. “No entanto, este apelo sedutor permanece hipotecado com um pesado equívoco”⁴⁶³.

⁴⁵⁹ Rosolato, 1967. In: Andrade, 1992.

⁴⁶⁰ Dor, 1994, p.43.

⁴⁶¹ *Ibid.*, p.49.

⁴⁶² *Ibid.*

⁴⁶³ *Ibid.*, p.51.

Ao mesmo tempo em que a criança sente prazer ao receber o aval materno em suas solicitações de tocar ou ver o corpo da mãe, atormenta-se com o silêncio desta em relação ao desejo pelo pai. O equívoco ocorre aí, quando a mãe nada confirma à criança no que diz respeito a este desejo. E é a partir desta ambiguidade que vai se desenvolver toda a atividade libidinal da criança junto à mãe, em quem ela vai buscar seduzir sempre mais, na esperança de levantar a dúvida em relação à intrusão do pai⁴⁶⁴.

A complacência do pai também contribui nesse equívoco, “na simples medida em que permite ao discurso materno fazer-se ‘embaixador’ da interdição”⁴⁶⁵. De qualquer forma, o fato desta delegação guardar referência à lei do pai é o que evita a entrada na psicose. Assim, a criança se vê presa – entre a mãe sedutora, permissiva, que a encoraja a fazê-la gozar e a mãe ameaçadora que faz uso da palavra simbólica do pai – ou seja, ao fantasma da mãe poderosa, da mãe fálica.

Dor⁴⁶⁶ aponta ainda certos traços da perversão que se organizam por pares de opostos, que exprimem a relação ambígua do desejo do perverso ao desejo do outro. Desse modo, as representações dos objetos femininos, que insiste em buscar na realidade, oscilam entre o fantasma da mãe fálica e o da mãe castrada. “Da mesma forma, a mulher pode lhe aparecer simultaneamente como uma virgem ou uma santa ou ainda como uma puta repugnante”⁴⁶⁷.

A mulher que toma o lugar da mãe fálica terá a imago de uma mulher totalmente idealizada, diz Dor⁴⁶⁸, pois é assim que o perverso continua a se proteger da mãe como objeto de desejo possível. Nesses moldes, o ideal feminino que será buscado nesta estrutura se constitui, portanto, pela mulher toda-poderosa, pela virgem de qualquer desejo, intocável, por ser proibida, e que nada mais tem a oferecer além de benevolência e proteção.

A mulher puta, repugnante e repelente é metáfora da mãe sexuada, desejante e desejada pelo pai. Dor⁴⁶⁹ pontua que esta é a encarnação feminina que convoca o perverso ao horror da castração, por

⁴⁶⁴ *Ibid.*

⁴⁶⁵ *Ibid.*, p.53.

⁴⁶⁶ *Ibid.*

⁴⁶⁷ *Ibid.*

⁴⁶⁸ *Ibid.*

⁴⁶⁹ *Ibid.*

isso perigosa: ele a imagina ou como um objeto infame ou como aquela que pode mutilar seu próprio pênis, caso ele ceda ao desejo.

3.2 DIANTE OU ATRÁS DO VÉU

Assim como Freud, Lacan vai apresentar, a partir do fetiche, a estrutura de toda a perversão. Ele faz isso no capítulo IX de seu Seminário *A relação de objeto (1956-1957)*, ao tratar da dupla função do véu ou da cortina.

Lacan inicia esse texto pontuando que em toda troca simbólica, qualquer que seja o sentido de seu funcionamento, a permanência do caráter constituinte de um mais-além do objeto, ou seja, “o que é amado no objeto é aquilo que falta a ele [...]”⁴⁷⁰, traz uma nova luz ao fetichismo e estabelece de maneira diferente aquilo que ele denomina de suas equações fundamentais.

Ao relembrar dois artigos de Freud referentes ao tema, a saber, o parágrafo sobre o fetichismo nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* e o texto *Fetichismo (1927)*, Lacan observa que ele diz, de saída, algo que decepciona, por muito já ter se falado nisso desde que se fala em análise: que o fetiche é o símbolo de alguma coisa e que “essa alguma coisa é, mais uma vez, o pênis”⁴⁷¹.

Entretanto, aponta Lacan, logo em seguida, Freud sublinha que este não é um pênis qualquer, o pênis de que se trata não é o pênis real, é o pênis na medida em que a mulher o tem – isto é, na medida em que ela não o tem. E mais adiante acrescenta:

Não se trata em absoluto de um falo real na medida em que, como real, ele exista ou não exista, trata-se de um falo simbólico, na medida em que é de sua natureza apresentar-se na troca como ausência, ausência funcionando como tal⁴⁷².

Segundo Lacan, com efeito, na troca simbólica, o falo tem essa espécie de alternância fundamental, é tanto ausência quanto presença. Em outras palavras, ele circula, deixando atrás de si o signo de sua

⁴⁷⁰ Lacan (1956-1957), 1995.

⁴⁷¹ *Ibid.*, p.154.

⁴⁷² *Ibid.*

ausência no ponto de onde vem; e ademais, afirma, “[...] o falo em questão – nós o reconhecemos desde logo – é um objeto simbólico”⁴⁷³.

Lacan indica que através desse objeto, estabelece-se um ciclo de ameaças imaginárias que limita a direção e o emprego do falo real: “Aí está o sentido do complexo de castração, e é nisso que o homem fica preso”⁴⁷⁴. Contudo, existe também outro uso, que é a função simbólica do falo; “[...] na medida em que ele está ou não está ali, é que se instaura a diferenciação simbólica entre os sexos”⁴⁷⁵.

Em relação à mulher, mesmo que ela não tenha o falo simbólico, participa dele a título de ausência, logo, isto significa tê-lo de alguma forma. E esse pênis simbólico, afirma Lacan, desempenha uma função essencial no ingresso da menina na troca simbólica: é na medida em que ela entra na dialética simbólica de ter ou não ter o falo, que ela também entra nessa relação ordenada e simbolizada da diferenciação dos sexos – “relação inter-humana assumida, disciplinada, tipificada, ordenada, marcada por interditos, marcada, por exemplo, pela estrutura fundamental da lei do incesto”⁴⁷⁶. Ela não tem o falo simbolicamente, mas pode tê-lo, e é justamente por intermédio dessa ideia, daquilo que Freud chama de ideia da castração, que a menina entra no complexo de Édipo, enquanto é por aí que o menino sai dele.

O filho assume para as mulheres a função de *ersatz*, de substituto, de equivalente do falo, e é em função de que elas se apegam a esse objeto valorizado simbolicamente, “é por intermédio da relação ao falo que elas entram na cadeia da troca simbólica, que elas aí se instalam, que aí tomam seu lugar e seu valor”⁴⁷⁷.

Aí está, pois, o fetiche que Freud apresentou como falo ausente, o falo simbólico, um símbolo. Nesse sentido, pontua Lacan⁴⁷⁸, ele é praticamente colocado como qualquer outro sintoma neurótico. De fato, muitos autores demonstram aqui alguma hesitação e situam o fetichismo no limite entre as perversões e a neurose, em razão do caráter simbólico da fantasia fundamental; é preciso, portanto, examiná-lo bem de perto para confirmá-lo na estrutura.

Lacan utiliza o esquema do véu ou da cortina para explicar as perversões; assim, diz ele:

⁴⁷³ *Ibid.*, p.155.

⁴⁷⁴ *Ibid.*

⁴⁷⁵ *Ibid.*

⁴⁷⁶ *Ibid.*

⁴⁷⁷ *Ibid.*, p.156.

⁴⁷⁸ *Ibid.*

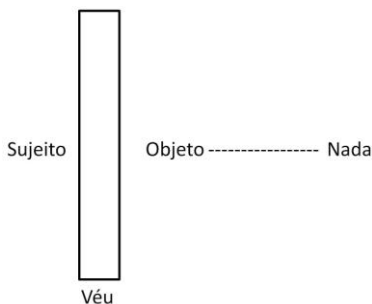
O véu, a cortina diante de alguma coisa, ainda é o que melhor permite ilustrar a situação fundamental do amor. Pode-se mesmo dizer que com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência⁴⁷⁹.

Nesse sentido, o véu tem uma dupla função,

é a um só tempo o que esconde e o que designa. Na perversão, trata-se, para o sujeito, de esconder a falta fálica da mãe, embora designe com a ajuda do véu a figura daquilo de que há falta⁴⁸⁰.

Lacan⁴⁸¹ apresenta o esquema do véu da seguinte forma (Figura 1):

Figura 1. Esquema do véu (diante do véu)



Fonte: Lacan (1956-1957), 1995, p.158.

Julien comenta que, nesse esquema,

o véu esconde o 'Nada' que está para além do 'Objeto' enquanto desejo do Outro: a mãe *não tem* o falo. Mas, ao mesmo tempo e mesmo assim, o

⁴⁷⁹ *Ibid.*, p.157.

⁴⁸⁰ Julien, 2002, p.111.

⁴⁸¹ Lacan (1956-1957), 1995, p.158.

véu é o lugar onde se projeta a imagem fixa do falo simbólico: a mãe *tem* o falo⁴⁸².

Em relação ao fetichismo, Lacan assinala que aquilo que o constitui, ou seja, o elemento simbólico que o fixa e o projeta sobre o véu, sabe-se, desde Freud, é retirado especialmente da dimensão histórica. A rememoração da história, sentido que ele empresta ao termo ‘lembrança encobridora’ – o *Deckerinnerung*, de Freud – é o momento de interrupção da história, imediatamente anterior àquele em que o falo que a mãe tem e não tem, seja visto como presença-ausência e ausência-presença. E além de ser o momento em que a história se detém e se congela, indica a continuação de seu movimento para além do véu:

A lembrança encobridora está ligada à história por toda uma cadeia, ela é uma parada nessa cadeia e é nisso que é metonímica, pois a história, por sua natureza, continua. Detendo-se ali, a cadeia indica sua sequência a partir daí velada, sua sequência ausente, a saber, o recalque em questão, como Freud diz claramente⁴⁸³.

O fetiche é, assim, a imagem projetada, um fenômeno imaginário que “não passa do ponto-limite entre a história, na medida em que esta continua, e o momento a partir do qual ela se interrompe”⁴⁸⁴. É o signo, referência do ponto de recalque, o véu, “[...] *ersatz* do falo deslocado para o pé, o sapato, o chinelo, [...]”⁴⁸⁵.

Segundo Lacan, aqui, distingui-se a relação com o objeto de amor da relação de frustração com o objeto: “É por uma metáfora que o amor se transfere ao desejo que se apega ao objeto como ilusório, ao passo que a constituição do objeto não é metafórica, mas metonímica”⁴⁸⁶. Como já foi visto, ela é um ponto na cadeia da história, lá onde a história se interrompe; o signo de que é ali que começa o mais-além constituído pelo sujeito. Entretanto,

por que é ali que o sujeito deve constituir esse mais-além? Por que o véu é mais precioso para o

⁴⁸² Julien, 2002, p.112.

⁴⁸³ Lacan (1956-1957), 1995, p.160.

⁴⁸⁴ *Ibid.*

⁴⁸⁵ Julien, 2002, p.112.

⁴⁸⁶ Lacan (1956-1957), 1995, p.160.

homem que a realidade? Por que a ordem dessa relação ilusória se torna um constituinte essencial, necessário, de sua relação com o objeto?⁴⁸⁷.

Para ele, essas são algumas questões que podem ser levantadas pelo fetichismo.

Lacan⁴⁸⁸ pontua que os autores já algum tempo parecem embaraçados em relação à gênese do fetichismo, pois, de um lado, ela está essencialmente articulada ao complexo de castração e, por outro, sabe-se que é nas relações pré-edípicas que aparece mais assegurado que a mãe fálica é o elemento central. Como é possível, então, unir as duas coisas?

Para pensar essas questões, Lacan sugere partir da relação fundamental que é aquela da criança real com a mãe simbólica e o falo desta, que é, para ela, imaginário. Ele indica também que as observações clínicas nos mostram fenômenos que se manifestam de forma correlativa a este sintoma que o sujeito elege como fetiche, “o objeto fascinante inscrito sobre o véu, em torno do qual gravita a sua vida erótica”⁴⁸⁹. Afirma, assim, que tomando os casos clínicos como referência, é possível se deparar com este ponto da lembrança encobridora, que fixa a interrupção na barra da saia da mãe, em seu espartilho, ou ainda na relação ambígua do sujeito com o fetiche, relação de ilusão, e também com a função satisfatória de um objeto inerte, à disposição do sujeito para a manobra de suas relações eróticas.

A relação erótica, o comportamento amoroso, se resume numa defesa do sujeito. Isto já foi visto em Freud em relação ao fetichismo, uma defesa contra a homossexualidade. Em suas relações com o objeto amoroso, o fetichista alterna identificações:

Identificação com a mulher, confrontada com o pênis destruidor, com o falo imaginário das experiências primordiais do período oro-anal, centradas na agressividade da teoria sádica do coito, e, com efeito, muitas experiências que são reveladas pela análise mostram uma observação da cena primitiva percebida como cruel, agressiva, violenta, até mesmo assassina. Inversamente, identificação do sujeito com o falo imaginário,

⁴⁸⁷ *Ibid.*

⁴⁸⁸ *Ibid.*

⁴⁸⁹ *Ibid.*, p.162.

que o faz ser para a mulher um puro objeto, que ela pode devorar e, no limite, destruir⁴⁹⁰.

A criança se confronta de uma maneira que se pode dizer bruta a essa oscilação de dois polos da relação imaginária primitiva (seja pela via da identificação com a mulher ou com o falo imaginário), antes mesmo do Édipo, antes do pai entrar como lei, centro da ordem e de posse legítima. E isso resulta, seja como for, numa saída destrutiva. Segundo Lacan, “os autores notam, com muita frequência, a ausência às vezes repetida do pai na história do sujeito [...]”⁴⁹¹.

De acordo com Julien, além do fetichismo, existem outras perversões em que o sujeito coloca a projeção da imagem fálica que esconde e designa o ‘Nada’ diante do véu. Assim, no masoquismo, é preciso que o Outro *tenha* o chicote, por exemplo, como potência fálica. No *voyeurismo*, Lacan introduz a noção de *fenda*:

O *voyeur* entra no desejo do Outro pela fenda, a ventana (fala-se em francês de *gelosia*), a telescopia, ou qualquer tela. Ele visa o desejo do Outro, surpreende-o em seu pudor e sua intimidade; introduz-se em seu mundo privado. [...] Na fantasia, o sujeito *é* a fenda, de modo que o Outro fique interessado, cúmplice, aberto a esse espetáculo e participe dessa mostração. O sujeito *é* fenda, fissura do véu que separa o escondido do mostrado, o privado do público do espaço do Outro⁴⁹².

Nessa mesma posição, encontra-se ainda a homossexualidade feminina, trabalhada por Freud em seu artigo de 1920, *Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, e como já foi visto, comentado por Lacan em seu seminário *A relação de objeto*. O que a jovem mulher deseja na Senhora *é* o que lhe falta, o falo simbólico, que está *para além* da mulher amada. “A perversão homossexual consiste em velar essa falta por um substituto, um *ersatz*: o filho como imagem fálica”⁴⁹³.

Neste caso, a jovem se identifica com o pai, assume seu papel; ela ama como um homem. No momento do declínio do Édipo, à espera de

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p.163.

⁴⁹¹ *Ibid.*

⁴⁹² Julien, 2002, p.113.

⁴⁹³ *Ibid.*

receber do pai um filho, a jovem sofre uma dura decepção, pois é a mãe que ele engravida. Com isso, “há troca: no lugar da frustração do objeto real (a criança) pelo pai simbólico, instaura-se uma identificação com o pai imaginário”⁴⁹⁴. É assim que ela se volta para a Senhora mais velha, e quando o pai intervém publicamente lançando sobre elas um olhar furioso, ela então passa ao ato; atua um parto de sua amiga – significação de pular o parapeito e ‘cair’ na linha do trem. Para Julien, “ela ‘se faz’ a criança da Senhora, como substituto da falta fálica nela”⁴⁹⁵.

A partir de um caso apresentado por Sylvia Payne⁴⁹⁶, Lacan lê outra posição do sujeito em relação ao véu. Trata-se de um homem cujo fetiche era um impermeável, um traje envolvente, semelhante a uma capa de chuva, cuja qualidade especial comportada por seu material, a borracha, ganha um lugar:

Esse traço, encontrado muito frequentemente, não deixa de encerrar algum último mistério, que sem dúvida seria esclarecido psicologicamente pela sensorialidade encerrada no contato especial com a própria borracha. Talvez haja algo aí que possa, mais facilmente que outra coisa, ser tomado como a duplicação da pele, ou ainda que comporte capacidades especiais de isolamento⁴⁹⁷.

De acordo com Lacan, o impermeável desempenha ali um papel que não é, exatamente, o do véu, mas algo atrás do qual o sujeito se centra: “Ele se situa, não à frente do véu, mas por trás, isto é, no lugar da mãe, aderindo a uma posição de identificação onde esta tem necessidade de ser protegida, aqui pelo envolvimento”⁴⁹⁸. E ele acrescenta que é isso que indica a transição entre os casos de fetichismo e os de travestismo. Neste último, “o envolvimento não é da ordem do véu, mas da proteção. Trata-se de uma égide, em que se envolve o sujeito identificado com o

⁴⁹⁴ *Ibid.*, p.114.

⁴⁹⁵ *Ibid.*

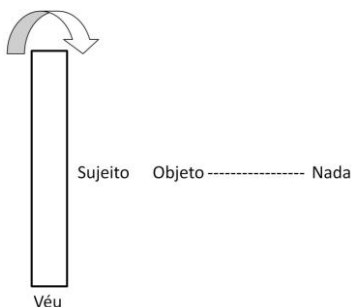
⁴⁹⁶ Em seu artigo: *Some observation on the ego development of the fetishist*, publicado no *international Journal of Psychoanalysis*, vol.XX, 2,1939, pp.161-170. Cf. Lacan, 1995, p.164.

⁴⁹⁷ *Ibid.*

⁴⁹⁸ *Ibid.*, p.164-165.

personagem feminino”⁴⁹⁹. Esta posição pode ser representada no esquema do véu da seguinte forma (Figura 2):

Figura 2. Esquema do véu (atrás do véu)



Fonte: Lacan (1956-1957), 1995, p.165.

A capa de chuva, como cita Julien⁵⁰⁰, mascara como imagem fálica, o que ela designa como elemento simbólico, a falta fálica da mãe como causa de angústia do sujeito; e essa operação de renegação é cumprida ativamente por ele, ao vesti-la publicamente.

Além do travestismo, nessa posição do sujeito atrás do véu, também se encontra o exibicionismo. Lacan traz o exemplo de um homem que tenta, pela primeira vez, uma relação real com uma mulher. Nessa posição de experiência, ele alcança mais ou menos seu objetivo, graças à ajuda dela, mas logo depois entrega-se a uma exibição muito singular, e muito bem calculada, “que consiste em mostrar seu sexo à passagem de um trem internacional, de modo que ninguém pode pegá-lo com a mão na botija”⁵⁰¹. Ele foi forçado aqui a deixar sair algo que estava implícito em sua posição:

Seu exibicionismo é apenas a expressão, ou a projeção no plano imaginário, de algo de que ele mesmo não compreendeu todas as ressonâncias simbólicas, a saber, que o ato que acabava de efetuar, afinal de contas, não passava da tentativa

⁴⁹⁹ *Ibid.*, p.165.

⁵⁰⁰ Julien, 2002.

⁵⁰¹ Lacan (1956-1957), 1995, p.165.

de mostrar – de mostrar que ele era capaz, como qualquer outro, de ter uma relação normal⁵⁰².

Julien comenta que no exibicionismo o sujeito “dá – a – ver para ver o Outro surpreendido pelo desvelamento”⁵⁰³. Sua técnica consiste em mostrar o que ele tem, uma vez que o Outro não o tem; revelar ao Outro o que este é *suposto* não ter, para ao mesmo tempo, mergulhá-lo na vergonha do que lhe falta. Além disso, “o sujeito presentifica a mãe uma vez que não haveria nela falta”⁵⁰⁴.

Entre as outras duas possíveis perversões que se deduzem dessa posição do sujeito atrás do véu, apontadas por Julien, estão: o sadismo, em que “o chicote, o porrete, o cetro, a coronha, presentificam a imagem fálica”⁵⁰⁵; e a homossexualidade masculina, na qual o sujeito “se identifica com uma mãe que deve ter o falo [...]”⁵⁰⁶. Em relação a esta última forma de perversão, Lacan retomando Freud, o prolonga, precisando, que a identificação não é com o desejo da mãe, nem com seu amor, mas com seu gozo. Há repetição do mesmo gozo por inversão: a criança uma vez que foi objeto de tal gozo do Outro, perpetua esse gozo gozando, por sua vez, de um objeto semelhante ao que ela foi. A escolha do objeto é, portanto, narcisista, a serviço da manutenção do gozo do Outro.

3.3 GIDE, UM CASO DE INVERSÃO

Alguns famosos escritores testemunharam publicamente, através de suas obras e de suas vidas, essa repetição do gozo materno por inversão. Com a finalidade de tornar mais claro esse processo, optou-se neste capítulo em apresentar um resumo do relato de um deles, o francês André Paul Guillaume Gide, Nobel de Literatura de 1947.

Para Catherine Millot,

Gide foi o vivo desmentido do lugar-comum que quer que não se possa ter tudo: conheceu o amor

⁵⁰² *Ibid.*

⁵⁰³ Julien, 2002, p.117.

⁵⁰⁴ *Ibid.*

⁵⁰⁵ *Ibid.*, p.116.

⁵⁰⁶ *Ibid.*, p.117.

com sua mulher, as alegrias da paternidade com uma outra, o prazer com os rapazes⁵⁰⁷.

Ele viveu num mesmo momento o opróbrio e as honras; ostentava gostos passíveis dos tribunais, mas nem por isso deixou de se tornar objeto de uma veneração praticamente unânime. Considerava-se o emancipador dos espíritos e o libertador dos modos.

A Primeira Guerra Mundial, com seus efeitos de desmoralização, acabava de terminar, quando Gide publicou *Corydon*. E diante do desencadeamento da morte – seu *Diário* traz a marca dos efeitos depressivos por ele sofridos ao longo desses anos –, enquanto muitos se agarravam a religião, Gide reage através da rebeldia de sua sexualidade que se dividia entre:

[...] Seu amor por Madeleine – sua religião privada – e de seu gosto pelos rapazes. Foram estes os dois focos de sua elipse subjetiva, suas duas obsessões, e com certeza as duas únicas saídas que ele encontrou para os impasses mortíferos que sua infância havia encontrado⁵⁰⁸.

Segundo suas palavras, até os vinte e cinco anos, viveu no ‘vale da sombra da morte’. Millot afirma que o fato de aos doze anos ter perdido o pai não basta para explicar esse domínio fúnebre que não se confunde com o do luto:

O desejo de morte, esse desejo primário por que toda infância é atravessada, pois sempre jaz um pouco no coração daqueles que dão a vida como no daquele que a recebeu, costuma encontrar seu contrapeso nos desejos sensuais de que o filho é oriundo e de que é objeto. Se estes vêm a faltar, a ligação de Eros e de Tânatos fracassa, deixando indiretamente a marca de algum defeito vital. Uma primeira e fatídica cisão se opera entre uma existência biológica, dominada pela redução do desejo à necessidade, e uma sexualidade desumanizada, trazendo a marca da mortificação⁵⁰⁹.

⁵⁰⁷ Millot, 2004, p.15.

⁵⁰⁸ *Ibid.*, p.17.

⁵⁰⁹ *Ibid.*, p.19.

Em seu livro *Se o grão não morre*, Gide deixou a Jean Delay, seu biógrafo, todos os elementos que permitiam desenrolar o fio de ‘suas infâncias’, daquilo que ele quis ver como a origem das contradições de sua natureza: uma dupla ascendência protestante, normanda e languedociana; e uma mãe de traços ingratos, de ar masculinizado, que se casou tarde, por amor, no entanto, com um homem discreto cujos sentimentos ela em contrapartida não parece ter despertado⁵¹⁰.

Millot pontua que o efeito comum da ausência de uma justa acolhida do amor, aquele ao qual o sexo dá a sua cor, é a falta de graça na criança. Em suas primeiras fotografias, André Gide aparece com uma careta contraindo seus traços, feio, com ar ranzinza, “pateticamente privado das primeiras florações da infância”⁵¹¹. Ademais, assinala que assim como o gosto de viver, o narcisismo é herdeiro do desejo parental: “ele recebe um fundamento precário de suas fraquezas, ao passo que o sexo, se for desligado demais do amor, vê-se forçado a pactuar com a morte”⁵¹². Em *Se o grão não morre*, por volta dos cinquenta anos, ao relatar sua infância, Gide se descreve com insistência como privado de luz, um ser que se arrastava em estado larvar, uma criança ‘toda cozinhada na sombra’.

Assim, menino, Gide conheceu várias vezes o chamado da morte, experiências que ele batizou de *Schaudern*⁵¹³: a primeira, provocada pelo anúncio da morte de um primo pequeno; a segunda sobreveio pouco depois da morte de seu pai; e a terceira, quando, no liceu, imaginou um de seus colegas às voltas com as prostitutas da passagem do Havre. “Foi, a cada vez, a experiência de uma onda que o submergiu de angústia [...]”⁵¹⁴. Menino, carregado pela morte, abandonado pelo desaparecimento do pai, ele se encontrava à maré do amor materno: “estar entregue à mãe é estar fadado à morte, é estar condenado a permanecer prisioneiro dos invólucros fetais, separado do mundo dos outros, igual ao que ainda não nasceu”⁵¹⁵.

De acordo com Millot, foram necessários pelo menos dois nascimentos para que Gide se desprendesse dessas trevas pré-natais: o

⁵¹⁰ *Ibid.*

⁵¹¹ *Ibid.*, p.18.

⁵¹² *Ibid.*

⁵¹³ Palavra tomada a Schopenhauer, e que mais tarde ele associa ao “estado lírico”. *Ibid.*, p.19.

⁵¹⁴ *Ibid.*

⁵¹⁵ *Ibid.*, p.20.

do amor, quando aos quinze anos se apaixonou pela prima Madeleine, que para sempre se tornou ‘o Oriente de sua vida’; e o do desejo, quando aos vinte e cinco anos, o descobriu nos rapazes “e emergiu enfim, como de uma longa doença, do confinamento masturbatório em que sua sexualidade até ali havia macerado”⁵¹⁶.

Contudo, a esses renascimentos deve-se acrescentar o desabrochar de sua maturidade já tardia, quando ele conheceu, aos cinquenta anos, Marc Allégret, então com dezoito anos de idade,

o único ser para quem o levaram a um só tempo o amor e o desejo, após vinte e cinco anos de uma vida clivada entre o amor puro por Madeleine e a promiscuidade homossexual dos encontros anônimos⁵¹⁷.

Essa ligação lhe valeu por vários anos uma extraordinária explosão de vitalidade e equilíbrio, bem como se mostrou decisiva em sua determinação de tirar sua homossexualidade da clandestinidade, através da publicação de *Corydon* e *Os falsos moedeiros*.

Em *A juventude de Gide ou a letra e o desejo* Lacan interpreta a gênese da homossexualidade de Gide, cuja intervenção decisiva coube a sua tia Mathilde Rondeaux, a mãe de Madeleine. Segundo *A porta estreita*, a tia que na ficção recebe o nome de Lucile Bucolin, possui todos os traços de seu modelo – nascida nas colônias, indolente, sensual, e que não escondia muito seu gosto pelos jovens –, parece só ter conhecido a lei de seu capricho. Um dia, a sós com o sobrinho, “puxou-o contra si e, a pretexto de algum arranho na roupa, deslizou entre a pele e a camisa uma mão boba”⁵¹⁸. Diante do espelho, o menino é convidado a se ver amável por ser enfim desejado. Entretanto, ele foge, em pânico, “para ir lavar freneticamente a imaginária sujeira daquelas bolinações [...]”⁵¹⁹, assinalando tanto a intensidade de sua emoção quanto a educação puritana que nele imperava.

Millot comenta que em outro caso, num contexto diferente, essa cena talvez tivesse dado fundamento a uma predileção pelo sexo oposto. “Aqui, a tentativa de sedução foi narcisicamente fundadora e, como é de se esperar, despertou o desejo, dando à libido do menino figura

⁵¹⁶ *Ibid.*

⁵¹⁷ *Ibid.*

⁵¹⁸ *Ibid.*, p.21.

⁵¹⁹ *Ibid.*, p.22.

humana”⁵²⁰. Mas ela sofre com isso uma inversão: entre as duas posições constituintes da cena originária, Gide rejeita aquela que fazia dele o objeto do desejo feminino, e identifica-se com a sedutora:

É em sua tia que Gide se transformou como desejante, e é à imitação do menino que ele foi, naquele dia, que se ofereceram a ele, mais tarde, os objetos de seu desejo. A descoberta, aos vinte e cinco anos, de seus gostos pederastas representa o desenvolvimento, no sentido fotográfico, do instantâneo constituído pela cena com a tia⁵²¹.

Esse episódio é remontado por Gide em sua viagem de núpcias, quando, no trem de Biskra, roça os braços dos meninos debruçados na janela do compartimento vizinho. “As carícias da bela francesa das colônias permaneceram o modelo de suas emoções sensuais”⁵²². Em seu *Diário* diz preferir “à nudez, a roupa que permite à mão ‘insinuar-se entre carne e roupa’”⁵²³; eco daquelas primeiras bolinações, as ‘martirizantes delícias’.

Assim como Gide se tornou desejante, como sua tia, do rapaz que ele era, os meninos de seu desejo eram o reflexo masculinizado da bela francesa das colônias, pela cor da pele, pela despreocupação e sensualidade. Contudo, a lembrança da desgraça original de que a tia o havia salvado surge às vezes pela fantasia. Quando se oferecem a seu desejo, os meninos aparecem em bando, em tropas, e o encanto deles está justamente aí, no fato de não se saber sobre qual se fixar. Mas, no meio do grupo agitado, um deles se distingue – por seu retraimento, seu lado ‘à parte’, mais fraco, frágil e até mesmo enfermo – ele se torna o eleito, o amado, adquirindo a dignidade do fetiche, “dignidade que sua própria enfermidade lhe confere”⁵²⁴.

O encontro perturbador, que teve nos banhos sulfurosos de Aquasanta, com um jovem rapaz, que de seus olhares e de sua perseguição se esquivava, através da agilidade de seu nado e graças à opacidade da água, foi contado por Gide em um de seus *Folhetos de Outono*. Em determinado momento, o menino se rende, entregando-se em seus braços, mas seu pouco peso espanta Gide. Seus carinhos, que

⁵²⁰ *Ibid.*

⁵²¹ *Ibid.*

⁵²² *Ibid.*

⁵²³ *Ibid.*

⁵²⁴ *Ibid.*, p.24.

começaram no torso, foram descendo, até que ele descobre que a perna esquerda do garoto terminava no início da coxa. Diante da descoberta, Gide escondeu seu estupor e procurou não deixar transparecer “uma compaixão que teria lembrado ao menino sua desgraça”⁵²⁵. Em seu folheto, ele afirma que na verdade não foi piedade que ofereceu ao menino, mas ardor. Segundo Millot, “Gide conhecia isso da infância: mais que o amor que protege, é o desejo que salva”⁵²⁶.

Contudo, o desejo também é o que mata. Afinal, não foi a mágoa causada pela tia infiel que provocara a morte do pai de Madeleine? Morte esta que ecoou para Gide, a morte de seu próprio pai, a qual ele se atribuía uma parte de responsabilidade. Tal como analisa em *Os falsos moedeiros* a doença nervosa do jovem Boris,

não havia ele mergulhado o pai na aflição por sua expulsão da Escola Alsaciana e, sobretudo, pelo motivo desta: ele fora surpreendido dando-se prazer no fundo da sala⁵²⁷.

Assim como o pai de Madeleine que manifestou apenas uma ‘mágoa silenciosa’ diante da traição, seu pai também não reagiu à sua expulsão, não demonstrou raiva, nem o puniu, mas morreu pouco depois: “A Lei, que essa infelicidade o obrigou a reconhecer, apertou, aqui, o nó do erotismo e da morte”⁵²⁸.

Millot aponta que as duas figuras masculinas de maior importância na infância de Gide não tinham traços que serviam à identificação pela qual a criança antecipa o exercício de seu poder futuro. Ora, para a psicanálise, “a criança, macho ou fêmea, se identifica com aquele que, homem ou mulher, possui o poder, e ela adota o desejo dele”⁵²⁹. Contudo, àqueles que foram chamados a garantir uma Lei, por sua posição paterna, na infância de Gide, aparecem como vítimas. Sobreviveram apenas as mulheres e os culpados pela morte de ambos. E não é a morte a impotência maior? Além disso, o pai de André nunca amara a mulher nem conhecera o amor com outra, ao passo que seu tio Henri Rondeaux, por mais apaixonado que fosse pela sua, não via nela reciprocidade desse amor e nem soube por ela fazer-se respeitar:

⁵²⁵ *Ibid.*

⁵²⁶ *Ibid.*, p.25.

⁵²⁷ *Ibid.*

⁵²⁸ *Ibid.*

⁵²⁹ *Ibid.*, p.26.

Aqui, poder e desejo estavam do lado do feminino e do ilegítimo, do culpado e do clandestino e não, como teria sido desejável, ligados ao exercício de um bom direito. Significando morte e castração para o homem, o desejo do outro feminino só podia ser recalçado pelo menino, ameaçado em seu sexo e que, além disso, partilhava com a mulher a culpa de um parricídio⁵³⁰.

Com um início tão funesto, a sexualidade de Gide poderia ter sucumbido, mas disso escapou, devido ao esforço em encontrar a saída da perversão. “De fato, o pequeno pecador não devia cair por inteiro sob o golpe da Lei, graças a uma esperteza que lhe permitiu instalar os dois quadros sobre os quais ele jogaria, doravante, ganhando sempre”⁵³¹.

Pouco depois da morte de seu pai, veio a virada decisiva: a instalação em Montpellier de André Gide e sua mãe. Com efeito, desamparada, a mãe procurou no cunhado, Charles Gide, que lá morava, apoio e o encargo de exercer, com o órfão, a autoridade paterna. Mas “a infelicidade fez que a estada no liceu logo se transformasse para André em inferno cotidiano [...]”⁵³². Não dando conta de sinalizar sua adesão, a comunidade adolescente, de sua virilidade nascente, ele passou a ser perseguido e espancado por seus colegas, dentre os quais, o mais temível, certo Gomez ou Lopez, Gide havia encontrado seu castrador. “Não havia dúvida, o perigo era, ali, real”⁵³³.

Salvo de seus perseguidores pela varíola, quando adveio a cura, renasce a angústia. Entretanto, Gide logo se inspirou em recorrer à simulação para escapar ao prazo fatal de volta à sala de aula.

Vertigens, desmaios, movimentos ‘descontrolados’, tremores, pulos, coices: as autoridades médicas devidamente convocadas deixaram-se embromar, não sem inquietar, no entanto, André pela seriedade que puseram em considerar seu ‘caso’⁵³⁴.

⁵³⁰ *Ibid.*, p.26.

⁵³¹ *Ibid.*

⁵³² *Ibid.*, p.27.

⁵³³ *Ibid.*

⁵³⁴ *Ibid.*

Assim, surge para ele a intuição de que toda a simulação é ambígua, passando a acreditar que ao enganá-los, estaria enganando a si mesmo.

Tio Charles, depositário da autoridade paterna, não achou necessário exercê-la nessa oportunidade, “manifestou a mais perfeita indiferença às contorções do sobrinho, o qual lhe devotou, a partir desse momento, um ódio determinado”⁵³⁵. A partir desse ponto, André e sua mãe levaram uma existência errante,

onde tudo se dobrava à sua saúde que, doravante, fazia lei, qualquer outra autoridade tendo sido destituída, ao mesmo tempo em que rejeitada a ameaça que a dura realidade fazia pesar sobre ele⁵³⁶.

Fora da escola, vive entre as curas termais e a Normandia, Paris e a Côte d’Azur.

Dessa forma, pela primeira vez, por um subterfúgio, mas também como lembra Jean Delay, por um meio clandestino, Gide acabava de “tergiversar com a realidade, no ponto crucial em que ela confronta com a castração e a Lei, agravando assim, sem saber, sua relação mais íntima com o próprio sentimento da existência [...]”⁵³⁷. Ele declara, aos cinquenta anos, que não tinha o *sentimento da realidade*, e esta se colocava a ‘flutuar’, a ‘desconsistir’, precisamente nos momentos desagradáveis. Nota-se, aqui, que a função paterna, que sustenta o edifício da realidade, ao fraquejar, mistura o verdadeiro e o falso, deixando tudo cair na aparência.

De vez em quando, entre um tratamento e outro, André e sua mãe voltavam a Rouen para visitar a família materna, e ele passava seus dias na casa das primas. Numa noite lá voltou inesperadamente, atraído pela tia Mathilde “e por algum surdo rumor de escândalo latente”⁵³⁸. Com efeito, na versão autobiográfica de *Se o grão não morre*, no segundo andar da casa, ele encontra a tia estendida sobre um sofá, esperando seu amante, em companhia de suas duas filhas mais novas. Já no terceiro andar, a cena que segue, marcou o grande acontecimento de sua

⁵³⁵ *Ibid.*

⁵³⁶ *Ibid.*, p.28.

⁵³⁷ *Ibid.*

⁵³⁸ *Ibid.*, p.31.

adolescência: “[...] André descobriu Madeleine de joelhos e aos prantos”⁵³⁹.

Segundo Gide, essa descoberta da dor de Madeleine, diante da má conduta de sua mãe, que desprezava o marido por um amante, determinou um novo oriente em sua vida, revelou sua ‘vocação’: protegê-la do intolerável desamparo, e da mágoa, nela instalados. E assim,

Diante da prima de quinze anos, André Gide, que tem treze, faz sua a abnegação de sua própria mãe, seu esquecimento de si, e reproduz o envolvimento de seu amor: identificado à mãe, ele doravante gosta em Madeleine de um outro ele mesmo, ameaçado pelo desejo culpado de uma outra mãe, indigna⁵⁴⁰.

Naquela noite, dividido entre o segundo e o terceiro andar, ele “erigi a cruz de Santo André de seu desejo e de seu amor”⁵⁴¹, os dois eixos (que comportam cada um dois polos) que dali em diante iriam constituir o fundamento de sua subjetividade. No primeiro eixo, encontra-se a identificação primária de Gide com sua mãe – a primeira dentre aquelas admiráveis figuras femininas que fizeram parte de sua infância, modelos de rigor moral e abnegação –, e a imagem do filho que ele foi para ela, objeto frágil do amor que protege contra o mal e contra a vida, que ele iria buscar em Madeleine. No segundo eixo aparece a identificação inconsciente com Mathilde, a tia sedutora, mãe indigna, identificação pela qual ele fez seu o desejo de que um dia fora objeto, e que na vida adulta ele iria procurar nos jovens.

Gide devia assim ocupar, sucessivamente, os quatro lugares dessa dupla polaridade que resulta de um desdobramento do casal Ideal do Eu-Eu ideal em duas versões, uma “positiva” e outra “negativa”, uma “angélica” e outra “demoníaca”, desdobramento que corresponde ao que Freud designa pela expressão ‘clivagem do eu’⁵⁴².

⁵³⁹ *Ibid.*, p.32.

⁵⁴⁰ *Ibid.*

⁵⁴¹ *Ibid.*, p.33.

⁵⁴² *Ibid.*

Desse modo, por um lado, Gide foi o sedutor, o subornador de crianças, aquele por quem chega o escândalo. Entretanto, tomando a mãe como modelo, colocava em seu trabalho de escritor suas qualidades de alma, devotava seu amor a Madeleine e ainda nela se inspirava na vocação de pedagogo que ele reivindicava em relação aos jovens. Por isso, defendia-se com indignação contra acusação de corromper a juventude, “invocando a ação ‘moralizadora’ que ele achava exercer”⁵⁴³.

Em relação à Madeleine, ao casar-se com ela, André também apresentou uma dupla missão contraditória, que correspondia aos dois ofícios respectivamente cumpridos junto a ele por sua mãe e sua tia Mathilde: “Ele se ofereceu para ser a mãe tutelar, todo-poderosa em abrigar a vida. Mas também quis ser para ela a imagem daquele que lhe abrisse as portas do desejo”⁵⁴⁴. Na adolescência, ele a arrastava atrás de si nos labirintos da biblioteca e, depois de casados, desejava que ela o acompanhasse em todas as suas viagens. Assim, ele acreditava que podia libertá-la do medo da vida em que a havia mergulhado a má conduta materna.

Contudo, esse temor de Madeleine só pôde aumentar, quando percebeu “que com o primo ela havia desposado aquilo mesmo que lhe inspirara o horror mais definitivo e que ela acreditava ter rejeitado para sempre ao se recusar a toda evocação da indigna fugitiva”⁵⁴⁵. Em seu marido, reencarnava o desejo daquela que lhe havia tornado o desejo inaceitável; e dessa forma André novamente a entregava ao sofrimento de que quisera protegê-la. Ele só podia, portanto, “fracassar em curá-la de seu medo da vida e em livrá-la daquela sombra fúnebre em que ela havia encontrado abrigo, desde a morte de seu pai”⁵⁴⁶.

Madeleine, por sua vez, também era para Gide, sob certos aspectos, a representante de sua mãe e sua tia. Como Juliette Gide, ela era uma santa mulher, honesta, impossível de ser subornada, que nunca cedia em suas convicções morais. Após alguns anos de resistência por parte da prima, ele casa-se com ela, logo após a morte de sua mãe. E em *Se o grão não morre*, “ele reconhece explicitamente que ela então tomou em sua vida o lugar da defunta [...]”⁵⁴⁷. Mas ela não foi apenas, para ele, um substituto de sua mãe. Também era a filha de sua sedutora, parecia

⁵⁴³ *Ibid.*, p.34.

⁵⁴⁴ *Ibid.*

⁵⁴⁵ *Ibid.*, p.35.

⁵⁴⁶ *Ibid.*

⁵⁴⁷ *Ibid.*, p.37.

com ela, a mesma pele mate, o mesmo ar lânguido. Assim, ela foi chamada por Gide para ocupar, sucessivamente,

Os quatro polos da configuração subjetiva em que seu próprio eu [*moi*], duas vezes, se desdobrava. Objeto do amor que protege, ele a teria querido o do desejo que liberta. Mulher ideal, anjo protetor, para além dela o atraía o reflexo da Putifar de sua infância, ao passo que ele mesmo se situava, a cada vez, no polo oposto e complementar⁵⁴⁸.

Millot pontua que essa estranha reversibilidade dos papéis, que não leva em conta a diferença sexual, é resultado da natureza especular da relação, característica do vínculo primitivo do filho com a mãe. “Aqui, o amor logo se faz identificação”⁵⁴⁹. E na falta de um pai que teria rompido os malefícios da relação dual entre a mãe e o filho, é um Outro que é chamado, para além da mãe, à função do terceiro, ainda que feminino. No centro dessa estrutura em cruz, André encontra sua salvação numa incessante mudança de lugar:

Báscula entre o sujeito e o objeto, simultaneidade ou alternância da identificação com o polo do amor ou com o do desejo, polos que formam, em Gide, dois ‘ideais do eu’ de valores opostos”⁵⁵⁰.

Assim, Gide era incapaz de ser ‘idêntico a si mesmo’, da mesma forma que possuía um incrível dom de ‘simpatia’, que o levava a identificar-se, em espelho, com qualquer que fosse seu interlocutor; por exemplo, com um inglês, assumia um sotaque inglês. Com efeito, de acordo com Millot⁵⁵¹, na identificação com o Outro ou com o objeto do Outro, essa estrutura comporta o esquecimento de si, ao passo que o Outro, ao se desdobrar em duas figuras contrárias, põe o sujeito, perpetuamente, em oposição consigo mesmo.

O amor de Madeleine serviu a Gide como muralha contra a ameaça de se esquecer em outrem, de desaparecer sem ele, assegurando-o de uma unidade. Mas não é somente o modo especular dessa relação com o Outro, que o expõe à dispersão de seu ser: “O desejo, sobretudo,

⁵⁴⁸ *Ibid.*, p.37-38.

⁵⁴⁹ *Ibid.*, p.38.

⁵⁵⁰ *Ibid.*, p.39.

⁵⁵¹ *Ibid.*

representa para ele uma força dissolvente de toda identidade”⁵⁵². O personagem Saul, de sua peça *Perséfone*, mostra “essa extremidade de um abandono ao desejo que, em razão de sua orientação centrífuga e pluralizante, conduz ao aniquilamento”⁵⁵³. No fim da peça, ele dirá ‘estou completamente suprimido’.

Assim como Madeleine, que dava à sua vida unidade, através do olhar que ele lhe emprestava para colocá-lo sobre as coisas, o diário que Gide escreveu desde os vinte e cinco anos também teve essa função essencial, “de servir de contrapeso às forças de ‘descentralização’ que o habitavam”⁵⁵⁴. Ele dizia que tinha que lutar, por todos os meios, contra o deslocamento e a dispersão do pensamento.

Os sentimentos de identidade e realidade, ambos problemáticos em Gide, estavam estreitamente amarrados:

Por falta de uma Lei que ele teria feito sua se o desejo de um pai a tivesse legitimado, sua mãe e sua prima-esposa encarnaram uma exigência sofrida a contragosto, mas que dava seu fundamento à realidade não menos que sua própria existência⁵⁵⁵.

Desse modo, com a morte de Madeleine, “a ele parece não fazer mais senão ‘semblante de viver’”⁵⁵⁶. Ele exclamava que ela era sua realidade, testemunha de sua vida, que sem ela ele mesmo se perdia de vista e, “como no dia da morte de sua mãe, lhe vem a imagem de uma pipa cuja linha arreventou e que mergulha no céu”⁵⁵⁷.

A dupla posição subjetiva tomada por Gide, entre uma exigência “que nega o desejo e um desejo que o expõe ao despedaçamento, entre o ideal ascético encarnado por Madeleine e o ideal naturalista a que sua tia Mathilde havia dado corpo”⁵⁵⁸, aparenta a sua estrutura a forma de uma elipse, com seus dois focos: num deles, em Madeleine, onde ele adora o ídolo ao qual ele dedica seu amor e sua obra; no outro, os rapazes, onde ele persegue a presença do falo que lhes dará valor de fetiche para o

⁵⁵² *Ibid.*, p.40.

⁵⁵³ *Ibid.*

⁵⁵⁴ *Ibid.*, p.41.

⁵⁵⁵ *Ibid.*

⁵⁵⁶ *Ibid.*

⁵⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁵⁸ *Ibid.*, p.42.

desejo da mulher, lugar inconscientemente assumido por ele. Ao ocupar simultaneamente esses dois focos,

ele traz o desmentido mais perfeito à castração, que quer que escolhamos, quanto ao falo, entre o ser e o ter: Gide o é no objeto de seu amor e o tem nos objetos de seu desejo, que dele possuem, com o órgão, o símbolo⁵⁵⁹.

Millot esclarece, aqui, a distinção entre o que Freud chamou de clivagem do eu [*moi*], que ocorre na estruturação da perversão e pode ser ilustrada pela figura da elipse; da divisão subjetiva característica do neurótico, na qual o círculo se torna a figura geométrica ideal, “sobre a qual ele pretende modelar seu eu”⁵⁶⁰. Na neurose, essa divisão é efeito da rejeição no inconsciente de um desejo irreconciliável com o eu. Esse conflito, essa divisão repudiada, no entanto, retorna sob a forma de sintoma, que é sentido pelo neurótico “como a intrusão de uma alteridade incômoda”⁵⁶¹. Já na perversão, o eu, a partir de sua clivagem, é descentrado, desdobra-se em dois polos opostos, “que permite sustentar o conflito sem renunciar a nenhum de seus termos, mantendo a coexistência dos contrários”⁵⁶² e, assim como Gide, dela fazer a base de uma harmonia superior. Ele escreveu em seu *Diário*, em 1905, que era sucessivamente, parecido e diferente; ainda não sabia, aos trinta e seis anos, se era pródigo ou avaro, sóbrio ou glutão.

Na estrutura perversa, a partir da clivagem do eu e de seu desdobramento, o sujeito acaba representando, encenando, sua dupla posição, e assim sustenta, ao mesmo tempo, duas proposições logicamente contraditórias, nas quais se encontram confissão por um lado e desabono por outro,

para com essa chave de abóboda da realidade que é a Lei, de que a castração é o fundamento. Não querer a nada renunciar comporta, com efeito, a pretensão de não conhecer nem a falta nem a perda⁵⁶³.

⁵⁵⁹ *Ibid.*, p.42.

⁵⁶⁰ *Ibid.*, p.43.

⁵⁶¹ *Ibid.*

⁵⁶² *Ibid.*

⁵⁶³ *Ibid.*

Entretanto, a clivagem do eu, como afirma Millot, não se resume à instauração de uma dualidade, manifestando-se também no modo de pensamento, no estilo de vida, e até na própria escrita, “pela escolha de figuras de retórica privilegiadas, como a ambiguidade e a ironia”⁵⁶⁴, tão importantes a Gide, assim como o contraste, nele presente.

De acordo com Millot⁵⁶⁵, Gide, no fim da vida, ainda insiste em afirmar que nada lhe falta, que nada jamais lhe faltou. Sua vontade de não renunciar a nada, de não ceder em nada, permaneceu constante. A determinação que ele possuía, em manter juntas as orientações mais incompatíveis, foi levada por ele, até o desafio. André sempre afirmava que essas tendências mais opostas, por ele denominadas *estado de diálogo*, nunca fizeram dele um ser atormentado, pois ele não desejava escapar ao que colocava em vigor todas as virtualidades do seu ser. Essas oposições, que para tantos podiam ser algo mais ou menos intolerável, para ele tornavam-se necessárias, longe de levá-lo à esterilidade, eram um convite à obra de arte e precedia a criação, chegava ao equilíbrio, à harmonia.

Mas esse equilíbrio e harmonia nem sempre vieram ao encontro de Gide, sua adolescência foi marcada por esgotantes conflitos. O primeiro deles assumiu o aspecto, clássico na puberdade, de uma luta contra a masturbação, “cujo caráter compulsivo se acentuava na medida da energia que ele punha em tentar dela se desfazer. Era esse seu demônio mais antigo, que sempre saía vencedor”⁵⁶⁶. Em oposição a ele estava, principalmente, seu amor por Madeleine, a devoção ao ideal que ela encarnava a seus olhos, mesmo assumindo o rosto de sua própria mãe, Mathilde. “Ela era o anjo, ele tinha seu demônio: os valores extremos dos termos contrastados, branco de um lado, preto do outro [...]”⁵⁶⁷.

Madeleine permaneceu intocável para Gide, a impureza nem de leve podia tocar esse anjo. Por muito tempo, o fato de que o desejo e o amor deveriam permanecer separados, parecia para ele evidente, inquestionável, solução que permitiria escapar dos estorvos do casamento. Ele dizia que o amor que tinha por sua mulher não era comparável a nenhum outro e acreditava que só um uranista podia dar a uma criatura esse amor total, despojado de qualquer desejo físico, amor integral, em sua pureza sem limites. Não lhe parecia um paradoxo

⁵⁶⁴ *Ibid.*

⁵⁶⁵ *Ibid.*

⁵⁶⁶ *Ibid.*, p.46.

⁵⁶⁷ *Ibid.*

afirmar que esse amor ‘total’ fosse o amor sem desejo, desprovido de qualquer sexualidade. “É que, de fato, o sexo, quando é o outro, abre uma brecha na completude que faz a miragem do amor”⁵⁶⁸.

Numa viagem à Argélia, Gide teve um ‘novo nascimento’, a revelação de sua homossexualidade, o desvelamento de seu desejo, relatado trinta anos mais tarde em *Se o grão não morre*. Sim, seus livros estavam sempre atrasados em relação ao autor, “aquele que está escrevendo já não sendo mais o mesmo que aquele que ele descreve”⁵⁶⁹. *Os alimentos terrestres* é o livro de celebração dessa nova vida e, nele, também reivindicava uma liberdade que acabava de abrir mão ao se casar com sua prima. Para André, escrever responde “a um movimento interno de desabono de si mesmo”⁵⁷⁰. Ele afirmava que as pessoas não poderiam entender seus livros enquanto não percebessem que eles eram irônicos, que diziam uma coisa para deixar entender seu contrário.

Por trás da muralha da ficção, em *O imoralista* Gide divulgava seus gostos sexuais. Passando por falsa, a verdade era dita e, assim, tudo era verídico e mentiroso a um só tempo. Mas, infelizmente, ele foi descoberto por uma indiscrição do amigo e cúmplice Henri Ghéon, que comentou com Jacques-Émile Blanche sua homossexualidade. André sabia que a perda desse incógnito iria tornar sua vida mais difícil. Antes, sua união com a prima despistava as suspeitas e o deixava protegido, e sua vida obedecia a uma clivagem perfeita: “uma relação harmoniosa e platônica com Madeleine, por um lado, e, por outro, frequentes e breves aventuras homossexuais”⁵⁷¹.

Em seu *Diário*, Gide confessa que, até os cinquenta anos, não podia ficar mais de dois ou três dias sem ir buscar em lugares propícios os encontros que lhe permitissem a saciação mais imediata de seus desejos. Dois ou três parceiros não eram suficientes, normalmente ele precisava de pelo menos uma dezena de orgasmos antes de encontrar um pouco de tranquilidade. Ele atribuía essas particularidades a seus hábitos de grande masturbador e ao compromisso que ele encontrara, na adolescência, entre a compulsão em buscar prazer e a exigência de sua consciência moral: “ele parava à beira da ejaculação, na qual se concentrava a interdição, para logo recomeçar”⁵⁷².

⁵⁶⁸ *Ibid.*, p.47.

⁵⁶⁹ *Ibid.*, p.49.

⁵⁷⁰ *Ibid.*, p.48.

⁵⁷¹ *Ibid.*, p.51.

⁵⁷² *Ibid.*

Se as circunstâncias não se prestassem a essas satisfações, Gide enlouquecia. Precisava fugir de Cuverville, cidade em que vivia, para não arriscar um escândalo; dirigia-se, então, a Paris ou a alguma cidade da costa, onde podia encontrar “o alívio de suas tensões”⁵⁷³. Quando estava em Cuverville, a masturbação era a não mais poder, masturbação furiosa; lá, como dizia, ele apodrecia.

O imoralista e *A porta estreita* constituem duas obras de Gide que se completam, sendo uma a imagem invertida da outra, com inspiração em sua própria história com Madeleine, mas indiretamente, refletindo o que poderia ter acontecido se ambos tivessem sido outros. Nesse sentido, segundo Millot⁵⁷⁴, trata-se de fato de ficções. A primeira delas exaltava, em nome do desejo, a libertação da moral e da religião. A segunda celebrava a renúncia às alegrias do amor de uma alma decidida a dedicar-se por inteiro a Deus. “Passava-se do nietzscheísmo ao misticismo, dos relentos de enxofre ao odor de santidade”⁵⁷⁵. Contudo, a crítica e a ironia estavam presentes nas duas obras em relação a seus heróis: “Jérôme, incapaz de dobrar Alissa a seu desejo; Alissa, cujo sacrifício se devia mais ao medo de viver que ao amor por Deus”⁵⁷⁶.

Ao terminar seus livros, Gide, habitualmente, passava pela inversão da auto-crítica à auto-satisfação. Sobre *O imoralista*, escreveu em seu *Diário*, num primeiro momento, que ‘O livro’ lhe parecia como um nugá cujas amêndoas são boas, mas cuja massa é pastosa, mediocrementemente escrito. Entretanto, para ele, não podia ser de outro jeito, pois o mole caráter de Jérôme implicava a mole prosa; e ao final, dizia que achava o livro bem feito. Ademais, tomou por sua conta o cinismo de *O imoralista*, e repudiou “a atmosfera sentimental na qual banhava Jérôme e Alissa”⁵⁷⁷, afirmando, numa de suas cartas à Ghéon, que sonhava com personagens sem efusões: olhos sem lágrimas, corações sem delicadeza.

Para Gide, a sucessão de oposições que se apresentavam em seus livros só ocorria por ele não ter podido produzi-los de forma simultânea. Seus personagens, que parecem representá-lo, longe de serem duplos dele mesmo, “são sempre apenas metades, de que o outro constitui o

⁵⁷³ *Ibid.*

⁵⁷⁴ *Ibid.*

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p.52.

⁵⁷⁶ *Ibid.*

⁵⁷⁷ *Ibid.*

desmentido”⁵⁷⁸. Ele dizia que nunca se dava por inteiro em seus livros, e que se alguém buscava apreender algo dele em seu último escrito, deveria perder as esperanças, pois era sempre no último filho que ele era mais diferente.

Millot assinala, que de *Os cadernos de André Walter* até *Os falsos moedeiros*, a produção de Gide obedecia assim a um movimento que oscilava entre dois polos, nos quais se opunham valores extremos: “angelismo e demonismo, vício e virtude, individualismo e abnegação”⁵⁷⁹. Contudo, a contradição guardada em cada um deles, acaba remetendo o leitor, tanto quanto o autor, ao outro polo. Era dessa forma, nesse movimento de balança, que Gide via de bom grado, “um processo alternado de libertação progressiva”.

Já em *A tentativa amorosa*, Gide afirma que quis indicar a influência do livro sobre aquele que o escreve, durante a própria escrita. Assim, a exemplo do autor, que se libertava ao dar uma existência literária a virtualidades contraditórias, os personagens libertavam-se de si mesmos ao se cumprirem. Segundo ele, seus livros modificavam a marcha de sua vida, alteravam-no. Millot indica, neste ponto, que o “movimento de balança que projeta André Gide de um polo ao outro de sua subjetividade obedece ao mesmo princípio que o do motor à reação: sua produção numa direção particular o propulsa no sentido oposto”⁵⁸⁰.

De acordo com Millot, “clivagem, alternância e clandestinidade formam um nó”⁵⁸¹. Em resposta a uma dualidade interna, a alternância se põe a serviço da dissimulação, a qual caminha lado a lado com uma divulgação velada que joga com as oposições ser-parecer, verdade-mentira, realidade-ficção, com a qual se produz igualmente a criação literária. No momento em que encontra Marc Allégret, Gide abandona de forma significativa o princípio de alternância ao qual sua produção obedecia, e por um lado esse encontro também extingue a clivagem entre o amor e o desejo, que para ele eram radicalmente separados. Desatadas do nó, a alternância e a clivagem, o que viria a seguir seria o fim da clandestinidade, quando então ele toma a decisão de tornar pública sua homossexualidade.

Quando Gide retorna a Cuverville, após uma viagem com Marc à Suíça e depois à Inglaterra, logo fica sabendo que, em sua ausência, Madeleine havia queimado todas as cartas que, desde a adolescência, ele

⁵⁷⁸ *Ibid.*, p.53.

⁵⁷⁹ *Ibid.*

⁵⁸⁰ *Ibid.*

⁵⁸¹ *Ibid.*, p.54.

lhe havia escrito. Seu desespero “foi na medida do lugar que tinham para ele aquelas cartas: o do coração”⁵⁸². Tanto seu amor por Madeleine, quanto à escrita, lá se achavam concentrados e eram o que lhe dava todo fundamento subjetivo. Com isso, ao tomar conhecimento do fato, ele diz que foi como se tivesse cessado de viver. Dali por diante, nunca mais se apegou realmente à vida; ou só muito mais tarde, quando compreendeu que havia recuperado a sua estima; mas mesmo assim, confessa não ter mais entrado realmente na roda, só viveu com um sentimento indefinível de se agitar entre aparências – entre as aparências que são chamadas realidades.

Assim, o encontro com Marc e a crise que daí resultou em suas relações com Madeleine tiveram na vida e na obra de Gide uma repercussão decisiva. Com a publicação de seu diário íntimo, “ele entrara numa nova era: a da ‘parrésia’, da manifestação inesgotável da verdade”⁵⁸³. E dessa forma, nesse movimento de exteriorização total, aboliram-se as oposições ordinárias entre o dentro e o fora, e público e o privado.

A maioria de seus amigos, entre eles Roger Martin du Gard, tentou dissuadi-lo de publicar *Corydon*, mas Gide tinha a intenção de levar o mais longe possível a expressão sincera e total de seu ser, gesto que considerava nobre, sincero, desinteressado e corajoso, e do qual ele buscava, ao mesmo tempo, uma veneração particular, um retorno de grandeza, de influência. Mas havia ainda outro motivo. Ele reconhece que a publicação de *Corydon* e de *Se o grão não morre* fará seguramente outra vítima que ele mesmo, sua mulher, já que pensa que será para ela um golpe definitivo, que vai acabar com ela. Do mesmo modo, considera que seja sua única chance de reconquistá-la, pois se ele fosse ultrajado, banido por toda parte, talvez ela sentisse piedade e lhe estendesse a mão. “Em suma, tudo o levava àquilo, o desejo de glória e o da abjeção, a ambição e a abnegação, o ódio e o amor, o gosto da perdição e a aspiração à redenção [...]”⁵⁸⁴.

Entretanto, contrariamente ao seu interesse, após a publicação de *Corydon* em 1923, Gide só encontrou o silêncio. Nessa mesma época, ele publicou *Os falsos moedeiros*, a única de suas obras de ficção, à qual ele quis dar o nome de romance. Com ela, “o princípio de alternância que havia, desde o início, regido sua produção literária, oscilando de um

⁵⁸² *Ibid.*, p.56.

⁵⁸³ *Ibid.*, p.57.

⁵⁸⁴ *Ibid.*, p.58.

livro ao outro entre os dois polos constitutivos de seu eu”⁵⁸⁵, fora abandonado. Nela, ele quis ‘fazer tudo entrar’, todas as suas facetas, suas mínimas virtualidades, e, sobretudo, sua dualidade constitutiva, o céu e o inferno a um só tempo.

Segundo Millot, caso quisesse permanecer fiel à sua idiossincrasia, ao abandonar a alternância, Gide era forçado a renunciar ao mesmo tempo ao princípio do centro único, característico nos romances tradicionais. Em o *Diário dos falsos moedeiros*, aparecem “suas hesitações no limiar de sacrificar a unidade da perspectiva para tomar seu partido por uma ‘estranheza’ que reivindicava seus direitos e renovar, por aí mesmo, o gênero romanesco”⁵⁸⁶. Ele dizia que aceitava que o livro não fosse assimilável e por isso não via motivos para se buscar uma sequência, um agrupamento em torno de uma intriga central. E como não há um sentido que oriente a obra, como efeito desse descentramento, ela vai se acabar sem se concluir, por sua ampliação e por uma espécie de evasão de seu contorno; ela se desfaz ao se espalhar.

Millot indica também, que o efeito produzido pelo casal formado por Gide e sua obra lembra a multiplicação dos reflexos que são obtidos ao se colocar dois espelhos frente a frente. “Integrar à obra o ponto de vista sobre a obra, a ela acrescentar um comentário sobre a obra, corresponde a se esforçar para se ver de costas”⁵⁸⁷. Para tanto é necessário, com efeito, um jogo de espelhos. É a própria intenção de se colocar por inteiro em sua obra que leva Gide a essa desenfreada reduplicação dos reflexos: “a necessidade da reiteração procede da tentativa de significar-se a si mesmo sem resto”⁵⁸⁸.

A princípio definido como um livro de ficção, *Os falsos moedeiros*, acaba por se misturar a realidade, pois Gide se representa ele mesmo num de seus personagens. Aqui, Millot apresenta uma questão que, segundo ela, talvez justifique a impressão de irrealidade que afetava Gide com tanta frequência:

Não seria o personagem de romance que se tornaria autor verdadeiro, e André Gide que se afiguraria inteiro uma ficção, um homem de letras, uma figura a exemplo daquelas do pintor

⁵⁸⁵ *Ibid.*, p.59.

⁵⁸⁶ *Ibid.*

⁵⁸⁷ *Ibid.*, p.60.

⁵⁸⁸ *Ibid.*

Arcimboldo, inteiramente composta de caracteres tipográficos?⁵⁸⁹

E Millot questiona ainda: “Mas a ficção não é, sob certos aspectos, mais verdadeira que a realidade e, mais que ela, preciosa?”⁵⁹⁰ É pelo menos o que sugere, em seu diário, Édouard, personagem de *Os falsos moedeiros*, que como Gide, além de possuir um diário, é escritor: “O verdadeiro tema do livro que ele projeta seria a luta entre ‘o que lhe oferece a realidade’, ‘os fatos propostos pela realidade’ e ‘o que ele pretende fazer com ela’, ‘a realidade ideal’”⁵⁹¹.

Sob esse aspecto, talvez seja importante dar outro sentido a essa falsa moeda que circula no romance. “Provavelmente o romancista também é um falso moedeiro, ele que sempre pretende um pouco fazer passar por reais suas ficções”⁵⁹². Contudo, se na realidade se encontra o teatro dos falsos semblantes, da impostura, da mentira e da hipocrisia, não se pode dar mais valor à ficção, assim como aqueles ‘amantes’ que se dispõem a pagar, por ‘curiosidade’, a falsa moeda mais caro que a verdadeira? Pode-se querer a ilusão como tal.

Assim o fetiche que, se é um falso semblante, uma ficção, não busca fazer-se passar por verdadeiro, mas se ostenta francamente como tal, e que alguns apreciam mais que uma realidade com muita frequência sem encanto⁵⁹³.

Millot pontua que, desse modo, Gide preferia “o reflexo à coisa, a sombra da caverna à luz crua do mundo [...]”⁵⁹⁴. Para ele nada assumia existência real, a não ser no espelho da escrita. E se os reflexos trazem às coisas como que um suplemento de realidade, eles também constituem aquilo no que ela se perde, abrem uma perspectiva infinita, que se torna a armadilha em que se pode afundar “em algum poço glauco onde a luz se extenua”⁵⁹⁵.

Mas Gide previa o perigo de fechamento e de exílio decorrente do jogo de espelhos e o risco de perder, em seus labirintos, com o gozo das

⁵⁸⁹ *Ibid.*, p.61.

⁵⁹⁰ *Ibid.*

⁵⁹¹ *Ibid.*

⁵⁹² *Ibid.*

⁵⁹³ *Ibid.*

⁵⁹⁴ *Ibid.*, p.62.

⁵⁹⁵ *Ibid.*

coisas, o fio tênue do real. “O reflexo pode então afigurar-se o triste emblema do empobrecimento vital”⁵⁹⁶. Ele teve a revelação disso, um dia, ao visitar um amigo, que se encontrava num quarto que dava para uma área interna estreita, onde a luz só entrava devolvida por um refletor de zinco empenado. O vestígio dessa forte impressão é encontrado em algumas de suas obras, tais como: em *Se o grão não morre*, em *Os falsos moedeiros*, e em *Paludes*. Nesta última, ele declara que a vida inteira tendeu para uma luz um pouco maior; que viu em volta de si muitas pessoas definharem em peças estreitas demais, onde o sol não penetrava nunca; os reflexos vinham por meio de grandes placas descoloridas.

Gide equilibrava seu gosto pelos espelhos e suas vertigens através do ódio que tinha a todo tipo de confinamento (famílias, lares fechados) e “pela aspiração à luz plena e os horizontes sem limites”⁵⁹⁷. Para ele, como cita Millot, se o desejo se aviva nos engodos, o gozo, por outro lado, “requer mais encarnação”⁵⁹⁸. E é em direção a essa encarnação que ele de forma decidida se orientava.

Na época em que escrevia *Os falsos moedeiros*, Gide vivia “o tempo do desabrochar, do cumprimento vital”⁵⁹⁹. Tomando com exemplo sua complexidade subjetiva, ele inventava uma nova forma romanesca e realizava em sua vida, no mesmo momento, suas virtualidades mais antagônicas. Assim, enquanto vivia com Marc Allégret uma paixão feliz, ele se tornou pai de uma menina, Catherine, dada a ele por Élisabeth van Rysselberghe, a filha da Pequena Senhora.

Um tempo depois, ao ficar viúva, a Pequena Senhora faz uma proposta a Gide: que ele dividisse com ela um apartamento em Paris, na rua Vaneau. Lá, Marc também teria seu estúdio, e ela receberia Élisabeth e Catherine, em suas estadas na cidade. Desse modo, após ter desertado Cuverville, o ‘Vaneau’, segundo lar de Gide, completava sua eclipse subjetiva, assim como a Pequena Senhora se tornava a outra testemunha de sua existência, “herdando, após a morte de Madeleine, a função de contraditora desta”⁶⁰⁰.

Por quarenta anos, ela manteve em segredo cadernos onde fazia anotações diárias de suas atividades, suas mínimas palavras, “trazendo-lhe uma ‘existência poética’ a mais, acrescentando mais um espelho a

⁵⁹⁶ *Ibid.*

⁵⁹⁷ *Ibid.*

⁵⁹⁸ *Ibid.*

⁵⁹⁹ *Ibid.*, p.63.

⁶⁰⁰ *Ibid.*, p.64.

seu jogo”⁶⁰¹. Neles, encontra-se a imagem de um Gide feliz, dotado de uma fabulosa vitalidade, dono de um irresistível impulso que, diante de uma vontade, de um desejo, o faria ir além de qualquer coisa. Deve-se assim, à Pequena Senhora, o belo retrato de Gide aos cinquenta anos, que sublinha com humor a figura “de um intelectual austero e também de um amante de cambalhotas, tudo tingido de volúpia exótica, lembrança da francesa das colônias de sua infância”⁶⁰². Segundo ela, é difícil, entretanto, fixar a sua imagem; ele não é tão mutante quanto diverso: tem atitude grave e clássica do pensador, mas os ombros são caídos e lhe dão um ar tímido e hesitante.

Mesmo feliz na maturidade, Gide “guardava em sua carne a farpa de seu doloroso amor por Madeleine”⁶⁰³. Para ele, o drama de ambos começou no dia em que ele teve de compreender (e em que ela também compreendeu) que ele só poderia se realizar afastando-se dela. Deve-se a essa dor um de seus mais belos textos, *Et nunc Manet in te*, terminado alguns meses após a morte dela. Simultaneamente, em seus *Carnês do Egito*, ele relatava com complacência suas aventuras com os pequenos jardineiros do Winter Palace, dando detalhes de seus gostos em matéria de volúpia. A um ‘prazer sumário e feito de qualquer jeito’, ele dizia preferir unicamente o desejo. Só deixar à morte o inevitável triunfo final, tomar sempre o partido do desejo e saber dele gozar, foram estas as últimas palavras de sua ética, na tradição de uma sabedoria que nunca desdenhou o escândalo.

3.4 UM DESMENTIDO DO REAL

Freud apresentou algumas definições de perversão ao longo de sua obra, entre as quais Julien⁶⁰⁴ destaca duas de suas proposições universais: a primeira delas aponta que a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana e que essa disposição estaria na infância, ou seja, *toda* criança tem uma sexualidade perversa; e a segunda proposição indica, graças à *Verleugnung*, que *todo* ser humano tem um falo.

⁶⁰¹ *Ibid.*

⁶⁰² *Ibid.*

⁶⁰³ *Ibid.*, p.65.

⁶⁰⁴ Julien, 2002.

Segundo Julien, a partir de 1966, Lacan enuncia uma terceira proposição universal. Contudo, antes de prosseguir nesta nova via, ele parte de uma interrogação colocada pela função do fetiche:

A apresentação de diversas formas de perversão, diante ou atrás do véu, não relega a perversão do lado masculino? As mulheres a isso escapariam?⁶⁰⁵

É justamente a respeito delas, enquanto *mães*, que Lacan avança em sua pesquisa sobre a estrutura da perversão. De acordo com Julien, em seu seminário de 1958-1959, Lacan dizia que se tudo que foi descoberto da economia inconsciente da mulher cabe em equivalências simbólicas do falo com todos os objetos que se separam dela, e em primeiro lugar o objeto mais natural a se separar dela é o filho, então, sua fórmula transubjetiva, inconsciente, é similar a do perverso.

Julien pontua que de 1960 a 1966 Lacan silencia sobre a perversão. O que conta neste momento está em outro lugar: a invenção do objeto pequeno *a* como *causa* do desejo do lado do sujeito, que o permite escrever o grafo do desejo. A partir deste grafo, Lacan indica que porque há incompletude do simbólico, que ele escreve S (\mathbb{A}), o Outro é barrado, o significante que daria a resposta final à questão do sujeito, ‘que queres? *Che vuoi?*’, falta para sempre; “o falo como significante que permitiria responder está fora de sistema”⁶⁰⁶. O sujeito, então, engendra a resposta colocando sua fantasia nesse furo no simbólico, notada $\$ \diamond a$.

Esse objeto pequeno *a* como objeto parcial é a pulsão mesma, subjetivada conforme os quatro objetos: seio, fezes, olhar e voz. E esse vínculo entre o sujeito e o objeto da pulsão acontece, como cita Julien, de acordo com o modo reflexivo do verbo: “O sujeito faz-se engolir, rejeitar, ver, ouvir, isto é, faz-se *desejo do desejo do Outro*”⁶⁰⁷. Desse modo, o sentido pejorativo da palavra fantasia se perde, dando lugar “ao pulsional para além da linguagem”⁶⁰⁸. Nesse caso, não se trata de perversão.

É somente a partir de 1966 que Lacan retoma a questão da perversão. Conforme Julien, em seu seminário *A lógica da fantasia*

⁶⁰⁵ *Ibid.*, p.125.

⁶⁰⁶ *Ibid.*, p.126.

⁶⁰⁷ *Ibid.*

⁶⁰⁸ *Ibid.*

(1966-1967), ele enuncia que o Outro é o corpo. “O Outro, porque não existe, porque está barrado, deve ser reduzido ao objeto pequeno *a*”⁶⁰⁹. A análise vai então, por esta via, não mais se contentar com a fala e o desejo, mas procurar alcançar o gozo do Outro, ou seja, do corpo; “pois só há gozo do corpo”⁶¹⁰. Nesse sentido, não se pode pensar o objeto *a* apenas como causa do desejo, pois é também o que está em jogo num *mais-de-gozar*. E é aqui que a perversão toma lugar novamente. Mas de que maneira?

No seminário *De um Outro ao outro* (1968-1969), Lacan trabalha questões sobre a neurose e a perversão. E uma das novidades que ele apresenta trata da posição do sujeito na perversão, que Julien comenta da seguinte forma: “Ele não se contenta com a fantasia como resposta à questão do desejo do Outro. Mas o sujeito se faz objeto *a* *serviço* do gozo do Outro”⁶¹¹. Assim, para Lacan, o julgamento que era feito habitualmente de que o perverso só pensa no próprio gozo e não leva em conta o gozo do Outro, estaria equivocado, e o que aconteceria é justamente o contrário: a função do perverso não está fundada no *desprezo* pelo Outro; sua dedicação está em tapar esse furo no Outro. “Ele se vota e se devota ao gozo do Outro, para que o Outro exista não barrado, não descompletado”⁶¹².

Dessa forma, Julien⁶¹³ aponta que segundo as duas pulsões, a escópica e a invocante, o perverso se faz objeto *a* para um *mais-de-gozar* do Outro, de duas formas:

<i>Suplemento a:</i>	<i>Complemento de:</i>
Sadismo	masoquismo
Voyeurismo	exibicionismo

É pelo *olhar*, de acordo com Julien⁶¹⁴, que o *voyeur* interroga o que falta (como falo) no Outro, suplementando-o, e assim se protegendo da castração. Já o sádico dá ao Outro *voz*; ele se coloca como instrumento do que ele supõe faltar ao Outro para que ele goze. O exibicionista busca fazer aparecer o *olhar* no Outro como prova de

⁶⁰⁹ *Ibid.*, p.127.

⁶¹⁰ *Ibid.*

⁶¹¹ *Ibid.*

⁶¹² *Ibid.*

⁶¹³ *Ibid.*

⁶¹⁴ *Ibid.*

possível cumplicidade no gozo. Do mesmo modo, é à voz do Outro que o masoquista se entrega; ele se esforça para que ela surja e se imponha.

Julien afirma que essa definição de perversão como devotamento ao gozo do Outro, completando-o ou suplementando-o, pode ser demonstrada através de uma nova lógica que segue três coordenadas. A primeira delas é a coordenada do *real*, que parte da seguinte fórmula enunciada por Lacan: ‘Não há relação sexual’. Se o Outro, como lugar dos significantes, é incompleto, barrado, há um *impossível* de se inscrever do que estabeleceria relação entre dois gozos, o de um homem e o de uma mulher, de tal forma que, “no encontro dito sexual, de dois ele só façam um”⁶¹⁵. É o *real* da não-relação sexual que não cessa de não se inscrever.

A segunda coordenada está relacionada com a derradeira definição de perversão enunciada por Lacan em 1976, no seminário *O sinthoma*, a qual ele procura esclarecer através do objeto pequeno *a*. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a perversão toma lugar a partir do que falta no simbólico S (A), “graças ao objeto pequeno *a*, completar ou suplementar o Outro para sua plenitude, a notar S (A)”⁶¹⁶. Segundo Julien, era esta a lógica clássica: “uma relação necessária e que não cessa, portanto, de se escrever, entre dois universais, o homem e a mulher”⁶¹⁷. Em *Televisão (1973-1974)*, Lacan assinala que se ‘O homem’ quer ‘A mulher’ (e a mulher é não-toda), é preciso que ele fracasse no campo da perversão. Já sobre ‘A mulher’, no seu seminário *Mais, ainda (1972-1973)*, ele pontua que é só enquanto mãe que ela está *toda* inteira no gozo fálico, e só desse modo ela entra em função na relação. Assim, Julien indica que é possível se chegar à terceira proposição universal de Lacan: *todo* gozo fálico é perverso, isto é, estabelece relação sexual graças ao Outro, completo. Que leva à última definição de Lacan – partindo da leitura de Freud – de que toda sexualidade humana é perversa.

A terceira e última coordenada trata de uma nova clivagem, para articular o que é a *Verleugnung*: “[...] uma clivagem entre dois gozos”⁶¹⁸, onde um é o gozo fálico e o outro está para além dele. Dessa forma, Julien afirma que há disjunção entre o postulado da perversão, S (A) graças ao objeto *a*, e o enigma que é o não-saber de um outro gozo que perverso, S(A). De acordo com Julien, Lacan no seminário *Mais*,

⁶¹⁵ *Ibid.*, p.128.

⁶¹⁶ *Ibid.*, p.129.

⁶¹⁷ *Ibid.*

⁶¹⁸ *Ibid.*, p.129-130.

ainda (1972-1973), assinala que neste ponto há uma inadequação: o gozo do Outro tomado como corpo é sempre inadequado; por um lado perverso, uma vez que o Outro se reduz ao objeto *a*, e por outro louco, enigmático, e por isso não há relação sexual. Assim, questiona Julien⁶¹⁹, se o homem alcança ‘uma mulher’ na perversão, o que se pode pensar que acontece com ‘uma mulher’? Há perversão, ‘naturalmente’, nela enquanto mãe, mas se ela não é toda mãe, segundo Lacan em *Televisão* (1973-1974), ‘uma mulher’ só encontra *O* homem na psicose. Ele acrescenta, ainda, que é por isso que ela costuma ‘proibi-lo para si’, pois esse universal de *O* homem ‘é loucura’, e assim ela não está toda do lado do gozo fálico, uma parte de si mesma está em outro lugar, do lado de um gozo do qual não se sabe nada.

⁶¹⁹ *Ibid.*, p.130.

4 A ESTRUTURA DA PERVERSÃO E A PEÇA *OS SETE GATINHOS*, DE NELSON RODRIGUES

É notável em Freud o quanto as manifestações artísticas (assim como seus achados clínicos) colaboraram na construção do arcabouço teórico psicanalítico. Através delas, vários conceitos foram desenvolvidos e confirmados; ele dizia que os artistas estão sempre à frente dos psicanalistas, que se pode aprender muito com eles.

Em Lacan, a arte também teve seu espaço. Nos *Escritos*, ele denominou o tratamento dado pela psicanálise à arte de ‘disciplina do comentário’, que segundo Lima e Jorge “não confunde a exegese do texto com uma crítica histórica ou literária”⁶²⁰. Pelo contrário, trata-se de um comentário que apresenta uma nova emergência da verdade e contém valor formativo pelas questões que o texto comentado formula ao psicanalista em seu valor de transferência e interpretação.

Após a realização de um percurso pelos preceitos teóricos de Freud e Lacan sobre a estrutura da perversão, neste capítulo busca-se aprofundar a compreensão, confirmar e ilustrar o mecanismo que envolve essa estrutura, suas formas e seus traços característicos, através da interação, em forma de comentário, com a peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues. Opta-se, também, por utilizar algumas particularidades do caso Gide, apresentado anteriormente, como fontes de ilustração e comparação com a peça.

A peça *Os sete gatinhos*, contada em três atos e quatro quadros, que teve sua estréia em 1958, foi chamada por Nelson de divina comédia e classificada por Sábato Magaldi⁶²¹ de tragédia carioca.

Fala sobre uma família de classe média baixa que vive num bairro da zona norte do Rio de Janeiro, o Grajaú, composta pelo casal ‘Seu’ Noronha e D. Aracy, chamada de Gorda pelo marido, e suas cinco filhas: Aurora, Silene, Débora, Arlete e Hilda. Os outros personagens são: Bibelot, descrito pelo autor como “um rapaz taludo, de vinte e cinco a trinta anos, largo de costas, um bigodinho aparado e cínico, uns lábios bem desenhados para o beijo e os olhos de um azul inesperado e violento”⁶²²; Dr. Portela, “um senhor calvo, grave, solene”⁶²³, assessor da direção do colégio de Silene; Dr. Bordalo, o clínico da família; e

⁶²⁰ Lima e Jorge, 2009, p. 10.

⁶²¹ Editor do Teatro Completo de Nelson. In: Salomão, 2000.

⁶²² Rodrigues, 2004, p.9.

⁶²³ *Ibid*, p.38.

‘Seu’ Saul, um comerciante estrangeiro, “gringo vermelho e sardento, com escassos cabelos louros e sotaque acentuado”⁶²⁴.

‘Seu’ Noronha trabalha como contínuo na Câmara dos Deputados e tem como sonho um casamento tradicional para Silene, a filha caçula, realizado na igreja, com véu e grinalda, e com a virgindade da moça preservada até o dia do evento. Silene estuda num internato e é idolatrada por toda a família, principalmente pelo pai, que a considera a salvação moral de todos. Com as outras filhas, por um lado ele demonstra uma atitude de severidade com relação aos horários de suas saídas e faz cobranças, por outro lado, as despreza e diz que são umas ‘perdidas’.

A peça tem início (primeiro ato e primeiro quadro) com Aurora se encontrando pela segunda vez com Bibelot, que também é morador do bairro, após o trabalho. Ele a convida para ir ao apartamento de um amigo, em Copacabana, para ouvirem música e onde ele lhe daria “uns beijinhos e pronto”⁶²⁵. Aurora inicialmente reluta, mas aos poucos é seduzida pelo rapaz, aceita o convite e revela-lhe a necessidade de cobrar pelo encontro, devido à situação financeira da família e às economias feitas para o enxoval da irmã. Bibelot, além de não remunerar os momentos de prazer, ainda a faz pagar o táxi.

Nesse primeiro diálogo, um dos pontos que chamam a atenção do leitor, como também da personagem Aurora, é o apelido de Bibelot, que tem entre seus significados o de “indivíduo bonito ou delicado”⁶²⁶. Ao ser questionado por Aurora sobre o motivo desse apelido, ele responde: “[...] tem uns caras que acham que eu dou sorte com mulher”⁶²⁷. Outro aspecto curioso é o fato de que este personagem só usa branco, e, mais adiante, fica-se sabendo que por isso ele tem outro apelido: ‘o homem vestido de virgem’. A explicação de Bibelot para Aurora, assim como suas falas e atitudes para com ela, demonstra uma posição masculina, viril. Já seus apelidos fazem menção à delicadeza, virgindade e pureza, atributos essencialmente femininos. Aparece aqui, então, pela primeira vez, o desmentido da castração, mecanismo da perversão: a ambigüidade que acompanha esse personagem – os apelidos e a roupa que remetem ao feminino e as atitudes e falas que remetem ao masculino – anula a diferença entre os sexos. E os objetos fetiches que

⁶²⁴ *Ibid*, p.35.

⁶²⁵ *Ibid*, p.11.

⁶²⁶ Houaiss, 2009.

⁶²⁷ Rodrigues, 2004, p.10.

anulam essa diferença são justamente os apelidos (palavras- fetiches) e o terno branco, este último que fascina e impressiona Aurora.

Outro aspecto presente na descrição do figurino de Bibelot, bem no início da peça, de que “usava a camisa fina, transparente, entreaberta na altura do primeiro botão [...]”⁶²⁸, também remete à estrutura da perversão, no sentido de que a transparência de sua roupa, o véu que cobre seu corpo, “[...] serve para estimular melhor o *voyeurismo* e o exibicionismo”⁶²⁹, conhecidas formas de perversão. Como afirma Quinet, “trata-se de um empuxo a fazer-se ver, um empuxo ao dar-a ver, a ser olhado, a ser olhar”⁶³⁰.

Na cena final do primeiro quadro, estão Aurora e Bibelot no começo do “breve e desesperador balé do ato amoroso”⁶³¹. Após tirar o paletó e a camisa, Bibelot apanha o revólver e esvazia de balas o tambor. Aurora lhe pergunta o que está fazendo, ele responde que lhe disseram que uma mulher de zona ia lhe dar um tiro. Aqui, Bibelot aparece na posição de objeto fálico imaginário (que preenche o desejo da mãe), resultado do horror diante da castração, da angústia de ser engolido por ela (fantasma da mãe castrada, representada por Aurora).

Ainda no primeiro ato, mas no segundo quadro, ‘Seu’ Noronha que trabalha como contínuo na Câmara dos Deputados, chega em casa e encontra a parede do banheiro toda rabiscada de nomes feios e desenhos obscenos. Esbravejando, reúne as filhas e a mulher para esclarecer o episódio. Ameaça agredir fisicamente a esposa, depois pede desculpas, diz que não tem o direito de fazer isso com ninguém. Em seguida, acusa Arlete pela autoria dos desenhos, que o desafia e acaba sendo agredida por ele. Ela o enfrenta mais uma vez, chamando-o de contínuo, e ele repete a agressão. Aqui, dois pontos a ressaltar: primeiro, a profissão de ‘Seu’ Noronha, ele é contínuo e um dos significados dessa palavra é “não interrompido”⁶³², podendo-se pensar que em sua profissão apreça a falha na interdição do incesto, característica em seu personagem, e que se encontra na perversão; e segundo, Arlete, que desafia, enfrenta o pai, característica da estrutura perversa.

A falha na interdição do incesto e a relação ambígua do desejo do perverso com desejo do Outro – que aparece na representação dos objetos femininos que busca na realidade e que oscilam entre o fantasma

⁶²⁸ *Ibid.*, p.9.

⁶²⁹ Quinet, 2002, p.117.

⁶³⁰ *Ibid.*

⁶³¹ Rodrigues, 2004, p.22.

⁶³² Houaiss, 2009.

da mãe fálica e o da mãe castrada, de forma que a mulher pode lhe aparecer como uma santa ou como uma puta – está presente em Bibelot, no primeiro quadro, e em ‘Seu’ Noronha, no segundo. Para Bibelot, a fantasia da mãe fálica aparece neste ponto da peça, no “broto” que ele conheceu, “[...] uma menina tão purazinha [...]”⁶³³, e a da mãe castrada em Aurora, “[...] que tem um quê de mulher da zona”⁶³⁴. Já ‘Seu’ Noronha, ao chamar as filhas para esclarecer os desenhos no banheiro, Arlete aparece em trajés íntimos, e ele “(com odiento sarcasmo)”⁶³⁵, diz “minha filha é aquilo!”⁶³⁶. Mais tarde, entende-se que, com ‘aquilo’, ele se refere às filhas como ‘perdidas’, por elas não terem se casado, porque saem do banheiro enroladas na toalha, mudam de roupa com a porta aberta. ‘Seu’ Noronha degrada as filhas, reduzindo-as a objetos, tornando-as, assim, desejáveis. Desse modo, nesse personagem, o fantasma da mãe fálica está representado por Silene, a filha virgem, e o fantasma da mãe castrada, nas outras filhas, ‘as perdidas’.

Também no segundo quadro do primeiro ato, com o estranhamento e a curiosidade de Débora diante da atitude de ‘Seu’ Saul – ele lhe dá uma quantia razoável de dinheiro ‘de mão beijada’ e diz que ela não precisa se assustar, que amizade vale mais que sexo – pode-se pensar que neste personagem aparece o amor cortês, a mulher idealizada, ideal feminino buscado num dos pólos da estrutura da perversão. Porém, mais adiante, ‘Seu’ Saul revela que foi ferido na guerra, não pode mais se relacionar sexualmente; o dinheiro aparece então como substituto fálico, é através dele que ele se relaciona com a moça, pode se aproximar dela, segurar sua mão, ficar a sós com ela, desmentindo sua castração.

No final desse segundo quadro, ‘Seu’ Noronha, trêmulo, tenta se desculpar com Arlete pela agressão. Diz que anda nervoso, esgotado, que às vezes não se controla, e pede que as filhas e a esposa o ouçam. Fala então de sua indignação pelo fato de as filhas não terem se casado e segue no seguinte diálogo:

Hilda – Não temos sorte!
 ‘Seu’ Noronha – Não é sorte! Sorte, coisa nenhuma! (com voz estrangulada e lento) Tem alguém entre nós! Alguém que perde as minhas filhas!

⁶³³ Rodrigues, 2004, p.18.

⁶³⁴ *Ibid.*, p.19.

⁶³⁵ *Ibid.*, p.28.

⁶³⁶ *Ibid.*

- D. Aracy – Quem?
 ‘Seu’ Noronha (*exasperado*) – Alguém que não deixa minhas filhas se casarem!
- D. Aracy – Diz o nome!
 ‘Seu’ Noronha (*furioso*) – Não interessa nome! Nem cara! (*correndo as caras das filhas e da mulher; fechando os punhos*)
 Eu não acredito em nomes, não acredito em caras!

[...]

- ‘Seu’ Noronha (*num clamor*) – O nome que se usa na Terra, a cara que se usa na Terra não valem nada!

[...]

- ‘Seu’ Noronha (*sem ouvi-la*) – Agora vem o importante. Eu sempre senti que as meninas, aqui, eram marcadas e, ontem, eu finalmente soube por que vocês são umas perdidas! Isto é, soube de fonte limpa, batata! Quem me explicou tudinho (*enfático*) não mente!
- D. Aracy – E quem é ele?
 ‘Seu’ Noronha (*triumfante*) – O dr. Barbosa Coutinho! (*toma respiração*) O dr. Barbosa Coutinho, que morreu em 1872, é um espírito de luz! Foi médico de d. Pedro II e o melhor vocês não sabem: os versos de d. Pedro II não são de D. Pedro II. Quem escreveu a maioria foi o dr. Barbosa Coutinho. D. Pedro II apenas assinava. (*triumfante*) Perceberam?

(*Arlete faz um gesto a significar que o pai está maluco.*)

- ‘Seu’ Noronha – Vão ouvindo! (*muda de tom*) Eu sempre senti que havia alguém atrás de minha família, dia e noite. Alguém perdendo as nossas virgens! E como eu ia dizendo, ontem, o dr. Barbosa Coutinho me confirmou que existe, sim, esse alguém. Alguém que muda de cara e de nome. Pode ser um rapaz bonito ou, então, um velho como o “seu” Saul.
- Arlete – Ora, papai, o senhor acredita nesses troços!
 ‘Seu’ Noronha – Quero te dizer só uma coisa, Arlete: você é assim malcriada comigo, sabe por quê? Porque é um médium

que ainda não se desenvolveu. (*taxativo*) Você se desenvolva, Arlete, ou seu fim será triste... E chega, ouviu? Chega! (*novo tom*) E, então, o dr. Barbosa Coutinho mandou que eu olhasse no espelho antigo. (*arquejante*) Pois bem. Olhei no grande espelho e vi dois olhos, vejam bem, dois olhos, um que pisca normalmente e outro maior e parado. (*com súbita violência*) O pior é que só o olho maior chora e o outro, não.

Arlete – Isola!⁶³⁷

D. Aracy – E como é o nome?

‘Seu’ Noronha (*furioso*) – Gorda, você não entende isso, Gorda! Nós usamos na Terra um nome que não é o nosso, não é o verdadeiro, um nome falso! (*com esgar de choro*) Esse alguém, que chora por um olho só, sabe que ainda temos uma virgem!

Débora – Maninha...

Arlete – Bate na madeira!

‘Seu’ Noronha (*quase chorando*) – Silene, tão menina e tão virgem! (*muda de tom*) Mas eu juro! Não hei de morrer sem levar Silene, de braço, até o altar, com véu, grinalda, tudo!

D. Aracy – Se Deus quiser!

‘Seu’ Noronha (*estendendo as duas mãos crispadas para as filhas*) – É preciso salvar a minha virgenzinha, que nem seios tem!

Arlete (*furiosa*) – Não dá peso, papai!

‘Seu’ Noronha (*sem ouvi-la*) – E vocês tratem de atrair, de trazer para cá o homem que chora por um olho só. O nome não interessa. Ele se trai por uma lágrima. O que interessa é a lágrima.

Arlete – Até eu estou arrepiada!

‘Seu’ Noronha – Eu avisei a vocês e vocês avisem a Aurora. Eu vi, no espelho antigo, vi, eu juro! E o dr. Barbosa Coutinho não mente!

(“Seu” Noronha arranca um pequeno punhal de prata. Ergue o punhal, numa cruel alegria.)

⁶³⁷ *Isola!:* no contexto dos jogos, quando se diz a expressão, as regras são momentaneamente suspensas, interrompendo-se a brincadeira. Quem a diz, fica, portanto, “isolado”, protegido. No contexto do diálogo, significa afastar o azar, mau-olhado, coisa ruim etc.

‘Seu’ Noronha – Meu punhal de prata!

(Crava-o numa mesa, ao lado. Vira-se para as filhas.)

‘Seu’ Noronha (*desesperado*) – Mas é preciso apunhalar o olhar que chora, o olhar da lágrima!

Pode-se considerar este trecho, que antecede o segundo ato, um dos mais importantes da peça, pois nele se encontram algumas pontuações essenciais sobre a estrutura da perversão. A primeira delas aparece quando ‘Seu’ Noronha responde a questão de D. Aracy, dizendo que não interessa o nome, nem a cara daquele que não deixa suas filhas se casarem. Ele não acredita em nomes, não acredita em caras. Diz que o nome e a cara que se usa na Terra não valem nada. Com efeito, como se viu no caso Gide, a perversão nos ensina isto, nela tudo é aparência, tudo é falso. A função paterna, que sustenta o edifício da realidade, ao falhar, mistura o verdadeiro e o falso, deixando tudo cair na aparência. Assim como em André o casamento com sua prima despistava as suspeitas em relação à sua homossexualidade e o deixava protegido, também em seu Noronha, a virgindade de Silene, tão exaltada por ele, o protegia de sua outra faceta, àquela do pai que prostituía as filhas, que as desejava.

O segundo ponto a ser destacado se apresenta também em ‘Seu’ Noronha, quando ele afirma que finalmente descobriu por que as filhas são umas perdidas. Quem lhe trouxe essa informação foi o espírito, que ele recebe através de sua mediunidade, do Dr. Barbosa Coutinho, médico de D. Pedro II. Ele diz também que os versos que D. Pedro II escrevia, na realidade não eram de autoria do imperador, mas sim do Dr. Barbosa. Aqui, portanto, ele enfatiza a importância do médico, identidade que ele toma para si e através da qual desmente sua castração, sua posição de contínuo, profissão que não lhe trazia qualquer status ou poder. Ademais, a mediunidade de ‘Seu’ Noronha e sua identificação com o médico demonstram que, nele, os sentimentos de identidade e realidade são problemáticos, tal como acontece na perversão.

Em seguida, ‘Seu’ Noronha afirma que o Dr. Barbosa Coutinho lhe confirmou que existe, sim, esse alguém que muda de cara e de nome, que perde as virgens da família, e mandou que ele olhasse num espelho antigo. Seguindo as instruções, ao olhar no grande espelho, ele viu dois olhos, um que pisca normalmente e outro maior e parado, e que só este

último chora, o outro não. Segundo Quinet⁶³⁸, o olhar como objeto *a* tem um duplo aspecto: causa de desejo e fonte de angústia, provoca a ereção e o aniquilamento. Desse modo, pode-se afirmar que em seu Noronha o olho maior, parado e que chora, é causa de desejo, olhar que causa ereção ao ver o sexo da mulher, que goza. Já o olhar que pisca, assim como a visão do sexo feminino no complexo de castração (as pálpebras substituem os grandes lábios ‘piscando’), é causa de horror, de angústia. O desmentido aparece, assim, na imagem desses dois olhos, um que afirma a castração da mulher (o que pisca) e outro que a desmente (o que chora).

Neste momento da peça, encontra-se, portanto, a derradeira definição de perversão enunciada por Lacan no seminário *O sinthoma*, em sua segunda coordenada (tal como apresentada por Julien⁶³⁹), e que ele esclarece através do objeto pequeno *a*. O olhar como objeto *a*, que suplementa o Outro interroga o que falta (como falo) no Outro, suplementando-o e, assim, protegendo-se da castração. E é através desse olhar como objeto *a*, por definição inapreensível, presente na estrutura da perversão, que ‘Seu’ Noronha se posiciona, lugar de quem vê sem ser visto, na qual ele se oculta do mundo do visível e esconde-se do olhar do Outro. De acordo com Quinet, na ótica, a imagem (espelho) está do lado da aparência, um ‘quase não ser’, enquanto a visão (olhar) está do lado do ser, do que é. O que aparece em cena, no caráter visual da experiência do espelho, é uma fenomenologia na qual o olhar é central: “o espelho e o olhar não são apenas indissociáveis, eles derivam um do outro”⁶⁴⁰. Na etimologia, *miroir* (espelho) tem origem no latim *mirare*, cujo significado é surpreender-se, espantar-se, e está na origem de admirável, admirar, miragem e milagre. Na língua portuguesa se encontra, de um lado, sua origem latina *speculum*, da qual deriva a especulação mostrando seu caráter imaginário, e, de outro lado, mirar (olhar) como em espanhol, em que o olhar se diz *mirada*. O olhar como objeto *a*, em jogo na relação com os outros, não é visível no espelho, é o seu segredo, o estrangeiro, tal como em ‘Seu’ Noronha.

Entre outros pontos que podem ser destacados no trecho marcado estão: a fala de ‘Seu’ Noronha “é preciso salvar minha virgenzinha que nem seios tem!”⁶⁴¹, mostrando que para o pai, no corpo de Silene, a diferença sexual está apagada (mulher sem seios) – embora mais adiante

⁶³⁸ Quinet, 2002.

⁶³⁹ Julien, 2002.

⁶⁴⁰ Quinet, 2002, p.130.

⁶⁴¹ Rodrigues, 2004, p.35.

Dr. Bordalo afirma que ela tem medidas normais, indicando que a realidade para ‘Seu’ Noronha aparece realmente de forma problemática; em outro ponto, ele pede que as filhas tratem de atrair o homem que chora por um olho só, que o nome não interessa, ele se trai por uma lágrima, o que interessa é a lágrima, ou seja, o gozo do olhar, de uma pulsão parcial, perversa; e por último o punhal de prata, que ‘Seu’ Noronha ergue “numa cruel alegria”⁶⁴², objeto fetiche para ele, que desmente a castração pelo poder que lhe confere.

No primeiro quadro do segundo ato, chega Silene com o Dr. Portela. O assessor, conta ao pai o motivo de tê-la trazido para casa: Silene havia matado a pauladas, na presença de todas as alunas, uma gata do vizinho que estava prenha. A gata, já morta, deu à luz sete gatinhos. Dr. Portela indica tratamento psiquiátrico a Silene e avisa ao pai que ela foi expulsa da escola. ‘Seu’ Noronha defende a filha, ameaça ir aos jornais e manda chamá-la para apurar os fatos. Silene num primeiro momento o desmente, “o Dr. Portela vê fechar-se o círculo das filhas... Arlete apanha uma estatueta”⁶⁴³, ‘Seu’ Noronha o ameaça com o punhal de prata, até que finalmente ela admite ter matado a gata. Surpresa geral, mas mesmo assim, o pai beijando-a na testa diz: “nenhum colégio é digno de ti! E todo mundo inveja tua pureza! Humanidade cachorra! As meninas não são meninas, são femeazinhas. Só você é menina, só você! (*soluça*)”⁶⁴⁴.

Um dos aspectos que chama atenção nesse primeiro quadro do segundo ato é a morte da gata, onde aparece o mecanismo da perversão: a morte, a grande castração, aqui, traz a vida, é desmentida, a gata já morta deu à luz sete gatinhos. Outro ponto a ressaltar foi que Silene assume a responsabilidade pela morte da gata. Logo ela – considerada santa, idolatrada por todos, principalmente pelo pai, que a tinha como a salvação moral da família – mata a gata a pauladas. E Dr. Portela, mesmo ao falar que Silene tem modos, sentimentos, idéias de menina, mas matou, que aquela infantilidade toda é aparência, não conseguiu convencer ‘Seu’ Noronha: ele continua desmentindo a falta, protegendo-se da castração.

É somente no segundo quadro do segundo ato, quando Dr. Bordalo, o médico da família, vem examinar Silene e descobre que ela está grávida, que o amor de ‘Seu’ Noronha pela filha caçula, a devoção ao ideal que ela encarnava a seus olhos, desaparecem, promovendo uma

⁶⁴² *Ibid.*

⁶⁴³ *Ibid*, p.48.

⁶⁴⁴ *Ibid*, p.52.

grande virada na peça. E, assim como em Gide o encontro com Marc e a crise que daí resultou em suas relações com Madeleine trouxeram uma repercussão em sua vida e sua obra, levando-o a uma nova era, a da manifestação inesgotável da verdade; também em ‘Seu’ Noronha a gravidez de Silene o leva a um movimento de exteriorização total, abolindo-se as oposições entre dentro e fora, público e privado. Sua fantasia toma então forma na realidade, ele a exhibe, e assim se torna um perverso confesso, propõe um ‘bordel de filhas’.

O médico, de início, parece profundamente chocado com a ideia e tenta persuadir as garotas a fugirem com a mãe, mas não é ouvido, e logo em seguida acaba participando do esquema e se deitando com Silene. Nesse intervalo, ‘Seu’ Noronha se colocou como instrumento de gozo do Outro, como acontece na perversão; ele induziu o médico a ser seu cúmplice na transgressão (essa cumplicidade também apareceu em D. Aracy, no início da peça, quando Aurora comentava com Bibelot que a mãe sabia de seus arranjos. D. Aracy aparece, portanto, como a testemunha ofuscada pelo truque fantasmático em que o marido se encerra frente à castração).

Nesse segundo quadro, algumas falas ainda remetem à perversão: ‘Seu’ Noronha diz que o emprego das filhas é uma máscara, ou seja, um embuste, aparência dos semblantes; quando elas, a partir da sugestão do médico, não fogem, diante da proposta do pai, este afirma que “se não fogem é porque são escravos, uns dos outros...”⁶⁴⁵. ‘Seu’ Noronha também comenta: “(exultante) nem elas se livram de mim, nem eu me livro delas!”⁶⁴⁶, afirmando a posição dos personagens como objetos a serviço do gozo do Outro que desmente a castração, característica nessa estrutura: a \diamond \$.

Tal como Gide dizia que seu gozo masturbatório o fazia apodrecer, também encontramos na fala de ‘Seu’ Noronha esse significante, relacionado, do mesmo modo, à falha na interdição do incesto:

‘Seu Noronha’ (*novamente sério e violento*) Sabe por que esta família ainda não apodreceu no meio da rua? (*num soluço*) Porque havia uma virgem por nós! O senhor não entende, ninguém entende. Mas Silene era virgem por nós, anjo por nós, menina por nós! (*feroz*) Mas, agora que Silene está no quarto – esperando o senhor! (*riso*)

⁶⁴⁵ *Ibid.*, p.61.

⁶⁴⁶ *Ibid.*

com desespero) –, nós podemos finalmente cheirar mal e apodrecer...

O incesto, tema corrente em Nelson Rodrigues, nesta peça aparece em dois personagens: em ‘Seu’ Noronha e no médico da família, Dr. Bordalo. Se na clássica tragédia grega Édipo é um rei e vivencia o amor incestuoso por sua mãe, na tragédia carioca é o pai que representa a figura edípiana, ao viver o desejo proibido pelas filhas. Em ‘Seu’ Noronha, a falha da proibição do incesto, também presente na perversão, aparece quando ele realiza suas fantasias incestuosas com as filhas, através dos homens mais velhos a quem as encaminha. Em Dr. Bordalo, seu desejo pela filha é colocado em ato através de Silene, quando ele se deita com ela, mas já está presente em seu discurso antes mesmo de ele entrar no quarto, a filha não lhe sai dos pensamentos:

Dr. Bordalo *(virando-se na direção do quarto e numa angústia mortal) (meio delirante)* – Silene, eu tenho uma filha de sua idade... E se eu tocasse em você *(faz no ar uma carícia)* eu não poderia beijar minha filha, nunca mais... Você é tão linda. *(grita)* Silene! Silene! Teu nome é uma dália!

Além dos apelidos de Bibelot e da profissão de ‘Seu’ Noronha, também o nome de Silene e Aurora possuem relação com a perversão, e a explicação aparece em uma nota de rodapé na própria peça:

Silene-Aurora é o nome de uma planta também conhecida como ‘dama dos jardins’. Dama é uma expressão que se usa na gíria para designar ‘prostituta’, como em ‘mulher-dama’⁶⁴⁷.

Essa mesma nota diz que a observação de Dr. Bordalo, em sua última fala, ao dizer que o nome de Silene é uma dália, tem uma sugestão maliciosa. Dália é uma planta ornamental sem cheiro, assim como a camélia, flor que deu nome à *Dama das Camélias*, personagem do romance e peça do escritor Alexandre Dumas Filho, que se tornou a prostituta mais famosa da arte moderna: “Pela falta de perfume, que também se diz ‘essência’, a ‘Dama’ tem aparência formosa, mas lhe

⁶⁴⁷ Nota de rodapé. *Ibid.*, p.64.

falta essência, isto é, alma”⁶⁴⁸. E a prostituta, como já foi visto, aparece no fantasma da mãe castrada, uma das representações dos objetos femininos que o perverso busca na realidade.

No terceiro ato, a cena é uma sessão espírita em que Hilda é o médium e acaba de receber o primo Alípio, falecido recentemente. ‘Seu’ Noronha quer saber sobre o homem que ele persegue, pergunta como pode reconhecê-lo e recebe uma resposta que se aproxima de suas suposições sobre o olho do tal sujeito: “o homem goza chorando, chora morrendo!”⁶⁴⁹. Ainda em transe, a filha lhe dá outras indicações:

O homem vestido de virgem! [...] Você enterra no quintal, o homem e a lágrima! Vocês ajudem a carregar o corpo... (para “Seu” Noronha) E você enterra a faca no coração!⁶⁵⁰.

A partir daí a família se mobiliza para acabar com o sujeito que engravidou Silene. Aurora diz que tem um namorado que poderia fazer o serviço, pois já havia matado um homem. O pai pede para conhecê-lo. ‘Seu’ Saul interrompe a conversa com a notícia de que Dr. Bordalo se enforcou no fio de ferro elétrico e deixou um bilhete dizendo que não queria que sua filha o beijasse no caixão.

Fica a cargo de Aurora pressionar Silene para descobrir o nome do sujeito. Quando consegue fazer com que a irmã fale, fica espantada e furiosa ao saber que o homem só anda de branco, só usa terno branco e chora por um olho só. Silene ainda lhe conta que o rapaz a levou a um apartamento em Copacabana e que ele tem um santinho no pescoço. Ela insiste para lhe informar o nome, mas para Aurora já basta, ela sabe de quem se trata.

Bibelot chega à casa da família, tinha marcado com Aurora para irem ao cinema. Ela pede que ele entre e o apresenta aos pais e às irmãs (menos a Silene, que está trancada no quarto). Quando todos saem, ele diz que o cinema gorou, sua mulher está muito mal, foi operada no dia anterior, e que ele está com sono, não dorme há duas noites. Aurora insiste em que Bibelot diga que a ama, que ela seria uma boa esposa para ele, mas ele faz piada. Diz que sua nova esposa será o ‘broto’ que conheceu e de quem tirou a virgindade; seria, então, ela em casa e Aurora na zona. Neste trecho da peça é possível verificar em Bibelot,

⁶⁴⁸ *Ibid.*

⁶⁴⁹ *Ibid.*, p.68.

⁶⁵⁰ *Ibid.*, p.68.

assim como geralmente acontece com o sujeito perverso, que o desejo e o amor não se misturam. No caso de Gide, antes de ele conhecer Marc, o amor se encontrava em Madeleine e o desejo nos jovens que ele se relacionava; em Bibelot o amor aparece com sua mulher (em casa) e o desejo com Aurora (na zona, na rua).

Quando já estava se despedindo, Aurora o convida para tirar um cochilo no seu quarto. Antes de entrar, Bibelot puxa o revólver, tira as balas e diz:

teu amor virou ódio, você pode me fazer uma falsa... *(passa-lhe a arma, depois de embolsar as balas)* Queres me matar? Mata! Atira, anda, aqui, no coração! Daqui à uma hora me chama. E me beija⁶⁵¹.

Enquanto Bibelot dorme, Aurora chama o pai e diz que o homem que desgraçou Silene é Bibelot e que ele está no seu quarto.

*(Todas seguem o chefe da família. Entram no quarto. Por um momento, 'Seu' Noronha olha o rapaz adormecido. Ergue o punhal e o crava, até o cabo, no coração do Bibelot. Este dá um arranco, um uivo estrangulado. Depois, tomba. Aurora cai de joelhos.)*⁶⁵².

Sobre a morte de Bibelot se podem fazer algumas pontuações. A primeira delas é que ele morre por não ter correspondido ao amor de Aurora. Ela suplica, queria ser a única, A mulher para ele. O amor era a condição que ela impunha para consentir no desejo, que sem essa roupagem a horrorizava. Mas para ele, ela representava a fantasia da mulher castrada, desvalorizada. Como enunciou Lacan em seu seminário *A lógica na fantasia (1966-1967)*, o Outro é o corpo, que por não existir, por estar barrado, deve ser reduzido a objeto *a*, no qual está em jogo um mais-de-gozar, onde a perversão toma lugar como devotamento ao gozo do Outro (completando-o, suplementando-o). Se o Outro, tal como Aurora para Bibelot, é barrado, incompleto, há um impossível de se inscrever do que estabeleceria a relação entre dois gozos: 'Não há relação sexual'. Em segundo lugar, a encenação de sua morte, o punhal (significante fálico), erguido, cravado até o cabo no coração Bibelot, em

⁶⁵¹ *Ibid*, p.88.

⁶⁵² *Ibid*, p.89.

contrapartida, representa a relação sexual. De fato, segundo André, a diferença sexual “[...] na perversão só é abordada através de simulacros teatrais próximos do cerimonial ou do ritual, e cujo término é uma encenação da morte ou de uma mutilação”⁶⁵³.

Arlete diz que quer ver a lágrima da morte, mas percebe que ele está chorando pelos dois olhos, chama o pai de assassino. O pai tenta se defender, diz que ele merecia, pois prostituiu Silene. Arlete rebate e fala que é mentira, que quem prostituiu Silene foi ele, o próprio pai: primeiro mandou o gringo e, depois, o médico. Pede que as irmãs ouçam o que ela nunca disse e o que escondia de si mesma, que o pai havia mandado um deputado lhe procurar. Desesperado, ‘Seu’ Noronha pede que não acreditem. Arlete insiste e ele confessa que fez por causa de Silene, do casamento. Ele aponta para Arlete e diz que ela beija mulher na boca. Ela responde que beija, mas que é para se sentir menos prostituta. Aqui vale destacar dois aspectos: primeiro, a reação de ‘Seu’ Noronha, que, como o perverso, desmente a falta e, mesmo confessando que prostituía as filhas, logo em seguida trata de desmentir sua castração, transferindo a culpa para Silene e Arlete, submetendo-as ao erro; segundo, a inversão de Arlete, que não parece ter relação com a perversão, mas sim com a histeria, pois ela diz sentir nojo de homem e, ademais, indica estar buscando na ligação com a mulher que se relaciona uma identificação – afirma que é para se sentir menos prostituta –, através dela, tal como a histérica, busca o enigma da feminilidade, e não o objeto de seu desejo.

Na peça, portanto, verifica-se um mecanismo constante de ‘viradas’, que geram surpresas e desmascaramentos em relação aos personagens, assim como o movimento de báscula presente na estrutura perversa: a filha virgem, considerada a salvação moral da família, que aparece grávida e mata a gata a pauladas; o rapaz viril, que só se veste de branco, símbolo da pureza e da virgindade; o pai moralista que prostitui as filhas; a mãe apagada em seu desejo, que faz desenhos obscenos no banheiro. Essa dupla condição dos personagens reflete a clivagem na perversão, que assume a forma do desmentido (*Verleugnung*), ou seja, de uma dupla afirmação contraditória que implica, ao mesmo tempo, o reconhecimento e a recusa da castração e da diferença sexual.

Por fim, o pai perde perdão. Arlete o questiona violentamente, afinal ele prostituiu as filhas e não chora? Exige que ele chore. Ele responde dizendo que está chorando.

⁶⁵³ André, 1995, p.143.

Arlete *(apertando o rosto do pai entre as mãos)* – Deixa eu ver tua lágrima... *(lenta e maravilhada)* Uma lágrima, uma única lágrima... *(num berro triunfante)* Velho! Você é o demônio que chora por um olho só! Dá o punhal, velho! Esse punhal! Dá!

(Arlete toma-lhe o punhal. As outras agarram o velho.)

Arlete *(feroz, erguendo o punhal)* – O punhal no olhar da lágrima!

Hilda *(berrando)* – Larguem o meu pai! Assassinas!

(E, súbito, Hilda cai em transe mediúcnico. Recebe o primo Alípio.)

Hilda *(com voz de homem)* – Mata, sim, mata velho safado! Mata e enterra o velho e a lágrima no quintal! Velho safado!

Esse término indica uma nova morte, agora de ‘Seu’ Noronha, encenação de sua própria castração: o punhal no olhar da lágrima, no lugar do gozo, do desejo. Para André⁶⁵⁴, existe, de fato, uma relação singular entre o desejo na perversão e a pulsão de morte, onde a destruição aparece como o apogeu do desejo.

Trata-se da erotização da pulsão de morte, segundo Millot⁶⁵⁵, uma via que é inventada para vencer uma má partida, permitindo fazer do abandono uma felicidade, da dor um prazer, da perda uma alegria, tornando possível a transmutação do horror inspirado pela castração num gozo que dele representa o mais perfeito desmentido.

⁶⁵⁴ *Ibid.*, p.144.

⁶⁵⁵ Millot, 2004.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro objetivo desta pesquisa foi acompanhar Freud na elaboração da teoria psicanalítica, seguindo a ordem cronológica, no que tange ao tema da perversão. O caminho indicado por Patrick Valas⁶⁵⁶, em seu livro *Freud e a perversão*, foi escolhido como base para a realização deste percurso. Logo de início, constatou-se que, em seu estudo sobre a sexualidade, Freud retirou as perversões das noções confusas de aberrações instintuais ligadas a causas degenerativas pelas quais eram definidas, e conferiu-lhes um estatuto de posição subjetiva.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a questão dirigida à psiquiatria pelo poder judiciário ao longo do século XIX, que abrangia as perversões sexuais – afinal, trata-se de perversidade moral ou perversão patológica? – foi respondida por Freud. Ele deu seu veredicto: não se trata de perversidade! E ainda definiu de forma mais clara os limites em termos de patologia.

É através da relação dialética com a neurose – a neurose é o negativo da perversão – que esta última é encontrada nos primeiros textos de Freud. Com esse aforismo, ele observou que as fantasias que estão conscientes na perversão e podem ser colocadas em ato, aparecem inconscientes, por trás dos sonhos e dos sintomas neuróticos. Assim, inicialmente, ele qualificou as psiconeuroses de perversões passivas, em oposição às perversões ativas que seriam as verdadeiras.

Contudo, essa primeira concepção difundida por Freud é desmentida por ele mesmo, a partir do momento em que ele observou que os neuróticos também podem colocar suas fantasias perversas em ato, e os verdadeiros perversos também podem obter satisfação mantendo suas fantasias no imaginário. A distinção entre elas realmente não é tarefa fácil, e, de acordo com Valas, talvez se torne possível a partir da observação de que nos neuróticos as atuações das fantasias perversas sejam ocasionais, permanecem isoladas, já os perversos apresentam uma conduta sexual estereotipada, fixada em modos particulares e repetitivos.

Distinguir ‘normalidade’, neurose e perversão é mais difícil ainda. Freud assinalou que a sexualidade humana é perversa, devido ao extraordinário polimorfismo de suas manifestações. Ele não hesitou em afirmar que não existem normas sexuais, e isso tanto no plano psíquico, como também no biológico. Ademais, observou-se, na teoria freudiana,

⁶⁵⁶ Valas, 1990.

que não há qualquer confusão possível entre a atuação da pulsão que pode ocorrer em todos os sujeitos e a perversão propriamente dita.

Por exemplo, em relação à pulsão sádica, ele pontuou que a tendência sádica originária da pulsão sexual não visa infligir dor, mas dominar o objeto (com o objetivo de devorá-lo ou destruí-lo), pois a origem desta pulsão estaria na necessidade de se alimentar. As verdadeiras perversões sádicas ou masoquistas só podem ser definidas após o posicionamento do sujeito em sua relação com o parceiro, onde entra em jogo a erotização da dor. Assim, quando em 1924, Freud apresentou suas novas considerações sobre o masoquismo, afirmando a existência de uma tendência masoquista primária, e não secundária, ao retorno da tendência sádica primária sobre o próprio eu, como propôs inicialmente (1905-1915), ele fez a distinção entre esse masoquismo primário e a verdadeira perversão masoquista.

Em seu estudo sobre a sexualidade, Freud constatou que a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, e que é na infância que se pode apontar tal disposição. A complexidade desta o levou a crer que a pulsão sexual seria composta de diversos fatores e que, nas perversões, como se desfaria em seus componentes (parciais). Além disso, ele indicou que, a partir da dissociação de componentes de uma pulsão parcial, ocorreria sua regressão e finalmente sua fixação num estágio infantil da sexualidade.

Para Freud são as impressões infantis que são fixadas. O sujeito se fixa na satisfação pulsional a partir de sua representação (a cena primitiva sob a forma de uma fantasia), ou seja, sob o modo pela qual ela foi obtida pela primeira vez e com intensidade suficiente para deixar um traço de memória (aqui o papel desempenhado pela masturbação é bastante relevante). Fica claro, portanto, que é a partir da fantasia que se deve definir a perversão.

Freud ressaltou que em todos os distúrbios do desenvolvimento se pode verificar tanto a dissociação, como a regressão e a fixação; ele assinalou que há na neurose um recalçamento da tendência fixada (recalque parcial) e que mais tarde essa tendência manifesta suas exigências perversas através dos sintomas, enquanto na perversão não haveria o recalçamento. No entanto, ao rever essa questão, ele afirma que também há recalque na perversão, e que esta constitui uma forma de compromisso da tendência recalçada.

Observou-se, assim, que Freud deixou clara a diferença entre a pulsão e a perversão, mas para definir esta última é preciso ainda

delimitar a posição do sujeito e aquilo que a constitui com relação ao objeto, com as razões que orientaram a sua escolha.

Desde os *Três ensaios (1905)* Freud recorda que o objeto da adolescência é apenas o reencontro com o objeto da primeira infância; uma escolha que é feita a partir de suas coordenadas de representações, fixadas em forma de traços no inconsciente, e que constitui a memória recalcada da sexualidade infantil. Desse modo, como a escolha de objeto na fase genital infantil é necessariamente incestuosa, seus efeitos poderão ser sentidos na escolha do objeto na adolescência. Isso vai depender da forma pela qual se dá o declínio do Édipo, no qual o complexo de castração se define, com a assunção do primado do falo tanto para a menina como para o menino.

Freud assinalou que a escolha de objeto, apoiada na primeira infância, ocorre independentemente do sexo. Caso o sujeito permaneça fixado nesse tipo de escolha, na idade adulta uma escolha de objeto heterossexual poderá mascarar uma perversão real, que será revelada em circunstâncias favoráveis. Mas ele vai pontuar também que a perversão já está fixada na primeira infância e não se constitui após os seis anos, isto é, após a resolução do Édipo. Do mesmo modo, uma escolha de objeto homossexual poderá mascarar, na realidade, uma neurose. Assim, conclui-se que o tipo de objeto no qual o sujeito permanece fixado não permite qualificar nem tipificar uma perversão.

Em seu texto *Bate-se numa criança (1919)* Freud demonstrou que, igualmente, não se pode qualificar uma perversão a partir da cena perversa, seja ela atuada ou não, pois o neurótico também pode colocá-la em ato. Além disso, nesse estudo, ele trouxe uma contribuição ao conhecimento da gênese da perversão, ao demonstrar como essa fantasia – ‘bate-se numa criança’ – se constitui na dialética edipiana. Assim, pela primeira vez, o desenvolvimento da perversão se revelou para ele, de forma clara, em relação aos objetos de amor incestuoso (no campo do Édipo).

Em 1908, no texto *As teorias sexuais infantis*, Freud desenvolveu sua tese mais importante, que vai constituir a base da definição de todas as perversões. Nela, ele indicou a dificuldade que existe para a criança em admitir a castração materna, na medida em que ela recusa a diferença entre os sexos, e isso vai deixar traços no seu inconsciente.

Desse modo, foi em relação à castração que Freud começou a descrever o fenômeno da recusa ou renegação (*Verleugnung*), no qual a representação da mulher com pênis estaria fixada ao psiquismo da criança. A partir dessa época, todas as perversões designadas por ele

apresentam como denominador comum essa recusa, o horror da castração.

No texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), Freud introduziu a função da mulher fálica, ou seja, a ideia que relaciona o falo enquanto faltoso, indicando a importância dessa fantasia para a criança. Essa formulação, segundo Valas⁶⁵⁷, permitiu entender como, através da perversão, fica mais fácil assimilar a função simbólica do falo, de outra forma tão enigmática, de modo que ela assume aí um papel de destaque. O que está em questão não é o pênis real, mas o falo como símbolo de sua ausência. Assim, no fetichismo, o calçado e o pé, por exemplo, ganham consistência como um substituto, um símbolo do membro adorado na infância e depois perdido.

Ainda no texto de *Leonardo da Vinci*, Freud acentuou o que resulta para o sujeito a partir da recusa da castração materna: o menino recalca seu amor pela mãe colocando-se no lugar desta, indentifica-se com ela e toma a sua própria pessoa como ideal; torna-se homossexual e, daí em diante, vai amar os rapazes da mesma forma que a mãe o amou quando criança. Valas assinala que temos, aqui, o segundo denominador comum a todas as perversões: “a feminilização do sujeito por identificação à mãe fálica em sua recusa da castração”⁶⁵⁸.

A perversão em Freud foi definida, portanto, a partir de dois polos da fantasia: o objeto é escolhido em função da relação do sujeito com a castração, que se define na dialética edipiana. Com a renegação da castração, ele (o objeto) é marcado pelo traço dessa recusa: a mãe fálica, à qual se substitui o falo (a mulher falicizada) pelo fetiche, ou então o próprio objeto deve portar o falo e será um duplo narcísico do sujeito homossexual.

Em 1914, Freud apresentou em Viena um caso de fetichismo, no qual ele reuniu todos os conhecimentos obtidos até aquele momento. No artigo sobre o fetichismo, em 1927, ele retomou a questão após novos remanejamentos e apresentou o exemplo de dois casos clínicos: no primeiro, recorda sua tese de que o objeto fetiche é apenas o objeto reencontrado em suas coordenadas simbólicas memorizadas sob a forma de traços no inconsciente; no segundo, aponta a atitude dividida dos fetichistas para com o tema da castração feminina, em que tanto a afirmação quanto a rejeição desta encontram caminho na construção do fetiche, confirmando, assim, que também há recalque na perversão.

⁶⁵⁷ *Ibid.*

⁶⁵⁸ *Ibid.*, p.112.

No final do trabalho *A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher* (1920), Freud insistiu que, em relação à homossexualidade, é preciso distinguir bem as questões da escolha de objeto, por um lado, e do caráter sexual e da posição sexual, por outro. Isso para não se confundir a homossexualidade latente do neurótico, com a perversão homossexual, nas suas diferentes variantes de manifestação, tanto no homem como na mulher. Como já citado, para o sujeito, a recusa da castração determina sua identificação com a mãe fálica e é essa feminilização do sujeito que vai caracterizar sua posição sexual.

No artigo *A divisão do ego* (1938), Freud esclareceu como é possível reconhecer e negar simultaneamente a castração. Para que essa contradição se mantenha, ele indicou que é necessário se processar uma divisão do ego, de forma que este funcione em dois registros antagônicos e independentes entre si. Assim, duas atitudes psíquicas excludentes devem ser mantidas: uma que se ajusta ao desejo (que se desliga da castração) e outra que se ajusta à realidade (mãe castrada). Neste trabalho, através de um caso clínico, ele também esclareceu como a importância do falo é deslocada para outro objeto (fetiche) auxiliado pelo mecanismo de regressão (e aqui demarcou novamente a existência do recalque na perversão).

Algumas considerações importantes ainda precisam ser feitas em relação ao tema da perversão na obra freudiana. É curioso que, apesar de Freud ter atribuído as verdadeiras perversões (ativas) aos homens, ele apresenta um estudo de caso de perversão feminina, de homossexualidade⁶⁵⁹. Nesse caso, trata-se de uma perversão verdadeira? A dúvida se apresenta, pois nesse trabalho, ao sustentar que o caso decorria de perversão e não de histeria, Freud apoiou esse diagnóstico apenas no critério da inversão. Além disso, ele se contentou em situar essa inversão no nível da identificação, de um lado, e da escolha amorosa, de outro, e sozinhos esses dois critérios não parecem permitir caracterizar com segurança a estrutura perversa de uma homossexualidade. Traçando um paralelo, se possível, com esse caso, o texto de Leonardo da Vinci também deixa dúvidas, pois no início Freud o considera como um caso de perversão, mas ao final do trabalho afirma que Leonardo se comportava como um homossexual platônico, o que poderia indicar uma neurose obsessiva.

O segundo objetivo desta pesquisa abarcou a investigação sobre o tema da estrutura da perversão em Lacan. O caminho percorrido aqui foi

⁶⁵⁹ *A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher* (1920).

seguido, principalmente, pela indicação de Philippe Julien⁶⁶⁰ em seu livro *Psicose, Perversão e Neurose: a leitura de Jacques Lacan*, e Jöel Dor⁶⁶¹, em *Estruturas e clínica psicanalítica*.

Assim como Freud, Lacan assinalou que é em torno do Édipo que a perversão se constitui. Ele desenvolveu o Édipo freudiano em três tempos e destacou que é, no primeiro deles, aquele no qual a criança busca satisfazer o desejo da mãe, e que, para tanto, ela se identifica com o falo, que podem ocorrer as identificações perversas. Para que a criança ultrapasse esse nível primordial de identificação, é preciso que o pai intervenha, interditando a mãe na relação com o filho. Na perversão, no entanto, o pai falha de alguma forma e, sem ele, a criança se fixa imaginariamente nessa posição de ser o falo para a mãe. Como foi visto em Julien, ser o objeto fálico imaginário para preencher o desejo da mãe é a angústia mesma de ser engolido por ela. A perversão nasce daí, como consequência dessa angústia, do horror diante da castração da mulher.

O perverso não quer saber da Lei representada pelo pai simbólico, pois isto o levaria a ter que reconhecer a falta no Outro. Dá-se, portanto, a renegação (*Verleugnung*), que Lacan traduziu por desmentido, da primeira posição, segundo a qual a mãe não tem o falo. No fetichismo, paradigma de toda perversão, o sujeito coloca o fetiche como substituo do falo faltante da mãe e, assim, além de anular a falta, ele também anula a diferença dos sexos.

Verificou-se que devido à falha na função paterna, o perverso possui uma economia psíquica particular, sua lei é a lei do gozo, que ordena buscá-lo por todos os meios, sem limites, e é o que permite caracterizar dois de seus traços estruturais: o desafio e a transgressão. Porém, isto não significa que ele esteja fora de qualquer lei, ele não ignora o Outro da lei. No entanto, o Outro está para ele como ‘vontade de gozo’. Desse modo, ele se faz instrumento de gozo do Outro, induzindo o Outro a ser seu cúmplice na transgressão.

Outros traços de perversão que se organizam por pares de opostos e que exprimem a relação ambígua do desejo perverso ao desejo do Outro foram citados por Dor⁶⁶², na representação dos objetos femininos que o perverso busca na realidade, que oscilam entre o fantasma da mãe fálica e o da mãe castrada. Assim, a mulher pode lhe aparecer simultaneamente como uma santa ou uma puta. Ele ressalta também que

⁶⁶⁰ Julien, 2002.

⁶⁶¹ Dor, 1994.

⁶⁶² Dor, 1994.

a mulher que toma o lugar da mãe fálica terá a imagem de uma mulher totalmente idealizada, pois é assim que o perverso continua a se proteger da mãe como objeto de desejo possível.

Lacan utilizou o esquema do véu ou da cortina para explicar as perversões. Como citou Julien, o véu apresenta uma dupla função:

É a um só tempo o que esconde e o que designa.
Na perversão, trata-se, para o sujeito, de esconder a falta fálica da mãe, embora designe com a ajuda do véu a figura daquilo de que há falta⁶⁶³.

Foram apontadas entre as perversões de que se deduzem a posição do sujeito atrás do véu: o travestismo, o exibicionismo, o sadismo e a homossexualidade masculina; e entre as de que se deduzem a posição do sujeito diante do véu: fetichismo, o masoquismo, o *voyeurismo* e a homossexualidade feminina.

No capítulo *Gide, um caso de inversão*, foi apresentado, a partir de dados da vida e da obra do autor, uma interação com o mecanismo e os traços característicos da estrutura da perversão, através da visão de Catherine Millot⁶⁶⁴. Entre as principais características que foram citadas, destacam-se: a divisão do eu, a divisão entre o amor e o desejo, o abandono ao amor materno, a sedução na infância, a identificação com a sedutora e com a mãe (que deu origem a inversão), a falha na função paterna, a mistura entre o verdadeiro e o falso (sentimentos de realidade e identidade problemáticos), a estrutura em forma de eclipse, e a idealização daquela que representava o fantasma da mulher fálica. Além desses pontos, a autora também desenvolveu outros aspectos importantes sobre a teoria da perversão, que foram fundamentais para a realização do último capítulo desta dissertação.

Na última parte desenvolvida no estudo de Lacan sobre a perversão, entra em jogo a noção de objeto *a* como *mais-de-gozar*. No seminário *De um Outro ao outro (1968-1969)*, foi onde ele apresentou a novidade que trata da posição do sujeito na perversão, em que ele se faz objeto a serviço do gozo do outro; sua dedicação está em tapar o furo no Outro, para que o Outro exista não barrado, não descompletado. Assim, verificou-se que, na perversão, o sujeito se faz objeto *a* para um *mais-de-gozar* do Outro das seguintes formas: através do olhar, o *voyeur* interroga o que falta no Outro suplementando-o; o sádico dá ao Outro

⁶⁶³ Julien, 2002.

⁶⁶⁴ Millot, 2004.

voz (ele se coloca como instrumento do que ele supõe faltar ao Outro para que ele goze); o exibicionista busca fazer aparecer o olhar no Outro como prova de possível cumplicidade no gozo, e o masoquista se entrega à voz do Outro (ele se esforça para que ela surja e se imponha).

Por fim, no último capítulo desta dissertação, buscou-se, a partir das concepções teóricas investigadas em Freud e Lacan sobre a estrutura da perversão, identificar algumas interações entre o mecanismo que envolve essa estrutura, suas formas e traços característicos, com as falas, atitudes e características dos personagens da peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, e comentá-las.

Entre as interações e os comentários realizados, podem-se destacar: as características, os apelidos e o figurino do personagem Bibelot, que traz em si o desmentido da castração, que anula a diferença entre os sexos (como foi visto, ele era ‘o homem vestido de virgem’, pois só vestia branco, que indica pureza e remete ao feminino, apesar de em suas falas está presente estereótipos masculinos); ‘Seu’ Noronha, que assim como acontece na perversão, tinha em Dr. Bordalo, o médico da família, o cúmplice em sua transgressão (o desejo incestuoso pelas filhas), e apresentava traços que se organizam por pares de opostos, a saber, para ele as representações dos objetos femininos que buscava na realidade oscilavam entre o fantasma da mãe fálica (através de Silene, a filha caçula, virgem, a imagem da mulher idealizada) e o fantasma da mãe castrada (representado pelas filhas mais velhas, que não haviam se casado, as ‘putas’); a falha da função paterna, característica na perversão, também aparece no personagem de ‘Seu’ Noronha, para quem o falso e o verdadeiro se misturavam (ele dizia que o nome e a cara que se usa na Terra não valem nada); além disso, o desmentido da castração aparece na peça no olhar como objeto *a* (que é causa de desejo e fonte de angústia), na imagem dos dois olhos refletidos no espelho, um maior, parado e que chora (é o que causa desejo, ereção, que goza, que desmente a castração) e o outro que pisca (que lembra o sexo feminino, afirma a castração da mulher, e é causa de angústia).

Pode-se concluir, a partir desses parâmetros, que o que se repete na estrutura da perversão, assim como na peça *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, é o desmentido da castração. No entanto, através dessa interação, além de seu mecanismo, foi possível também aprofundar a compreensão, confirmar e ilustrar, outros aspectos referentes a essa estrutura (seus traços característicos, suas formas), que enriqueceram o comentário da peça.

O estudo sobre *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, bem como sobre a estrutura da perversão, certamente não se encerram com esta

dissertação. Outras pesquisas poderão ser realizadas com a peça, ou com outros trabalhos do autor. Tal como fez Millot⁶⁶⁵, com Gide, talvez a biografia de Nelson também possa ser trabalhada na relação com suas obras. Além disso, os vários aspectos que abarcam a estrutura da perversão poderão ganhar ênfase em pesquisas futuras.

⁶⁶⁵ Millot, 2004.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L.F.G. Estrutura e perversão. Trabalho apresentado na **Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco**. Em Recife, 12 e 13 de junho de 1992.
www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhosestrutura_e_perversao.pdf
- ANDRÉ, S. **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- BLEICHMAR, H. Introdução ao estudo das perversões. In: ANDRADE, L.F.G. Estrutura e perversão. Trabalho apresentado na **Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco**. Em Recife, 12 e 13 de junho de 1992.
www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhosestrutura_e_perversao.pdf
- BOHADANA, E. Estrutura e estruturalismo: o vazio da significação. In: ANDRADE, L.F.G. Estrutura e perversão. Trabalho apresentado na **Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco**. Em Recife, 12 e 13 de junho de 1992. In:
www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhosestrutura_e_perversao.pdf
- DOR, J. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1994.
- FERRAZ, F.C. **Perversão: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FREUD, S. (1956[1886]). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: FREUD, S. (1886-1899). **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. I.
- _____ (1950 [1892-1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: FREUD, S. (1886-1899). **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. I.
- _____ (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: FREUD, S. (1893-1899). **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Ed.

Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. III.

_____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. (1901-1905). **Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. VII.

_____ (1908). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In: FREUD, S. (1906-1908). **‘Gradiva’ de Jensen e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX.

_____ (1908). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. (1906-1908). **‘Gradiva’ de Jensen e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX.

_____ (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: FREUD, S. (1906-1908). **‘Gradiva’ de Jensen e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX.

_____ (1910[1909]). Cinco lições de psicanálise. In: FREUD, S. (1910). **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XI.

_____ (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: FREUD, S. (1910). **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XI.

_____ (1913). A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: FREUD, S. (1911-1913). **O caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII.

_____ (1914). *Fausse Reconnaissance ('Déjà Raconté')* no tratamento psicanalítico. In: FREUD, S. (1913-1914). **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIII.

_____ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. (1914-1916). **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

_____ (1914). *Un cas de fétichisme du pied*. In: *Les premiers psychanalystes* (Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena), t. IV, Gallimard, 1983, p.278 a 282. (N. do T.: Este artigo não foi publicado em língua portuguesa, mas é mencionado – quanto às conclusões dele tiradas – em nota de rodapé nos Três ensaios sobre a sexualidade). In: VALAS, P. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

_____ (1915). As pulsões e suas vicissitudes. In: FREUD, S. (1914-1916). **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

_____ (1916 [1915-16]). Conferência XIII: Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos. In: FREUD, S. (1915-1916). **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (partes I e II). Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XV.

_____ (1917 [1916-17]). Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: FREUD, S. (1916-1917). **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (parte III). Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVI.

_____ (1919). ‘Uma criança é espancada’ Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, S. (1917-1919). **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Ed. Standard

Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVII.

_____ (1920). A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher. In: FREUD, S. (1920-1922). **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII.

_____ (1920). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. (1920-1922). **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII.

_____ (1923). O ego e o id. In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

_____ (1923). A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

_____ (1924[1923]). Neurose e psicose. In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX

_____ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

_____ (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

_____ (1924). O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard

Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

_____ (1925). A negativa. In: FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

_____ (1927). Fetichismo. In: FREUD, S. (1927-1931). **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI.

_____ (1940[1938]). A divisão do ego no processo de defesa. In: FREUD, S. (1937-1939). **Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Freud Completas de Sigmund. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**: Houaiss Eletrônico. Versão monousuário 1.0 – junho 2009, Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva.

JULIEN, P. **Psicose, perversão, neurose**: a leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

LACAN, J. (1956-1957). **O Seminário a relação de objeto**, livro 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____ (1957-1958). **O Seminário as formações do inconsciente**, livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LIMA, M. M. de.; JORGE, M.A.C. Orgs. **Saber fazer com o real: diálogos entre psicanálise e arte**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, M. E. L. da. (Coord.) **Investigação e Psicanálise**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

MIJOLLA-MELLOR, S. Psicanálise aplicada/interações da psicanálise. In: **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.1447.

MILLOT, C. Gide, Genet, Mishima. **Inteligência da perversão**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MOTTA, M. B. **Advertência**: nota sobre a *Verleugnung*. In: VALAS, P. Freud e a perversão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

QUEIROZ, E. F. **A clínica da perversão**. São Paulo: Escuta, 2004.

QUINET, A. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RODRIGUES, N. **Os sete gatinhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ROSOLATO, G. Études des perversions sexuelles à partir du fétichisme. In: ANDRADE, L.F.G. Estrutura e perversão. Trabalho apresentado na **Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco**. Em Recife, 12 e 13 de junho de 1992.

www.escolafreudianaajp.org/arquivos/trabalhosestrutura_e_perversao.pdf

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SALOMÃO, I. **Nelson feminino e masculino**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

ANEXO A – A Peça Os Sete Gatinhos de Nelson Rodrigues

OS SETE GATINHOS

Autor: Nelson Rodrigues

Personagens

Bibelot

Aurora

Gorda

Débora

Noronha

Arlete

Hilda

Silene

Saul

Dr. Portela

Dr. Bordalo

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Aurora conhecera Bibelot⁶⁶⁶ na véspera. Ele estava de branco e, diga-se de passagem, foi o terno engomado, fresquinho da tinturaria, que primeiro a impressionou. Era um rapaz taludo, de 25 a trinta anos, largo de costas, um bigodinho aparado e cínico, uns lábios bem desenhados para o beijo e os olhos de um azul inesperado e violento. Usava a camisa fina, transparente, entreaberta na altura do primeiro botão, vendo-se a medalhinha de um santo qualquer. Durante a ação, Bibelot beija, constantemente, a medalhinha. Aurora e o rapaz conversavam em cima do meio-fio enquanto não vinha a condução. Moravam ambos no Grajaú⁶⁶⁷ e esta coincidência foi uma facilidade a mais. E quando veio o ônibus, apinhado, viajaram em pé, cada qual pendurado na sua argola. Depois, ao despedirem-se, ficou marcado um novo encontro para o dia seguinte. Agora viam-se pela segunda vez. Aurora saíra da autarquia, onde trabalhava, às cinco em ponto. Encontrou-o na esquina combinada e, novamente de branco, Bibelot inclina-se.)

Bibelot	<i>(baixo e caricioso) – Linda!</i>
Aurora	– Acha?
Bibelot	– Você fica um estouro de azul!
Aurora	<i>(numa alegre mesura) – Merci!</i> ⁶⁶⁸
Bibelot	– Qual é o programa?
Aurora	– Fila de ônibus!
Bibelot	– Queres um palpite?
Aurora	– Qual?
Bibelot	– É o seguinte: em vez de ônibus ou lotação, podia-se ir de bonde. ⁶⁶⁹

⁶⁶⁶ *Bibelot: hoje escreveríamos “Bibelô. Na época (1958) ainda era comum escrever palavras como essa na grafia de sua língua original, no caso, o francês.*

⁶⁶⁷ *Grajaú: bairro da zona norte do Rio de Janeiro, próximo à Tijuca e à Vila Isabel.*

⁶⁶⁸ *Merci: obrigado, em francês.*

⁶⁶⁹ *Lotação e bonde: lotação era o termo usado em quase todas as cidades brasileiras para designar os transportes coletivos pequenos. Hoje se diria perua, micro, van, etc. Já o bonde era um coletivo elétrico sobre trilhos. Os*

Aurora (tentada) – De bonde?
 Bibelot – Assim a gente ia sentada, batia-se um papinho e outros bichos!
 Aurora (com frêmito delicioso) – Topo!
 Bibelot (alegre) – Então, vamos embora!
 Aurora – Antes que eu me esqueça, uma coisa que eu estou para te perguntar, desde ontem: por que é que o pessoal te chama de Bibelot?
 Bibelot (achando graça) – Bem, é porque...
 Aurora (sem saber explicar) – Acho um apelido tão não sei como!

(*Bibelot vacila. Pigarreia. Ri*)

Bibelot – Me chamam de Bibelot pelo seguinte: tem uns caras que acham que eu dou sorte com mulher.
 Aurora (deleitada) – Gosto do teu cinismo!

(*Os dois andam alguns passos. Bibelot estaca.*)

Bibelot – Espera!
 Aurora – Que é?
 Bibelot – Bolei outra idéia!
 Aurora – Olha a hora!
 Bibelot – É cedo.
 Aurora – Diz.
 Bibelot – Primeiro responde: você é corajosa?
 Aurora – Que espécie de coragem?
 Bibelot (tirando um pigarro) – Coragem para ir a um lugar, assim, assim...
 Aurora (rápida) – Tira a mão!
 Bibelot – Vai?
 Aurora – Onde?
 Bibelot – Lá.
 Aurora – Depende.
 Bibelot – Ia ser bacana!

bondes foram desaparecendo do país ao longo da década de 1970 , com exceção da linha Santa Teresa, no Rio de Janeiro, que está em funcionamento até hoje.

- Aurora – Onde é?
 Bibelot – Copacabana.⁶⁷⁰
 Aurora (*com pânico da distância*) – Longe!
 Bibelot – De táxi é um pulo. E olha: tem vitrola, ponho uns discos⁶⁷¹ e ouve-se música.
 Aurora (*com doce ironia*) – Só?
 Bibelot (*um pouco incerto*) – Te dou uns beijinhos e pronto.
 Aurora – Só beijinhos e nada mais?
 Bibelot – Lógico!
 Aurora (*suspirando*) – Vocês homens!
 Bibelot (*sôfrego*) – Te juro! O apartamento não é meu, é de um amigo, que está fora. Ele me deu a chave e, além da chave, tem ferrolho, a gente fecha por dentro, não há o menor perigo, sua boba! E o edifício é residencial, discretíssimo!
 Aurora (*doce e triste*) – Que idéia você faz de mim?

(Bibelot atrapalha-se)

- Bibelot – Idéia como? (*incisivo*) A melhor possível, ora!
 Aurora (*incisiva também*) – Mentira! Você me viu ontem, pela primeira vez, numa fila de ônibus. Eu nem te conheço. Te conheço? Fala!
 Bibelot – Não me conheces, Aurora?
 Aurora – Nem sei onde você trabalha!
 Bibelot – Não seja por isso. Te conto, já, a minha vida todinha. Olha: trabalhei na P.E.⁶⁷² e me puseram de lá pra fora.

⁶⁷⁰ Copacabana: a menção a um dos mais famosos bairros da zona sul do Rio de Janeiro tem aqui uma sugestão de malícia. Bairro cosmopolita, densamente povoado, era considerado lugar favorável a encontros secretos... ou ostensivos, graças à numerosa quantidade de hotéis e pequenos apartamentos.

⁶⁷¹ Discos: na época as vitrolas ou eletrolas eram os únicos aparelhos domésticos de reprodução sonora. Tocavam discos. Os mais comuns eram os de 78 rotações por minuto, conhecidos por “78” ou “bolachões”, que reproduziam uma única peça de cada lado. Havia também os de 45 e os de 33 rotações. Estes, mais raros e sofisticados, eram conhecidos como “long play”. Hoje, são chamados pelo nome “vinil”. Os outros pertencem à história.

⁶⁷² P.E.: Polícia do Exército.

- Aurora – Por quê?
 Bibelot – Dei uns tiros num cara. Folgou comigo e já sabe.
- Aurora *(com certo deslumbramento)* – Morreu?
 Bibelot – O cara? *(faz um gesto como se lavasse as mãos)* Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.
- Aurora – E agora?
 Bibelot – Estou parado, até ver que bicho dá.
- Aurora *(rápida, à queima-roupa)* – Você é casado?
 Bibelot *(com breve hesitação)* – Sou.
- Aurora – Logo vi!
 Bibelot – Por quê?
 Aurora – Quando gosto de um cara é casado!
 Bibelot – Bem, mas a minha patroa fez uma operação, tirou útero, ovários e...
- Aurora – Não sente mais prazer?
 Bibelot – É, deixou de ser mulher. Chato pra burro! *(muda de tom)* Como é? Vamos?
- Aurora *(ergue o rosto duro)* – Eu, não! Absolutamente!
- Bibelot *(sôfrego)* – Passamos lá meia hora no máximo!
 Aurora *(ressentida)* — Você entrou de sola, meu filho!
- Bibelot *(atônito)* – Eu?
 Aurora – Já quer me empurrar pra um apartamento! Sem um romancezinho!
- Bibelot – Aurora, escuta!
 Aurora *(veemente)* – Se, por acaso, eu fosse a esse apartamento contigo. Vamos imaginar. E meu pai?
- Bibelot – Que é que tem teu pai?
 Aurora *(enfática)* – Meu pai mudou muito. Antigamente, não ligava. Mas agora descobriu uma tal religião teofilista⁶⁷³. Acho que é:

⁶⁷³ *Religião teofilista: essa expressão também aparece em outras peças de Nelson Rodrigues. Não encontramos referência a uma “teofilia”. Pode ser uma brincadeira com “teosofia”. “Teofilia”, em todo caso, pode ser traduzido como “amizade de Deus”, o que sugere uma ambigüidade: religião da amizade por Deus, ou religião do Deus amigo...*

- teofilista. Dá cada bronca, menino! E virou vidente!
- Bibelot – Ué, vidente?
Aurora (*com certa vaidade*) – Vidente, sim, senhor! Ouve vozes, enxerga vultos no corredor. De amargar! Olha: você quer saber quem é meu pai? Vou te contar uma que vais cair pra trás, duro! Depois que ficou religioso (*com maior ênfase*) não admite papel higiênico em casa, acha papel higiênico um luxo, uma heresia, sei lá!
- Bibelot – Quer dizer, um casca de ferida!
Aurora – Meu pai?
Bibelot – Estou besta!
Aurora (*completando a frase anterior*) – Como meu pai nunca vi! E, lá na Câmara, não faz graça pra ninguém!
- Bibelot – Que Câmara?
Aurora – Dos Deputados.
Bibelot (*com novo interesse*) – Ele é o que lá?
Aurora (*com breve vacilação*) – Funcionário.
Bibelot (*animado*) – Vem cá: se teu pai trabalha na Câmara, talvez tenha influência... Quem sabe se teu pai não podia arranjar uma marreta pra eu voltar à P.E.? Lá ele é funcionário importante?
- Aurora (*desconcertada*) – Bem...
Bibelot – É?
Aurora (*em brasas*) – Contínuo.
Bibelot (*amarelo*) – Sei... (*muda de tom*) Quer dizer que ao apartamento você não vai?
- Aurora – Não.
Bibelot – Paciência.
- (*Bibelot faz um aceno com os dedos e afasta-se alguns passos.*)
- Aurora (*aflita*) – Aonde é que você vai?
Bibelot – Até logo.
Aurora – Vem cá.

Bibelot – Minha filha, eu não forço a natureza de ninguém. Nem é meu feitio. Quer, muito bem. Não quer, tanto faz. *Bye, bye.*

(Bibelot quer afastar-se, novamente. Aurora, sôfrega, agarra-lhe o braço.)

Aurora – Escuta: e se eu disser que mudei de opinião?

Bibelot – Batata?

Aurora *(no seu brusco desejo)* – E se eu disser que gostei de ti?

Bibelot – Duvido.

Aurora *(transfigurada)* – Sabe que você fica muito bem de terno branco? Ontem, eu te vi de branco e hoje também. É o mesmo terno?

Bibelot *(na sua vaidade)* – Outro! Só uso branco! Tenho dez ternos como esse em casa. Ponho um por dia, chova ou faça sol!

Aurora *(fascinada)* – Que bom!

Bibelot *(mais taxativo)* – Vamos ao que interessa! Você vai ou não vai?

Aurora – Presta atenção: eu me lembrei que, hoje, há sessão noturna na Câmara e papai chega tarde. Disponho de mais tempo.

Bibelot – Até que enfim, puxa!

Aurora – Mas calma! *(muda de tom)* Você tem dinheiro?

Bibelot – Como dinheiro?

Aurora – Tem?

Bibelot *(incerto)* – Algum.

Aurora – Quanto, mais ou menos?

Bibelot *(sem entender)* – Mas finalmente qual é o drama?

Aurora *(feliz)* – Não há drama. Eu sou assim, de veneta, percebeu? Quando cismo com um camarada, já sabe: topo qualquer parada. E tarei, não sei se por você, se pelo terno branco, sei lá. Resolvi ir ao apartamento contigo, pronto!

Bibelot – O diabo é encontrar um taxi a essa hora!

Aurora – Mas uns quinhentos cruzeiros você tem, não tem?

(Bibelot estaca. Vira-se para a pequena. Está na maior confusão.)

Bibelot – Quinhentos cruzeiros?⁶⁷⁴

Aurora – Meu filho, eu costume cobrar 1.500, dois mil e até três mil cruzeiros. Pago só pelo quarto quinhentos, mas como você arranja o apartamento, *(pausa)* dá só quinhentos, está bem?

Bibelot – Vem cá: olha pra mim.

Aurora – Pronto.

Bibelot – Diz: você quer tomar dinheiro de mim?

Aurora *(sôfrega)* – Quinhentos e pode chamar o taxi!

Bibelot *(estrebucha)* – Está de porre?

Aurora *(desesperada de desejo)* – Menos não posso!

Bibelot – Nem um tostão!

Aurora *(quase chorando)* – Escuta, gostei de ti e te digo mais: um terno branco, fresquinho da tinturaria, me põe maluca, doida! Mas eu preciso dos quinhentos cruzeiros. Preciso, ouviu? *(suplicante)* Tenho despesas fixas e prometi a mamãe. Palavra de honra: o dinheiro não é pra mim.

Bibelot – Minha filha, nunca dei um vintém⁶⁷⁵ a mulher nenhuma! Nem dou!

⁶⁷⁴ *Quinhentos cruzeiros: o cruzeiro era a unidade monetária de então. É muito difícil fazer comparações de valor entre moedas de diferentes épocas, porque as condições de inflação, da economia e mesmo os hábitos de consumo eram muito diversos. Quinhentos cruzeiros era um bom dinheiro; a nota de maior valor era a de mil, para se ter uma idéia.*

⁶⁷⁵ *Vintém: nome de uma antiga moeda de cobre, do tempo da colônia e do Império, que valia vinte réis. Já no começo da República a unidade monetária com que as pessoas pensavam o seu dia-a-dia era o “mil-réis”, que se escrevia em dígitos como 1\$000. Em 1942, com a reforma monetária, um mil-réis passou a valer um cruzeiro. Vinte réis valeriam, então, dois centavos de cruzeiro. Passou a ser sinônimo de ninharia, e de completa falta de recursos: “esse cara não tem nenhum vintém” quer dizer “está duro”, “não tem nada”.*

(Aurora, que estava agarrada a ele, desprende-se, no seu despeito de fêmea.)

Aurora – Já sei. Elas é que te dão!
 Bibelot *(brutal)* – Ou isso!
 Aurora – Você tem toda a pinta de cafetão!
 Bibelot – E daí?

(Aurora tem uma pane de vontade. Agarra-se a Bibelot, novamente.)

Aurora – O diabo é que eu gosto de ti assim mesmo!
 Bibelot – Então, vem.

(Bibelot puxa a pequena.)

Bibelot – Olha um táxi livre. Vamos apanhar aquele!

(Os dois correm. Aurora vai puxada. Duas cadeiras de frente para a platéia representam o táxi.)

Aurora *(sentando-se)* – Mas de graça, não, meu filho!

(Bibelot estica as pernas, eufórico. De vez em quando, os dois procuram sugerir o movimento do automóvel: carregam as cadeiras como se o táxi dobrasse esquinas, tirasse finos ou corresse em ziguezague.)

Bibelot *(para o chofer invisível)* – Barata Ribeiro⁶⁷⁶,
 nossa amizade. *(para Aurora, feliz)* Ah, eu
 preciso ter sempre uma mulher na zona!
 Aurora *(insultada)* – Mas eu não sou da zona, o que é
 que há?
 Bibelot *(na euforia do táxi)* – Azar o teu!
 Aurora – Não sei por quê.
 Bibelot *(feliz)* – Porque gostar mesmo eu só gosto de
 mulher bem esculachada! Queres ver um
 exemplo? Arranjei um broto espetacular. Tem

⁶⁷⁶ Barata Ribeiro: nome de uma das ruas mais conhecidas do bairro de Copacabana, onde há muitos edifícios.

um corpo, e que corpo! E uns 17 anos, no máximo.

Aurora
Bibelot

– Virgem?
– Era. Mas já sabe: foi comigo no apartamento, começamos naquele negócio e fiz o serviço completo. Mas é uma menina tão purazinha que eu fico pensando: ora bolas! Menina de família, não sei, me chateia!

Aurora
Bibelot

– Jura que não gosta desse broto? Jura!
(caindo por cima de Aurora, como se o automóvel tivesse feito uma curva fechada) – Curva gostosa... *(muda de tom)* Se eu gosto? Sei lá! Mas o broto me adora, me põe nas nuvens!

Aurora
Bibelot

(mordida de ciúmes) – Jura por Deus que não gosta do broto! Olha, por Deus!
(trocista) – Jurar por Deus? ... Eu não acredito em nada, quer dizer... *(apanha o santinho do pescoço)* Só acredito nesse aqui...

(Bibelot beija o santinho do pescoço.)

Aurora
Bibelot

– Então jura pelo santinho do pescoço!
– Jurar, não juro, não senhora! Mas dou a minha palavra: eu prefiro assim, como você que tem um quê de mulher da zona.

Aurora

– Mulher da zona, vírgula! E que mania! Eu faço a vida, mas não é com qualquer um. Só com conhecidos ou, então, com pessoas apresentadas. Moro com meus pais e tenho que dar satisfações a minha família. Tenho emprego no Instituto e minha mãe sabe dos meus arranjos, mas meu pai nem desconfia.

Bibelot
Aurora

(puxando-a) – É chato ser gostosa!
(ralhando) – Fica quieto! *(muda de tom)* E olha: tenho que fazer tudo muito escondido, numa moita danada. Não é todo dia, não. Duas ou três vezes por semana. Assim entre cinco e oito da noite. Mas o que você não sabe, nem imagina, é porque é que eu dou meus pulinhos.

Bibelot

– Chega pra cá!

(Bibelot atira-lhe bruscamente um beijo no pescoço. Aurora eletriza-se de volúpia.)

Aurora *(no seu frenesi)* – No pescoço, não, que eu fico, olha só... Estou gelada... *(ralha, baixo)* Aqui, não! Olha o chofer... *(muda de tom)* Deixa eu te contar: a minha vida dá um romance! Vai escutando. Lá em casa nós somos cinco mulheres. Da penúltima para a caçula, houve um espaço de dez anos. As quatro mais velhas não se casaram. Sobrou Maninha, que está agora com 16 anos, no melhor colégio daqui. E essa nós queremos, fazemos questão, que se case direitinho, na igreja, de véu, grinalda e tudo o mais. Nós juntamos cada tostão⁶⁷⁷ para o enxoval...

Bibelot *(num meio riso sórdido)* – Hoje, ninguém dá bola pra virgindade!

Aurora – Não dá você, mas nós damos, ora que teoria! *(muda de tom)* Também uma coisa eu te digo: o casamento de Maninha vai ser um estouro. Nem filha de Matarazzo⁶⁷⁸, compreendeu? Posso vender meu corpo, tal e coisa, mas o dinheirinho vai direto para o enxoval... Eu fico só com o ordenado do emprego...

(Bibelot apruma-se no táxi imaginário)

Bibelot – Estamos chegando!

Aurora *(sôfrega, segurando-o pelo braço)* – Não é pra mim os quinhentos cruzeiros: é para o enxoval de Maninha!

Bibelot *(sem ouvi-la, apontando)* – Aquele edifício. Ali, logo no segundo andar!

⁶⁷⁷ Tostão: nome da antiga moeda de dez centavos, ao tempo do cruzeiro, ou de cem mil-réis, ao tempo deste. Sobreviveu numa série de expressões ainda correntes.

⁶⁷⁸ Matarazzo: nome de uma rica família de industriais do estado de São Paulo.

Aurora – Todo o dia eu preciso levar para casa uma certa quantia!

Bibelot *(para o chofer)* – Pode encostar à direita.
(para Aurora, brutalmente) Paga o táxi!

Aurora *(atônita)* – Eu?

Bibelot – Estou duro!

(Bibelot salta do carro.)

Aurora – Vem cá!

(Estupefata, Aurora abre a bolsa. Balbucia a pergunta.)

Aurora – Quanto? Noventa e três?

(Entrega cédulas amarrotadas ao invisível chofer. Desesperada, sai do carro. Bibelot espera-a, na porta do edifício)

Aurora – Bonito papel!

Bibelot – Não tenho níquel!

Aurora *(na sua indignação)* – Ora veja!

(Bibelot puxa Aurora pelo braço.)

Bibelot – Vamos entrar!

Aurora *(no seu despeito)* – Aposto que o broto você trata na palma da mão!

(Entram e param numa suposta escada.)

Bibelot *(sôfrego)* – Dá um beijo!

(Aurora, assustada, olha para os lados.)

Aurora – Aqui?

Bibelot – Não tem ninguém!

Aurora *(já em abandono)* – Então, rápido!

(Beijam-se, ali mesmo, com desesperado amor. A pequena tem um soluço, no seu deslumbramento de fêmea.)

Aurora – Cão!
 Bibelot *(na impaciência do desejo)* – Vamos pela escada. São só dois andares.

(Bibelot puxa-a pela mão. Aurora ainda resiste.)

Aurora *(num apelo)* – Os quinhentos cruzeiros são para o enxoval!
 Bibelot *(brutal)* – Não chateia!
 Aurora *(desesperada)* – Pelo menos, o dinheiro do táxi, 93 cruzeiros!
 Bibelot – Não quero conversa! Vamos embora!

(Aurora deixa-se intimidar por uma vontade mais forte. Acompanha Bibelot. Caminham circularmente pelo palco, como se estivessem escalando os dois andares. Entram no apartamento.)

Aurora *(em volúpia)* – O broto também veio aqui?
 Bibelot *(eufórico e brutal)* – Naquela cama!

(Começa o breve e desesperador balé do ato amoroso. Simbolicamente, os dois estão se despindo. Arrancam de si roupas imaginárias. Bibelot, que teoricamente tirara o paletó e a camisa, apanha o revólver de verdade e, ofegando, esvazia de balas o tambor.)

Aurora *(desabotoando o sutiã)* – Que é isso?
 Bibelot *(arquejando e rindo)* – Já disseram que uma mulher da zona ia me dar um tiro. *(feroz e triunfante)* E se você quiser me matar, atira, anda, atira com um revólver sem balas!

(Bibelot ri bestialmente. Joga fora o revólver e põe as balas em cima de qualquer móvel. Para todos os efeitos, arrancaram todas as roupas. Devem estar nus.)

Aurora *(numa exibição do próprio nu)* – Que tal a classe? Sou páreo pra teu broto? *(numa alucinação, trincando os dentes de volúpia)* Vem! Vem, seu cão!

(Bibelot beija o santinho do pescoço. Então, à distância, sem se tocarem, vivem o bárbaro desejo. Súbito, aurora começa a rir, numa medonha histeria. Esganiça, estilhaça o riso.)

Aurora *(em delírio)* – Me xinga! Me dá na cara!

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

(Casa do “Seu” Noronha, pai de Aurora, numa rua que faz esquina com o bulevar 28 de Setembro⁶⁷⁹. Débora, filha do “Seu” Noronha e de D. Aracy, vem entrando. D. Aracy enxuga um prato, na porta da cozinha.)

Débora *(olhando em torno)* – Papai já chegou?

D. Aracy – Tem sessão noturna!

Débora – Ah, é mesmo! Hoje tem... *(muda de tom)*
Mamãe, vem cá, mamãe! Estou com a minha cara no chão!

D. Aracy – Fala, criatura!

Débora – Ih! Deixa eu me sentar.

(Senta-se. Tira os sapatos. Geme. Acaricia os pés.)

Débora *(suspirando)* – Preciso ir ao pedicure. *(sem transição)* Imagina a senhora: sabe de onde eu vim?

D. Aracy – “Da” onde?

Débora – Da loja do “Seu” Saul! Parei lá para dar um telefonema. Estava falando no telefone, de costas. De repente, vem alguém, por trás, e põe na minha mão um canudinho de papel. Tomei aquele susto e me viro. A princípio pensei, nem sei o que pensei. Era o “Seu” Saul!

D. Aracy – “Seu” Saul tem a mania de fazer gracinhas!

⁶⁷⁹ *Bulevar 28 de Setembro: nome da principal rua de Vila Isabel, bairro da zona norte do Rio de Janeiro em que residiu o compositor Noel Rosa.*

Débora – Mas deixa eu continuar: ele viu que tinha me assustado e sabe o que ele me disse? Disse lá na língua dele: “Meu filha, não precisa se assustar. Velho não ter sexo!”

D. Aracy (*incisiva*) – Os velhos têm vícios!

Débora (*piscando o olho*) – Deixa ele! (*muda de tom*)
Então, ou...

(*Entra “Seu” Noronha, chefe da família, com seu uniforme de contínuo da Câmara dos Deputados.*)

D. Aracy – Ué, teu pai!

Débora (*virando-se*) – A benção, papai!

“Seu” Noronha (*abreviando a resposta*) – Te abençoe!

D. Aracy – Não teve sessão noturna?

“Seu” Noronha (*tirando o paletó*) – Morreu um deputado. (*andando de um lado para outro*) Gorda, arranja um jornal.

D. Aracy (*para a filha*) – Apanha um jornal.

“Seu” Noronha (*angustiado*) – Não sei que foi que eu comi...

(*Débora traz o jornal, que o pai apanha. “Seu” Noronha vai para o interior da casa.*)

D. Aracy (*para Débora*) – Conta o resto.

Débora (*acariciando um dos pés*) – Estou com um vasto calo! (*muda de tom*) Pois é. Então, fui olhar o papel e fiquei besta: era um cheque, mamãe, um cheque!

D. Aracy – Pra ti?

Débora – Pra mim.

D. Aracy – De quanto?

Débora – Dá um palpite!

D. Aracy – Assim não sei.

Débora (*triumfante*) – Dez mil cruzeiros, mamãe, de mão beijada!

D. Aracy – Isso é o que eu não entendo. O que é que ele anda querendo? Sim, há de querer alguma coisa, mas o quê?

Débora – O que ele quer, não sei! Ainda me repetiu na saída: “Amizade valer mais que sexo!”

D. Aracy *(recebendo o cheque e lendo)* – Ao portador⁶⁸⁰, ótimo! Dez mil cruzeiros! Amanhã, já vou botar na caixa, na conta do enxoval!

(E, súbito, “Seu” Noronha irrompe, na sala, aos berros. Tem um suspensório caído, que ele, na sua fúria, trata de repor.)

“Seu” Noronha – Gorda!
 D. Aracy – Que é que há?
 “Seu” Noronha – Então, que negócio é esse?
 D. Aracy *(sem entender a violência)* – Mas criatura!
 “Seu” Noronha – Vai lá no banheiro! Anda, vai! É o cúmulo!
 D. Aracy – Está entupido, outra vez?
 “Seu” Noronha – Entupido o quê! *(muda de tom e, furioso, anda de um lado para outro)* Eu chego em casa, com minha boa cólica, vou ao banheiro e, lá, encontro a parede toda rabiscada de nomes feios, desenhos obscenos!
 D. Aracy – Onde?
 “Seu” Noronha *(num berro)* – No banheiro! *(arquejando)* Isso na minha casa!
 D. Aracy *(desconcertada)* – Eu vou lá!
 “Seu” Noronha – Fique! Não precisa ir lá, não, senhora! O que eu quero saber é quem foi!
 D. Aracy – Eu é que sei?
 “Seu” Noronha *(ameaçador)* – Ah, não sabe?
 D. Aracy *(também violenta)* – Você com os seus coices!

(“Seu” Noronha estaca diante da mulher. Encosta-lhe a mão no rosto.)

“Seu” Noronha – Coice é mão na cara!
 Débora – Papai, o senhor está se excedendo!
 D. Aracy *(recuando)* – Nem meu pai me bateu!
 “Seu” Noronha *(abrindo os braços para as nuvens)* – Isso é lar?

⁶⁸⁰ *Cheque ao portador: aquele que não identifica o beneficiário, podendo ser descontado por quem o apresentar ao banco.*

D. Aracy – Apanhar do marido por quê?
 “Seu” Noronha *(para a mulher)* – Cala a boca, Gorda!
 Débora *(conciliatória)* – Papai fazendo um bicho-de-sete-cabeças!
 “Seu” Noronha – Cadê as meninas?
 Débora – Eu estou aqui, papai.
 “Seu” Noronha – As outras! Quero as outras! Todas!
 D. Aracy *(para Débora)* – Chama tuas irmãs! *(falando sozinha)* Nunca apanhei!
 Débora *(esganiçando a voz)* – Arlete! Hilda!
 “Seu” Noronha *(para si mesmo)* – É o fim! E a Gorda ainda me diz que não tem nada com o peixe!

(Arlete surge. Está de sutiã e anágua. Por trás de Arlete aparece Hilda. Com a axila ensaboada, Hilda raspa com a gilete debaixo do braço. “Seu” Noronha, de costas, não vê as duas filhas.)

Arlete – Que é?
 Débora – Papai está chamando!
 Arlete – Chamou, papai?

(“Seu” Noronha vira-se e dá coma filha em trajes íntimos.)

“Seu” Noronha *(com odiento sarcasmo)* – Minha filha é aquilo!
 Arlete *(entredentes)* – Já começou, papai?
 “Seu” Noronha – Que trajes são esses?
 Arlete *(insolente)* – Estou na minha casa!
 “Seu” Noronha *(num crescendo)* – Tem coragem de falar com o seu pai, nua?
 Arlete – Eu não estou nua!
 “Seu” Noronha – Está nua, sim, senhora! Vá se vestir, já disse!
 Arlete – Ora, na praia eu uso biquíni!
 Hilda – Não provoca papai!
 Arlete *(num muxoxo)* – Olha a puxa-saco!

(Aproxima-se Hilda. Arlete apanha uma blusa e vem vestindo a blusa.)

“Seu” Noronha – Está faltando Aurora!
 D. Aracy – Ainda não chegou.

- “Seu” Noronha – Ótimo, não chegou! Chega à hora que quer, não dá bola, não dá pelota!
- Arlete – De mais a mais, Aurora é de maior idade e... O que é que há, papai, porque eu vou ao cinema e está em cima da hora!
- “Seu” Noronha (*muda de tom*) – Bem. Antes de começar, eu quero explicar uma coisa. É o seguinte: ainda agora, eu ameacei, fisicamente, sua mãe. Débora viu. Ora, eu não tenho o direito de ameaçar, fisicamente, ninguém. Acho que quem dá na cara de alguém ofende a Deus. Portanto, eu, na presença de todas vocês, eu peço desculpas à Gorda. (*vira-se para a mulher*) Gorda, você me desculpe!
- D. Aracy (*veemente*) – Você ofende, e, depois, pede desculpas?!
- “Seu” Noronha (*triumfante*) – Vocês estão vendo? Não se pode tratar bem uma mulher. (*para D. Aracy*) A Gorda não aceita minhas desculpas! Lavo as minhas mãos! (*muda de tom*) Mas vamos ao que interessa. Aconteceu, nesta casa, uma coisa que não podia acontecer. Débora sabe o que é. Vocês duas, ainda não, mas vão saber, já, já. Vou interrogar uma por uma. Quero a verdade e a culpada vai confessar tudinho! (*para Arlete*) Primeiro, você!
- Arlete (*com ar de troça*) – Perfeitamente.
- “Seu” Noronha (*mudando de tom, baixo, quase doce*) – Quero saber, e você vai dizer, quem é que anda escrevendo palavrões lá no banheiro!
- Arlete – Sei lá!
- “Seu” Noronha (*à queima-roupa*) – Ou foi você!
- Arlete – Ora, papai!
- “Seu” Noronha (*num berro*) – Responda direito!
- Arlete (*olhando para o teto*) – Já respondi!
- “Seu” Noronha (*feroz*) – A inocente! (*muda de tom, olha em torno*) Então, quem foi?
- Arlete – Ninguém!
- “Seu” Noronha (*histericamente*) – Foi uma de vocês! Uma de minhas filhas! (*encarando, subitamente, com a mulher*) Ou então a Gorda!

- D.Aracy – Dê-se ao respeito!
 “Seu” Noronha *(quase suplicante, para Débora)* – Foi você?
 Débora – Papai, me tira disso!
 “Seu” Noronha *(para Hilda)* – Você há de ser outra inocente...
 Hilda – Não tenho nada com isso.
 “Seu” Noronha *(mais exasperado)* – Quero saber quem esteve por último no banheiro! *(para a mulher)*
 Quem?
 D. Aracy – Você.
 “Seu” Noronha – Está maluca?
 D. Aracy – Criatura, você não saiu de lá agora mesmo, não veio de lá?
 “Seu” Noronha – Não se faça de engraçada! Pergunto quem esteve lá antes de mim!
 Arlete – Eu.

(“Seu” Noronha estaca diante de Arlete.)

- “Seu” Noronha *(iluminado)* – Você! *(lento)* Sim, você, aqui, é a que tem a boca mais suja; e a única que não topa a minha autoridade... *(crispando a mão no seu braço)* O que é que você foi fazer lá no banheiro?
 Arlete *(rápida e triunfante)* – Xixi!
 “Seu” Noronha – Cachorra!

(“Seu” Noronha ergue a mão, como se fosse esbofeteá-la. Mas a mão fica parada no ar.)

- Arlete *(em desafio)* – Bate!
 “Seu” Noronha *(ofegante)* – ... Mas eu não devo bater... Não tenho esse direito... Preciso me controlar...

(E, súbito, deflagra-se o impulso. Esbofeteia violentamente a filha. Arlete cambaleia.)

- Hilda *(num apelo histérico)* – Papai!

(Já Arlete ergue o rosto duro.)

- Arlete *(como se cuspiisse)* – Contínuo!

“Seu” Noronha (atônito) – Repete!
Arlete (fremete) – Contínuo!

(“Seu” Noronha dá-lhe nova bofetada.)

Arlete (estraçalhando as letras) – Contínuo, sim,
contínuo! Eu disse contínuo!

(“Seu” Noronha ergue a mão para a nova bofetada. E, novamente, a mão fica no ar. Hilda corre, atraca-se, soluçando, com o pai.)

Hilda – Papai, eu tenho muita pena do senhor, ó
papai! (*desprende-se de “seu” Noronha; vira-
se para Arlete, grita*) Não chame meu pai de
contínuo!

“Seu” Noronha (para si mesmo) – Contínuo... (*arquejante*) É
claro que ninguém vai confessar nada...

Débora – Papai, o senhor está nervoso!

(“Seu” Noronha começa a exaltar-se novamente.)

“Seu” Noronha – Nervoso, eu? Logo eu? (*num berro triunfal*)
Pelo contrário: apático! Ando apático! Se eu
andasse nervoso, já tinha virado a casa de
pernas pro ar, já tinha posto fogo nisso tudo!

Hilda (*fala baixo*) – Fala baixo, papai!

“Seu” Noronha (*sem ouvi-la*) – Nervoso, os colarinhos⁶⁸¹!
Minhas filhas saem do banheiro enroladas na
toalha! Mudam de roupa com a porta aberta!
Vejo, aqui, a três por dois, minhas filhas nuas.
Minto?

Arlete (*vingada*) – Já chamei meu pai de contínuo e
vou ao cinema.

(Arlete faz uma mesura alegre.)

Arlete – Com licença.

“Seu” Noronha (*feroz*) – Não! (*apelo*) Vem cá, Arlete!

⁶⁸¹ Os colarinhos!: equivalente a “uma ova!”.

- Arlete *(estacando)* – Papai, depois que Maninha se casar, eu tenho umas boas para lhe dizer! Umhas verdades!
- “Seu” Noronha *(trêmulo)* – Escuta, Arlete: eu fiz mal, mas é que... De fato, eu ando meio esgotado, nervoso, e, às vezes, engraçado, não me controlo... Mas Arlete, eu te peço: senta um pouco. Senta, minha filha. Preciso que todas as minhas filhas – e a Gorda – me ouçam. O que eu tenho a dizer prende-se à família. *(mais calmo e sofrido, começa a falar)* Eu tive cinco filhas. Acompanhem meu raciocínio: quatro não se casaram.
- Arlete – Grande novidade!
- “Seu” Noronha *(sem ouvi-la)* – Qualquer vagabunda se casa. A filha do Tolentino, aqui do lado. Não se casou? Andava se esfregando em todo mundo e não se casou? Entrou na igreja, de véu e grinalda, que só vendo. Hoje, tem amantes, o diabo! *(triumfante)* Mas é casada, aí é que está! Casadíssima! E minhas filhas, não! *(furioso)* Por quê?
- Débora – Eu sou muito fatalista, papai!
- Hilda – Não temos sorte!
- “Seu” Noronha – Não é sorte! Sorte, coisa nenhuma! *(com voz estrangulada e lento)* Tem alguém entre nós! Alguém que perde as minhas filhas!
- D. Aracy – Quem?
- “Seu” Noronha *(exasperado)* – Alguém que não deixa minhas filhas se casarem!
- D. Aracy – Diz o nome!
- “Seu” Noronha *(furioso)* – Não interessa nome! Nem cara! *(correndo as caras das filhas e da mulher; fechando os punhos)* Eu não acredito em nomes, não acredito em caras! *(com súbita inspiração)* Esse alguém pode ser até *(rápido e triunfante)* o “seu” Saul!
- Débora – Por que logo “seu” Saul?
- D. Aracy – Até é camarada!
- “Seu” Noronha *(num clamor)* – O nome que se usa na Terra, a cara que se usa na Terra não valem nada!

- Arlete
 “Seu” Noronha – Eu acabo perdendo a porcaria desse cinema! (*sem ouvi-la*) – Agora vem o importante. Eu sempre senti que as meninas, aqui, eram marcadas e, ontem, eu finalmente soube por que vocês são umas perdidas! Isto é, soube de fonte limpa, batata! Quem me explicou tudinho (*enfático*) não mente!
- D. Aracy
 “Seu” Noronha – E quem é ele? (*triumfante*) – O dr. Barbosa Coutinho! (*toma respiração*) O dr. Barbosa Coutinho, que morreu em 1872, é um espírito de luz! Foi médico de d. Pedro II e o melhor vocês não sabem: os versos de d. Pedro II não são de D. Pedro II. Quem escreveu a maioria foi o dr. Barbosa Coutinho. D. Pedro II apenas assinava. (*triumfante*) Perceberam?

(Arlete faz um gesto a significar que o pai está maluco.)

- “Seu” Noronha – Vão ouvindo! (*muda de tom*) Eu sempre senti que havia alguém atrás de minha família, dia e noite. Alguém perdendo as nossas virgens! E como eu ia dizendo, ontem, o dr. Barbosa Coutinho me confirmou que existe, sim, esse alguém. Alguém que muda de cara e de nome. Pode ser um rapaz bonito ou, então, um velho como o “seu” Saul.
- Arlete
 “Seu” Noronha – Ora, papai, o senhor acredita nesses troços!
 – Quero te dizer só uma coisa, Arlete: você é assim malcriada comigo, sabe por quê? Porque é um médium que ainda não se desenvolveu. (*taxativo*) Você se desenvolva, Arlete, ou seu fim será triste... E chega, ouviu? Chega! (*novo tom*) E, então, o dr. Barbosa Coutinho mandou que eu olhasse no espelho antigo. (*arquejante*) Pois bem. Olhei no grande espelho e vi dois olhos, vejam bem, dois olhos, um que pisca normalmente e outro maior e parado. (*com súbita violência*) O pior é que só o olho maior chora e o outro, não.

- Arlete – Isola!⁶⁸²
 D. Aracy – E como é o nome?
 “Seu” Noronha (*furioso*) – Gorda, você não entende isso, Gorda! Nós usamos na Terra um nome que não é o nosso, não é o verdadeiro, um nome falso! (*com esgar de choro*) Esse alguém, que chora por um olho só, sabe que ainda temos uma virgem!
- Débora – Maninha...
 Arlete – Bate na madeira!
 “Seu” Noronha (*quase chorando*) – Silene, tão menina e tão virgem! (*muda de tom*) Mas eu juro! Não hei de morrer sem levar Silene, de braço, até o altar, com véu, grinalda, tudo!
- D. Aracy – Se Deus quiser!
 “Seu” Noronha (*estendendo as duas mãos crispadas para as filhas*) – É preciso salvar a minha virgenzinha, que nem seios tem!
- Arlete (*furiosa*) – Não dá peso, papai!
 “Seu” Noronha (*sem ouvi-la*) – E vocês tratem de atrair, de trazer para cá o homem que chora por um olho só. O nome não interessa. Ele se trai por uma lágrima. O que interessa é a lágrima.
- Arlete – Até eu estou arrepiada!
 “Seu” Noronha – Eu avisei a vocês e vocês avisem a Aurora. Eu vi, no espelho antigo, vi, eu juro! E o dr. Barbosa Coutinho não mente!
- (“Seu” Noronha arranca um pequeno punhal de prata. Ergue o punhal, numa cruel alegria.)
- “Seu” Noronha – Meu punhal de prata!
- (Crava-o numa mesa, ao lado. Vira-se para as filhas.)

⁶⁸² *Isola!*: no contexto dos jogos, quando se diz a expressão, as regras são momentaneamente suspensas, interrompendo-se a brincadeira. Quem a diz, fica, portanto, “isolado”, protegido. No contexto do diálogo, significa afastar o azar, mau-olhado, coisa ruim etc.

“Seu” Noronha (*desesperado*) – Mas é preciso apunhalar o olhar que chora, o olhar da lágrima!

(*Entra “seu” Saul. Gringo vermelho e sardento, com escassos cabelos louros. Sotaque acentuado.*)

“Seu” Saul – Com licença.
 D. Aracy – Ah, entre, “seu” Saul!
 “Seu” Noronha – Pode entrar. (*com ironia sensível*) O senhor não morre tão cedo.
 “Seu” Saul – Boa noite.
 “Seu” Noronha (*sarcástico*) – Acabei de falar no senhor!
 D. Aracy (*para Hilda*) – Apanha uma cadeira para “seu” Saul.
 “Seu” Noronha – Mas sente-se, “seu” Saul.
 “Seu” Saul – Oh não poder demorar. (*para Hilda*) Obrigada. (*para “seu” Noronha*) Vim só trazer recado do colégio do seu filha.
 “Seu” Noronha – De Silene?
 “Seu” Saul – Mandaram avisar que seu filha hoje pra casa.
 “Seu” Noronha – Minha filha? Mas hoje como? Está doente?
 “Seu” Saul – Só disseram não se assustar que o ônibus do colégio vem trazer seu filha.
 “Seu” Noronha – Mas eu não entendo!
 Arlete (*para as outras*) – Que terá havido?
 D. Aracy – Isso assim tão de repente?
 “Seu” Saul – Oh, com licença! Vou chegando.
 “Seu” Noronha – Gorda, acompanha “seu” Saul.
 “Seu” Noronha (*apertando a cabeça entre as mãos*) – Estranho isso!
 D. Aracy (*para “seu” Saul*) – Obrigada e apareça.
 “Seu” Saul (*para todos*) – Boa noite.
 “Seu” Noronha (*andando de um lado para outro*) – Não está me cheirando bem!

(*Entra Aurora. Arlete corre ao seu encontro.*)

Arlete – Maninha vem!
 Aurora – Mentira!
 Débora – Vem, sim!
 Aurora – Quando?

Arlete
Aurora

– Agora!
– Mas que maravilha!

(Súbito, “seu” Noronha corre para a mulher. Berra.)

“Seu” Noronha

– Ia me esquecendo, Gorda! Chispa! Chispa,
vai no banheiro apagar os nomes feios, os
palavrões, depressa, Gorda!

FIM DO PRIMEIRO ATO

D. Aracy (para o dr. Portela) – Um momentinho, dr. Portela!

(Vem para o grupo das filhas.)

“Seu” Noronha (sôfrego) – Como vai o apetite?
 Silene (na sua languidez) – Mesma coisa.
 “Seu” Noronha (baixo) – Melhorou dos vermes?
 Silene (com um esgar de repugnância) – Não gosto de tomar injeção!
 Arlete (Docemente repreensiva) – Você é teimosa, Maninha!
 “Seu” Noronha (para os lados) – Deixa a menina! Não aborrece a menina!
 D. Aracy (baixo, para o marido) – Olha o dr. Portela!

(“Seu” Noronha atira-se para o ilustre visitante.)

“Seu” Noronha – Desculpe, dr. Portela!
 Dr. Portela (erguendo-se) – Absolutamente!
 “Seu” Noronha – O senhor vai bem? Mas sente-se!
 Dr. Portela – Vou indo, com muito calor! E o senhor?
 “Seu” Noronha (num suspiro feliz) – Nem sei para onde me viro. Foi uma surpresa tão... (olha para o grupo das filhas) E além disso, Silene tem uma saúde muito delicada, está com esse negócio de vermes, imagine o senhor, e quase não come, belisca...
 D. Aracy – Aceita um cafezinho, dr. Portela?
 Dr. Portela (com satisfação) – Um cafezinho, aceito.
 D. Aracy – Prefere forte?
 Dr. Portela – Forte.
 D. Aracy – Ótimo! Vou buscar!

(Sai d. Aracy. As irmãs estão às gargalhadas, com exceção de Silene, que parece distraída e triste.)

Arlete – Sabe quem arranjou namorado?
 Hilda – Imagina!
 Silene – Quem?
 Arlete – A Celeste!

Silene – Aquela magricela?
 Arlete – E parecido com o Vítor Mature⁶⁸⁴!

(“Seu” Noronha olha, ora para o dr. Portela, ora para as filhas.)

Dr. Portela – Bem, “seu” Noronha. Podemos conversar?
 “Seu” Noronha – Mas claro! Estou às suas ordens!

(E, súbito, vem o grito de Silene.)

Silene – Não acredite, papai!

(Aponta para o dr. Portela.)

Aurora (em pânico) – Que é isso, Maninha?
 Hilda – Não fala assim!
 Dr. Portela – Deixe. Não se aborreça. Eu compreendo!
 “Seu” Noronha – Minha filha, modos, minha filha! (para o dr. Portela) Ela nunca fez isso, dr. Portela!
 Dr. Portela (superior) – Está nervosa, é natural!
 Silene – Eu não fiz nada, papai!
 “Seu” Noronha – Silene! Minha filha, você vai pedir desculpas ao dr. Portela!
 Dr. Portela (generoso) – Mas não precisa! Para quê?
 “Seu” Noronha (para a filha) – Estou triste com você, Silene, muito triste! (para o dr. Portela) Eu é que lhe peço desculpas!
 Dr. Portela – Oh, não tem importância!
 “Seu” Noronha (para as filhas) – Leva Silene... (para Silene) Depois converso contigo, minha filha... (para o dr. Portela) Caso sério! Mas o senhor ia dizendo e fomos interrompidos...
 Dr. Portela – “Seu” Noronha, o senhor há de estar espantado. Claro! Sua filha chega de repente, no meio da semana e...
 “Seu” Noronha – Confesso que estou, sim, um pouco espantado, naturalmente...

⁶⁸⁴ Vítor Mature: Victor Mature, ator do cinema norte-americano, famoso pelos jogos faciais e por filmes bíblicos, como *Sansão e Dalila*, *O Manto Sagrado* e *Demétrius, o Gladiador*, entre outros.

- Dr. Portela – Eu explico.
 “Seu” Noronha – Um momento! (*novamente assustado*) Mas ela não está doente? Ou está?
 Dr. Portela (*vacilante*) – Bem...
 “Seu” Noronha – Está doente?
 Dr. Portela (*mais incisivo*) – Fisicamente, não.
 “Seu” Noronha – Não entendo.
 Dr. Portela – É o seguinte: estou aqui, porque, na minha qualidade de assessor da direção do colégio e como sou muito benquisto lá e têm muita confiança em mim... De forma que vim. Mas pode crer que é um dever muito desagradável.
 “Seu” Noronha – O senhor está me assustando!
 Dr. Portela – Vem sua senhora.

(*Entra d. Aracy com uma bandeja e duas pequenas xícaras de café. Oferece, primeiro, à visita.*)

- D. Aracy – Tenha bondade.
 Dr. Portela – Muito obrigado.
 D. Aracy – Não sei se está bom de açúcar.

(*“Seu” Noronha apanhou a xícara e despeja café no pires⁶⁸⁵.*)

- “Seu” Noronha – Agora sai um momento.
 Dr. Portela – Está bom de açúcar, sim.
 D. Aracy – Então, com licença.

(*“Seu” Noronha bebe o café pelo pires.*)

- “Seu” Noronha – Continuando, dr. Portela...
 Dr. Portela (*mais taxativo e pedante*) – “Seu” Noronha, eu trouxe sua filha pelo seguinte: aconteceu, ontem, no colégio, um fato lamentável, realmente desprimoroso, “seu” Noronha.
 “Seu” Noronha – Mas... com minha filha?

⁶⁸⁵ *Café no pires: hábito que ainda se vê entre pessoas mais velhas. O objetivo era esfriar a bebida. Já na época era considerado rústico e sinal de falta de polidez.*

(Dr. Portela ergue-se e fica andando de um lado para o outro, enquanto fala. De vez em quando, exalta-se.)

Dr. Portela *(com ênfase, pedante)* – Um fato, “seu” Noronha, que repercutiu muito mal. Houve meninas, até, que caíram com ataque. O pai de uma delas foi hoje lá e disse que retirava a filha. *(muda de tom, pigarreia)* Mas veja o senhor: havia, no colégio, uma gata. Aliás, não eranossa, era do vizinho. *(com certo calor)* Uma gata bonita, muito bonita.

“Seu” Noronha *(impaciente)* – Sei, sei!
 Dr. Portela *(com certa voluptuosidade)* – Um pêlo macio, sedoso, que parecia angorá, e digo mais: talvez fosse angorá. Ou por outra: angorá, não, porque, ao que sei, angorá tem, no máximo, dois filhos. E a gata pulava do vizinho e muito mansa – era mansa – vinha para o nosso terreno. *(baixo, para “seu” Noronha)* E quem, no meio de oitocentas alunas, gostava mais do animal? *(com satisfação e uma crueldade triunfante)* Sua filha!

“Seu” Noronha – Silene?
 Dr. Portela *(satisfeito)* – Perfeitamente. Silene punha a gata no colo, dava-lhe leite no pires e fez, por duas ou três vezes, uma coisa que não é permitida: dormiu com a gata! De manhã, era um reboliço no dormitório, quando as outras alunas percebiam. Relevamos, porque, afinal, era uma transgressão leve. E, um dia, notou-se que a gata ia ter nenê. O senhor está prestando atenção, “seu” Noronha?

“Seu” Noronha – Continue.
 Dr. Portela *(num crescendo)* – Até que, ontem, no recreio e na presença de todas as alunas – mataram a gata, a pauladas!

“Seu” Noronha – E quem? Quem matou?
 Dr. Portela – A paulada, “seu” Noronha! Aos olhos de meninas de sete, oito, nove anos! *(num desafio triunfante)* E o que é que o senhor me diz?

“Seu” Noronha – Mas quem matou?

- Dr. Portela *(mudando de tom)* – “Seu” Noronha, o senhor já viu uma gata parir?
- “Seu” Noronha *(desconcertado)* – Nunca.
- Dr. Portela – Aliás, a pergunta não é bem essa. O senhor já viu uma morta dar à luz?
- “Seu” Noronha – Também não.
- Dr. Portela *(exultante)* – Pois eu vi, eu! E foi o que aconteceu com a gata. Sim, senhor! Estava morta e preste atenção: os gatinhos, amontoados no ventre materno, iam nascendo, diante das meninas e das professoras. Quis-se tirar de perto as menorzinhas, mas foi impossível. Eram tantas! Imagine: a mãe já morta e aquela golfada de vida! Sete gatinhos, ao todo.
- “Seu” Noronha – Vivos?
- Dr. Portela – Todos vivos!
- “Seu” Noronha – Mas, afinal, quem matou?
- Dr. Portela *(baixo e incisivo)* – Sua filha?!
- “Seu” Noronha *(baixo também e atônito)* – Repita!
- Dr. Portela – Sua filha Silene!
- “Seu” Noronha *(rouco de desespero)* – Minha filha? O senhor quer dizer que minha filha...
- Dr. Portela *(peremptório e cruel)* – Exatamente! Tem modos, sentimentos, idéias de menina e matou! Aquela infantilidade toda é uma aparência, “seu” Noronha, é uma aparência!
- “Seu” Noronha *(fora de si)* – O senhor sabe o que está dizendo?
- Dr. Portela *(com pouco caso e troça)* – Eu entendo um pouco de psicologia!
- “Seu” Noronha – O senhor não conhece minha filha! O senhor, se conhecesse minha filha, como eu conheço – porque eu conheço minha filha, dr. Portela, eu leio na alma de minha filha... O senhor, se conhecesse Silene, nunca diria uma coisa dessas, e duvido!
- Dr. Portela – Sua filha deve fazer um tratamento sério!
- “Seu” Noronha *(aturdido)* – Que tratamento? Mas assim vai perder as aulas! *(muda de tom)* E se não foi minha filha?

- Dr. Portela – Há testemunhas, “seu” Noronha, inclusive eu! Fui eu que a segurei, eu que a puxei de lá, quando ela ia matar os gatinhos, também! Leve sua filha ao psiquiatra!
- “Seu” Noronha (*assombrado*) – Psiquiatra?
- Dr. Portela (*com satisfação*) – O quanto antes!
- “Seu” Noronha (*apertando a cabeça entre as mãos*) – Levar Silene a um médico de loucos? Mas nós temos um médico aqui no bairro, que é clínico, mas bom, ótimo, o dr. Bordalo!... Faz até parto de graça!
- Dr. Portela – Psiquiatra, “seu” Noronha!
- “Seu” Noronha – E as aulas? Não pode perder as aulas!
- Dr. Portela (*com uma comiseração muito superficial*) – “Seu” Noronha, acho que o senhor ainda não entendeu o problema...
- “Seu” Noronha – Como assim?
- Dr. Portela (*inapelável*) – Sua filha não voltará!
- “Seu” Noronha (*repetindo, atônito*) – Não voltará... (*lento*) O senhor quer dizer que o colégio expulsa minha filha?
- Dr. Portela – Interprete como quiser.
- “Seu” Noronha (*desesperado*) – E por causa de uma gata prenha? (*furioso*) Responda dr. Portela! Por causa de uma gata prenha?
- Dr. Portela – O senhor está errado, “seu” Noronha!
- “Seu” Noronha – Vou aos jornais! Faça um escândalo!
- Dr. Portela – Discordo de si, totalmente! O senhor diz “gata prenha”, muito bem. E daí? (*energicamente*) Escute aqui, “seu” Noronha: imaginemos uma mulher. Ora, eu compreendo o aborto, compreendo o direito e, até, o dever do aborto, na mulher. Admito que a mãe solteira se desfaça do filho. Há uma exigência moral para que ela vá ao médico e pergunte: “Como é, doutor?” É cruel, concordo. (*exalta-se cada vez mais*) Mas entenda: há conveniências, escrúpulos, pudores... (*grita*) Porém uma gata, um bicho, um ser que é instinto, só instinto, que nada sabe do bem e do

- mal, uma gata não deve ser assassinada! É monstruoso. Desculpe, é abjeto!
- “Seu” Noronha
Dr. Portela
(*implorando*) – Mas há solução para tudo!
– Leve-a ao psiquiatra! Não vamos perder tempo. Leve-a ao psiquiatra!
- “Seu” Noronha
Dr. Portela
(*com humildade*) – E, depois, o colégio aceitaria minha filha de volta?
– Entenda, “seu” Noronha: um educandário tem responsabilidades concretas. E que diriam os outros pais? A agressividade de sua filha é uma doença. Não pode conviver com as outras. Sinto, mas sua filha não pode voltar.
- “Seu” Noronha
Dr. Portela
(*na sua cólera contida*) – É sua última palavra?
– Sim. Houve uma reunião lá e a decisão foi unânime. De forma que já vou, “seu” Noronha.
- “Seu” Noronha
Dr. Portela
(*na sua cólera*) – Um momento!
(*olhando o relógio*) – Tenho hora marcada.
- “Seu” Noronha
Dr. Portela
(*ameaçador*) – Ah, o senhor vai esperar! Minha filha chegou aqui chamando o senhor de mentiroso... (*ofegante*) Temos que apurar isso direitinho...
- Dr. Portela
“Seu” Noronha
– O senhor duvida?
– Acreditarei, se minha filha confessar... (*grita*) Gorda! Gorda!
- D. Aracy
“Seu” Noronha
– Me chamou?
– Traz Silene e as outras. Todo o mundo, traz todo o mundo! (*para o dr. Portela, ao mesmo tempo que a mulher desaparece*) Vamos ver quem é o mentiroso! (*para as filhas que aparecem*) Venham ouvir o que o dr. Portela está dizendo!
- D. Aracy
“Seu” Noronha
– Que foi?
(*para as filhas maiores*) – Fechem as portas! Todas as portas!
- Dr. Portela
(*olhando em torno assustado*) – Mas que é isso?
- Aurora
“Seu” Noronha
– Papai, calma, papai!
- Dr. Portela
“Seu” Noronha
– Fecha tudo!
– Mas isso é uma agressão!
(*gritando*) – Lá no colégio mataram uma gata prenha e acusam Silene!

- Dr. Portela – São os fatos! São os fatos!
 “Seu” Noronha – Ainda por cima, expulsaram Silene!
 D. Aracy – Esse cachorro!
 Dr. Portela (*fora de si*) – Mas minha senhora, eu vi, oitocentas crianças viram!
 “Seu” Noronha – Sim, todo mundo viu, mas acontece que nós, aqui, só acreditamos em Silene. (*para a mulher e as filhas*) Não é, Gorda?
 D. Aracy – Evidente!
 “Seu” Noronha (*para Silene*) – Chega aqui, minha filha. Olha bem para esse cara. Diz para ele, diz: foi você?
 Silene (*selvagem*) – Mentira!
 Dr. Portela – Há testemunhas! Há testemunhas! (*para Silene*) Silene, não foi você, Silene? Você jura que não foi você?
 Silene (*feroz*) – Juro!
 Arlete – Que cretino!
 “Seu” Noronha (*triumfante*) – Basta, minha filha! (*para o dr. Portela, cara com cara e fazendo o outro recuar*) O senhor mentiu, dr. Portela... O senhor é um mentiroso...
 Dr. Portela – Eu não menti, juro!
 Arlete – Vamos cobrir ele!

(*O dr. Portela vê fechar-se o círculo das filhas... Arlete apanha uma estatueta.*)

- “Seu” Noronha (*para as filhas*) – Ninguém se meta! (*puxa um punhal e mostra ao visitante*) Está vendo isso aqui? Esse punhal de prata? Se disser mais alguma coisa, eu lhe furo a barriga, canalha!

(*“Seu” Noronha encosta a ponta do punhal na barriga do dr. Portela.*)

- Dr. Portela (*quase sem voz*) – Pelo amor de Deus!
 “Seu” Noronha – Se você falasse de outra filha, qualquer outra, eu não diria nada... Agora mesmo, se o senhor, ou você, xingar, chamar de vagabunda uma dessas (*aponta as mais velhas*) ou a Gorda, eu lavo minhas mãos... Mas você insultou quem não podia insultar... O senhor não pode

entender a pureza de minha filha. Ou pensa talvez que minha filha é como sua mulher? (*trincando os dentes*) Não se mexa porque eu lhe enfio esse troço! (*muda de tom*) Sua mulher usa vestido colante. Vê-se o desenho da calça no vestido de sua mulher. (*exultante, mostrando Silene*) Minha filha, não. Quase não tem quadris, nem seios: o seio só agora está nascendo, só agora! Silene é pura por nós, ou você não percebe que ela é por nós? (*num berro*) Fala!

Dr. Portela

(*com voz estrangulada*) – Perdão!

Arlete

– É um covarde!

“Seu” Noronha

– Ou você humilhou minha filha porque descobriu que eu sou contínuo? (*com um riso soluçante*) Quando eu matriculei Silene, me apresentei como funcionário da Câmara, mas sou contínuo! (*baixo, cara a cara*) Agora me chama de contínuo, anda, me chama de contínuo!

Dr. Portela

– Por quê?

“Seu” Noronha

– Eu quero!

Dr. Portela

– Contínuo.

“Seu” Noronha

– Contínuo... Agora chora!

Dr. Portela

– Mas por quê?

“Seu” Noronha

(*num berro*) – Chora!

Dr. Portela

(*num soluço imenso*) – Não posso!

(*Mas chora. As lágrimas caem-lhe, de quatro em quatro.*)

“Seu” Noronha

(*frustrado*) – Não choraste a lágrima que eu procuro. (*muda de tom, para Silene*) Vem cá, minha filha!

Silene

(*num lamento*) – Estou tão cansada!

“Seu” Noronha

(*no seu ódio*) – Dá-lhe na cara!

Silene

(*recuando, espantada*) – Por quê, papai?

“Seu” Noronha

– Esta besta te insultou, te humilhou! Mete-lhe a mão! (*para dr. Portela*) Vai apanhar caladinho ou já sabe!

Aurora

(*para Silene, abrindo a mão*) – Bate assim, de mão aberta!

Silene *(recuando, apavorada)* – Não posso.
 “Seu” Noronha – Minha filha, sou eu que estou mandando, minha filha!

(Súbito, Silene estaca. Olha para as irmãs e os pais. Tem uma explosão.)

Silene *(feroz)* – Vocês querem saber da verdade?
(trincando os dentes, numa alucinação) Pois fui eu, pronto!

“Seu” Noronha *(no seu espanto e na sua dor)* – Você, minha filha?

Silene *(no gesto de quem empunha um pau e vai bater)* – Matei assim!

Dr. Portela *(para todos)* – Eu vi: esmigalhou a cabeça da gata!

(“Seu” Noronha deixa cair o punhal. Cambaleante, aproxima-se da filha.)

“Seu” Noronha – Por quê, minha filha, por quê?
 Silene *(fechando os olhos, de mãos unidas, na altura do peito, como se rezasse)* – Não sei.

(“Seu” Noronha agarra a filha pelos dois braços. Chora.)

“Seu” Noronha – Fala. Por quê?

Silene *(transida)* – Nojo!

“Seu” Noronha – Por que nojo?

Silene *(com o ricto maligno)* – Ódio!

Aurora *(atônita)* – Maninha, ódio de um bicho que não te faria mal? Um bicho, Maninha?

Silene *(numa explosão)* – Gata nojenta!

(Passa a mão na boca, num esgar de nojo.)

Dr. Portela *(já recuperado e satisfeito)* – Estão vendo?
(triumfante) É um processo mental, claríssimo!

(Dr. Portela apanha o chapéu e a bengala.)

- Dr. Portela *(superior)* – E outra coisa, “seu” Noronha. De fato, o senhor tinha me dito, quando matriculou sua filha, que era funcionário da Câmara, se não me engano da Secretaria. Mas na semana passada estive lá e qual não foi a minha surpresa ao vê-lo, no seu uniforme próprio, servindo cafezinho aos deputados! O senhor não me viu e eu achei muita graça, até. Afinal contínuo, hem, meu caro Noronha? E creio que, agora, vai me pedir desculpas...
- Arlete *(inferindo)* – Desculpa coisa nenhuma! *(viril, para o dr. Portela)* Escuta, aqui: contínuo é sua mãe, percebeu? *(espeta-lhe o dedo no peito. O dr. Portela recua)* E sua mulher? Que só põe vestido justo para mostrar aquele rabo? Patife!
- Dr. Portela – Não quis ofender! *(gago)* E boa noite, com licença.

(Sai o dr. Portela. “Seu” Noronha aperta Silene de encontro ao peito.)

- “Seu” Noronha *(beijando-a na testa)* – Nenhum colégio é digno de ti! E todo mundo inveja tua pureza! Humanidade cachorra! As meninas não são meninas, são femeazinhas. Só você é menina, só você! *(soluça)*

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

(Quarto de Silene. A menina, que estava deitada na cama, levanta-se. O dr. Bordalo, clínico da família, que acaba de examinar a garota, acha graça, porque a menina chora.)

- Dr. Bordalo *(com alegre ternura)* – Chorando por quê?
- Silene *(fungando)* – Vergonha.
- Dr. Bordalo *(com alegre escândalo)* – De mim? Vergonha de mim, veja só! Meu coração, te vi nascer, fiz todos os partos de tua mãe, todos, e você pra mim é como se fosse um bebezinho.
- Silene – Eu sei, doutor, mas...

Dr. Bordalo – Olha pra mim!

(Segura o queixo da menina.)

Dr. Bordalo – Já passou a vergonha?

Silene *(no seu enleio)* – Já.

Dr. Bordalo – Viu?

Silene – Finalmente, o que é que eu tenho, doutor?

Dr. Bordalo – Você? Coisa à-toa. Agora vai e manda teu pai aqui.

(Silene encaminha-se para a porta, mas o médico detém-na.)

Dr. Bordalo *(divertido)* – Minha filha, põe a calça!

Silene *(estaca)* – Que cabeça a minha!

(Atrás do médico, Silene faz como se estivesse vestindo imaginária peça íntima.)

Silene – Pronto, doutor!

Dr. Bordalo – Agora, vai.

(Sai Silene e, em seguida, entram “seu” Noronha e d. Aracy.)

“Seu” Noronha *(sôfrego)* – Então, doutor?

Dr. Bordalo *(para d. Aracy)* – A senhora, ainda não. Quero dar uma palavrinha com seu marido. Depois, eu chamo a senhora.

“Seu” Noronha – Sai, Gorda.

(Sai d. Aracy.)

“Seu” Noronha *(sôfrego)* – Tudo o.k., doutor?

Dr. Bordalo – Fecha a porta.

(“Seu” Noronha obedece. O médico, em pé, indica a cama.)

Dr. Bordalo – Senta.

“Seu” Noronha *(trêmulo)* – Não é leucemia?

Dr. Bordalo *(surpreso e divertido)* – Por que leucemia?

“Seu” Noronha – Palpite meu, doutor, um sonho que eu tive!

- Dr. Bordalo – Bate na madeira. Por esse lado, sem novidade.
- “Seu” Noronha (*eufórico, esfregando as mãos*) – Oh, graças! Doutor, estou com a alma nova! (*muda de tom*) Mas essa questão dos vermes também me preocupa muito...
- Dr. Bordalo (*sem ouvi-lo*) – Noronha, sei que você gosta muito de Silene.
- “Seu” Noronha – Silene é tudo para mim!
- Dr. Bordalo – E, naturalmente, você é um pai compreensivo!
- “Seu” Noronha (*na sua ternura trêmula*) – Silene faz de mim gato e sapato!

(*Resoluto, dr. Bordalo senta-se na cama, ao lado de “seu” Noronha.*)

- Dr. Bordalo – Noronha, vamos conversar, nós dois, de homem para homem!
- “Seu” Noronha – Doutor, mas o senhor está escondendo alguma coisa?
- Dr. Bordalo – É o seguinte: apertei sua filha, mas ela nega.
- “Seu” Noronha – Nega o quê?
- Dr. Bordalo – Nega e eu compreendo. É normal que a mulher comece negando. Mas, finalmente, Silene tem ou não tem namorado?
- “Seu” Noronha – Claro que não!
- Dr. Bordalo – Nem teve?
- “Seu” Noronha – Nunca! Posso lhe afirmar, com toda segurança!
- Dr. Bordalo – Mas Silene tem namorado, sim, senhor, lá isso é que tem!
- “Seu” Noronha (*no seu espanto*) – Namorado?
- Dr. Bordalo – Tem, sim, tem!
- “Seu” Noronha – Absolutamente! Nem pode ter, doutor. Uma menina que vive no colégio interno, não sai! Ou por outra: sai uma vez por mês. Só. Passa um dia em casa e volta no dia seguinte. Vai e vem acompanhada. Nessas condições, pode ter namorado?
- Dr. Bordalo (*erguendo-se e pondo a mão no ombro de “seu” Noronha*) – Então quem é o pai?

- “Seu” Noronha
Dr. Bordalo
(numa incompreensão dolorosa) – Que pai?
– Com licença, Noronha. Vamos esclarecer isso, direitinho. Quando examinei Silene, pensei que você me tivesse chamado porque, afinal... Mas não sabe, nem desconfia de nada?
- “Seu” Noronha
Dr. Bordalo
(atônito) – Continue.
(já apiedado e lento) – Sua filha já vai para o terceiro mês.
- (Pausa atônita.)*
- “Seu” Noronha
Dr. Bordalo
– O senhor quer dizer que Silene...
(lento) – Está grávida.
- (“Seu” Noronha crispa a mão no braço do médico, num desesperado apelo.)*
- “Seu” Noronha
Dr. Bordalo
– Mentira! *(arqueja)* Não tem nem quadris, a bacia é estreita! Diga, doutor, que é mentira!
– Em primeiro lugar, vocês vêem Silene com os olhos da adoração. Ela tem medidas normais. Quanto à gravidez, não há dúvida. É certo. Eu a examinei. É certo. Trate de descobrir o responsável e providenciar o casamento.
- “Seu” Noronha
Dr. Bordalo
– O senhor diz que Silene não é mais virgem? Deixou de ser virgem?
– Noronha, não exageremos. Você está exagerando. *(afetuoso, persuasivo)* Hoje em dia a virgindade não tem mais essa importância. E, afinal de contas, a honra de uma mulher não está numa película. A virgindade é uma peliculazinha.
- “Seu” Noronha
Dr. Bordalo
(exaltadíssimo) – O senhor tem uma filha. Da idade da minha. Solteira. Eu quero saber se a virgindade de sua filha também é uma película.
– Sejam práticos. Descubra o homem.
- “Seu” Noronha
(com voz estrangulada) – O senhor não entende nada de pureza, de inocência... O senhor já viu, na igreja, uma virgem de vitral? Escute: de tarde, o sol bate na igreja... E a luz

atravessa a virgem... (*aponta para o alto como se mostrasse um invisível sol*) Assim é Silene – uma virgem atravessada de luz... (*com um esgar de choro*) E de tanto adorar minha filha, eu descobri que, entre todas as meninas da Terra, só ela é virgem e só ela é menina... Mas se está grávida...

Dr. Bordalo

– Infelizmente.

“Seu” Noronha

(*num soluço*) – A sem-vergonha!

(*“Seu” Noronha vai, cambaleante, em direção da porta. Dr. Bordalo segura-o pelo braço. “Seu” Noronha volta-se, aturdido.*)

Dr. Bordalo

(*com energia*) – Venha cá!

“Seu” Noronha

(*rouco*) – Que é?

Dr. Bordalo

(*sempre enérgico*) – Você não vai fazer violência nenhuma. Lembre-se que o dever do pai é proteger e perdoar.

“Seu” Noronha

(*com um humor hediondo*) – Obrigado pelo sermão.

Dr. Bordalo

– Não é sermão. É preciso descobrir o pai. Arranque um nome. Inclusive, eu falo com o rapaz. Quer que eu chame Silene aqui? Não acha melhor conversarmos aqui? Eu acho, quer?

“Seu” Noronha

– Chama. Ou por outra: aqui não. Na sala, tem que ser na frente de toda a família. (*cambaleante*) Venha, doutor. Vamos.

(*Dr. Bordalo acompanha o pai desvairado. Estão diante da família.*)

“Seu” Noronha

(*ao lado do médico*) – Gorda, chega aqui!

Dr. Bordalo

– Calma, não se exalte!

D. Aracy

– Não é nada de grave?

“Seu” Noronha

(*para as mais velhas*) – Vocês também... (*desfigurado pelo ódio, apontando para Silene, que está a poucos passos e que se abraça com Aurora*) Sabem por que ela matou a gata prenha? Querem saber?

Dr. Bordalo

(*baixo e repreensivo*) – Não humilhe!

“Seu” Noronha (*alto e com um riso soluçante*) – Porque está grávida também!
 Aurora (*agarrando-a pelos dois braços*) – Maninha!
 Arlete (*para Silene*) – Quem foi?
 Hilda (*num soluço*) – Desgraçaram Maninha!

(Desespero. Loucura. Dir-se-ia que alguém acaba de morrer. Silene recua, com as duas mãos no ventre, num pavor agressivo.)

Silene – É tudo mentira!
 Dr. Bordalo (*para uma e outra*) – Calma! Calma! Vamos usar a cabeça! Aqui o Noronha vai conversar com Silene e Silene vai dizer quem foi, quem não foi. Até já me ofereci para falar com o rapaz. Eu falo com o rapaz, pronto!
 “Seu” Noronha (*num berro*) – Cala a boca todo mundo! (*baixo e ofegante para Silene*) Chega aqui. Diz – quem é teu namorado?
 Silene (*contida*) – Não tenho namorado.
 “Seu” Noronha – Nem amante?
 Silene (*ofegante*) – Não.
 “Seu” Noronha (*na sua cólera contida*) – Quem é o pai do teu filho?
 Silene – Ninguém.
 “Seu” Noronha (*com um lúgubre humor*) – Ainda és virgem?
 Silene (*soluçando*) – Sou, papai.
 “Seu” Noronha (*para o médico*) – Viu, doutor, o cinismo? (*feroz, para a filha, com humor hediondo*) Mas se não estás grávida posso te dar um pontapé na barriga!
 Silene – Ninguém toca no meu filho!
 “Seu” Noronha (*com um riso sórdido*) – Tens, então, um filho... (*furioso*) Mas onde arranjaste esse filho? No colégio? Fala! Na aula! No ônibus do colégio?

(Dr. Bordalo empurra “seu” Noronha e agarra Silene pelos dois braços.)

- Dr. Bordalo – Fala comigo, Silene! Nós queremos saber quem é, porque se fala com o rapaz e ele casa contigo!
- Silene – É casado! (*feroz*) Casado, vive com a mulher, gosta da mulher (*num solução*) e me deixem em paz, ó meu Deus!
- D. Aracy (*soluçando*) – Ninguém presta! Ninguém vale nada!
- Débora (*na sua cólera e por entre lágrimas*) (*para Silene*) – Fica sabendo: por tua causa, eu viva arranjando mulher para uns velhos e dava todo o dinheiro à mamãe pra teu enxoval!
- Arlete – Chega de conversa! (*para d. Aracy*) Mamãe, a senhora vai devolver o dinheiro do enxoval e vamos rachar isso, cada um fica com a sua parte!
- Hilda – Quero a minha parte e vou-me embora daqui!
- “Seu” Noronha – Para onde?
- Hilda – Para Santos!
- “Seu” Noronha – Por que Santos?
- Hilda – Não te mete nisso, papai! (*muda de tom*) Ah, quer saber, pois não! Vou para Santos porque uma colega minha fez, em Santos, num mês, só num mês, 170 contos⁶⁸⁶. Agora que eu sei que Maninha é igual a nós, ou pior...
- “Seu” Noronha (*gritando*) – Pior!
- Arlete – Pois é. Eu não fico mais aqui! Não quero mais ficar!
- “Seu” Noronha (*num outro berro*) – Espera! Tenho outra idéia! Ninguém precisa sair daqui! Venha o senhor também, dr. Bordalo!
- Dr. Bordalo – Mas não há motivo! Não há motivo!
- “Seu” Noronha (*frenético*) – Ouçam a idéia. (*baixando a voz, caricioso, ignóbil*) Eu não vou voltar mais para

⁶⁸⁶ 170 contos: 170 mil cruzeiros. A expressão “conto”, ainda usada por pessoas mais velhas, é uma herança do tempo do mil-réis. “Mil mil-réis”, ou “um milhão de réis”, escrevia-se 1.000\$000 e dizia-se “um conto de réis”. A expressão “conto” permaneceu com o valor de “mil”. Usava-se também “mil contos” para “milhão”. “Dois mil contos” queria dizer “dois milhões de cruzeiros”.

- a Câmara, não senhor, e por quê? Ah, não! Vou ficar em casa, porque o que vocês ganhariam, lá fora, vão ganhar aqui, aqui!
- Dr. Bordalo *(para todos)* – Este homem está louco!
- “Seu” Noronha *(num desafio feroz)* – Por que louco? Vamos, explique!
- Dr. Bordalo – O senhor está propondo um bordel de filhas!
- (“Seu” Noronha, fora de si, agarra o médico pelo braço, com desesperada energia.)*
- “Seu” Noronha – Por que não? Olha: eu não vou mais servir cafezinho, nem água gelada, a deputado nenhum! *(para as filhas)* Vocês também podem largar o emprego! *(para o médico, num riso sórdido)* O emprego das minhas filhas é uma máscara! *(corta o riso)* Tive outra idéia: *(cara a cara com o médico)* o senhor quer começar? Quer ser o primeiro?
- Dr. Bordalo *(recuando)* – O que é que o senhor quer insinuar?
- “Seu” Noronha – Eu sei que o senhor é metido a santo: faz de graça parto de negra, não cobra consulta, mas insisto, *(aponta para as filhas)* escolha: qualquer uma, escolha! *(agarra a filha menor)*
- Aurora *(gritando)* – Não, papai!
- (“Seu” Noronha atira Silene no chão, aos pés do médico.)*
- Silene *(num apelo, com as duas mãos em cima do ventre)* – Não quero!
- Dr. Bordalo *(ajudando-a)* – Levante-se!
- “Seu” Noronha *(possesto, para ela)* – Ou tu vais com ele ou acabo com a tua gravidez a pontapés! *(para os outros)* Se foi de um, pode ser de todos!
- Aurora *(histericamente)* – Eu vou no lugar de Maninha!
- “Seu” Noronha – Quero Silene!
- Dr. Bordalo *(fora de si, para as outras)* – E vocês? Não dizem nada? Não reagem? Nem a senhora, que é mãe? *(gritando)* Por que não fogem? Fugam!

- Abandonem esta casa! (*apontando “seu” Noronha*) Este homem é um louco! (*para as mais velhas*) Eu recebo vocês na minha casa! Ficam lá, até que...
- “Seu” Noronha (*triumfante*) – Viu? (*apontando Aurora*) Só esta bestalhona quis protestar. As outras espiam e calam... A porta está aberta e ficam!
- Dr. Bordalo (*furioso*) Vocês têm uma alma e... (*estaca, atônito*) Ou não têm alma?... (*como se pensasse em voz alta*) Mas se não fogem é porque são escravos, uns dos outros...
- “Seu” Noronha (*exultante*) – Nem elas se livram de mim, nem eu me livro delas! (*para Silene*) Você vai ou não vai aqui com o doutor?
- Aurora (*soluçando*) – Maninha, não, papai!
- Silene (*para Aurora*) – Obrigada, Aurora... (*transida para o pai*) Vou.
- “Seu” Noronha (*para Silene*) – Vai na frente e espera no quarto!

(*Silene olha para as fisionomias espantadas. Caminha, lentamente, para o quarto.*)

- “Seu” Noronha (*com um riso hediondo*) (*para a mulher*) – Gorda, nós somos escravos: tu de mim e eu de ti, não é, doutor? (*para o médico, mudando de tom*) Minha filha o espera, doutor; lá!
- Dr. Bordalo (*quase chorando*) – Não sei por que não lhe dou um tiro, seu canalha!
- “Seu” Noronha (*num falso e divertido espanto*) – Canalha, eu? (*incisivo*) Eu só, não! Todos nós somos canalhas! (*rindo, pesadamente*) Também o senhor, também o senhor! (*novamente sério e violento*) Sabe por que esta família ainda não apodreceu no meio da rua? (*num soluço*) Porque havia uma virgem por nós! O senhor não entende, ninguém entende. Mas Silene era virgem por nós, anjo por nós, menina por nós! (*feroz*) Mas, agora que Silene está no quarto – esperando o senhor! (*riso com desespero*) –, nós podemos finalmente cheirar mal e

- apodrecer... Quer ver uma coisa? Eu lhe mostro. *(para as mulheres)* Quem foi que escreveu nomes feios no banheiro? *(triumfante)* Podem confessar, porque já começamos a apodrecer. *(para o médico)* Preste atenção, doutor! *(para as mulheres)* Quem foi?
- D. Aracy – Eu.
- “Seu” Noronha *(radiante)* – A Gorda!
- D. Aracy *(quase chorando)* – Eu!
- “Seu” Noronha *(eufórico, para o médico)* – Tem varizes e um suor azedo! *(para a mulher)* Mas, explica, oh, Gorda: por que tu fazes desenhos obscenos no banheiro?
- D. Aracy *(confusa e chorando)* – Não sei... Talvez porque eu quase não vou a um cinema, a um teatro, vivo tão só! E também porque *(mais agressiva)* eu não tenho marido! *(para “seu” Noronha)* Há quanto tempo você não me procura como mulher? *(para o médico)* Até já perdi a conta! *(com certa dignidade)* Então, eu ia para o banheiro, rabiscava e, depois, apagava. Ontem, é que eu me esqueci de apagar e...
- “Seu” Noronha *(para as filhas)* – E vocês? Falem! *(para Hilda)* Você!
- Hilda *(exaltada)* – Eu vi Arlete beijando uma mulher na boca!
- Arlete *(violenta)* – Foi, sim!
- Hilda – Cínica
- Arlete *(numa fúria súbita)* – Tenho nojo de homem! A coisa que eu acho mais asquerosa é cueca usada!
- “Seu” Noronha *(para Aurora)* – Você não diz nada?
- Aurora – Hei de ficar ao lado de Maninha, até morrer.
- “Seu” Noronha *(agarrando-se ao médico)* – Viu, doutor? Aqui o senhor não precisa ter vergonha, absolutamente! Vergonha por quê, pra quê e de quem?
- Dr. Bordalo *(entredentes)* – Aonde me meti!
- “Seu” Noronha – Ofereço-lhe uma menina que é quase uma virgem e o senhor recusa? Ora!

Dr. Bordalo *(virando-se na direção do quarto e numa angústia mortal) (meio delirante) – Silene, eu tenho uma filha de sua idade... E se eu tocasse em você (faz no ar uma carícia) eu não poderia beijar minha filha, nunca mais... Você é tão linda. (grita) Silene! Silene! Teu nome é uma dália⁶⁸⁷!*

(“Seu” Saul acaba de aparecer na porta. Estaca, em silêncio.)

“Seu” Noronha *(furioso) – Você quer ou não quer?*
 Dr. Bordalo *(com outro berro) – Não quero!*
 “Seu” Saul *(entrando) – Eu quero!*
 “Seu” Noronha *– Entre, “seu” Saul, vamos entrar! Então, o senhor quer?*
 “Seu” Saul *– Eu escutei tudo pela porta aberta... Sei tudinho... Eu querer...*
 “Seu” Noronha *(arquejante) – O quarto é aquele, “seu” Saul! Aquele!*
 “Seu” Saul *– Com licença!*

(“Seu” Saul caminha na direção do quarto. Todos o acompanham com o olhar. Ele entra e fecha a porta.)

Silene *(em pânico) – Não é o senhor! É o médico!*
 “Seu” Saul *– Oh, não ficar assustada... Eu não abusar de você... Caladinha...*
 Silene *(chorando) – Só lhe peço para não machucar meu filho!*

⁶⁸⁷ *Dália: essa observação do dr. Bordalo tem uma complexa sugestão maliciosa. “Silene-Aurora” é o nome de uma planta também conhecida como “dama dos jardins”. “Dama” é uma expressão que se usa na gíria para designar “prostituta”, como em “mulher-dama”. Além disso, a dália é uma planta ornamental que não tem cheiro. Essa ausência ela compartilha com a camélia, flor que deu nome à Dama das Camélias, personagem de romance e peça do escritor francês Alexandre Dumas Filho. A peça virou ópera e depois filme, e a Dama das Camélias tornou-se a prostituta mais famosa da arte moderna. Pela falta de perfume, que também se diz “essência”, a “Dama” tem aparência formosa, mas lhe falta essência, isto é, alma. Todas estas sugestões estão na frase aparentemente simples do dr. Bordalo.*

- “Seu” Saul – Eu tive ferimento de guerra, do Primeira Guerra...
- Silene – O senhor?
- “Seu” Saul – Uma granada explodiu pertinho, no guerra do Kaiser⁶⁸⁸, e um estilhaço matou meu desejo... Eu ser boa pessoa, porque não liga sexo... Oh, só quero segurar seu mãozinha, assim.
- Silene – Eu agradeço ao senhor...
- “Seu” Saul – Depois nós saímos e tapeamos seu papai. Oh, ninguém sabe o ferimento de guerra, felizmente!

(Do lado de fora, o médico, que anda de um lado para o outro, como possesso, estaca.)

- Dr. Bordalo *(enfurecido)* – Depois sou eu!
- “Seu” Noronha – Mudou de opinião!
- Dr. Bordalo *(sem ouvi-lo)* – A vontade que eu tenho é arrancar de lá aquele gringo imundo! *(numa espécie de delírio)* Silene, oh, Silene! *(murmurando)* Tem a idade da minha filha!

(Sai “seu” Saul. Diz para dentro do quarto.)

- “Seu” Saul – Até loguinho.
- Dr. Bordalo – Agora sou eu que vou... Mas antes: eu quero que um de vocês... *(escolheu Aurora)* Você, Aurora, pelo amor de Deus, Aurora! *(estende para Aurora as duas mãos crispadas)* Eu quero, antes de ir, que você, Aurora, me cuspa na cara!

(Aurora destaca-se das outras irmãs. Aproxima-se, lentamente, digna, hierática. “Seu” Saul está parado também. Aurora cospe no rosto do médico.)

- Dr. Bordalo – Graças, oh, graças! *(e dá um grito pavoroso)* Silene! Silene!

⁶⁸⁸ *Kaiser: título do imperador alemão, Kaiser Guilherme II, ao tempo da Primeira Guerra Mundial.*

(Vai cambaleando, para o quarto.)

“Seu” Noronha – Vai, canalha! *(mudando de tom, puxando o punhal)* Este punhal ainda sonha com uma lágrima!

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(Começa o terceiro ato com uma sessão em casa do “seu” Noronha. Presentes: o velho, d. Aracy, as filhas, menos Silene que está encerrada em seu quarto. Hilda é o médium. Acaba de receber o primo Alípio, falecido recentemente. Hilda anda pelo palco em largas e viris passadas; arqueja e funga; dá gritos medonhos; voz masculina.)

D. Aracy – Pergunta se o homem vem aqui e quando.
 “Seu” Noronha *(baixo, para a mulher)* – O diabo é que foi receber logo o primo Alípio, que não se dava comigo... *(novo tom, humilde)* Irmão, ele vem aqui?

(Hilda dá pulos tremendos)

Hilda – Velho safado! Você quer matar um homem!
 Arlete – O primo não quer nada com a gente!
 “Seu” Noronha *(para Arlete)* – Não se meta!

(De vez em quando, nos seus arrancos de espírito ainda não evoluído, Hilda tem de ser subjugada.)

D. Aracy *(a um arranco maior)* – Segura! Segura!

(Hilda, dominada, esperneia em vão.)

Hilda *(com voz masculina e ofegante)* – Velho assassino!

“Seu” Noronha *(na sua humildade)* – Irmão, esse homem ofendeu minha moral! Desgraçou as minhas filhas!

Hilda – Tuas filhas são umas sem-vergonhas! Vivem pegando homem!

“Seu” Noronha *(sôfrego)* – Mas o homem chora por um olho só!

Hilda – Você está marcado!

“Seu” Noronha – O homem tem uma lágrima só?

Hilda – Olha que você pode morrer!

“Seu” Noronha – E como eu vou conhecer esse homem? Saber quem é ele? Judeu? Como é ele?

- Hilda – O homem goza chorando, chora morrendo!
 “Seu” Noronha (*repetindo com angústia*) – Goza chorando, chora morrendo... (*num apelo*) Mas ele vem aqui e quando?
- Hilda – O homem vestido de virgem!
 “Seu” Noronha – Vestido de virgem!
 Hilda – Você enterra no quintal, o homem e a lágrima! Vocês ajudem a carregar o corpo... (*para “seu” Noronha*) E você enterra a faca no coração!
- “Seu” Noronha – Mas eu queria apunhalar o olhar da lágrima!
 Hilda – Deixa o homem dormir e enterra a faca no coração!

(“Seu” Noronha está tirando lentamente o punhal de prata. Hilda sacode-se, despertando, em espasmos tremendos, do seu estado mediúnico.)

- Aurora – Já acabou?
 “Seu” Noronha – Eu não disse? Batata!
 Aurora – Há certas coisas com que eu não me conformo!
- “Seu” Noronha – Você ainda duvida?
 Aurora – Papai, o primo Alípio é um espírito que, outro dia, pregou aquela mentira!
- “Seu” Noronha – Como se pode ser tão burra! (*para as outras, para todas*) Vocês viram! (*agarra a mulher*) Você é testemunha, Gorda!
- D. Aracy – Eu não entendi direito!
 “Seu” Noronha (*sacudindo-a*) – Escuta: o dr. Barbosa Coutinho já me tinha avisado e vem o primo Alípio e confirma – o homem que chora por um olho só liquidou minha família! E agora, qual a dúvida?
- Aurora – Papai, o senhor nem sabe o que eu vou dizer!
 D. Aracy – Deixa Aurora falar!
 Aurora (*num muxoxo*) – Engraçado!
 Arlete Fala, Aurora!
 Aurora (*veemente*) – Papai, o senhor deixa eu dar uma opinião? Um palpite?
- “Seu” Noronha – A eterna mania!

- Aurora – Gozado! Aqui se fala de todo o mundo, menos dum!
- “Seu” Noronha (*com sarcasmo*) – Quem?
- Aurora – Ora!
- “Seu” Noronha – Desembucha!
- Aurora (*incisiva e violenta*) – O filho de uma grandíssima que fez o que fez com Maninha...
- “Seu” Noronha – E daí?
- Aurora – Daí é que esse é o pior cachorro! (*para as outras*) Eu sei, perfeitamente, que aconteceu a mesma coisa com a gente. Mas é que nós somos galinhas, sempre fomos galinhas, está no sangue. Eu me lembro que eu, por exemplo eu – com oito anos, mas chega... Com Maninha é que isso não podia acontecer, nunca! (*cobre o rosto com uma das mãos e soluça*) Pois bem. E quando acaba, a gente está esquecendo de odiar um cachorro que eu, que sou mulher, ah se eu pegasse! (*para o pai, violenta*) O senhor está errado, papai!
- “Seu” Noronha – Você quer me ensinar? A mim?
- Aurora (*para as outras*) – Vocês não concordam comigo?
- Arlete – Depende.
- Aurora (*violenta*) – Ou não?
- Débora – Eu concordo.
- “Seu” Noronha (*meio confuso*) – Mas continua.
- Aurora – Esse sujeito merece um tiro na boca!
- “Seu” Noronha” (*com um riso soluçante*) – Por que tiro? (*cortando o riso*) Tiro, não, sua cretina! (*mostra-lhe o punhal*) Isso aqui é muito melhor: não faz barulho, entra macio, macio, quase não dói...
- Aurora – Portanto, se o senhor não quer, ou tem medo, eu acabo com esse sujeito!
- “Seu” Noronha (*com sarcasmo*) – Procuo uma lágrima, o que me interessa é uma lágrima... Mas você o que faria? Diz?
- Aurora – Matar, apenas! Matar!
- “Seu” Noronha (*com achincalhe*) – Você?

- Aurora – Ou alguém por mim.
 “Seu” Noronha (*já alarmado*) – Quem?
 Aurora (*hesitante e lenta*) – Um rapaz que eu conheci.
 “Seu” Noronha (*já alarmado*) – Vem cá: de confiança?
 Aurora – Mas lógico! É meu namorado. Já matou um e se eu pedir, é só eu pedir, tenho a certeza, ou quase a certeza que...
 Arlete – Queres um conselho?
 Aurora – Diz.
 Arlete – Não põe gente de fora.
 D. Aracy – Também acho.
 Aurora (*taxativa*) – Mamãe, por esse eu ponho a minha mão no fogo!
 “Seu” Noronha – Como é o nome dele?
 Aurora (*vacilante*) – O nome? Bibelot.
 D. Aracy – Por que Bibelot?
 Aurora – Apelido.

(“Seu” Noronha anda de um lado para o outro.)

- “Seu” Noronha (*para si mesmo*) – Bibelot... Eu ia me esquecendo de odiar o homem que desgraçou Silene... (*agarra o braço de Aurora*) Posso ver esse Bibelot?
 Aurora – Vem aqui.
 “Seu” Noronha – Quando?
 Aurora – Ficou de passar, hoje, por aqui. Vem me apanhar pro cinema.
 D. Aracy – E se Le for preso e disser que fomos nós?
 Aurora – Gosta de mim, mamãe!
 “Seu” Noronha (*para a mulher*) – Não te mete, Gorda! Mania de se meter! (*para Aurora*) Quero ver, quero olhar o cara e depende da minha intuição!
 Débora – Olha quem está aí!

(“Seu” Saul acaba de aparecer, arquejante, passando o lenço no suor da testa.)

- “Seu” Saul – Já saber de notícia?
 “Seu” Noronha – Que notícia?

- “Seu” Saul – Oh, não saber quem se enforcou no fio do ferro elétrico?
- Débora – Fala, criatura!
- “Seu” Saul (*enchendo o palco com a sua voz*) – O dr. Bordalo!
- Arlete – Matou-se?
- “Seu” Saul (*com a voz grave, cheia, profética*) – O dr. Bordalo está pendurado no alto da porta, a língua preta, as bochechas assim, de máscara de Carnaval!

(*Aurora atira-se, possessa, contra “seu” Saul.*)

- Aurora (*rouca de ódio*) – Mentira!
- “Seu” Saul (*grandiloquente ainda*) – Jura!
- Aurora (*rebatendo em soluções*) – Seu mentiroso!
- D. Aracy (*chorando*) – Matou-se sem motivo!
- “Seu” Saul (*na sua ênfase*) – Dr. Bordalo ter motivo! Grande motivo!
- “Seu” Noronha (*ameaçador*) – Então você vai dizer que motivo!
- “Seu” Saul – Eu sei, vocês saber o motivo!
- “Seu” Noronha – Quer me desacatar, gringo?
- “Seu” Saul (*abrindo os braços*) – O dr. Bordalo deixou um bilhete, um bilheteinho, dizendo assim: “Não quero que meu filha me beije no caixão!”
- “Seu” Noronha (*no seu desespero contido*) – Não quer o beijo da filha e beijou a minha, o cínico!
- Hilda (*aos soluções*) – Não fala assim, papai!
- “Seu” Noronha (*para “seu” Saul*) – E você, gringo, por que não se mata também?
- “Seu” Saul (*batendo, em triunfo, no peito*) – Eu ser ferido do guerra, do guerra do Kaiser, do Primeiro Grande Guerra!
- “Seu” Noronha – Retire-se!
- “Seu” Saul (*recuando, de frente para todos*) – Teus filhas vão te destruir!
- “Seu” Noronha (*aos berros*) – Eu estou na minha terra e já não sou mais contínuo! Rua! Eu não sou mais contínuo!

(“Seu” Saul estaca na porta.)

- “Seu” Saul – Teus filhas vão te destruir!
 “Seu” Noronha (*para as filhas que choram*) – Choram por quem e por quê?
 Hilda (*chorando*) – Era um santo!
 “Seu” Noronha (*numa gargalhada feroz*) – Aquilo santo! (*baixo e triunfante, cara a cara com Hilda*) Santo porque fazia de graça parto de negra! (*agarra Hilda, com uma certeza fanática*) O parto gratuito era um disfarce! (*para todas*) Santo e possuiu minha filha, quase na minha frente...
 Hilda – Foi o senhor que mandou!
 “Seu” Noronha (*arquejante e falando aos arrancos*) – Eu mandei e ele a possuiu. E a chamou de dália. E ela nem gritou, se ao menos gritasse, e não gritou! Agora o miserável recusa o beijo da filha!

(“Seu” Noronha anda trôpego e circularmente.)

- “Seu” Noronha – O gringo entra aqui e diz que minhas filhas vão me destruir! (*para todas*) Mas, eu, quando morrer, quero o beijo de cada filha e (*num riso soluçante*) até o teu beijo, Gorda!
 D. Aracy (*chorando*) – Amém!
 “Seu” Noronha (*cortante*) – Chama esse Bibelot!
 Aurora – Primeiro, a Maninha tem que dizer quem foi. E ainda não disse!
 “Seu” Noronha – Dou-lhe um bofetão e ela confessa imediatamente!
 Aurora – Calma, papai, calma! E vamos fazer o seguinte, presta atenção: eu converso com Maninha e, com jeito, ela vai acabar dizendo quem foi, quem não foi, e pronto! Não é melhor assim?
 “Seu” Noronha – Vai lá arrancar esse nome!
 Aurora (*já afastando-se*) – E quando acabar eu chamo.

(Aurora encaminha-se para o quarto de Silene.)

“Seu” Noronha *(para as outras)* – Ninguém me tira da idéia que “seu” Saul é o que chora por um olho só!

(Quarto de Silene. Aurora senta-se, na cama, ao lado da irmã.)

Aurora – Olha pra mim.
 Silene *(já acuada)* – Estou olhando.
 Aurora – Quem é o cara?
 Silene – Que cara?
 Aurora – O tal!
 Silene *(com uma dissimulação muito evidente)* – Ele não está no Rio!
 Aurora – Está onde?
 Silene – Viajou.

(Aurora toma, entre as suas, as mãos de Silene.)

Aurora – Escuta: você confia em mim?
 Silene *(sempre crispada)* – Por quê?
 Aurora *(mais incisiva)* – Confia ou não confia?
 Silene *(a medo)* – Confio.
 Aurora – Então quero saber tudinho!
 Silene – Depende.
 Aurora *(com exasperação)* – Depende, não senhora! Por que depende? Você vai contar tudo, faço questão! E se você começar a me esconder os troços, eu largo você de mão e olha: depois do que houve, quem é aqui tua amiga no duro e te defende? Sou eu, não sou? As outras estão por aqui com você e, se você duvidar, papai te dá uma surra de correia!
 Silene *(começando a chorar)* Eu sei que você gosta de mim, eu sei, nunca neguei!
 Aurora – Diz: e você responde, direitinho, a tudo que eu perguntar?
 Silene – Respondo.
 Aurora – O nome dele.
 Silene *(novamente de pé atrás)* – O nome?

(Silene levanta-se e recua.)

- Silene – Mas o nome por quê?
 Aurora – Lógico!
 Silene *(torcendo e distorcendo as mãos)* – Se ele é casado e não pode casar outra vez? Que interessa o nome? *(parece raciocinar em voz alta)* Eu digo o nome, sou menor, vocês vão à polícia e há o escândalo!
- Aurora *(quase perdendo a paciência)* – Tenho vontade de te dar um tapa!
- Silene *(também agressiva)* – Por que é que vocês querem saber o nome?
- Aurora – Sua burra, vê se entende: você é menor e ele tem responsabilidade, pronto!
- Silene *(lenta, imaginando mil coisas)* – Faz de conta que eu digo o nome e vocês fariam o quê?
- Aurora *(mais animada)* – É o seguinte: eu tenho um cacho...
- Silene *(sem entender)* – O que é cacho?
 Aurora – Você é errada! *(noutro tom)* Quer dizer, um namorado. Tenho um namorado que não custa pra dar uma surra ou, até, liquidar um gajo. Isso pra ele é pinto!
- Silene *(numa gradual assimilação da ameaça)* – Vocês então mandariam dar uma surra no meu...
- Aurora *(violenta)* – Surra, uma conversa! Um tiro! Uma bala!
- Silene *(no seu assombro)* – Matar?
 Aurora – O cara leva um tiro sem saber como e fica por isso mesmo!
- Silene *(num desespero feroz)* – Ele não tem culpa! A culpada sou eu!
- Aurora – Abusou de você, uma menina, uma criança! É um canalha!
- Silene *(soluçando)* – Não! Não!

(Fora de si, Silene agarra-se a Aurora e escorrega ao longo do seu corpo. Fica de joelhos, abraçada às pernas da irmã.)

Aurora *(atônita e com uma pena intolerável)* – Mas que é isso? Maninha, levanta!

(Silene ergue-se. Com súbita energia agarra a irmã.)

Silene – Aurora, quem te fala não é mais aquela menina. Deixei de ser menina, sou mulher igual a vocês e até mais, porque estou grávida, graças a Deus! *(muda de tom)* Quero saber de ti o seguinte: você tem esse namorado. Gosta dele?

Aurora – Por quê?

Silene – Gosta?

Aurora – Gosto.

Silene – É amor?

Aurora *(sofrida)* – Demais.

Silene *(violenta)* – Pois se você ama, eu também amo! Ele não é canalha, não! Ele não queria, porque eu sou menor e fui eu que insisti e quis ter o filho!

Aurora – Mas te desgraçou!

Silene – Pelo contrário! Eu não sou desgraçada! Você é desgraçada?

Aurora *(atônita)* – Eu?

Silene – Tão bom gostar de alguém!

Aurora *(explodindo em soluços)* – Eu sou feliz! Ah, sou! Muito!

Silene *(na sua euforia)* – E eu também! Você não pode ficar contra mim! *(muda de tom)* Mas deixa eu contar: ele é tão diferente dos outros! É tão bom que, imagina... *(segura a mão da irmã)* A mulher dele está doente e ele, vê só: é ele que dá banho, nela, todos os dias, com uma paciência! Imagina que a mulher está pesando 32 quilos. Quer dizer, só osso e pele!

(Batem do lado de fora.)

Arlete – Vocês abrem ou não abrem?

Aurora *(entredentes)* – Que chateação! *(para Arlete, elevando a voz)* Está no fim!

- D. Aracy – Acabem com isso!
- Aurora – Quando acabar, eu chamo! (*para Silene*) Mas escuta – o que eu não entendo, e ninguém aqui entende, é como você, interna, sem sair, e foi acontecer isso! Você conheceu o rapaz onde? Ou já conhecia?
- Silene – Não conhecia.
- Aurora – É do colégio?
- Silene – Você não conta pra ninguém?
- Aurora – Juro!
- Silene – Mora perto.
- Aurora – Continua.
- Silene – Papai não pode saber e Deus me livre! (*muda de tom*) Vizinho do colégio. O colégio dá fundos para a casa dele. Ele passava sempre pela calçada e, uma vez, me olhou. Também olhei e espia só: um olhar, sabe? Que me arrepiava! E uma boca que dá vontade de beijar!
- Aurora – Bonito?
- Silene – Lindo! Parecido sabe com quem? Aquele, como é mesmo o nome? Aquele!
- Aurora – Qual?
- Silene – Estou com uma memória! O gângster de Lana Turner? O que a filha da Lana Turner matou! Stampanato, não: Strompanato!⁶⁸⁹ Apareceu lá uma revista e eu vi o retrato. Parecidíssimo, só você vendo!
- Aurora – E vocês se encontravam onde?
- Silene – O colégio lá é uma bagunça. A gente conversava no muro, que é meio baixo. O melhor você não sabe: ele era o dono da tal gata.
- Aurora – Que gata?

⁶⁸⁹ *Strompanato: referência em primeiro lugar à atriz do cinema norte-americana Lana Turner, tão famosa por sua beleza e atuações como pela vida afetiva atribulada. Em 1958, a filha da atriz, Cheryl Crane, matou o namorado da mãe, Johnny Stompanato. Foi absolvida com a alegação de legítima defesa de terceiros, o que quer dizer que ela agiu em defesa da mãe e provavelmente de si mesma.*

- Silene – Que eu matei. E, um dia, eu pulei o muro e...
 Aurora – Mas que perigo!
 Silene – Fomos para o quarto da empregada, que estava de folga. A mulher não sai da cama; fica em cima, com uma tia surda. Agora vou te contar uma coisa, que você não vai acreditar!
- Aurora – Conta tudo!
 Silene (*triumfante*) – Eu pedi um filho a ele, eu! Ele não queria; disse “não vale a pena”, mas eu sou teimosa e, finalmente... A culpada sou eu! (*grave e adulta*) E não me arrependo!
- Aurora – Que falta de juízo!
 Silene – Eu disse que ele é diferente dos outros, porque tem a lágrima mais bonita, mais linda, que eu já vi!
- Aurora (*espantada*) – Já chorou na tua frente?
 Silene (*na sua felicidade irresponsável de menina*) – Chorou, é maneira de dizer. Não chorou, propriamente. É que, lá no quarto, ele estava me beijando, me beijando e, de repente, começou a soluçar, depois foi parando e virou para o lado... E, então, eu quis espiar o seu olhar e vi uma lágrima, aqui, no cílio...
- Aurora (*atônita*) – Uma lágrima?
 Silene (*de novo feliz e irresponsável*) – Uma lágrima só, parada, no cílio...
- Aurora (*veemente*) – Ele é tudo pra ti?
 Silene (*violenta*) – Tudo!
 Aurora – Então, eu vou salvar esse rapaz, tenho que salvar! (*agarra a irmã*) E chora por um olho só?
- Silene (*de novo, deliciada*) – E você sabe que quando ele passa, na calçada do colégio, as meninas dizem: “Lá vem o homem ‘vestido de virgem’!”
- Aurora (*estupefata*) – Repete!
 Silene – Vestido de virgem.
 Aurora – Responde, que é importante: por que “vestido de virgem”?
- Silene – Porque só anda de branco, só usa terno branco!

- Aurora *(no seu espanto e na sua dor)* – Anda de branco, só de branco e chora por um olho só!
- Silene *(com súbita tristeza)* – E só uma coisa me deixa meio assim: ele é casado e, naturalmente, não pode passar uma noite comigo, dormir uma noite comigo. Seria legal! *(com angústia)* Mas você é mais feliz porque... Naturalmente, o teu namorado é solteiro, vai casar contigo, claro!
- Aurora *(taciturna)* – Quem sabe?
- Silene *(ainda mais sofrida)* – E passará as noites a teu lado, que ótimo! *(muda de tom)* E, na última vez, fomos a um apartamento em Copacabana e... Ele tem um santinho no pescoço que...
- Aurora *(numa explosão)* Chega.
- Silene *(atônita)* – Por quê?
- Aurora *(na sua cólera contida)* – Já sei de tudo! Não preciso saber mais nada!
- Silene – Mas eu não te disse o nome dele. Vem cá!
- Aurora – Não interessa o nome!

(Aurora encaminha-se para a porta.)

- Silene *(sem entender)* – Tem um apelido gozado!
- Aurora – Não quero saber, nem de nome, nem de apelido!
- Silene *(atônita)* – Mas eu confio em ti!
- Aurora – Deixa pra lá! Escuta: você não me sai do quarto, não fala, não diz nada. Resolvo tudo. Vou lá, invento um troço, digo que o homem viajou...
- Silene *(humilde e súplice)* – Aurora, você é um anjo! E olha: você vai ser madrinha do meu filho, que eu faço questão!

(Aurora sai do quarto. Passa para a sala.)

- “Seu” Noronha – Como é?
- Aurora – Já sei de tudo.
- “Seu” Noronha – E quem é?

Aurora – Papai, quem vai tratar desse caso sou eu. Ninguém se mete e, na ocasião, eu digo, pode deixar.

(Entra Débora)

Débora *(animada)* – Ih, Aurora! Tem um camarada te procurando!

Aurora – Velho ou moço?

Débora – De branco!

Aurora – Bibelot! *(para “seu” Noronha)* Papai, e vai depender da minha conversa com o Bibelot! Tenho cada uma pra te contar! *(para Débora)* Manda entrar!

Débora *(antes de sair)* – Um estouro!

(Sai Débora.)

Aurora – Eu apresento e já sabe: vocês caem fora, ouviu, papai?

(Entra Bibelot)

Débora – Por aqui.

Bibelot – Boas!

“Seu” Noronha *(efusivo)* – Tenha a bondade, distinto! Pode entrar!

Aurora *(para Bibelot)* – Tudo bem?

Bibelot – Tudo azul!

Aurora *(apresentando)* – Papai, aqui um amiguinho.

“Seu” Noronha – olha uma cadeira para o distinto!

Bibelot *(para Hilda, que traz a cadeira)* – Obrigado.

Aurora *(numa apresentação geral)* – Minhas irmãs. *(lembra-se de d. Aracy)* Conhece minha mãe?

(Bibelot, que já estava sentado, levanta-se e vem cumprimentar a dona da casa.)

Bibelot – Minha senhora, satisfação!

D. Aracy – Mas sente-se!

- “Seu” Noronha – Até que eu estava contando, quando o distinto chegou, uma passagem que se deu comigo, muito interessante. Hoje, foi hoje. Sou funcionário da Câmara há 25 anos. E hoje me queimei. Me queimei e fui lá, apresentar minha demissão. E disse ao vice-presidente: “Quem tem filhas bonitas não precisa ser contínuo!” Ah, se ele me dá um pio, eu enfiava-lhe a mão na cara, com todas as imunidades! Porque comigo o buraco é mais embaixo!
- D. Aracy – O senhor acha que foi negócio? Com 25 anos de serviço?
- Bibelot – Depende.
- “Seu” Noronha – Gorda, não dá palpite! (*para Bibelot*) Bem, distinto, a casa é sua. Esteja à vontade e... Vou ali... Com licença.
- Bibelot – Muito prazer.

(*Saem todos*)

- Bibelot – Gorou nosso cinema!
- Aurora – Que bom!
- Bibelot – Por quê?
- Aurora – Prefiro ficar contigo, aqui, nós dois, sozinhos.
- Bibelot – Não posso.
- Aurora (*no seu dengue de fêmea*) – Nem eu te pedindo?
- Bibelot (*com sombria tristeza*) – Está morrendo.
- Aurora – Quem?

(*Bibelot levanta-se. De costas para ela, num tom neutro, apenas informativo, conta.*)

- Bibelot – Ontem, começou a passar mal e chamei a assistência⁶⁹⁰. No pronto-socorro, foi operada...
- Aurora (*sôfrega*) – Tua mulher?

⁶⁹⁰ *Assistência: termo usado na época para o serviço público de ambulâncias. Hoje se diz “resgate”.*

- Bibelot *(sem ouvi-la)* – Operada de úlcera. *(com um cigarro entre os dedos)* O médico abriu a barriga e fechou no mesmo instante.
- Aurora – Por quê?
- Bibelot *(quase com doçura)* – Tudo podre por dentro.
- Aurora – E não operou?
- Bibelot – Não era úlcera.
- Aurora – Era o quê?
- Bibelot – Câncer. Onde está o cinzeiro?
- Aurora – Aqui.

(Bibelot põe, lá, o cigarro. Senta-se.)

- Bibelot *(numa cólera sem violência)* – Bebia copinhos de leite. *(muda de tom)* Esses médicos são umas bestas! Tratavam o câncer a leite e papinha!
- Aurora *(numa felicidade que lhe custa dissimular)* – Está tão mal assim?
- Bibelot – Desenganada.
- Aurora *(transfigurada de esperança)* – Quer dizer que...
- Bibelot – Talvez não passe desta noite. *(com uma ternura mais sensível)* O rosto é uma caveirinha e... Vive de morfina... Tem uma chaga em cada nádega, de tanta injeção...

(Aurora senta-se a seus pés. Repousa a cabeça nos seus joelhos.)

- Aurora *(numa alegria contida)* – Vais ficar solteiro.
- Bibelot – Viúvo.
- Aurora – Ou viúvo.
- Bibelot – E não por muito tempo.
- Aurora *(lenta e maravilhada)* – Como?
- Bibelot *(já bocejando)* – Não te disse que eu precisava ter sempre uma mulher em casa e outra na zona?
- Aurora – Disse!
- Bibelot – Mais dia, menos dia, vou ter que me casar outra vez, claro!

(Aurora agarra-se a ele.)

Aurora *(com apaixonada humildade)* – Diz que me ama!
 Bibelot *(divertido)* – Que piada é essa?
 Aurora *(suplicante)* – Te custa dizer que me amas?
 Bibelot *(do fundo do seu cansaço)* – Hoje, não!
 Aurora *(incisiva)* — Hoje, sim! *(com um princípio de desespero)* Tu me amas?
 Bibelot *(levantando-se)* – Tenho que ir.
 Aurora *(muda a violência em humildade)* – Ainda não!
 Bibelot – Estou com sono, não durmo há duas noites e chega!
 Aurora *(suplicante)* – Senta um momento, um instantinho só.

(Bibelot senta-se. Até ao fim da cena bocejará muito.)

Aurora – Meu amor, escuta, eu tenho um motivo e olha: um motivo muito sério pra te perguntar isso... Te peço tão pouco, é uma palavra, uma palavrinha e não custa... Diz que me ama e pronto, é o suficiente... *(baixo e angustiada)* Talvez certas coisas deixem de acontecer... *(mais sofrida)* Até hoje, nenhum homem chegou junto de mim e disse “te amo”!
 Bibelot – Estou com um bruto sono!
 Aurora *(levantando-se)* *(na sua cólera contida)* – Quer dizer que você não diz?
 Bibelot *(explodindo)* Aurora, não aporrinha!

(E, novamente, a cólera de Aurora se funde em sofrida humildade.)

Aurora – Está bem. Então, vou te fazer outra pergunta. *(acariciando-o no rosto e nos cabelos)* Esta responde? Responde?
 Bibelot – Que pergunta?
 Aurora *(tentando seduzi-lo)* – Dá tua opinião: você acha que eu daria, enfim, que eu seria uma boa esposa, talvez?
 Bibelot *(no seu espanto)* – Esposa?

Aurora *(trêmula, sem saber o que dizer)* – Sim, uma mulher do lar?

Bibelot *(com alegre ferocidade)* – Eu te quero na zona!

Aurora *(recuando e num sopro de voz)* – Cala a boca! Não diz mais nada! *(cara a cara com o ser amado)* Se há um momento em que você não pode me ofender, é este, este agora!

Bibelot – Mas Aurora: olha a tua pinta! Chega, ali, no espelho! Faz favor!

Aurora *(na sua fúria)* – Você continua me humilhando!?

Bibelot – É a verdade! *(dá-lhe uma palmada estalada)* Isso aqui ainda vai me dar muito dinheiro!

(Fora de si, Aurora agarra-o pela gola do paletó.)

Aurora – Escuta aqui, seu cafetão!

(Bibelot empurra-a, violentamente.)

Bibelot – Fala, mas não me encosta a mão! Te dou, já, um bofetão que te quebro todos os dentes!

Aurora *(contida e ofegante)* – Mais uma pergunta, só. Já que eu não sirvo pra tua esposa...

Bibelot *(num espanto imenso e jocundo)* – Mas o quê? Você queria ser minha esposa? *(numa explosão)* Espera lá! Brincadeira tem hora!

Aurora *(histericamente)* – Pára de me ofender!

Bibelot – Está bem. Faz a pergunta.

Aurora *(ainda chorando)* – Bem. É o seguinte: já que eu não sirvo, claro, pra esposa, você já escolheu a outra?

Bibelot *(com certo asco)* – A caveirinha ainda não morreu! Está na cama!

Aurora *(com autoridade)* – Responde!

Bibelot – Pois já escolhi, pronto!

Aurora – Quem é?

Bibelot – E te interessa?

Aurora – Lógico!

Bibelot *(batendo outro cigarro)* – Põe o cinzeiro aqui.

(Aurora coloca o cinzeiro a seu lado.)

Bibelot *(cínico)* – O que é mesmo que você perguntou?
 Aurora – Debochado! *(furiosa)* Perguntei quem vai ser a tua nova esposa!
 Bibelot – O brotinho, o tal broto!
 Aurora *(fora de si)* – Porque é que com tanta mulher, tanta menina e você vai escolher, meu Deus! *(novo tom)* Eu desconfiava! Tinha certeza!
 Bibelot – O interessante é que quando o médico me falou “câncer” pensei no broto!
 Aurora – Muito bem, ótimo! Ela em casa e eu na zona! *(com violência)* E tu não tens medo que meu amor se transforme em ódio?

(Bibelot ergue-se)

Bibelot – Vou indo, que estou vesgo de sono.
 Aurora *(mudando instantaneamente e já envolvente)* – Tira um cochilo aqui!
 Bibelot – Aqui?
 Aurora *(súplice)* – No meu quarto.
 Bibelot – E teu pai?
 Aurora – O negócio aqui mudou outra vez. Papai não liga mais pra coisa nenhuma. Depois te explico. Vem!
 Bibelot *(estacando e com certa dor)* – Mas a caveirinha está morrendo!
 Aurora – Deita meia hora, quarenta minutos.
 Bibelot – Mas não deixa de me chamar!

(Caminham para o quarto. Bibelot puxa o revólver. Tira as balas.)

Aurora – Com medo?
 Bibelot – Teu amor virou ódio, você pode me fazer uma falseta... *(passa-lhe a arma, depois de embolsar as balas)* Queres me matar? Mata!

(Aurora apanha o revólver.)

Bibelot *(num riso forçado)* – Atira, anda, aqui! No coração!

(Abre a camisa, na altura do peito. Aurora puxa o gatilho várias vezes. Bibelot arranca a camisa. Antes de se deitar beija o santinho.)

Bibelot – Daqui a uma hora me chama. E me beija.

(Aurora beija-o. Olha a fisionomia do amante. E, então, sem rumor, abandona o quarto. Vai encontrar-se, na sala, com o resto da família.)

Aurora *(ofegante)* – Você quer o homem que desgraçou Maninha? O homem que chora por um olho só! Quer?

“Seu” Noronha – Quero!

(“Seu” Noronha arranca o punhal, no instinto da vingança.)

Aurora – Está no meu quarto!

“Seu” Noronha – Mas quem é?

Aurora – Bibelot. Dorme na minha cama. Vai.

(“Seu” Noronha avança.)

Aurora *(para as outras)* – Vamos.

D. Aracy *(para uma delas)* – Não faz barulho.

(Todas seguem o chefe da família. Entram no quarto. Por um momento, “seu” Noronha olha o rapaz adormecido. Ergue o punhal e o crava, até o cabo, no coração do Bibelot. Este dá um arranco, um uivo estrangulado. Depois, tomba. Arqueja na sua agonia. Aurora cai de joelhos.)

Aurora *(num fundo gemido)* – Meu amor, perdoa meu ódio!

(Arlete adianta-se.)

Arlete *(sôfrega)* – Quero ver a lágrima da morte!

Débora – Morreu!

(Arlete segura o rosto do rapaz.)

Arlete *(no seu assombro)* – Mas está chorando pelos dois olhos! *(na sua histeria)* São duas lágrimas!

Hilda *(histérica também)* – Papai! Não é o homem que chora por um olho só!

Arlete *(crescendo para o pai)* – Assassino!

(As filhas avançam para o pai, que recua.)

“Seu” Noronha *(já apertado pelo medo)* – Mas ele merecia morrer, porque prostituiu Silene!

Arlete *(histérica)* – Mentira! Quem prostituiu Silene foi você!

“Seu” Noronha – Juro!

Arlete *(agarrando-o)* – Mandou o gringo e, depois, o médico! *(para as outras)* Vocês! Ouçam o que eu nunca disse, o que eu escondia para mim mesma. *(violenta, para o pai)* Velho! Você mandou um deputado me procurar!

“Seu” Noronha *(desesperado)* – Não acreditem!

Arlete – O deputado me disse: “foi seu pai”...

“Seu” Noronha *(num apelo para d. Aracy)* – Gorda, minhas filhas querem me destruir!

D. Aracy *(fora de si)* – Não me chama de Gorda! Não quero que me chamem de Gorda!

Arlete *(berrando)* – Responde: eras tu que mandava os velhos para as outras?

Débora – É verdade, papai?

Arlete – Confessa, velho!

“Seu” Noronha *(apavorado)* – Eu explico!

Arlete *(cega de ódio)* – Fala!

“Seu” Noronha *(ofegante)* – Eu fiz isso porque... E vocês se prostituíam para dar a Silene um casamento de anjo... *(num repente feroz)* E, além disso, você, *(olha para Arlete e, depois, para as outras)* Ela beija mulher na boca!

Arlete – Beijo mulher na boca para me sentir menos prostituta!

“Seu” Noronha *(novamente acobardado)* – Perdão!

Arlete *(violenta)* – Velho! Prostituíste tuas filhas e não choras? Não chora por nós e por ti? Chora, velho!

“Seu” Noronha

– Estou chorando.

Arlete

(apertando o rosto do pai entre as mãos) – Deixa eu ver tua lágrima... *(lenta e maravilhada)* Uma lágrima, uma única lágrima... *(num berro triunfante)* Velho! Você é o demônio que chora por um olho só! Dá o punhal, velho! Esse punhal! Dá!

(Arlete toma-lhe o punhal. As outras agarram o velho.)

Arlete

(feroz, erguendo o punhal) – O punhal no olhar da lágrima!

Hilda

(berrando) – Larguem o meu pai! Assassinas!

(E, súbito, Hilda cai em transe mediúnico. Recebe o primo Alípio.)

Hilda

(com voz de homem) – Mata, sim, mata velho safado! Mata e enterra o velho e a lágrima no quintal! Velho safado!

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO